

LUCIA MARIA MONTEZUMA ANUNCIAÇÃO

**MEMÓRIAS DE FAMÍLIA:
fiando lembranças, tecendo histórias**

Tese apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Orlando Miranda

**São Paulo
2000**

TERMO DE APROVAÇÃO

LUCIA MARIA MONTEZUMA ANUNCIAÇÃO

MEMÓRIAS DE FAMÍLIA:

fiando lembranças, tecendo histórias

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor no Programa Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Orlando Miranda
Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda
Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Maria Inês Rauter Mancuso
Departamento de Sociologia, Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. Sedi Hirano
Departamento de Sociologia, USP

Profa. Dra. Zulmara Clara Sauner Posse
Museu Paranaense

São Paulo, 4 de julho de 2001.

À

Lídia e Nonato, meus pais

Angela e Afonso, meus irmãos

Wilson e Edna, meus cunhados

Andréa, Adriana e Daniel, meus sobrinhos

AGRADECIMENTOS

Ao professor Orlando Miranda, pela sua paciência, generosidade, e pelas nossas incontáveis e bem humoradas conversas que me levaram a mudar o tema da pesquisa.

À professora Maria Arminda do Nascimento Arruda pelas preciosas sugestões no seminário de projetos e no meu exame de qualificação.

Ao professor Sedi Hirano, pelo seu apoio sempre presente em todos os momentos e principalmente nas horas mais difíceis.

Ao professor Lísias Negrão por suas valiosas sugestões no meu exame de qualificação.

Ao professor Mário Eufrásio por sua gentileza, sugestões e pelas conversas agradabilíssimas ao longo do curso.

À Isabel do Céu Matias secretária do Curso de Pós-Graduação em Sociologia na USP.

À Igreja Prebisteriana de Vila Mariana e Sra. Maria de Nazaré dos Santos Machado que com suas orações estiveram comigo em momentos de grandes aflições.

Aos médicos, Dr. Célio Trujillo Costa, Dr. Edson Tristão e Dr. Marcio Nogarolli.

Aos amigos Pimenta, Leni, Paulo Renato, Maria Helena, Bete, Barone, Jaert, Valéria, Átila, Regina, Gustavo, Luciano, Sônia, Mara, Professor Erasmo de Freitas Nuzzi, Cláudio Niwcles Sanches Arantes, Nilton Claret e Francisco Nunes.

Ao Ewaldo, meu leitor predileto.

Aos entrevistados.

RESUMO

Neste trabalho pretendo investigar as relações familiares através da memória familiar. Dois pressupostos configuram meu objetivo: a memória familiar, transmitida de geração à geração por meio das histórias de família, permanece como forma de relacionamento comunitário no grupo familiar. Além disso, busco mostrar que a tradição oral veiculada por meio da memória ainda tem um papel no processo de socialização dos membros da família.

As análises do mundo contemporâneo ocidental apontam para um crescente processo de individualização que se espalhou historicamente pelo conjunto da sociedade atingindo também a família. Considerando este cenário, tenho como hipótese que hoje, a memória familiar por meio das histórias de família pode semear valores comunitários no indivíduo. Isto é, pode proporcionar-lhe, um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época, num mundo envolvido por um sofisticado sistema de comunicação que produz uma crescente sensação de desenraizamento.

Palavras chave: família- memória- mito- socialização- tradição

ABSTRACT

This work proposes to investigate the family relationships through the family memories. Its objective is based on two presumptions. The family memory transmitted from generation through the family history remains as a form of community relationship within the family group. Besides that, I also intend to show that the verbal tradition transmitted through the memory has a role in the process of socialization among the family members. The western contemporary world analyses point to a growing process of individualization which has historically spread by the society group also reaching the family. Considering the aspects mentioned above, one of my hypothesis is that nowadays, the family memory through the family history may arouse community values within the individuals. This means that it may as well provide them with the feeling of belonging to a specific place and time, in a world which is much involved by a sophisticated communication system; that undoubtedly produces an increasing rootlessness sensation.

Keywords: family- memory- myth- socialization- tradition

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
1 INTRODUÇÃO	10
2 FAMÍLIA: MEMÓRIA, TRADIÇÃO E LINGUAGEM	21
2.1 O QUE É FAMÍLIA.....	23
2.2 COMUNIDADE E SOCIEDADE.....	26
3 O TRABALHO DE CAMPO	33
3.1 DESFIAR MEMÓRIAS, APANHAR LEMBRANÇAS.....	34
3.2 ORGANIZANDO O CAMPO ... DE LEMBRANÇAS.....	43
4 UMA HISTÓRIA PUXA A OUTRA	59
4.1 FAMÍLIA 1.....	59
4.1.1 A história de Luísa.....	59
A história da madrinha de Luísa: ... e não foram felizes para sempre.....	68
Uma “nobre plebéia” numa família de “aristocratas plebeus”.....	68
A realidade: a história dos avós paternos.....	69
Memórias de uma moça bem educada.....	71
4.1.2 A história da família contada por D. Lia: tecendo sonhos.....	74
A história de Lília.....	77
Os avós italianos.....	78
Os pais.....	78
Os irmãos.....	80
O casamento: ...e foram felizes para sempre.....	81
4.1.3 A história da família contada por Luciana.....	83
Os parentes prediletos.....	83
As histórias infantis contadas pelos pais.....	84
Algumas lembranças de família.....	84
O noivado da avó, D.Lia.....	85
Os bisavós paternos.....	85
As festas em família.....	85
4.2 FAMÍLIA 2.....	87
4.2.1 A história de Clara.....	87
A infância, a adolescência e o lazer na cidade.....	88
Namoros e flertes.....	89
O namoro e o casamento.....	91
Os pais.....	92
As refeições eram sagradas.....	93
Professora, profissão de mulher.....	94

4.2.2 A história de D. Catarina: Lembrar... esquecer.....	95
A história de D. Catarina contada por Clara, sua filha.....	96
4.2.3 A história da família contada por Cláudia.....	97
4.3 FAMÍLIA 3.....	100
4.3.1 A história de Dionísio.....	100
Lembranças da infância: a cidade, o lazer e a “carreira artística”.....	101
Lembranças da escola: dos livros na infância à universidade.....	103
Namoro e casamento.....	105
O trabalho e a vida familiar.....	106
As histórias infantis criadas e contadas para os filhos: O Ultragavião.....	107
As reuniões familiares.....	107
Algumas histórias que se repetem.....	108
4.3.2 A história do Sr. Diogo.....	109
Refeições em família.....	111
O Natal.....	112
A vida profissional.....	112
Uma história de amor.....	115
Lembranças de família.....	116
4.3.3 As lembranças de Daniel.....	119
A infância.....	120
As histórias infantis contadas pelos pais e pela avó materna.....	120
4.3.4 Uma reunião de família.....	121
4.4 FAMÍLIA 4.....	124
4.4.1 A história de Antonio.....	124
Os pais, os irmãos e a vida em família.....	125
Escolha da profissão X vocação: ser artista plástico.....	127
As namoradas e o casamento.....	128
A família do pai: os fenícios e suas histórias.....	129
A história e as histórias da família da mãe.....	132
Os domingos e as festas: a família hoje.....	135
4.4.2 A história de Augusto.....	137
A cidade e as casas.....	137
Os pais e a vida em família.....	137
Festas em família.....	140
A adolescência de um rebelde.....	141
Os estudos: busca pela liberdade.....	143
Os avós.....	146
Augusto e seus filhos.....	148

4.4.3 A história de D. Alcina: sempre aos domingos.....	150
Os avós e os pais, lembranças da infância.....	150
A vida em família e a rigidez dos costumes.....	154
Tita e Iolanda.....	155
A escola.....	156
As festas.....	156
Os namoros e o casamento.....	157
Vida de casada.....	159
Os filhos.....	160
Os netos.....	163
Os domingos e as reuniões de famílias.....	164
Algumas lembranças de família.....	165
Missão cumprida.....	168
4.4.4 A história de Adriano.....	168
Os pais, os irmãos e a vida em família.....	169
As festas da família.....	172
Os avós.....	173
O sonho de família e a escolha profissional.....	174
4.4.5 A história de Ana.....	175
A escolha da profissão.....	176
As refeições.....	176
Os bisavós e os avós.....	176
Domingo é dia dos avós.....	177
Festas de família.....	178
As histórias da família.....	178
“Minha família é especial”.....	179
5 FIANDO AS LEMBRANÇAS E TECENDO AS HISTÓRIAS.....	182
5.1 CASAS DE LEMBRANÇAS.....	185
5.2 SER MULHER E SER HOMEM.....	192
5.3 CONVERSAS À MESA.....	208
5.4 LEMBRANDO HISTÓRIAS.....	219
5.5 AS FRONTEIRAS ENTRE MEMÓRIA, MITO E HISTÓRIA.....	224
5.5.1 Os silêncios da memória.....	235
6 CONCLUSÕES.....	240
7 OBRAS CITADAS.....	244
8 OBRAS CONSULTADAS.....	249

1 INTRODUÇÃO

Se cada teoria social é uma teoria pessoal, falar no impessoal, sem sujeito, não passa de uma consumada mentira, um passe de mágica que procura fazer o perplexo leitor acreditar que não foi alguém muito concreto que escreveu o texto, mas antes um sujeito universal, que contempla a realidade de fora dela. [...] Os impessoais “observa-se”, “constata-se”, “conclui-se” são o ato mágico pelo qual o pulo quer se transformar em vô: desaparece a pessoa de carne e osso que realmente viu, pensou, escreveu, e no seu lugar entra um espírito universal. Mas parece que o fascínio do vô é um dos pressupostos [...] da ciência. E estou propondo [...] que recuperemos a coragem de falar na primeira pessoa, dizendo com honestidade o que vimos, ouvimos e pensamos. Escrever biograficamente, sem vergonha. (Rubem Alves, 1981, p. 29- 30)

Um pressuposto norteia este trabalho: a memória coletiva familiar, transmitida de geração à geração por meio das histórias de família, permanece como forma de relacionamento comunitário no grupo familiar.

O conceito de memória coletiva será aplicado na mesma acepção de Halbwachs (1990), ou seja, a memória do indivíduo nunca está desvincilhada dos grupos sociais aos quais pertence ou pertenceu; assim como, a memória do grupo está sempre imbricada à memória mais ampla da sociedade. Neste sentido, a memória do narrador da história familiar não é apenas individual, mas também social. Por sua vez, o termo relacionamento comunitário está referido ao conceito de comunidade de Tönnies (1995), no qual o sentimento de pertença ao grupo é uma das características fundamentais das relações comunitárias.

Pretendo mostrar que a memória familiar atrelada a certas tradições, sustenta e ajuda o grupo a permanecer coeso. Sobre tradição o historiador inglês Eric Hobsbawm (1997) quando se refere as sociedades que se desenvolveram a partir da Revolução Industrial demonstra como essas sociedades foram criando novas redes de convenções e rotinas e portanto “inventando tradições” como uma maneira de reorganizar seus laços de identidade.

Dessa forma, as tradições inventadas devem ser entendidas como um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica, que de certa maneira visam conformar certos valores, normas de comportamento e atos repetitivos que implicam na continuidade dessas práticas em relação ao passado. (Hobsbawm, 1997, p.9)

Sob esse ponto de vista, analiso alguns aspectos das relações familiares de um conjunto de famílias no estado de São Paulo. Por meio da memória de três gerações destas famílias procuro demonstrar como aconteceu e acontece o processo de socialização dos seus componentes por meio da inculcação de determinados comportamentos e valores; assim como determinar quais os fatores que promovem a coesão familiar.

“Tradição” é um mecanismo que cria laços, sinais, emblemas e mitos que compartilhados entre si, expressam características comuns, sem confundí-lo com “costume” e diferenciando-os da mesma maneira de Hobsbawm (1997, p.10).

O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O “costume”, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência a inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica [...]. O “costume” não pode se dar ao luxo de ser invariável, porque a vida não é assim nem mesmo nas sociedades tradicionais. O direito comum ou consuetudinário ainda exhibe esta formação de flexibilidade implícita e comprometimento formal com o passado. Neste aspecto, aliás, a diferença entre tradição e costume fica bem clara. “Costume” é o que fazem os juizes; “tradição” (no caso tradição inventada) é a peruca. A toga e outros acessórios e rituais formais que cercam a substância, que é a ação do magistrado. A decadência do “costume” inevitavelmente modifica a “tradição” à qual ele geralmente está associado.

Compreender como a tradição aparece nas relações familiares é fundamental para se fazer uma análise que recupere a relevância da família na

sociedade contemporânea; assim como, entender como nas famílias estudadas as práticas familiares constituídas no cotidiano transmitem de uma geração a outra concepções sobre educação, instrução, trabalho, lazer e papéis sociais.

Como técnica de trabalho optei por relatos orais, consciente dos riscos de tal opção metodológica, pois somente os relatos orais das gerações de famílias entrevistadas podem indicar valores, ritos, símbolos e comportamentos, transmitidos de uma geração a outra, e portanto, formando o elo de continuidade e coesão na estrutura familiar.

Optei por não fazer sínteses ou recortes dos relatos e fazer a transcrição quase que *ipsis litteris*, para não perder as partes enfatizadas pelos entrevistados, pela narrativa em si e pela repetição de fatos. Esta escolha foi determinada não só pelo objetivo da pesquisa e por uma questão de método de trabalho, mas também por respeito ao pensamento e emoção dos entrevistados. No decorrer da pesquisa, percebi nitidamente que as pessoas não contavam só histórias, mas revelavam seus sentimentos e suas emoções e reviviam o acontecimento ou fato, com alegria ou tristeza. Da mesma forma, percebi as interrupções nas narrativas, para lembrar pequenos detalhes, pessoas e fatos, assim como as repetições constantes de detalhes e fatos, revelavam ansiedade ou receio de esquecer.

Entre alguns cientistas sociais há uma certa resistência quanto a validade de trabalhos que se estruturam a partir de relatos orais. No entanto, é fato que qualquer fonte de informação traz em si vários comprometimentos com as circunstâncias em que foram produzidas.

Por outro lado, os antropólogos sempre trabalharam os relatos orais como fontes privilegiadas de informações, tendo em vista que desde o início da Antropologia como ciência não havia outra forma de abordagem das chamadas sociedades primitivas, ágrafas, a não ser por meio dos relatos orais.

No que diz respeito as relações na família desde a análise de Gilberto Freire sobre a família patriarcal, os estudos de Oliveira Viana sobre os clãs familiares, até aos trabalhos mais recentes que abordam o tema de forma mais circunscrita à situações históricas localizadas, o tema família sempre ocupou um lugar de relevância nas pesquisas e reflexões nas Ciências Sociais. (Corrêa, 1982, p.8)

Para determinar e situar o tema com mais precisão na vasta literatura sobre sociedade, família e memória, procurei seguir as indicações da imaginação sociológica de Wright Mills (1975, p.12-14), pois ela

[...] nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade. Essa é a sua tarefa e a sua promessa [...]. Nenhum estudo social que não volte ao problema da biografia, da história e de suas interligações dentro de uma sociedade completou sua jornada intelectual [...]. Talvez a distinção mais proveitosa usada pela imaginação sociológica, seja aquela entre “as perturbações pessoais originadas no meio mais próximo” e “as questões públicas da estrutura social”. Essa distinção é um instrumento essencial da imaginação sociológica e uma característica de todo trabalho clássico na ciência social.

Mills distingue a perturbação pessoal como um assunto privado, e a questão da estrutura social como um assunto público. Mas, logo em seguida, une o que havia separado, para mostrar que, muitas vezes, inquietação pessoais podem ser causadas por transformações estruturais em curso na sociedade.

Assim, na esteira de Mills, esta reflexão não surgiu de um estudo aprofundado sobre a família. Ela se iniciou a partir de indagações suscitadas por experiências pessoais relacionadas a minha própria família.

Relembrando meu processo de socialização familiar percebo que o hábito do meu pai de contar histórias deixou marcas profundas nos filhos e netos. Entendo por socialização um processo de imposição de padrões sociais à conduta individual pelo qual o indivíduo aprende a ser um membro da sociedade. (Berger, 1980, p.204) (Berger e Luckmann, 1974, p. 173-215).

Há setenta e dois anos meu pai nascia em Tutóia, cidade localizada no delta do Parnaíba, no Maranhão. Sua infância foi marcada pela pobreza. Mas, apesar da meninice pobre e dos dias difíceis que teve que enfrentar no decorrer da vida, nunca perdeu o senso de humor. Não há desgraceira no mundo que não se torne mais leve e suportável quando contada por meu pai. Ele gosta de lembrar e relembrar fatos e personagens que fazem parte da sua existência. E é com o fio da lembrança que realiza uma de suas atividades mais prazerosas: contar histórias.

Ao longo dos anos, as mesmíssimas histórias, reais ou imaginadas entram alegremente pelos meus ouvidos e dos meus irmãos. O que mais gostamos é justamente das partes imaginadas. Quanto mais absurda a história mais divertida ela nos parece. Mas os ouvidos implicantes de minha mãe, depois de quarenta e cinco anos de casamento, ainda insistem em separar as histórias “mentirosas” das “verdadeiras”. Quando ela quer afirmar a veracidade de um fato narrado por meu pai, usa sempre estas palavras: “O pai de vocês mente muito, mas isto que ele está falando é verdade”. Aliás, esta é apenas uma das muitas expressões que compõem a nossa gramática familiar.

As histórias contadas por meu pai sobre o tempo em que era criança sempre me fascinaram. Para falar da sua infância, sua família, ou das pessoas do lugar onde havia nascido, inevitavelmente começava por dizer: “Naquela época... as coisas eram muito diferentes”. As diferenças entre aquele tempo e o de agora apareciam nos eventos que marcaram a trajetória da família, na descrição da cidade, e dos personagens que a habitavam. As histórias sempre falavam dos mesmos acontecimentos. Mas ao serem recontadas, dependendo do auditório, do dia e da situação, novos pormenores eram acrescentados às narrativas.

Meus irmãos e eu nunca nos preocupamos com a veracidade destas histórias, embora muitas delas possuíssem aspectos inverossímeis. Apesar disso, por meio destes relatos tínhamos uma idéia de como eram as relações entre pais e

filhos, entre ricos e pobres, e de alguns fatos políticos importantes como a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Era sempre com prazer que escutávamos falar da sabedoria de Tia Rita - “que era uma filósofa”-, das façanhas de Rabo Liso, um soldado que havia participado de muitas batalhas; ou das aventuras de um dos homens mais ricos da cidade que havia tido filhos com a maioria das mulheres do lugar.

Nestas histórias tudo era possível. Mortos apareciam para anunciar alguma tragédia na família; e até gatos como Cicica e Verdiano adquiriam a característica humana da fala, gatos ilustrados convém salientar, pois além de falarem francês, costumavam ir visitar museus em Paris.

Os velhos são sempre potenciais contadores de histórias. E o que torna suas histórias especiais, é que eles fazem um elo entre as categorias culturais do passado e as do presente. Mas isto não significa que as lembranças do passado venham a tona com o mesmo significado de antes.

Ecléa Bosi (1979, p.17) tomando como referência Halbwachs trata da ligação entre passado e presente como um novo processo.

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi” e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.

Do mesmo modo que o narrador dá um novo sentido aos acontecimentos passados, reinterpretando-os, os ouvintes também têm a possibilidade de interpretá-los à sua maneira, de acordo com as suas motivações.

É curioso que as minhas sobrinhas nascidas no mundo da eletrônica tenham o mesmo fascínio pelas histórias da família. Tenho a impressão

que tanto elas como nós, quando evocamos a sabedoria da Tia Rita ou a erudição dos gatos Verdiano e Cicica, queremos dizer: “nós pertencemos a esta família.”

No mundo contemporâneo haverá ainda algum lugar para estas narrativas orais que trazem o passado para o presente por meio das histórias de família?

Quem serão os ouvintes dessa arte de contar histórias, nesse mundo que exige rapidez em todas as atividades do cotidiano, dominado pelo computador, pela televisão, enfim, pela sofisticada tecnologia da comunicação?

Como resposta a esta indagação cabe lembrar as palavras de Benjamin (1986, p.202-203)

o saber que vem de longe encontra menos ouvintes que a informação sobre acontecimentos próximos. O saber, que vinha de longe - do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição -, dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência. Mas a informação aspira uma verificação imediata. Antes de mais nada, ela precisa ser compreensível “em si e para si”. Muitas vezes não é mais exata que os relatos antigos. Porém, enquanto esses relatos recorriam freqüentemente ao miraculoso, é indispensável que a informação seja plausível. Nisso ela é incompatível com o espírito da narrativa. Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio.

Um elenco de hábitos e valores contribuíram para formar a alma da minha família. O gosto pelas reuniões familiares e o prazer de ouvir e contar histórias quando estamos juntos são apenas algumas delas. Quando relato as histórias da minha família, posso provocar a curiosidade do ouvinte sobre o que torna esta família tão especial que mereça algum comentário e que histórias tão excepcionais ela possui que sejam dignas de registro.

Em uma época que clama de forma desmedida pelo “direito à diferença”, o fato de se fazer parte de uma família comum, isto é, que geralmente

segue as normas sociais estabelecidas, ganha ares de acontecimento extraordinário.

Descobri que a minha família é especial justamente pelos componentes ordinários que há em sua história, muito semelhantes aos de qualquer outra família – urbana ou rural, rica ou pobre – que luta para se aproximar daquele modelo ideal de família preconizado pela moral cristã (diriam outros, moral burguesa), que persistem até hoje na nossa sociedade. Nesse modelo, a família aparece como instituição fundamental na formação do ser humano e, por essa razão, ela deve ser o lugar por excelência onde se cultiva e se aprimora o senso moral.

Isto não quer dizer que a minha família estivesse alheia as mudanças nos costumes que já se faziam sentir nos anos cinquenta e explodiram na década de sessenta. Entretanto, os ventos de Paris que sopravam em uma parte da família brasileira nesta época, uivando que era “proibido proibir” e anunciando a “morte da família” nunca conseguiram envolver e seduzir meus pais. “Tradição e disciplina” eram o seu lema, que deveria soar como verdadeira obscenidade para os pais que se intitulavam “modernos”.

Na casa dos meus pais as mudanças entravam porta adentro principalmente por intermédio da escola e dos novos meios de comunicação como a televisão. Temas como virgindade, amor livre, pílula anticoncepcional, drogas, feminismo, *Summerhill*, “poder jovem”, guerra fria, *rock n’ roll* começaram a fazer parte do nosso cotidiano e muitas vezes geravam conflitos familiares.

Apesar das grandes transformações no comportamento social, do desenvolvimento dos meios de comunicação, e dos filhos universitários, meus pais continuaram preservando festas tradicionais tais como: aniversários, formaturas, Natal e Ano Novo. Mesmo quando eu comecei a passar as noites lendo no meu quarto ou em algum bar discutindo Marx, Freud, Sartre ou Simone de Beauvoir, isto pouco influenciou as atitudes da minha família em relação a

certas tradições. Eu e meus irmãos ficamos noivos , com festa e aliança na mão direita. Casamos no cartório e com cerimônia na igreja.

Na literatura sociológica, este modelo de socialização está muito próximo das análises nas quais a família é vista como instituição indispensável para a preservação da harmonia e do equilíbrio da sociedade; e, está bastante afastado dos modelos que tratam a família como instituição repressiva ou como mero “aparelho ideológico do estado”. A família vista como instituição repressora e reprodutora das desigualdades sociais só se apresentou como um problema para mim quando, já adulta, fui estudar ciências sociais na Universidade em meados da década de setenta.

Neste aspecto, a diferença entre mim e meus colegas de Universidade se acentuou quando em 1979, aos 23 anos, saí de Curitiba para morar em São Paulo e fazer o Programa de pós-graduação em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Naquele período, reinava neste programa a crença de que o mundo devia ser visto e analisado “dialeticamente”. Discutia-se muito a relação dialética entre teoria e *praxis* social, ciência e senso comum, saber e fazer, falado e vivido e assim por diante. Mas com todo esse “clima dialético” que imperava na PUC, sentia uma distância imensa entre a vida acadêmica e o mundo exterior a ela (e entre a teoria e a *praxis* social). Acho que nem sabia muito bem o que era a tão falada dialética. E onde estava a coragem para admitir tal pecado, tamanha ignorância? Dois anos depois Rubem Alves (1981, p. 40-41) escreveu

Confesso que, na maioria das vezes, não sei o que as pessoas querem dizer quando usam a palavra dialética. “Este é um problema que se resolve dialeticamente”: é curioso o poder mágico que esta palavra possui. Quando alguém afirma que a coisa se resolve dialeticamente todos se calam como se, de repente, tivesse raiado a mais radiosa luz em suas mentes. As vezes eu chego a suspeitar que elas se calam não porque a luz tenha raiado, mas por puro medo. Medo de perguntar o que é dialética. Medo de se defrontar com os olhares acusadores do círculo dos que se proclamam iniciados... Claro que é possível uma elucidação do sentido rigoroso da palavra tal como é usada nos textos

clássicos. Mas não é aí que se encontra o sentido real das palavras : Como dizia Wittgenstein, o sentido é dado pelo uso. E é este uso que me deixa perplexo, provocando-me vertigens, sensação visceral típica dos encontros com abismos e precipícios.

Este sentimento de estar dividida entre mundos opostos também levou-me, por algum tempo, a distinguir duas espécies de homem: a dos intelectuais e a dos homens comuns. Entre os primeiros, em várias ocasiões, fui vista como uma “estrangeira”. O fato de não estar engajada em nenhum tipo de militância política ou “movimento social” fazia de mim uma estranha no grupo.

Na PUC daqueles tempos, o engajamento político dos estudantes era muito valorizado. Estávamos vivendo a “abertura lenta e gradual” depois de vinte anos de regime militar. Muitos professores que haviam sido atingidos pelos atos institucionais decretados pelo governo militar foram acolhidos naquela Universidade; lá também foram parar professores que estavam voltando do exílio com o processo de anistia.

À noite, após as aulas, era comum a reunião de professores e estudantes nos bares das redondezas. Entre goles de cerveja, café e muito fumaça de cigarro exercitava-se o ódio pelos militares e pela classe dominante. Naquela época, não sei se por prudência ou covardia, omitia a minha condição de filha de militar da Aeronáutica.

Como se não bastasse a minha falta de engajamento político, ainda trazia comigo alguns costumes que provocavam espanto e risos dos meus colegas de curso. Usar aliança na mão direita como símbolo de noivado, preparar enxoval para o casamento era algo inusitado para o grupo que havia aderido as mudanças comportamentais da década de sessenta. Fato tão inédito mereceu um registro: ganhei o apelido de *La Fiancée*.

Imagino que enquanto era chamada de *La Fiancée* na PUC de São Paulo, as noivas indiferentes aos revolucionários do PC (Partido Comunista), do PC do B (Partido Comunista do Brasil), da LIBELU (Liberdade e Luta), caminhavam lentamente olhando as vitrines da rua São Caetano na mesma cidade

de São Paulo para comprar seus vestidos de noiva. Imagino também, que no mesmo momento em que insistiam em me chamar de *La Fiancée*, nas festas de casamento que estavam acontecendo, deveria ter um grupo de mulheres disputando ferozmente o buquê jogado pela noiva às suas convidadas solteiras.

A minha intensa ligação com a família e a importância que dava aos ritos cultivados por ela como noivados, casamentos, batismos, Páscoa, Natal, entre outros, eram incompreensíveis para os meus colegas. O tipo de vínculo que mantinha com os meus familiares me tornavam uma “pequena burguesa” irrecuperável.

2 FAMÍLIA: MEMÓRIA, TRADIÇÃO, LINGUAGEM

O grupo familiar ainda é uma instituição privilegiada para se observar a permanência e renovação deste veículo de transmissão de conhecimento que é a tradição oral.

A memória, por meio da tradição oral, ainda é capaz de tecer um fio que vai pespontando as gerações.

Para Duvignaud (1990, p. 13-14)

Maurice Halbwachs evoca o *depoimento* [grifo do autor], que não tem sentido senão em relação a um grupo do qual faz parte, pois supõe um acontecimento real outrora vivido em comum e, por isso, depende do quadro de referência no qual evoluem presentemente o grupo e o indivíduo que o atestam. Isto quer dizer que o “eu” e sua duração situam-se no ponto de duas séries diferentes e por vezes divergentes: aquela que se atém aos aspectos vivos e materiais da lembrança, aquela que reconstrói aquilo que não é mais se não do passado. Que seria desse “eu”, senão fizesse parte de uma “comunidade afetiva” de um “meio efervescente”, do qual tenta se afastar no momento em que ele se “recorda”.

As “comunidades afetivas” como a família, por exemplo, constituem um quadro de referência fundamental no ato de recordar. Mas o que pensamos, realizamos e armazenamos na nossa memória seriam relegadas ao esquecimento se de algum modo não fossem compartilhadas, se não fossem revividas nos diálogos e encontros familiares. A interseção entre memória, tradição e linguagem é essencial, pois é no interior da família que geralmente a criança se defronta com este meio de comunicação tão antigo. Por meio da linguagem os membros adultos de uma família podem, por meio da tradição oral, transmitir e inculcar nos membros mais jovens padrões de comportamento e valores socialmente aceitos.

Por todas essas razões não parece razoável trabalhar com as hipóteses da morte da tradição oral e do desaparecimento da família - como tradicionalmente desejava o movimento socialista ao bradar pela “abolição da

família” (Mitchell, 1981, p. 271). Mesmo levando em conta as intensas mudanças na organização da família pretendemos verificar de que maneira a tradição oral permanece neste grupo e qual o seu papel nele.

A literatura dos últimos 20 anos sobre família aponta para muitas variações da organização familiar, isto configura apenas um indicador de que está cada vez mais difícil tratar da família genericamente e não da sua extinção. Numa mesma sociedade, tal qual a nossa, é possível encontrar vários tipos de estrutura familiar, embora até possa haver um padrão dominante. Jerusa Gomes (1994, p. 55), por exemplo, na abertura da *II Conferência Ibero-Americana sobre a Família*, em Valparaíso no ano de 1994, ouve uma autoridade religiosa chilena fazer a

apologia da família, da indissolubilidade do casamento e das responsabilidades familiares, ressaltando a educação dos filhos na perspectiva católica, atribuindo-lhes um caráter universal sagrado [...]. A família é aqui entendida de acordo com a moderna historiografia, uma instituição social básica, histórica, que se transforma sincrônica e diacronicamente. Assim, a priori, está descartada a idéia de um modelo, de um padrão único de organização familiar. Nessa medida, seria mais apropriado falar-se em famílias, e não família.

Marisa Corrêa (1982, p.36) questiona a família patriarcal como padrão de família na história do Brasil e sugere a “coexistência de várias formas de organização familiar no mesmo espaço social.”

A constatação de uma variedade nas formas de organização familiar, está longe de apontar para o desaparecimento da instituição familiar ou “a morte da família”, como apregoava Cooper (1986), que de certo modo caminha na mesma direção da proposta do movimento socialista discutida por Mitchell, em 1981.

Além destes fatores, é preciso considerar a gradativa importância que a família nuclear (casal e filhos) foi adquirindo historicamente,

sobrepunha a família extensa (a rede de parentesco do casal); os laços que as uniam se tornaram mais frágeis e menos estreitos.

Contudo, a família nuclear não indica necessariamente a morte da memória familiar. Na perspectiva de Ecléa Bosi (1979, p. 345)

A família desenraizada nos centros urbanos ainda possui uma força de coesão capaz de integrar pessoas de diferentes classes econômicas, credos políticos e religiosos opostos.[...] Se cada família não tem mais como na Roma antiga, seus cantos, preces, seu próprio culto, não se pode negar que tenha um espírito seu, uma maneira de ser, lembranças e segredos que não passam das paredes domésticas. E tem suas figuras exemplares, modelos, cuja fisionomia se procura reconhecer nos mais jovens; [...] Há episódios antigos que gostamos de repetir, pois a atuação de um parente parece definir a natureza íntima da família, fica sendo uma atitude-símbolo. Reconstituir o episódio é transmitir a moral do grupo e inspirar os menores.

2.1 O QUE É FAMÍLIA?

Lévi-Strauss (1986, p.75-76) parte da indagação “se a universalidade da família não é o efeito de uma lei natural, como explicar que a encontremos por quase todo o lado?” e como resposta apresenta a construção de um “modelo reduzido de propriedades invariantes ou caracteres distintivos de família[...]”, que é o seguinte:

a família tem sua origem no casamento. Ela inclui o marido, a mulher, os filhos nascidos da sua união, formando um núcleo em torno do qual outros parentes se podem, eventualmente agregar.

Os membros da família estão unidos entre si por:

- a) Laços jurídicos
- b) Direitos e obrigações de natureza econômica, religiosa ou outra;
- c) Uma rede precisa de direitos e proibições sexuais e um conjunto variável e diversificado de sentimentos, como o amor, o afeto, o respeito, o medo, etc...

Ariès (1982, p.191) trata de dois significados que a palavra família tem atualmente. O primeiro para designar “o grupo de parentes mais ou menos próximos, que não coabitam, que podem estar dispersos no espaço, mas

que estão unidos por um sentimento mais ou menos forte de uma comunidade de sangue ou aliança[...]" O tipo de família a que Ariès se refere é característico do século XVI ao século XVIII e a primeira vista parece ter desaparecido. Entretanto, o próprio Ariès se refere a pesquisadores e seus estudos recentes - em França, Agnès Pitrou e Louis Roussel; e nos Estados Unidos, Tamara Haraven - como "mostraram que, pelo contrário, [este tipo de família] corresponde as necessidades da sociedade contemporânea, em particular ao enfraquecimento da sociabilidade, da vizinhança..."

Quando trata do outro significado o próprio Ariès o define como

[...] mais forte, mais freqüente e mais ingênuo. É o primeiro que nos vem espontaneamente à cabeça. Designa a unidade muito fechada, formada pelo pai a mãe (o casal) e os filhos. Subentende uma relação sentimental intensa entre estes elementos. Pode-se dizer que já no século XVIII este tipo de família começava a surgir, mas segundo Ariès os homens do século XVIII e XIX embora estivessem assistindo a uma mudança no modelo de família vigente não se davam conta do que estava acontecendo. Tomada no segundo sentido, a palavra família torna-se invasora, e tende a substituir na linguagem comum as outras palavras vizinhas por vezes sinônimas, o casal, a casa, a raça, linhagem, etc... É desta família que correntemente se diz, sem temer qualquer equívoco, que está ameaçada, em crise, em mutação, etc...

A definição de Lévi-Strauss é bastante abrangente, isto é, ela é tão genérica que serve para qualquer tipo de família independente da sua localização no tempo e no espaço. Portanto, ela serve apenas como ponto de partida para se pensar no tema. Cabe ao pesquisador através da pesquisa empírica verificar as especificidades do tipo de família que está investigando.

As duas definições de Ariès remetem para a história e imediatamente fazem lembrar que não é possível pensar em um padrão de família universal, imutável, pois que ela está atrelada as transformações socioculturais das sociedades.

Lasch (1991, p.19), ao tratar da família americana contemporânea, observa que

À medida que os negócios, a política e a diplomacia se tornam mais selvagens e belicosos, o homem busca refúgio na vida privada, nas relações pessoais e sobretudo na família - o último reduto de amor e decência. A vida doméstica, no entanto, parece cada vez mais incapaz de proporcionar esse conforto. Daí a corrente subterrânea de ansiedade que flui através do vasto e crescente volume de comentários sobre o estado da família. A maior parte desses comentários tenta mostrar que, apesar de a família estar mudando sua estrutura, atende a importantes necessidades e ainda tem uma longa vida pela frente. No entanto, os índices de divórcio continuam a subir, os conflitos de geração se intensificam e a opinião mais lúcida condena a família como um anacronismo repressivo.

A família como refúgio do mundo exterior é uma idéia essencial deste estudo de Lasch. Ele parece muito apreensivo com a destruição do refúgio familiar.

A maior preocupação de Lasch é com a interferência das políticas sociais do Estado na vida privada, principalmente na família. Para ele, os fatos históricos que levaram à necessidade do estabelecimento de uma vida privada, principalmente em família, foram os mesmos fatos que a submeteram ao controle externo. As funções socializantes que cabiam quase que exclusivamente ao círculo familiar, foram passando para a escola e serviços de bem estar social. Ou seja, foram parar nas mãos de agentes sociais externos a família como professores, assistentes sociais, psiquiatras, ou terapeutas de família.

A família é vista por Lasch (1991, p.25) como fundamental no processo de socialização porque reproduz padrões culturais no indivíduo, pois “não só confere normas éticas, proporcionando à criança sua primeira instrução sobre regras sociais predominantes, mas também molda profundamente seu caráter utilizando vias das quais nem sempre tem consciência .”

O processo de socialização familiar da criança na família contemporânea norte americana, é um dos argumentos centrais da análise de Lasch. Este e outros argumentos que foram utilizados para entender a crise da família americana tiveram diversas interpretações. O autor foi visto como um

defensor dos valores tradicionais, um apologista da família burguesa e até como um nostálgico da família patriarcal.

Talvez uma parte destas críticas se deva a algumas de suas conclusões, tais como:

Hoje o Estado não controla apenas o corpo do indivíduo, mas toda a parcela do seu espírito que é passível de ser ocupada; não apenas a sua vida exterior, mas também a vida íntima; não apenas a esfera pública, mas até os cantos mais obscuros da vida privada, que antes eram inacessíveis a dominação política. Toda a existência do cidadão tornou-se agora sujeita à direção social, cada vez menos mediatizada pela família ou outras instituições às quais o trabalho de socialização estava confinado antigamente. A própria sociedade assumiu este encargo, ou então passou a controlar mais efetivamente a socialização familiar. Com isto, ela minou a capacidade de autodeterminação e de autocontrole, solapando uma das principais fontes de coesão social. (Lasch, 1991, p. 239 - 240)

Apesar das críticas, vale a pena pensar na obra e nas conclusões de Lasch. Marisa Corrêa, em comentário feito no livro *Refúgio num mundo sem coração* salienta a importância do pensamento de Lasch para a compreensão do “que se passa numa parte da sociedade brasileira – e, principalmente, o que não se passa em grande parte dela”, uma vez que aqui a história da família burguesa apenas começou.

2.2 COMUNIDADE E SOCIEDADE

Sennett ao abordar a questão da comunidade está retomando e criticando a noção clássica de comunidade de Ferdinand Tönnies. Mas a utilização do conceito de *Gemeinschaft** (comunidade) isolado dos conceitos de *Gesellschaft** (sociedade), *Wesenwille** (vontade essencial) e *Kurwille** vontade

* Optei por usar os termos em alemão porque em português os mesmos têm vários e diferentes significados.

arbitrária), distorce as formulações teóricas e metodológicas de Tönnies. Assim como Sennett, outros já haviam feito isso. Esta é uma das razões pela qual Tönnies foi marcado como o grande teórico da comunidade, o que lhe trouxe o estigma de “romântico social”, “romântico irracionalista” ou “nostálgico”.

Os equívocos decorrentes desta visão, apontados pelos poucos estudiosos da obra de Tönnies nas décadas de 50 a 70 do século XX, começaram a ser melhor conhecidos somente a partir de 1980.(Miranda, 1995, p. 55)

Considerando as novas leituras que estão sendo realizadas a respeito da obra de Tönnies, pode-se tomá-lo como uma das referências possíveis para o estudo da família, da comunidade e da sociedade. A perspectiva metodológica da sua obra *Comunidade e Sociedade* pode ajudar a compreender como as relações familiares tradicionais se entrelaçam com as novas.

Portanto, nesta obra, importa ressaltar não apenas o conteúdo dos seus conceitos fundamentais, mas a forma como o autor os trata. Para Tönnies os conceitos são “nada além de artefatos do pensamento, são instrumentos com a função de esclarecer a compreensão da realidade.” (Cahnman, 1995, p.89)

Em *Comunidade e Sociedade*, os pares conceituais *Gemeinschaft* (comunidade) e *Wesenwille* (vontade essencial), assim como, *Gesellschaft* (sociedade) e *Kurwille* (vontade arbitrária), são apenas construções conceituais que nunca são idênticas a realidade. Além disso, estes conceitos se excluem reciprocamente no plano da teoria pura. Assim, o par *Gemeinschaft* e *Wesenwille* exclui o par oposto *Gesellschaft* e *Kurwille* e vice-versa. Mas, no plano da teoria aplicada, isto é, quando os conceitos são remetidos para o processo histórico, os pares *Gemeinschaft/ Wesenwille* e *Gesellschaft / Kurwille* aparecem combinados dialeticamente.

Tönnies (1995, p. 239) começa a construção do conceito de comunidade abordando a relação entre mãe e filho, entre homem e mulher e entre irmãos e irmãs. Ao discorrer sobre estas relações procura mostrar que

O parentesco tem a casa como berço e corpo. A vida é comum sob o mesmo teto protetor; a posse e a fruição comum dos bens, especialmente dos alimentos tirados das mesmas provisões e repartidas sobre a mesa; os mortos são honrados como espíritos invisíveis sempre poderosos e que reinam protetores sobre a família, de modo que o temor respeitoso e a veneração comuns reafirmam e asseguram a harmonia da atividade familiar. Entretanto, a vontade e o espírito emanados do parentesco não se confinam às paredes da casa, nem a proximidade física. Quanto mais forte e viva essa relação, mais pode subsistir por si própria, no sentimento de proximidade e da atividade comunitária. Pode sobreviver mesmo como pura memória, a despeito de todo afastamento.

Nisbet (1977, p. 72) ao escrever sobre os autores que trataram da comunidade, talvez tenha razão em afirmar que “o arquétipo da comunidade do ponto de vista histórico e simbólico é a família.”

As relações familiares são tão importantes na construção do conceito de comunidade que Tönnies (1995, p. 248) chega a afirmar que o “estudo da família é o estudo da comunidade assim como o estudo das células orgânicas é o estudo da própria vida.”

A vida da comunidade porém não se restringe a família, abarca também a aldeia, a cidade, assim como, relações de vizinhança e amizade. Mas a vontade social que caracteriza estas formas de associação comunitária são as mesmas: consenso ou concórdia, costumes, crenças e religião.

“Na comunidade os homens vivem unidos apesar de tudo que os separe.” Entretanto, na construção do conceito de sociedade vamos encontrar características opostas às da comunidade “na sociedade os homens estão separados, a despeito de tudo que os une.” (Tönnies, 1995, p.252)

O espaço das formas societárias encontra-se na metrópole, na nação, no mundo. Na sociedade, concórdia, costumes, crenças e religião dão lugar à convenção, à lei e à opinião pública. O consenso dá lugar ao contrato. Não é por acaso que Tönnies utiliza as palavras de Adam Smith “cada homem se torna um

comerciante” para caracterizar o tipo de homem que participa das relações societárias.

Para Tönnies (1995, p. 257)

A sociedade reproduz a idéia de si própria no papel moeda. Coloca-o em circulação e dá-lhe curso na medida em que a idéia de valor é inerente a idéia de sociedade como conteúdo necessário de sua vontade. A sociedade não é outra coisa senão a razão abstrata - da qual cada ser racional participa pelo entendimento - na medida em que seja considerada como desejável e atrativa.

A sociedade tem como base a troca de valores materiais e por isso é possível compreender

[...] toda a sociabilidade convencional, cuja regra primordial é a polidez, uma troca de palavras e cortesias, em que cada um parece colocar-se no lugar de todos, e todos parecem estimar cada um como seu semelhante; ao passo que, na verdade, todos pensam em si mesmos e tentam obter vantagens e impor seus pontos de vista. Por mais agradável que se mostre, cada um espera e mesmo exige um equivalente, e, por conseguinte, avalia exatamente seus serviços, lisonjas, presentes etc..., para determinar se obteve o efeito desejável. [...] A sociedade é, no sentido que podemos denominar moral, condicionada completamente por suas relações com o Estado (do qual) a sociedade econômica deve ser considerada como precedente. (Tönnies, 1995, p.260)

Não é possível entendermos adequadamente a Teoria da Comunidade e Sociedade desvinculada da Teoria das Vontades Humanas. O conceito de vontade humana é fundamental para a construção dos conceitos de comunidade e sociedade, pois “as vontades humanas mantêm entre si múltiplas relações. Cada relação é uma ação recíproca, exercida por um lado e suportada ou recebida pelo outro. Estas ações apresentam-se de tal modo que tendem seja à preservação seja à destruição da vontade ou do ser oposto: são negativas ou positivas.” (Tönnies, 1995, p.231)

Tönnies vai considerar apenas as relações reciprocamente positivas, e constrói dois conceitos para entender as formas da vontade humana presentes na comunidade e na sociedade. Na comunidade tem-se a vontade

essencial (ou orgânica, ou natural), *Wesenwille*. Na sociedade tem-se a vontade arbitrária (ou mecânica, ou reflexa, ou racional), *Kurwille*. *Wesenwille e Kurwille* dizem respeito à realidade psíquica do homem.

Na elaboração teórica de Tönnies, *Wesenwille* engloba três formas de vontade : prazer, hábito e memória. Basicamente elas se reportam as motivações afetivas do homem. De outro modo, *Kurwille* trata das motivações humanas objetivas encontradas sob as formas de reflexão, conveniência e conceito.

Cahnman (1995, p. 91) ao analisar o sistema conceitual de Tönnies toma a relação entre meios e fins para esclarecer uma das diferenças fundamentais entre *Wesenwille e Kurwille* e utiliza como exemplo o parentesco

No parentesco e na amizade, idealmente falando, o sentimento [de pertencer] ao conjunto é total, e não subordinado a questionamento. Portanto, na *Wesenwille* meio e fim - estão como no amor da mãe pelo filho - unidos. Mas o sentido (de pertencer ao conjunto) é destruído (pela razão) ou *Kurwille*, quer dizer, através da reflexão que conduz à ação direcionada a fins determinados, ou melhor, a um comportamento, no qual meios e fins estão separados. A *Kurwille*, que através da livre escolha dos meios, visa alcançar o fim representado, domina o comportamento humano em sociedade. Todos os meios são corretos quando servem ao fim, mesmo quando estão em contradição com gosto, costumes e consciência.

Pode-se resumir a distinção entre *Wesenwille e Kurwille* através de uma metáfora utilizada pelo próprio Tönnies, na qual a *Kurwille* aparece representada pela cabeça e a *Wesenwille* pelo coração. Para Cahnman (1995, p. 294) a língua alemã “distingue o que deriva da fria inteligência, da ‘cabeça’, do que emana dos impulsos quentes do ‘coração’. A oposição de que trata é marcada, geralmente, quando o sentimento que determina e governa é separado da razão.”

A primeira impressão que tive ao tomar Tönnies como referência para o estudo de família e sociedade era de estar remando contra a maré do presente e do futuro, de estar envolvida por uma onda de nostalgia. A

nostalgia é um ponto bastante discutido e criticado em Tönnies, da mesma forma que é objeto de análise por outros autores.

Berman (1986, p. 58-60) deixa bem nítida esta impressão ao analisar a modernidade através do *Fausto*, de Goethe.

Nosso século tem sido prolífico na invenção de fantasias idealizadas da vida em cidadezinhas tradicionais. A mais popular e influente dessas fantasias está no livro de Ferdinand Tönnies *Gemeinschaft und Gesellschaft* [...] A tragédia de Gretchen, segundo Goethe, nos fornece o que deve ser o retrato mais devastador, em literatura, de uma *Gemeinschaft*. Tal retrato devia gravar para sempre em nossas mentes a crueldade e brutalidade de tantas formas de vida que a modernização varreu da face da terra. Enquanto nos lembrarmos do destino de Gretchen, seremos imunes ao nostálgico fascínio dos mundos perdidos.

Para Berman, Fausto e Gretchen procuram seguir além das fronteiras limitadas da família, da igreja e da cidade, onde os únicos caminhos da virtude são a devoção cega e a autocastração. Gretchen tenta viver à altura dos velhos preceitos e Fausto tenta criar novos valores que permitam sair do mundo medieval. O caminho de Gretchen é belo, mas o de Fausto é mais frutífero.

Se de fato esta nostalgia aparece com tanta força no presente, talvez seja pertinente perguntar o porque da sua presença tão vigorosa em um mundo que parece renegar o passado como coisa obsoleta.

Considerando as observações anteriores a respeito de Tönnies, pode-se dizer que a comunidade é mesmo uma “fantasia”, se apenas entendida como um instrumento conceitual que não existe na realidade empírica. Jamais vamos encontrar no processo histórico as relações comunitárias dissociadas das relações societárias. Historicamente, os elementos da sociedade já estão contidos na comunidade, e quando aqueles começam a predominar sobre estes, as relações comunitárias não desaparecem mas permanecem contidas na sociedade. Para Tönnies, no curso da história há uma tensão, um conflito permanente entre essas relações. Nesta luta histórica, ora as relações comunitárias serão predominantes ora as relações societárias.

As análises do mundo contemporâneo ocidental apontam para um crescente processo de individualização que se espalhou historicamente pelo conjunto da sociedade. Este fenômeno pode ser traduzido na linguagem conceitual de Tönnies como o triunfo das relações societárias. Neste quadro, as relações familiares não escapam ao domínio das relações societárias que impregnam todas as esferas da vida social. Mas onde fica a família, que se não é o único modelo de comunidade é o mais perfeito na visão de Tönnies ?

A partir da perspectiva de Tönnies, tenho como premissa que, hoje, a memória familiar por meio das histórias de família pode semear valores comunitários no indivíduo. Isto é, pode proporcionar-lhe, um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época, num mundo envolvido por um sofisticado sistema de comunicação que produz uma crescente sensação de desenraizamento.

3 O TRABALHO DE CAMPO

Há muitas formas de transmissão da memória familiar, mas meu interesse é direcionado para aquela que é veiculada por meio da tradição oral*, isto é, o papel das histórias familiares presentes na memória de um pequeno grupo de famílias. Por tradição entende-se a transmissão de qualquer conhecimento que passa de um indivíduo a outro ou de uma geração à outra por meio das mais variadas formas e, uma delas é a oralidade. Na procura das raízes do termo, encontrei o seguinte significado: tradição é a “herança cultural, transmissão de crenças ou técnicas de uma geração para outra.” (Abbagnano, 1998, p.966)

Uma vez estabelecido que tradição e herança cultural são fenômenos indissociáveis, podemos retomar um antigo enunciado da Antropologia Clássica, que apresenta como uma das principais diferenças entre o homem e as outras espécies animais, a sua capacidade de aprendizagem por meio de símbolos, e a transmissão desses símbolos por meio da linguagem. Portanto, a nossa humanidade está na nossa aptidão para criarmos cultura e transmiti-la. Nós inventamos e reinventamos a cultura e a tradição ao longo do tempo. Compreender e transmitir os símbolos por meio da linguagem mostra uma forma de aprender que vai além do conhecimento adquirido geneticamente, característica de espécies animais não humanas.

Na relação existente entre cultura e tradição, acrescentamos a linguagem, pois é pela linguagem que as experiências vividas por indivíduos ou

* Isto não significa que eu não tenha recorrido a outros materiais como documentos escritos e até objetos que algumas pessoas costumam preservar – porque de alguma forma trazem consigo a história de uma vida ou de um grupo – como móveis, bordados, louças, entre outras coisas. As vezes as pessoas falam de suas vidas através dos objetos. Em uma ocasião, por exemplo, um dos entrevistados relatou uma série de fatos relacionados ao teatro de Manaus e a história de seus avós ao mostrar-me os álbuns de piano do início do século XX que eram de sua madrinha. Assim como as fotografias, objetos do cotidiano despertam e fazem aflorar lembranças.

grupos são compartilhadas por outros indivíduos ou grupos em uma mesma comunidade lingüística (Berger 1964, p.96).

3.1 DESFIAR MEMÓRIAS, APANHAR LEMBRANÇAS

A memória constitui outro elemento fundamental na relação entre cultura, tradição e linguagem. Memória é a capacidade do ser humano de conservar suas experiências e pensamentos para depois evocá-las. Este fenômeno tem sido estudado por inúmeras áreas do conhecimento, mas nos interessa especialmente em seu aspecto sociológico. Por isso, a maneira como Halbwachs pensa o conceito de memória coletiva é útil para esta pesquisa.

Para Halbwachs (1990) a memória do indivíduo está sempre atrelada à sociedade mais abrangente e aos grupos sociais a que pertence ou pertenceu. Neste aspecto, a memória daquele que lembra e narra suas lembranças não é apenas individual mas social.

Este ser que recorda por meio da memória, mergulhado na cultura da sua sociedade, traduz suas experiências e pensamentos por meio da linguagem e as transmite pela tradição. Assim, não podemos separar a memória, da cultura, da tradição e da linguagem. Qualquer ato realizado pelo ser humano que não é preservado, não importa o meio pelo qual isto é feito, está fadado a morte ou ao esquecimento. Do mesmo modo isto ocorre com a tradição oral na família e para que tal não aconteça, é necessária a existência de pelo menos um narrador e um ouvinte, que estejam dispostos a contar, ouvir e transmitir suas histórias familiares.

No mundo contemporâneo, com as constantes transformações nos meios de comunicação produzidas pelo grande avanço tecnológico e as rápidas mudanças no comportamento social, é razoável pensar na hipótese do enfraquecimento da tradição oral. Mas não parece muito razoável preconizar a sua

morte como faz Gérard Vincent (1992, p. 192) ao observar que na sociedade contemporânea, “o imaginário já não funciona a partir de enunciados transmitidos oralmente ou por escrito, mas a partir da torrente - a metáfora não é excessiva - de imagens despejadas pelos meios de comunicação.”

Ao estabelecer como princípio que cultura, tradição, linguagem e memória são condições da nossa humanidade, podemos trabalhar com a hipótese da permanência da tradição oral nos dias de hoje, não como um vestígio do passado, mas como um antigo instrumento de aprendizado continuamente renovado.

Assim como a família vai mudando no decorrer do tempo, a tradição também sofre modificações em determinados períodos da história. As mudanças podem ser muito lentas, e talvez por isto quase imperceptíveis, mas a tradição se modifica. Embora seja uma forma de transmissão do conhecimento que vai sendo veiculado ao longo do tempo, a tradição não é um conhecimento petrificado, é um saber que vai mudando de acordo com a época e o lugar no qual está inserido. Uma parte deste conhecimento quando se torna desnecessário para a coletividade pode até desaparecer, mas a tradição como um modo de transmitir conhecimento continua viva. Pensar numa sociedade humana sem tradição é o mesmo que pensar uma sociedade humana sem cultura, o que é paradoxal, pois não há cultura fora da humanidade.

“Tradição” e “tradição oral”, termos comuns na Antropologia Clássica que estudava basicamente sociedades sem escrita e denominadas “primitivas”, igualmente eram comuns nos trabalhos de sociólogos e antropólogos que se dedicaram aos estudos de comunidade.

Estes termos, tradição e tradição oral foram aos poucos rareando na literatura antropológica e sociológica considerando as transformações das realidades sociais com as quais estas ciências trabalhavam. Isto provocou uma revisão ou abandono das teorias e métodos já existentes, e a busca de novas

formulações teóricas e metodológicas que implica muitas vezes no surgimento de uma nova linguagem conceitual.

Maria Isaura Pereira de Queiroz, no conjunto de sua obra, trata freqüentemente dos métodos qualitativos no processo da pesquisa sociológica. Enfatiza a importância do relato oral como parte essencial da vida do indivíduo e como um dos mais antigos meios de comunicação

através dos séculos, o relato oral constituirá sempre a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, o que equivale a dizer, fora a maior fonte de dados para as ciências em geral. Em todas as épocas, a educação humana (ao mesmo tempo formação de hábitos e transmissão de conhecimentos, muito interligados) se baseara na narrativa [...] A transmissão tanto diz respeito ao passado mais longínquo, que pode mesmo ser mitológico, quanto passado muito recente, a experiência do dia-a-dia. Ela se refere ao legado dos antepassados e também à comunicação da ocorrência próxima no tempo; tanto veicula noções adquiridas diretamente pelo narrador, que pode ser inclusive o agente daquilo que está relatando, quanto transmite noções adquiridas por outros meios que não a experiência direta, e também antigas tradições do grupo ou da coletividade. O relato oral está, pois, na base da obtenção de toda a sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e conservação do saber ; a palavra parece ter sido senão a primeira, pelo menos uma das mais antigas técnicas utilizadas para tal. (Queiroz, 1987, p. 35)

As observações de Queiroz sobre relato oral se comparadas com a nossa conceituação de tradição oral são muito semelhantes. O paralelo serve para mostrar que não há somente a mera troca de um termo pelo outro, mas uma utilização diferente dos dois termos.

Queiroz usa o relato oral apenas como uma técnica de pesquisa, enquanto que utilizo a tradição oral como conceito e um meio de coletar informações.

Se os conceitos de tradição e tradição oral pouco aparecem nas pesquisas mais recentes de Sociologia e Antropologia, o mesmo não se pode dizer do conceito de memória que nos últimos anos se espalhou pela área das ciências humanas.

Nesta área, é curioso observar, que os estudos atuais sobre memória, tem como um dos pontos de referência mais utilizado os estudos de Maurice Halbwachs, membro da segunda geração da Escola Sociológica Francesa. Jean Duvignaud (1990, p.9-13) chama atenção para o fato de que Halbwachs em *Les Quadres Sociaux de la Mémoire*, obra de 1925, mostra-se um correto durkheimiano. Mas, em *A Memória Coletiva*, publicação póstuma de 1950, Halbwachs começa a trilhar por caminhos diferentes dos de Durkheim, o grande inspirador da Escola Sociológica Francesa e que estava ancorado no positivismo de Comte. “O interesse do livro reside sobretudo no fato de que se unem, contrariamente ao postulado positivista, a interpretação compreensiva e a análise causal, o apanhado dos grupos e a das significações [...]”.

Na obra de Halbwachs *A Memória Coletiva* destacam-se dois pontos relevantes sobre a memória:

- a) memória é um fenômeno social na medida em que o indivíduo que recorda sempre localiza suas lembranças em um tempo e espaço social. Não importa que as imagens dos fatos guardados na mente de quem recorda não tenham nitidez, tão pouco que estes elementos não sejam precisos na linguagem do narrador;
- b) a memória é parte essencial da história de vida de qualquer indivíduo. Ela não apenas nos localiza no tempo e no espaço, mas nos torna um ser no mundo, revela quem somos e de onde viemos.

Duvignaud (1990, p.14) aponta para a união e a síntese destas duas questões, ao mostrar como é possível captar por meio da memória momentos de profundas mudanças sociais pois,

a consciência não está jamais fechada sobre si mesma, nem vazia, nem solitária. Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em

meio a variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica. Isto explica talvez por que razão, nos períodos de calma ou de rigidez momentânea das “estruturas” sociais, a lembrança coletiva tem menos importância do que dentro dos períodos de tensão ou de crise - e lá, às vezes, ela se torna “mito”.

É possível pensar na perspectiva de Halbwachs na memória como mito, ou como recomposição mágica do passado porque a memória se constitui de representações.

Todas estas observações demonstram que memória e tradição oral não são apenas objetos de reflexão teórica, mas podem ser instrumentos valiosos para a coleta de informações, desde que sejam adequados aos propósitos da pesquisa, e bem utilizados pelo pesquisador.

“Relato oral”, “história oral”, “história de vida”, “relato de vida”, “entrevista”, “depoimento”. Toda esta terminologia tem em comum o fato de estar relacionada a oralidade. No entanto, os termos que a compõem só ganham maior clareza quando remetidos a áreas de conhecimento específicas nas quais são trabalhados como na Antropologia, na Sociologia e na História, entre outras. Mas o que realmente importa é o debate que está por trás de todas estas expressões.

O debate é antigo e está relacionado a validade e cientificidade dos métodos e técnicas qualitativos no interior das ciências humanas. Aspásia Camargo (1987, p.19) tratando do assunto observa que a Sociologia

tendo tido desde os seus primórdios a pretensão de ser a mãe de todas as ciências, não é de surpreender que a Sociologia tenha chegado a este ponto: em primeiro lugar, a busca de sua própria identidade, procurando abrigo no diálogo ou na diluição com as disciplinas irmãs: a Antropologia, a Economia ou a História, para não falar em outras combinações possíveis; em segundo lugar, a reavaliação do clássico confronto entre o método qualitativo e o quantitativo, que em realidade significa uma fratura interna grave, uma vez que o pesquisador parece ser submetido, segundo a lógica do confronto, a um penoso dilema: operar com rigor para obter resultados duvidosos, ou, ao contrário, abusar da imaginação em detrimento de regras padronizadas, verificáveis, de trabalho científico.

Outros aspectos estreitamente vinculados a esta segunda questão são também abordados por Camargo: a excessiva generalidade, e a presença persistente do modelo positivista na Sociologia e nas demais ciências humanas. O positivismo, na busca de leis semelhantes aquelas encontradas nos paradigmas das ciências exatas,

acabou levando à idéia-força, comum às ciências da natureza, de que só se deve investigar aquilo que é verificável, em detrimento das indagações demasiado genéricas ou do ensaio crítico. Se isto representou um avanço sob muitos aspectos, - estimulando, por exemplo, a profissionalização - conduziu, por outro lado a uma situação paradoxal e inversa, [...] que consiste em privilegiar as formas de verificação, mesmo que os resultados obtidos sejam irrelevantes.

Provavelmente um antropólogo consideraria bem “exótico” o número de páginas que há na literatura sociológica sobre a polêmica método qualitativo x método quantitativo. O uso de métodos e técnicas qualitativos se impôs ao antropólogo desde a constituição da Antropologia como ciência e havia uma razão para isto. O objeto de estudo empírico da Antropologia eram as chamadas sociedades “primitivas” que não possuíam escrita. As primeiras informações a respeito destas sociedades, não tinham cunho científico e vinham principalmente de viajantes e missionários. Portanto, no processo de constituição desta ciência foi necessário que o antropólogo, em algum momento, se deslocasse até aquelas sociedades para a coleta de material dentro dos padrões científicos estabelecidos.

Os “evolucionistas civilizados” que estavam entre os primeiros teóricos da Antropologia criaram em seus gabinetes o “selvagem do século XIX”. Este selvagem construído pelos evolucionistas, embora vivendo na mesma época dos seus criadores, era percebido como um ser de “outro tempo”, uma sobrevivência do passado. Esta perspectiva mudou com o florescimento do trabalho de campo na Antropologia. Nesta área, os antropólogos funcionalistas foram bastante eficientes pois realizaram minuciosa coleta de informações, diretamente no local onde se encontravam as sociedades que iam estudar, e

deixaram os resultados de suas pesquisas registrados em suas monografias. Ao contrário dos evolucionistas “de gabinete” e de outros como Boas* que se preocuparam com reconstruções históricas, os funcionalistas se caracterizaram por estudos sincrônicos e particularizantes. Paradoxalmente, as monografias funcionalistas, apesar de congelarem as “sociedades primitivas” no tempo da sincronia, legaram para a história da humanidade o registro de hábitos e costumes de sociedades que já não existem mais ou que tiveram profundas transformações em sua organização social e cultural.

As breves alusões a história da Antropologia servem para lembrar que o uso de métodos e técnicas qualitativos é parte integrante e fundamental do processo de constituição desta ciência, e nem por isso a sua contribuição é menor frente às ciências humanas e sociais. Podemos dizer que as monografias antropológicas funcionalistas, em suas várias vertentes, contêm um outro paradoxo. Elas foram elaboradas com métodos essencialmente qualitativos, mas seus pressupostos teóricos e metodológicos possuem como suporte o positivismo da Escola Sociológica Francesa que conforme já assinalamos, procura atingir a objetividade tomando como modelo as Ciências Exatas.

Ao colocar em cena as monografias funcionalistas da Antropologia tive em vista trabalhar com dois problemas apresentados por elas:

- 1) a articulação entre um microcosmo social e a sociedade mais ampla;
- 2) a velha questão da subjetividade no processo da investigação científica.

* Franz Boas, antropólogo teórico e pesquisador de campo.

Estes problemas são relevantes na medida em que trabalhamos com um pequeno grupo de famílias com um modo de vida muito semelhantes ao nosso.

O problema da articulação entre um pequeno grupo social e o conjunto da sociedade foi enfrentado não apenas pelas monografias clássicas no interior da Antropologia, mas também pelos conhecidos estudos de comunidade.

Estes estudos marcaram a história da Antropologia e da Sociologia no Brasil no século XX, nas décadas de 40 e 50, e procuraram registrar modos de vida que estavam se perdendo com a crescente urbanização e industrialização brasileira. Neste período os trabalhos sociológicos e antropológicos sobre comunidade se confundem. Ambos utilizam basicamente os mesmos referenciais teóricos e metodológicos.

O realce desta proximidade é dado pela comparação de estudos de comunidade no Brasil elaboradas por dois autores, um da área de Sociologia, outro da área de Antropologia, em diferentes décadas.

Em 1953, o sociólogo Oracy Nogueira em comunicação feita na *1ª Reunião Brasileira de Antropologia*, no Rio de Janeiro, aponta que o termo “estudos de comunidade”

na literatura sociológica mais recente, tem assumido, mais ou menos espontaneamente, o sentido restrito de estudo de um grupo local, de base territorial, integrado numa mais ampla e complexa estrutura social, de que é tomado como amostra, pelo autor, para o conhecimento de determinadas situações ou problemas. Tais estudos implicam, pois, a transferência, para o campo de investigação das sociedades mais complexas, de uma perspectiva metodológica que de há muito os antropólogos e etnólogos vinham aferindo e enriquecendo, no estudo das sociedades mais simples, “pré- letradas” ou “primitivas”. O emprego da entrevista e da observação participante tem, em tais estudos, a mesma ênfase que, na pesquisa sociológica tradicional, se dava à investigação estatística e documentária. (Nogueira, 1975, p.171-172)

Ao tratar dos problemas advindos da escolha deste caminho de investigação, Nogueira (1975, p. 179-180) enfatiza que

Sem dúvida nenhuma, a ortodoxia no emprego da perspectiva de pesquisa de que estamos tratando pode levar a trabalhos de nível meramente descritivo e, portanto, cientificamente improficuos. Ademais, o emprego indiscriminado e exclusivo desta perspectiva pode levar ao escamoteamento de importantes fenômenos e a uma visão deformada da realidade social, especialmente quando se leva ao exagero o artifício de considerar isolada e fechada em si mesma uma comunidade que, não obstante viverem seus componentes em interação mais intensa e em mais íntima dependência entre si, está, todavia, integrada numa estrutura social mais ampla e complexa, da qual tanto ou mais que de si mesma depende o seu destino. Assim, o âmbito de muitos fenômenos ultrapassa os limites locais, podendo cobrir toda uma região, todo o território nacional e mesmo ultrapassar os limites deste; a gênese de muitos fenômenos é exterior a comunidade.

Em 1986, portanto trinta e três anos após a comunicação de Oracy Nogueira, a antropóloga Eunice Durham (1986, p.21) em estudo sobre problemas e perspectivas da pesquisa antropológica com populações urbanas, faz considerações muito semelhantes as do sociólogo, quando se refere aos estudos de comunidade.

Os estudos de comunidade permitiram um desenvolvimento particularmente fértil da Antropologia, que encontrava correspondência muito próxima com a investigação de sociedades primitivas. Investigando esses 'pedaços da sociedade', as comunidades, como se fossem aldeias indígenas, era possível utilizar métodos de observação participante, documentação censitária, histórias de vida, entrevistas dirigidas, etc., formulando um retrato multidimensional da vida social e integrando o estudo das manifestações à análise de seu substrato social e econômico. O sucesso desse método fascinou tanto sociólogos como antropólogos, numa época em que a abordagem funcionalista facilitava a aproximação entre as duas disciplinas, explorando as afinidades entre a sociologia durkheimiana e a antropologia social britânica.

Embora privilegiando o campo da Antropologia, Durham (1986, p. 23) realiza as mesmas críticas que Nogueira anteriormente havia feito no campo da Sociologia.

Nas suas diferentes versões, o funcionalismo, pressupondo uma integração das partes no todo, pressupõe também, inversamente, a presença da totalidade nas partes. Desse modo, sua aplicação aos estudos de comunidade implica ver a unidade estudada como

fragmento da totalidade [a sociedade ou a cultura], cujos elementos estruturantes ou integrativos são qualitativamente idênticos ao todo. A comunidade mantém com a sociedade uma relação metonímica e é, por isso, imediatamente relevante para o entendimento da sociedade ou da cultura, embora o conhecimento assim produzido seja, obviamente, considerado incompleto.

Não pretendo aplicar o conceito de comunidade como um grupo circunscrito a uma base territorial. Ou seja, dados sobre o conjunto da vida social como define Nogueira (1975, p. 172)

[...] relativos a uma área cujo âmbito é determinado pela distância a que se situam nas várias direções, os moradores mais afastados do centro local de maior densidade demográfica, havendo entre os moradores do núcleo central e os da zona circunjacente, assim delimitada, uma interdependência direta para a satisfação de, pelo menos, parte de suas necessidades fundamentais.

O conceito de comunidade será utilizado da forma como Nisbet (1977, p. 255) o adotou nos seus estudos sobre a formação do pensamento sociológico.

Ao falar em comunidade, refiro-me a algo muito mais amplo que a comunidade local. No sentido em que é empregado por muitos pensadores dos séculos XIX e XX, o termo abrange todas as formas de relacionamento caracterizadas por um grau elevado de intimidade pessoal, profundidade emocional, engajamento moral, coerção social e continuidade no tempo.

O conceito de comunidade assim exposto nos remete diretamente para a idéia de “comunidade afetiva” de Halbwachs, pois, para lembrar é necessário o testemunho de outros, de quadros de referência fornecidos por grupos nos quais estamos imersos afetivamente como a família.

3.2 ORGANIZANDO O CAMPO ... DE LEMBRANÇAS

Para desenvolver uma pesquisa sobre a transmissão de histórias de família por meio das gerações, era necessário trabalhar ao menos com duas

gerações. Inicialmente pensei em pesquisar avós- tratado como a primeira geração- e seus respectivos filhos casados, que na cronologia adotada pertencem a segunda geração. Pressupunha que tanto os primeiros quanto os segundos teriam mais vínculos com a memória familiar, não apenas em virtude da idade, mas também das experiências acumuladas na criação de uma família.

Porém, no processo de discussão do projeto de pesquisa resolvi acrescentar a terceira geração- a dos netos. Pois que, esta geração por ser mais jovem e muito mais submersa no presente poderia apontar para evidências da permanência e mudança da tradição oral, assim como, o papel desta tradição na família hoje.

O próprio objetivo da pesquisa já impunha alguns critérios na escolha das famílias. Estas teriam que possuir pelo menos um dos membros da geração dos avós (paternos ou maternos) para fornecerem seus depoimentos. Geralmente, a família com a qual entrava em contato - da geração dos filhos - e se dispunha a ser entrevistada, informava previamente quais os membros mais velhos da família que poderiam ajudar na pesquisa por “estarem lúcidos e bem de saúde”. Portanto, na seleção das famílias foi preciso estar atenta aos problemas de saúde e memória dos mais idosos.

Ao acrescentar a geração dos netos no estudo, também acrescentei muitas dúvidas relacionadas à idade dos jovens a serem entrevistados, tal como: qual a idade ideal para obtermos informações sobre o passado de uma família por meio de um jovem? Tinha algumas pistas de resposta na minha própria família*, e foi a ela que recorri nos primeiros passos da pesquisa.

Em 1994, elaborando um trabalho sobre a relação entre Memória e História pedi às minhas sobrinhas que fizessem um pequeno diário relatando histórias de nossa família, se isto fosse prazeroso para ambas. A mais

* Ao usar as expressões “minha família” ou “nossa família” estou me referindo aos meus pais, e as famílias da minha irmã e do meu irmão.

velha tinha então 16 anos e a mais nova, 13 anos. Não disse o que deveriam escrever, tão pouco as razões que me levaram a fazer o pedido. Sem direcioná-las, desejava saber o que elas estavam entendendo por histórias de família. Depois de algum tempo, minha sobrinha mais jovem atendeu a solicitação na forma de uma carta.

A carta referia-se a histórias de um passado muito próximo e as histórias contadas por seu avô (meu pai) que diziam respeito a um passado bem mais distante. Estas histórias falavam de um mundo onde minha sobrinha ainda não existia, e que, no entanto, lhe era bem familiar por meio dos relatos que escuta do avô desde a mais tenra idade. A possibilidade das minhas sobrinhas lembrarem das histórias contadas por meu pai é imensa, quer se tratem de família ou qualquer outro assunto. Muitas das histórias escutadas por elas, o foram também por mim e meus irmãos. Estas histórias contadas e recontadas fazem parte da nossa herança familiar.

Fatos, pessoas e personagens que alimentam a memória da nossa família podem ser evocados a qualquer momento por um de seus membros. Quando nos reunimos, basta que um de nós pronuncie o nome de um personagem de antigamente ou desenterte algum episódio nunca esquecido, para que as lembranças comecem a ser desfiadas.

O passado e os mortos se fazem presentes e por meio deles caminhamos por entre dois mundos: o mundo dos vivos e o mundo mortos. Mortos que podem ser ressuscitados a qualquer instante por meio das nossas recordações.

O interesse das minhas jovens sobrinhas por histórias de família as vezes me provocam uma certa sensação de anacronismo.

A mesma impressão de anacronismo está relacionada à insistência da nossa família em cultivar certos valores que parecem estar fora de

uso desde a década de 60, que ficou conhecida como um marco na “revolução dos costumes no mundo ocidental”. Naquela época, assim como hoje, meus pais exigiam o respeito a hierarquia entre os membros da família, que por sua vez implicava no reconhecimento das diferenças dos papéis exercidos por pais, filhos, avós e netos. A diferença dos papéis era marcada essencialmente pelas relações assimétricas entre pais e filhos e entre avós e netos. Como corolário do respeito a hierarquia cultivavam o respeito a autoridade. E no exercício da disciplina buscavam o cumprimento dos deveres com afinco.

A sociedade mudou e junto com ela a família também se modificou. Minha família não ficou a parte desse processo de mudança. No entanto ainda procuramos cultivar certos valores que consideramos essenciais, como aqueles que foram apresentados.

Abordados desta forma, as normas e valores transmitidos por meus pais e incorporados por nós, seus filhos, mais se assemelham ao regime disciplinar de um quartel. Mas os princípios do “regulamento familiar” na casa dos meus pais eram - e são- basicamente aqueles já mencionados. Entretanto a forma de transmitir valores e normas eram variadas. Podiam ser duras reprimendas e castigos como a proibição de alguma coisa que se apreciava muito, ou fortes palmadas com chinelo nas mãos do “infrator”. A famosa surra com cinto não existia na nossa família.

Havia também uma maneira mais branda e divertida de se aprender regras e valores que era justamente por meio das histórias de família narradas por meu pai. Nestas os mortos mais prosaicos e mais exóticos podiam ressuscitar para servir de exemplo aos vivos.

Os conselhos tanto poderiam vir das falecidas Tia Rita - dona de casa, “moça velha”^{*} e “filósofa” - assim como, de Dona Perozé - uma ilustre

* “Moça velha”: expressão muito comum utilizada no nordeste para designar mulheres que não casaram. Tem o mesmo significado da expressão “ficar no caritó”.

professora da cidade de Tutóia. Os conselhos também advinham de animais que adquiriam o dom da fala pela imaginação do meu pai. Do mesmo modo que nas fábulas de Esopo, os eruditos gatos Cicica e Verdiano e a teimosa mula Catingueira, eram chamados ao mundo dos humanos para nos dizer da importância do estudo e dos perigos da teimosia exacerbada.

O relatos e comentários feitos sobre a minha família se confundem com a minha própria história. Consciente ou inconsciente, explícita ou implicitamente influenciaram na escolha do tema de estudo, na formulação do problema, na escolha do objeto a ser investigado e no processo de pesquisa. Por mais que eu tente esconder as marcas da minha história pessoal, valendo-me da utilização dos tempos impessoais de verbos como constata-se, verifica-se ou observa-se; por mais que eu use toda a literatura teórica e metodológica disponível das ciências sociais para garantir a objetividade requerida pela pesquisa científica, mesmo assim, as marcas da minha subjetividade estariam impressas neste trabalho. O problema da subjetividade da e da objetividade, sempre abordado nos antigos manuais de metodologia científica, e hoje transformado em objeto de análise, me acompanhou durante toda a feitura deste trabalho. Isto tinha uma razão de ser.

Como sempre tive fascínio por histórias de família, em vários momentos da pesquisa perguntava-me se o grande valor que eu atribuía a memória familiar era um fenômeno meramente individual, ou era um fato social que dizia respeito não somente ao meu grupo familiar mas a outras famílias.

É essencial inquietar-se com as questões subjetivas que perpassam um trabalho que se pretende científico. Mas convém não esquecer que sensações, primeiras impressões, pré- noções constituem também a matéria prima da reflexão científica. Todavia, para que a pesquisa ou o estudo adquira o caráter de ciência é necessário que se trabalhe este material conforme as regras do método científico. Sem isto não haveria nenhuma distinção entre o senso comum e o conhecimento científico e não existiria razão de ser da ciência. Durkheim (1978,

p. XVI) alertava que “as maneiras de pensar mais habituais são antes contrárias do que favoráveis ao estudo científico dos fenômenos sociais e, por conseguinte, é preciso desconfiar sempre das primeiras impressões, - eis o preceito que sempre se deve ter em mente.”

Porém, o próprio Durkheim (1978, p. 37), um fervoroso defensor da objetividade, na recém nascida ciência da sociedade, tratando das “regras do método sociológico” afirma

Uma vez que podemos, pela sensação, alcançar o exterior das coisas, é lícito afirmar, em suma: a ciência, para ser objetiva, não deve partir de conceitos que se formaram sem ela, mas da sensação. É aos dados sensíveis que deve diretamente tomar os elementos de suas definições iniciais. E, com efeito, basta saber em que consiste a tarefa da ciência para compreender que não pode proceder de outra maneira. [...] É da sensação que se desprendem todas as idéias gerais, verdadeiras ou falsas, científicas ou não. O ponto de partida da ciência ou do conhecimento especulativo não poderia, pois ser senão idêntico ao do conhecimento vulgar ou prático. É somente em seguida, na maneira pela qual esta matéria comum passa a ser elaborada, que começam as divergências.

Há algum tempo, o fantasma da subjetividade, que aterrorizava os sociólogos treinados rigidamente nos cânones positivistas, passou ele próprio a objeto de estudo da Sociologia. Durkheim, inspirado no positivismo de Comte, talvez sequer imaginasse que a subjetividade poderia algum dia sair dos domínios da Psicologia e penetrar na seara da Sociologia como foco de análise. No entanto, o próprio Durkheim, que tanto insistiu em especificar o campo de investigação da Sociologia, mostrando as diferenças desta em relação à Psicologia e a outras áreas do conhecimento admite no prefácio da segunda edição de *As Regras do Método Sociológico*:

nossas fórmulas estão, é claro, destinadas a ser reformadas no futuro. Resumo de uma experiência pessoal e forçosamente restrita, deverão necessariamente evoluir à medida que se for adquirindo uma prática mais extensa e aprofundada da realidade social. Além disso, com relação ao método, nunca se pode fazer mais do que algo provisório, pois ele se modifica à medida que a ciência avança.

O reconhecimento das mudanças nas teorias e nos métodos, quer venham da parte de Durkheim ou de qualquer outro cientista social, não significa que os problemas que deram origem a estas mudanças tenham sido resolvidos.

A Antropologia, por exemplo, que historicamente sempre esteve envolvida com a questão da subjetividade do pesquisador, principalmente em virtude da especificidade do seu objeto de estudo, ainda não conseguiu resolver as inúmeras dificuldades que a permeiam. Apesar da controvérsia entre método qualitativo e método quantitativo não ter se instalado na Antropologia, em seu interior há uma ampla discussão do tema da subjetividade que interessa a todos os estudiosos da sociedade.

Em quase toda a história da Antropologia, sequer a utilização intensiva da técnica da observação participante* a livrou das dificuldades e dos impasses postos pelos métodos e técnicas qualitativos, nos quais a subjetividade encontra terreno fértil para se desenvolver. Um dos aspectos mais importantes da técnica da observação participante é a convivência do pesquisador com a coletividade pesquisada, e a sua participação nas atividades cotidianas dos “nativos”. Isto favorece um alto grau de envolvimento entre pesquisador e pesquisado.

Na Sociologia, Queiroz (1987, p. 49-50) ao tratar dos tipos e características das técnicas qualitativas abrangidas pelo relato oral aborda o problema da subjetividade da seguinte maneira

No século atual, a Sociologia, apoderando-se da psique também como seu campo de estudos, estendeu seu âmbito até os sonhos, durante muito tempo considerados algo de exclusivamente pessoal; encarou-os como representações simbólicas do relacionamento do indivíduo com seus semelhantes e com sua sociedade. Englobou, em seguida em seus estudos, o inconsciente, vendo-o como o repositório das agressões e das opressões do meio social e, portanto, material revelador para a análise de controles e coerções. Finalmente, foi se orientando também

* Malinowski não foi o primeiro antropólogo a realizar trabalho de campo intensivo, mas foi o primeiro que sistematizou esta técnica do ponto de vista teórico, técnica que ficou conhecida como observação participante.

para a subjetividade, isto é, para a faixa interior que parecia mais próxima do biológico porque carregada de afetividade, implicando por isso mesmo um caráter marcadamente individual. [...] Nesta caracterização se consubstanciaria a oposição entre subjetivo e objetivo; este último encerrava características válidas para todos os indivíduos porque exterior a eles, enquanto o primeiro permaneceria encerrado no íntimo do indivíduo, formado pelas qualidades que lhe seriam exclusivamente peculiares. No julgamento subjetivo de um indivíduo estariam as marcas de suas impressões, de seus gostos, seus hábitos, seus desejos e aspirações, única e fundamentalmente seus, inconfundíveis com os dos demais.

Neste mesmo estudo a autora aponta para o aparente caráter individual das impressões subjetivas, pois mesmo que

o subjetivo seja entendido como as sensações intraduzíveis, ainda assim é próprio dos indivíduos tentar compreendê-las primeiramente, e transmitir aos outros o que compreendeu; porém, ao fazê-lo, forçosamente utiliza os mecanismos que tem a sua disposição e que lhe foram dados pela família, pelo grupo, pela sociedade.

A tarefa de colher lembranças através de relatos orais vai nos colocar inevitavelmente diante da subjetividade tanto do indivíduo pesquisado quanto do pesquisador. A subjetividade perpassa todo o processo de pesquisa, e também está presente na escolha das famílias que foram entrevistadas. Entretanto, isto não significa que não possa existir um mínimo de controle sobre os componentes subjetivos existentes em todo o desenvolvimento da pesquisa.

Todos os problemas apontados por Nunes (1978) e os outros autores da *Aventura Sociológica*, também marcaram presença na minha pesquisa. Nesta aventura costumam aparecer basicamente dois tipos de dificuldades a vencer.

Uma delas refere-se a aquele tipo de problemas que os antigos manuais de pesquisa teimam em ignorar. Como por exemplo, a escassez de recursos materiais, falta de auxiliares na pesquisa ou problemas do cotidiano do pesquisador. Estes por sua vez, podem compreender problemas sérios de saúde, a cobrança da família por mais atenção justamente quando você não pode dá-la, e

até os “mais dramáticos” - quando um vírus entra no seu computador e destrói os arquivos da sua tese e não há cópias deles.

Uma estudante de pós-graduação de Antropologia, Heye (1978, p.129-131) descreve suas agruras de pesquisadora dizendo que “[...] Ruth Benedict não menciona como é difícil despachar filhos para colônia de férias a fim de ter tempo de fazer entrevistas [...]” e observa que todos os envolvidos na pesquisa esperavam e exigiam que ela cumprisse os deveres familiares, sociais, e acadêmicos. Como se não bastassem estes problemas, a autora contraiu tuberculose na época da pesquisa, que foi vista pela família e pelos colegas como consequência do seu “envolvimento com a favela” que estudava.

Como retrata Da Matta (1978, p. 24), nesta fase da pesquisa, “[...] nossa preocupação muda subitamente das teorias mais universais para os problemas mais banalmente concretos.”

Outras dificuldades dizem respeito ao processo da pesquisa em si. Achar grupos familiares dispostos a serem entrevistados foi um dos obstáculos com o qual me defrontei, sendo que isto parece ser muito comum nas pesquisas sobre família.

Ao entrevistar uma família, mesmo que se tome todas as precauções possíveis para não se criar nenhum constrangimento para os envolvidos na situação de entrevista, é sempre uma espécie de invasão da privacidade das pessoas quando se colhe relatos de vida. Conforme o tipo de família podemos até presenciar, sem que queiramos, fatos que dizem respeito apenas ao grupo familiar, que poderíamos chamar de “segredos de família”. Por estes motivos não é muito fácil encontrar membros de uma família, e de três gerações, dispostos a falar da sua história familiar, ou de sua história de vida.

Nos trabalhos sobre família nos quais se utilizam depoimentos ou histórias de vida como técnicas de pesquisa, geralmente o pesquisador faz um relato da cautela que teve na abordagem das pessoas que compunham o grupo

familiar. Também relatam situações delicadas que mesmo sendo previsíveis pelo pesquisador, não há como evitá-las, como por exemplo, o choro de velhos que recordam (Bosi, 1979). Existem ainda relatos nos quais os membros da família que se opõem a pesquisa criam propositadamente situações constrangedoras para o pesquisador (Salem, 1980).

Considerando estas dificuldades, o problema e os objetivos formulados previamente no meu projeto de pesquisa, fui procurar as famílias para entrevistar na minha rede de relações mais próximas.

Moro desde 1981 em um antigo bairro da zona oeste da cidade de São Paulo e leciono em uma Universidade no Vale do Paraíba, desde 1982. Habitar e trabalhar num mesmo local por vários anos propicia o envolvimento mais estreito com pessoas e lugares. Nas duas cidades, fiz amigos e criei vínculos, principalmente com as pessoas que estão há mais tempo nestes dois lugares. E foi nestes locais que fui buscar as famílias para serem entrevistadas.

No local em que trabalho comecei a comentar entre os professores a minha proposta de pesquisa. Falava da necessidade de encontrar famílias com três gerações nas quais tivessem pessoas dispostas a dar depoimentos sobre a história familiar. Ao mesmo tempo que expunha o projeto à alguém, procurava verificar se a sua família atendia ao critério das três gerações exigido pelo objetivo da pesquisa. Se atendia ao critério convidava a pessoa para participar do trabalho. As vezes, pessoas que não tinham na família as três gerações indicavam aquelas que possuíam. Adotei a mesma estratégia com conhecidos e amigos do bairro onde moro em São Paulo.

Nas duas situações, a reação ao convite foi muito semelhante. Houve pessoas que o aceitaram prontamente e se dispuseram a entrar em contato com o restante da família. Houve também pessoas que queriam participar, mas em suas famílias não existia nenhum dos avós ou os netos eram muito jovens, com a idade variando entre seis a dez anos. Outros disseram que iam conversar com a família e desviaram a conversa para outro assunto. Ainda houve aqueles que

concordaram com a entrevista marcaram o dia para fazê-la e depois a desmarcaram várias vezes.

Das pessoas que foram contatadas por mim ou por conhecidos meus, oito se habilitaram a participar das entrevistas, todos eles da segunda geração*. Mas apenas cinco foram entrevistados e me apresentaram os membros da primeira e da terceira geração das suas respectivas famílias.

Acabei por levantar informações de três gerações de quatro famílias, com um total de quatorze pessoas entrevistadas. Os entrevistados de uma família residem em um antigo bairro da região oeste da cidade de São Paulo, e os entrevistados das outras três famílias residem em uma antiga cidade do Vale do Paraíba.

Escolhidas as famílias, selecionei os membros da terceira geração em função do entrevistado da segunda geração que havia se habilitado à entrevista. Como somente um dos membros dos casais da segunda geração foi entrevistado, apenas na terceira geração eu soube qual linha de ascendência dos avós transmitia a história familiar e como ela ficava retida na memória dos mais jovens. O motivo pelo qual apenas um membro da segunda geração foi entrevistado se deve ao fato dos pais do outro cônjuge não estarem mais vivos, estarem com problemas de saúde, ou não quiseram dar seus depoimentos.

Definidas as famílias a serem escutadas, outra dificuldade foi marcar as entrevistas principalmente com os membros da segunda e terceira geração. É importante mencionar isto porque este tipo de dificuldade, de certo modo aponta para uma determinada maneira de viver destas pessoas.

Dos cinco entrevistados da segunda geração – três homens e duas mulheres - todos trabalham. Deste total, dois são professores de

* É conveniente lembrar que na cronologia estabelecida a primeira geração corresponde aos avós, a segunda geração aos filhos e a terceira aos netos.

universidades privadas; um é professor de universidade pública; um artista plástico e um é artista gráfico.

A geração dos netos - composta por cinco entrevistados - também é bastante ocupada. Os dois mais jovens estão terminando o primeiro grau e têm outras atividades fora da escola como desenho, informática e inglês. Há um estudante de terceiro grau, que faz dois cursos simultaneamente e realiza estágio. Os jovens com mais idade já terminaram o terceiro grau e trabalham na suas respectivas áreas de formação.

As dificuldades encontradas para marcar as entrevistas com a geração dos avós foram mínimas em virtude do seu modo de vida. Foram entrevistados quatro avós - três mulheres e um homem. As mulheres são viúvas e todas são donas de casa. Duas tem o primeiro grau* incompleto e a outra o segundo grau completo. O único homem entrevistado desta geração tem o cônjuge com problemas de saúde. Ele é funcionário público aposentado e tem o primeiro grau completo.

Os ambientes sociais nos quais as famílias foram escolhidas propiciaram um conjunto de famílias bem homogêneo não só com relação a instrução e ocupação mas também ao tempo de casamento. Na geração dos avós o menor período de casamento é de trinta e dois anos e o maior é de cinquenta e três anos. Na geração dos filhos o menor período de casamento é de vinte anos e o maior é de trinta e um anos.

Um outro fator favoreceu a homogeneidade do grupo de famílias que de certo modo independe da ocupação, instrução e o tempo de casamento. É possível que esta homogeneidade tenha se configurado no momento em que a proposta de estudo era apresentada. Provavelmente aqueles que se habilitaram a participar da pesquisa, assim como aqueles que convidaram e aceitaram o convite, julgaram que suas famílias tinham o perfil requerido da proposta.

* Primeiro grau completo corresponde aos antigos primário e ginasial.

Trabalhar com uma população que pertence ao mesmo meio social do pesquisador sempre acarreta alguns problemas, principalmente quando há o uso de técnicas qualitativas que permitem o aprofundamento da relação entre pesquisador e pesquisado.

A esse respeito, Queiroz (1953, p.12-13) ressalta

Se o sociólogo é, [...], um membro do grupo, que assim conhece do interior, ele mesmo terá uma opinião, uma atitude, do qual pode não ter muita consciência, diante do problema que pretende estudar. Analisar sua atitude pessoal por meio de um depoimento honesto, em que sejam expostas não somente sua própria opinião, experiências e comportamentos, como também as opiniões, experiências e comportamento das pessoas em cujo círculo vive, é alcançar, por meio do melhor conhecimento de si mesmo, maior objetividade para a pesquisa em vista; a análise permite- lhe desvendar tendências que ignorava ou que não levava em conta; consciente da existência delas, poderá vigiá-las e evitar que deformem os dados no ato da colheita. Por outro lado, este depoimento enriquecerá o acervo de dados sobre o problema que estuda. A escolha do informante também está diretamente presa ao problema pré-formulado. O informante tem de ser alguém em cuja vida e atitudes se possa estudar a questão [...].

Entretanto, nada garante que haja mais objetividade quando o pesquisador aplica técnicas qualitativas em pesquisas com grupos, sociedades ou culturas completamente diferentes da sua. Já em 1922, quando publicou sua monografia, Malinowski (1975, p. 39-40), ao sistematizar a técnica da observação participante, alertava sobre a maneira da apresentação dos resultados da pesquisa científica.

Os resultados da pesquisa científica, em qualquer ramo de conhecimento, deveriam ser apresentados de uma maneira absolutamente imparcial e franca. Ninguém sonharia fazer qualquer contribuição experimental à ciência física ou química, sem apresentar uma exposição detalhada de todas as condições dos experimentos; [...] Considero que as únicas fontes etnográficas de valor científico indiscutível são aquelas nas quais podemos claramente estabelecer uma distinção entre, de um lado, os resultados das observações diretas e das declarações e interpretações dos sujeitos, e, de outro lado, as inferências do autor, baseadas no seu bom senso e percepção psicológica. [...] Na etnografia, o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador, ao passo que as suas fontes são, sem dúvida, facilmente acessíveis, mas também extremamente evasivas e

complexas: não se encontram incorporadas em documentos escritos, materiais, mas no comportamento e na memória de homens vivos. [...]Uma breve descrição das atribuições de um etnógrafo, tal como eu mesma as vivi, poderá esclarecer melhor a questão do que o poderia qualquer longa discussão abstrata.

O extremo cuidado de Malinowski com a coleta e o registro dos dados, na busca da objetividade e da neutralidade, podem até padecer de um positivismo ingênuo, como também seus pressupostos teóricos e metodológicos podem ser questionados. Entretanto, os problemas surgidos do seu cuidadoso e minucioso trabalho de campo continuam servindo como material de reflexão para os cientistas sociais até hoje.

Os riscos da subjetividade estão sempre presentes, seja o objeto da investigação próximo ou distante do investigador. Na proximidade, há o risco de se deixar de lado questões que lhe são muito familiares e portanto julgadas como conhecidas, o que nem sempre é verdadeiro. No distanciamento, parece que quanto maior ele é, também torna-se maior o risco do preconceito e do etnocentrismo.

Há uma vasta bibliografia sobre questões metodológicas nas ciências sociais que compreendem as mais diversas tendências teóricas e abordam os mais variados tipos de problema na pesquisa científica. Porém quando saio desse mundo de papel e “ponho os pés no campo” vale não só o meu conhecimento teórico que é indispensável. Quando se está em contato com este homem de “carne e osso”, que é o indivíduo pesquisado, além das teorias é fundamental o *anthropological blues* de Roberto Da Matta; a “imaginação sociológica” de Wright Mills e o “providencial bom senso” de Nunes (1978, p.13).

Sobre o *anthropological blues* Da Matta (1978, p.30) faz a seguinte reflexão quando trata do trabalho de campo

Seria, então, possível iniciar a demarcação da área básica do *anthropological blues* [grifo meu] como aquela do elemento que se insinua na prática etnológica, mas que não estava sendo esperado.

Como um *blues*, cuja melodia ganha força pela repetição das suas frases de modo a cada vez mais se tornar perceptível. Da mesma maneira que a tristeza e a saudade (também *blues*) se insinuam no processo de trabalho de campo, causando surpresa ao etnólogo. É quando ele se pergunta, como fez Claude Lévi-Strauss, “que viemos fazer aqui?” Com que esperança? Com que fim? [...] Seria possível dizer que o elemento que se insinua no trabalho de campo é o sentimento e a emoção. Estes seriam para parafrasear Lévi-Strauss, os hóspedes não convidados da situação etnográfica.

Para Wright Mills (1975, p.12), “a imaginação sociológica nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade. Essa é a sua tarefa e a sua promessa.”

Em estudo mais recente sobre o método sociológico, Bourdieu (1998, p.694-695) propõe modelos para pesquisa de campo

Só a reflexividade, que é sinônimo de método, mas uma *reflexividade reflexa*, baseada num “trabalho”, num “olho” sociológico, permite perceber e controlar no *campo*, na própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza. Como pretender fazer ciência dos pressupostos sem se esforçar para conseguir uma ciência de seus próprios pressupostos? Principalmente esforçando-se para fazer um uso reflexivo dos conhecimentos adquiridos da ciência social para controlar os efeitos da própria pesquisa e começar a interrogação já dominando os efeitos inevitáveis das perguntas. O sonho positivista de uma perfeita inocência epistemológica oculta na verdade que a diferença não é entre a ciência que realiza uma construção e aquela que não o faz, mas entre aquela que o faz sem o saber e aquela que, sabendo, se esforça para conhecer e dominar o mais completamente possível seus atos, inevitáveis, de construção e os efeitos que eles produzem também inevitavelmente.

Em contraste com a exposição deste sociólogo, o pensador brasileiro Gustavo Corção (1967, p.66-72) na crônica *Onde um gato é gato* elucidada melhor alguns dos pontos destacados sobre a tradição oral, o senso comum e a ciência, ao tratar do seu cotidiano como cientista, engenheiro e astrônomo, que sempre primou pela clareza e objetividade. Corção reconhece a importância do conhecimento e do rigor científicos e a sua diferença diante de outras formas de conhecimento. Chama a atenção o modo como ele redescobre e aprende a valorizar a sabedoria antiga contida na tradição, mostrando o

entrelaçamento entre a ciência e o senso comum, quando vai descerebrar um gato, em delicado e complexo procedimento cirúrgico.

Ao ver seu amigo biólogo solicitar ao servente que lhe trouxesse um gato e tendo sido atendido prontamente, surge a constatação de que o amigo biólogo sabia que o animal recebido era um gato por tradição, da mesma forma que o servente o sabia; isto é, porque um dia, seu pai havia lhe mostrado e contado que aquele bicho de pelo macio e lustroso, cauda longa e unhas afiadas era um gato. “O critério científico só aparecia depois de um imenso depoimento familiar”

O cronista termina sua história com o seguinte comentário: “na verdade, quem precisasse de um critério rigorosamente científico para reconhecer cada coisa, acabaria precisando de um também para dar bom-dia à sua mãe.”

4 UMA HISTÓRIA PUXA OUTRA

4.1 FAMÍLIA 1

1ª Geração: D. Lia, 86 anos, viúva, foi casada durante 53 anos com o Sr. Lineu, teve 2 filhas: Luísa e Léa

2ª Geração: Luísa, 59 anos, professora universitária, casada há 31 anos com Luigi, 60 anos, empresário, têm 4 filhos: Luciana, Leonardo (não é casado e tem uma filha), Lara (falecida) e Luiz . A neta de Luísa se chama Larissa.

3ª Geração: Luciana, 26 anos, agente de turismo, era noiva quando foi entrevistada. Está casada há 1 ano com Ricardo.

4.1.1 A história de Luísa

Nasci em Queluz. Naquela época, uma cidade muito pequena do interior do estado de São Paulo, que começou a se desenvolver com a rodovia Dutra; ela estava sendo construída quando nasci. Morei em Queluz até os seis anos de idade mais ou menos. Depois nós saímos de lá e fomos para Dolores do Indaiá, uma cidadezinha do Estado de Minas Gerais. Ficamos lá um ano. Talvez deva ter saído com cinco anos de Queluz porque com sete anos eu entrei na escola em Londrina. Nós saímos de Minas e fomos para Londrina, no Norte do Paraná. Papai era fiscal do Banco do Brasil e foi inaugurar uma agência lá. Estava começando o surto do café no norte do Paraná. Ficamos nove anos em Londrina, quase dez. Tenho ótimas lembranças de lá. Hoje eu vi uma placa de "alugam-se casas térreas" e veio na minha cabeça uma casa térrea que eu conheci no Paraná. Era um tipo de casa de madeira chamada "macho e fêmea", que tem muito em Curitiba, com uma varandinha, sala, dois quartos, banheiro e cozinha. Foi numa casa dessas que começamos a vida em Londrina. A casa era linda, era linda...

Eu gosto muito de falar a respeito das casas aonde morei, por perceber a influência grande que os ambientes tem sobre nós. Eu tenho uma ligação muito forte com os ambientes físicos, alguns deles ficaram bem marcados na minha memória. O lugar mais distante que a minha lembrança consegue alcançar é um sítio. Eu nem sei qual a idade que eu tinha nessa ocasião, talvez uns 3 ou 4 anos. Lembro de um sítio que o papai arrendou numa espécie de zona rural de Queluz, principalmente para ter gado de leite. Naquela época era um

bom negócio ter gado leiteiro. Este sítio ficava perto da Serra da Mantiqueira, tinha uma grande área de mata virgem que era uma reserva florestal. Ali havia um mato cerrado, denso. Eu e minha irmã tínhamos muito medo deste mato porque ali havia um pássaro que gritava ao cair da tarde. Me lembro que eu via o sol se pondo atrás da serra, e quando a escuridão cobria a mata, o pássaro cantava. Mas o canto parecia um grito horrível de uma pessoa. Eu e a minha irmã ficávamos apavoradas com esse grito.

Desse sítio, guardo também a lembrança de uma casa feita de pau-a-pique feita com pedaços de adobe. Pau-a-pique são varas de bambu trançadas que são preenchidas com barro e adobe. Os tijolos eram feitos de barro amassado com capim e depois moldados e postos para secar. Era uma casa muito velha não tinha forro só telhado. Lembro que eu e minha irmã tivemos sarampo quando morávamos lá. Era uma época de chuva e como o telhado era muito velho havia muita goteira dentro de casa. A mamãe empurrava as camas no quarto de um lado para o outro para evitar que a goteira nos atingisse, porque nós estávamos com sarampo, com febre, e não podíamos tomar chuva. Quando não tinha mais o recurso de mexer com as camas, mamãe colocava sobre nós a capa gaúcha do meu pai. Era uma capa enorme de lã que ele usava para sair de madrugada para ordenhar as vacas e reunir o gado. Os homens do interior geralmente usavam esta capa. Essa é uma das lembranças mais antigas que eu tenho das casas em que nós moramos.

Depois disso nós mudamos para mais próximo da cidade de Queluz mesmo. E lá nós fomos morar numa chácara que se chamava de chacrinha. Essa chácara tinha uma casa muito bonita, muito simples, com chão de tábuas largas que eram lavadas com sabão de cinza e areia. Quando aquele assoalho secava, aquelas tábuas ficavam tão brancas, tão brancas... era tão fresca aquela casa! Uma casa alta, muito gostosa. Não me lembro da divisão dela, apenas que ela tinha uma porta de frente e duas janelas e era toda decorada com umas coisas que a mamãe fazia.

A mamãe era muito caprichosa, bordava muito bem. Todas as janelas tinham cortinas bordadas por ela. As nossas colchas, as almofadas das nossas camas era tudo bordado por ela. Os meus babadores, imagina! ainda os tenho guardados. Tenho comigo quase todos os bordados. Mamãe também fazia crochê muito bem. Tenho conservado um jogo de sala de visita de crochê que é uma perfeição. Há uma toalha maior e uma menor. As toalhinhas do jogo são verdes, são indescritíveis; tem um miolo da toalhinha que é verde, um verde lindo. A linha é lindíssima, porque naquele tempo as linhas vinham todas da Inglaterra ou dos Estados Unidos. As linhas importadas daquela época geralmente não perdiam a cor. Os bordados da mamãe já foram lavados inúmeras vezes e em todos estes anos as cores das linhas ainda estão perfeitas. Em todo lugar a gente via o toque da mamãe, o capricho dela, também porque naquele tempo as mulheres faziam isso e ela era muito prestimosa e fazia tudo muito bem.

Eu me lembro muito bem da casa da chacrinha. Ao lado da casa havia uma cuieira, uma árvore que dá cuia, cabaça. Embaixo dessa árvore papai

fez um banco, e nesse banco a mamãe sentava para bordar. Uma cena que eu tenho na minha cabeça é mamãe no final da tarde sentada naquele banco bordando. Esta casa tinha uma cozinha grande onde havia uma escada com três ou quatro degraus de cimento que davam para um quintal, e a uns vinte passos desse quintal passava o Rio Paraíba, Quéluz é cortada pelo Rio Paraíba. Eu ficava esperando papai chegar do serviço, não me lembro o que ele fazia, mas ele chegava e eu dizia para ele que eu só comia se tivesse peixinho. Então ele pegava uma vara e ia pescar lambari para mim. No quintal havia um cômodo grande, que era separado da casa mas ficava bem próximo dela, devia ser um tipo de quarto de despejo. Eu não me lembro bem, só lembro que a empregada passava roupa ali numa mesa tosca, e era nesta mesa que o papai limpava os peixinhos. Esta moça, Helena, já passava sal no peixinho e fritava para mim. Eu comia ali mesmo com arroz e feijão, era muito gostoso. Eu me lembro muito bem dessa casa.

Eu chamava Helena, a moça que ajudava mamãe, de Nenena. Ela ficava conosco quando meus pais iam para a cidade ou viajavam. Nestas ocasiões Helena eu costumava assustá-la, fugindo para o fundo do quintal aonde passava o rio e tinha um ingazeiro. Era uma árvore enorme assim como a sua raiz na terra. Mas a galhada do ingazeiro se estendia toda para cima do rio e pegava um bom tanto do rio. Eu subia pelos troncos grossos, ficava em cima deles e ia até quase a metade da galhada da árvore. Helena ficava embaixo do ingazeiro, desesperada. Eu não sabia nadar, mas não tinha medo do rio, e achava lindo ficar lá de cima olhando a água correr lá embaixo. Nenena não contava para mamãe minhas estrepolias.

A casa da chacinha tinha um jardim na frente, plantado com flores antigas, malva, monsenhor. Você sabe o que é monsenhor? É uma flor que parece com crisântemo amarelo, é um crisântemo miúdo mas ele tem um perfume de flor de procissão do interior. No jardim tinha crisântemo, malva, gerânio, mas não esse gerânio pendente que tem hoje em dia, era um gerânio caipira. Havia também roseira e as dalias que eu e o papai adorávamos. As dalias eram amarelas, aquelas dalias gordas, redondas, repolhudas e tinha também um pé de jasmim e de laranjeira. Havia também um pé de uma flor que a gente do interior chama sinhá-nêga. Ela tem um perfume delicioso, eu me lembro que a noite nós sentíamos o perfume daquelas flores.

Também me recordo que existia um morro em frente no qual morava uma velha louca que costumava ir à nossa casa. Ela chegava na nossa casa e perguntava para a mamãe: "tem café meu bem?" E mamãe dava a ela café com bolo. Eu tinha muito medo dela porque ela era desdentada, mas é só do que eu me lembro da velha.

Porém, lembro da mamãe fazendo bolo de fubá na panela de ferro no fogão de lenha. Havia uma chapa de ferro por cima da panela e as brasas iam em cima. O bolo assava em cima devido ao calor destas brasas e por baixo, através do fogo que vinha do fogão. Ah! como era bom aquele bolo de fubá que mamãe fazia para nós! O papai fazia manteiga. Era uma vida muito gostosa.

Depois da chacinha viemos embora para a cidade, pois papai arrumou um emprego lá . Fomos morar numa casa muito gostosa também, com luz elétrica e água encanada, o que não havia nas casas da Pitangueira e da chacinha. Esta casa era grande com um quintal enorme. É engraçado que eu não me lembre bem das casas por dentro nesta época, mas eu me lembro de fora das casas. Esta, por exemplo, tinha uma porta e duas janelas que davam de frente para a rua. Lembro-me que tinha um pé de café e quando a mamãe tinha dor de cabeça eu corria para lá. Pegava as folhas de café, esquentava na chapa do fogão e punha na testa dela e amarrava um lenço porque eles diziam que isso era bom para dor de cabeça, não sei porque, eu me lembrava de fazer isso.

Lembro que mamãe pegou o hábito da família do meu pai de fazer a sesta. Em uma destas sextas foi a ocasião em que, pela primeira vez na minha vida, consegui descascar uma laranja sozinha. Esperei minha mãe ir deitar e peguei uma faca de cozinha, colhi uma laranja, fui descascá-la e cortei o meu dedo. Foi um cortinho de nada, mas ardia por causa da laranja. Agüentei firme a dor do dedo cortado e não falei nada pois era proibida de pegar a faca. E o medo de apanhar? Tenho estas lembranças tão nítidas!

Depois dessa casa fomos para outra, porque nós vivíamos em casa de aluguel, vencia o contrato e muitas vezes nós tínhamos que mudar.

Mudamos para uma casa que ficava em frente a estrada, quase em frente a estação de trem, próxima de um cinema e de uma praça que se chama Praça Portugal. Aonde ficava o cinema era praticamente o centro de Queluz. Próximo do cinema ficava o fórum e um pouco mais para a frente ficava a Usina Vigor, local onde o papai trabalhava. Na esquina abaixo da nossa casa ficava a farmácia do Zezé. Ele era farmacêutico, mas na verdade era o médico da cidade, porque médico mesmo não existia. Também tinha a cadeia, aliás acho que foi a cadeia que se transformou no fórum posteriormente.

A mamãe tinha um casal de amigos - Dona Mariinha e José Sávio - ele era o único dentista que existia na cidade. Tinham uma filha chamada Lúcia e essa menina era muito danada. Brincávamos juntas; mas ela era rica e eu não. Quando brigávamos ela virava para mim e dizia "eu vou dizer para o meu pai mandar o soldado te prender". Aquilo era o quanto bastava para eu sair voando para dentro de casa e me esconder embaixo da cama apavorada. Eu me lembro dessa menina; mas, não lembro da minha única irmã que é alguns anos mais velha do que eu.

Acho que nessa época, minha irmã estava em Taubaté. Como Queluz não tinha escola, ela morava na casa dos meus avós e estudava no Colégio Bom Conselho, naquela época era o melhor colégio da região do Vale do Paraíba, talvez por isso que eu não me lembro dela. Nessa época, eu devia ter uns cinco ou seis anos.

Quando papai casou com a mamãe, ele foi trabalhar como fiscal sanitário do leite. Não havia emprego, a recessão era medonha e a única coisa que ele conseguiu foi esse cargo de fiscal sanitário. Ele trabalhava na indústria do leite em Queluz. Naquele tempo todos os fazendeiros da região

vendiam o leite para a usina processar, engarrafar e vender o leite. O presidente do Banco do Brasil havia comprado uma fazenda em Queluz onde criava gado de raça e também vendia o leite para a usina. Um dia, o papai virou todo o leite dele no ralo porque tinha água. Ele mandou buscar o papai para pedir explicações do fato e perguntou:

-Porque o senhor fez isso?

Meu pai respondeu: porque o seu leite estava "batizado". Esse homem ficou encantado com a têmpera do papai.

A filha do presidente do Banco do Brasil gostava muito da mamãe e das roupas que fazia para ela. Como não tinha estudo, mamãe, para ajudar nas despesas, sózinha aprendeu a costurar.

Quando a Dutra não estava pronta ainda, esta moça e o marido vinham do Rio de Janeiro para Queluz de trem. Ao chegarem, uma charrete os esperava para levá-los à uma fazenda que ficava na Serra. Porém, quando chovia, a estrada da Serra ficava perigosa e eles dormiam na nossa casa. A mamãe e o papai cediam o quarto deles ao casal para melhor acomodá-los. O casal ficava feliz com esta cortesia e a moça dizia à mamãe:

-Lia vou pedir para o meu pai arrumar um emprego para o Lineu no Banco do Brasil.

Em um dos aniversários desta moça, o pai perguntou à ela o que ela queria de presente. Ela disse:

-Eu quero que você ponha o Lineu no Banco do Brasil. E ele nomeou o papai.

Este momento da vida da nossa família em Queluz não foi dos mais fáceis. Sentíamos as conseqüências da guerra que abalavam o mundo. Faltava farinha de trigo. Fazia-se bolinho de polvilho, bolacha, doce, nós achávamos aquilo horrível. Estávamos acostumados com o pão de sal. De madrugada eu e minha irmã levantávamos e íamos atacar a dispensa onde a mamãe guardava as cestas com "quitanda".

No período do pós guerra, já estávamos em Minas e papai empregado no Banco do Brasil. Na realidade este período não chegou a ser ruim, tínhamos dinheiro. As coisas eram muito simples mas nunca nos faltou nada. Tínhamos os bens básicos e uma boa alimentação. Mamãe era muito caprichosa, criativa; nossa comida era muito gostosa e bem feita.

Na verdade o começo da nossa melhora de vida foi a partir da entrada do papai no Banco do Brasil. Naquele tempo, quem era funcionário deste Banco tinha um enorme prestígio. Tivemos carros e casas. Mamãe teve jóias lindíssimas, faqueiro de prata, tudo que você possa imaginar. Quando fomos para Londrina, eles puderam até me mandar estudar interna em um Colégio de freiras em Jaboticabal. Mas antes de irmos para Londrina, papai foi designado para trabalhar em Dores do Indaiá, em Minas Gerais.

Papai foi para Dores do Indaiá e nós fomos para a casa do meu avô em Taubaté. Quando papai recebeu o primeiro ordenado mandou para a nossa viagem à Minas. Mamãe mandou fazer umas roupas para nós, mas ela mesma fez um vestido para mim e outro para minha irmã Léa, igualzinhos, de seda branca de bolinha vermelha, a coisa mais linda desse mundo. Nessa época eu já lembro de minha irmã. Eu tenho uma fotografia nossa com essa roupa. Mamãe também mandou fazer um vestido para nós de seda cor de rosa bordado em ponto de cruz com rosinhas coloridas. Lembro tanto desse vestido como se fosse hoje. Era lindo! eu adorava esse vestido. Mamãe mandou fazer para ela um robe de cetim azul com um quiosque. Não. O robe com quiosque era o da minha madrinha. Acho que o robe da mamãe tinha um ramo de flores bordado. As nossas roupas eram lindas, porque nesta época tínhamos recursos. Em comparação com outras épocas, papai estava ganhando uma fortuna. Nem se sabia o que fazer com tanto dinheiro.

Foi neste hotel que eu aprendi descascar chuchu. Eu vivia na cozinha desde aquele tempo. Aprendi a fazer viradinho a mineira olhando as cozinheiras fazendo. Eu via as cozinheira descascando chuchu e quando fui descascar aquela gosma grudou toda na minha mão e elas me ensinaram a passar óleo antes. Foi um tempo muito bom, era uma delícia.

Do hotel, nós fomos para uma casa. Essa casa eu me lembro muito bem. Era um bangalô, uma casa pequena, novinha, aconchegante, estilo norte americano que depois ficou sendo muito comum aqui no Brasil. Tinha uma escada que levava a uma varanda, contígua à sala. O acesso aos quartos se fazia pela sala. Atrás ficavam a cozinha, um banheiro e uma dispensa.

Papai mandou fazer no marceneiro toda a mobília da casa em estilo tirolês. Você conhece aquela madeira branca com aqueles corações entalhados? Pois bem, a sala de jantar, as nossas camas, os nossos guarda-roupas e a mobília do quarto do papai e da mamãe era toda neste estilo. A casa com toda a mobília entalhada desta maneira era a coisa mais linda desse mundo. Mas nós ficamos muito pouco tempo ali. Acho que isso se passou em 1946... eu sou de 1938, devia ter uns sete ou oito anos.

Deixe-me contar uma coisa, é um detalhe, mas me marcou tanto.... Eu, mamãe e Léa tomamos o trem em Taubaté para irmos embora para Dores do Indaiá. Eram horas e horas de viagem e com baldeação de madrugada, em Três Corações. Você tinha que ficar na estação esperando o outro trem chegar. Então nós fomos para o bar da estação para tomar café. Eu estava com fome e eles serviram um pão quentinho com manteiga e um cafezinho bem ralinho e quentinho e bem doce. Eu ainda tenho o gosto daquele café na boca, acho que foi a primeira vez que eu tomei café puro na vida.

Papai acabou ficando muito doente lá em Dores do Indaiá. Ele tinha que fiscalizar uma área enorme para o banco e não havia estrada; tudo era feito a cavalo e ele não agüentou. Sofria demais da vesícula, tinha colite. Com este problema sério de saúde acabou pedindo transferência para outro lugar. O Banco o mandou para Londrina instalar a agência do norte do Paraná.

Ao chegarmos em Londrina fomos para o Hotel dos Viajantes. Mamãe fez para nós uns pijaminhas. Era a primeira vez que nós ficávamos em um Hotel de verdade. Chegava na hora da refeição havia aquela mesa enorme onde todo mundo sentava junto como se fosse uma grande família. Como nós não podíamos ficar a vida inteira no Hotel, papai encontrou e alugou uma casa de madeira. A casa era tão bonita! Tinha sala, dois quartos, banheiro e cozinha. A nossa mobília de Minas, com entalhes de coração na madeira, ficou lá, papai vendeu tudo. Em Londrina ele comprou novamente toda a mobília da casa, mas eram coisas simples. Mamãe quando viu a nova mobília disse: “não está bonita”. Ela mandou pintar os móveis de um creme bem clarinho, com os puxadores pintados da mesma cor e os contornos que haviam na madeira com um filete cor de vinho. Olha que criatividade mamãe tinha! Naquela época ninguém fazia essas coisas. Ela comprava aqueles decalques americanos lindos. Conforme o cômodo da casa, mamãe o decorava com estes decalques com estampa de flores, garças brancas, e outras figuras. As nossas casas eram lindas, lindas! Mamãe fazia tapete de pano de saco, toalhas de mesa bordada em pano de saco e emendadas com renda, eram coisas encantadoras. Não tinha quem chegasse na nossa casa e não adorasse. Nós moramos lá bastante tempo.

Mamãe era muito caprichosa com tudo. Gostava das coisas em ordem, e eu e minha irmã éramos meninas muito tranquilas. Na realidade nós duas tínhamos poucas coisas e não dava para ser uma grande bagunça. Cada uma arrumava o seu cantinho. Roupa era pouca, sapato eram dois pares, um par no pé e o outro guardado para ocasiões especiais. Apesar do papai estar numa boa situação financeira, a nossa vida era muito simples. Esta casa foi muito gostosa para nós, tinha um pequeno quintal e o papai mandou fazer uma cerquinha de madeira. Nós plantamos cedrinho encostado na cerca para fazer uma cerca viva. Eu adorava ver aquela planta crescer e o cheiro daqueles cedrinhos.

Ainda em Londrina, papai comprou um terreno e construiu uma casa para nós. Uma casa maravilhosa em estilo colonial americano com uma varanda enorme na frente. Havia um salão enorme, e um cômodo dando para esse salão, que deveria ser um escritório. Havia um quarto para mim e minha irmã e outro para papai e mamãe. Tinha também uma cozinha muito bonita. Desta casa eu me lembro mais ou menos. Lembro mais da estrutura da casa, mas não de ter vivido muito lá dentro, porque foi uma época muito conturbada. Começou a surgir problemas com a minha irmã e problemas de saúde. Não lembro bem desse momento.

Papai não era de nos contar histórias, mas mamãe contava-me histórias infantis e histórias de família. As histórias da família de mamãe eram muito tristes, eram sempre histórias sofridas. Não gostava muito de ouvi-las porque mexia muito com as minhas emoções. Agora, as histórias do meu avô paterno eram lindas. São histórias que mamãe contou e que nós ouvíamos do vovô. A minha madrinha, a irmã de papai, também contava histórias. Mas também eram histórias tristes. Histórias de um grande amor que ela teve e que

não se realizou, histórias de coisas que ela queria fazer e que não podia. Você está vendo como são bonitos os álbuns de piano da madrinha?

Vovô faleceu com uma idade bem avançada, mas até a sua morte permaneceu com uma memória privilegiada. Ele foi criado por um padrinho quando meu bisavô morreu. Lembro-me de pedaços da história da infância do meu avô, contada por ele mesmo; um desses pedaços refere-se ao abandono de suas botinhas de verniz para calçar tamancos; um outro episódio trata de um comerciante que mudou o rumo da vida do vovô. Este comerciante, que era amigo do meu bisavô, possuía muitas chatas que andavam pelo rio Amazonas carregadas de madeira para serem vendidas. Este negociante tinha muita pena de vovô e o chamou para ir embora. Foi assim que meu avô foi parar em Manaus e foi criado por este negociante que tinha uma serraria.

Vovô fez fortuna com a borracha. Naquele tempo rolava muito dinheiro.

A primeira esposa de vovô foi uma moça chamada Lisa, não tenho certeza se este era mesmo o seu apelido e não lembro do seu verdadeiro nome. Há algumas histórias sobre sua morte; uns diziam que ela foi tomar banho no rio e foi morta por um peixe elétrico, outros falavam que ela foi levada por um jacaré.

Eu acho que provavelmente ela estava grávida e foi tomar banho no igarapé depois do almoço. Com isto ela deve ter tido algum mal estar, acabou desmaiando e morrendo. Vovô ficou profundamente triste com a sua morte e continuou freqüentando a casa da família do sogro, porque, como já lhe disse, ele não tinha família.

Eu não recorro em que época a varíola ou a gripe espanhola se instalaram no país. Sei que vovô teve uma destas doenças, acho que foi varíola. Ele ficou muito mal e quem cuidou dele foi a cunhada que era uns dez ou doze anos mais velha do que ele. A cunhada de vovô, a minha avó Ludmila, era apaixonada por ele e quando ele ficou curado da varíola os dois casaram. Desta união nasceram quatro filhos: Lísias, Luís, Lineu e Lília.

A família da minha avó paterna era pobre. Se algum dia a família dela foi rica, eles devem ter perdido tudo porque a vovó trabalhava na máquina de costura para ajudar a criar os irmãos. Dizem que enquanto ela costurava exclamava:

-Um dia eu hei de ser rica e vou conhecer a Europa.

Dizem que todo mundo dava risada das palavras dela.

Pois não é que ela acabou sendo a mais rica deles? Casou-se tarde, com trinta e poucos anos e viveu na Europa não sei quanto tempo; viveu como uma rainha porque o meu avô era um príncipe.

Vovô era proprietário de armazéns e ganhou muito dinheiro negociando com borracha. Meus avós foram poucas vezes à Europa. Mas, se fosse possível reconstituir com detalhes cada uma destas viagens, podia oferecer

à você uma idéia mais precisa da fortuna de vovô. Vou mencionar algumas lembranças destas viagens, que ele próprio contava, apenas para você ter uma noção da opulência daquele tempo.

Nas viagens, eles levavam a dama de companhia da minha avó e alguns professores, como por exemplo, um professor de piano e um professor que falasse as línguas dos países que seriam visitados. Em uma dessas viagens levaram um professor de química.

Com certeza posso dizer que eles estiveram na França, Inglaterra e Portugal. Vovô, sua família e "comitiva", hospedavam-se nos melhores hotéis.

Meu avô, já na maior pobreza, adorava contar que o pessoal em Londres apertava no dente a libra esterlina, que era de ouro, para saber se era verdadeira.

Num período anterior a Primeira Guerra Mundial, vovô fez uma sociedade com o marido de sua irmã. Foi nesta época que ele deixou o cunhado tomando conta dos negócios e foi morar em Portugal. Parece que o cunhado não foi muito hábil no gerenciamento dos negócios, como também estourou a guerra na Europa. Eles voltaram para o Brasil em meio a bombas e submarinos. E foi aproximadamente nesta época que eles começaram a perder, as lojas, os imóveis, tudo.

Depois que começou a decadência financeira da família, eles moraram em vários lugares; no Rio, em São Paulo e acabaram em Taubaté. Acho que por conta do clima, porque a vovó já estava sofrendo de asma.

Meu pai e meus tios tiveram uma educação esmerada. Todos eles tinham noção do francês que era uma língua muito usada na época, mais do que o Inglês. Todos tocavam um instrumento musical. Papai tocava flauta. Lembro-me de uma flauta de prata dele que foi vendida em Queluz para pagar as dívidas do armazém. Tio Lourenço tocava piano muito bem, tio Luís tocava violino e a minha madrinha Lília tocava piano maravilhosamente. Apesar dos problemas financeiros, tio Lourenço formou-se em Medicina e tio Luís em Engenharia Química. Papai queria seguir a carreira militar mas foi impedido por minha avó, e por conta disso não fez nenhuma faculdade.

Tio Luís não casou-se e morava em São Paulo. Tio Lourenço casou-se e residiu uma época em São José do Rio Preto, outra em Santos, até que mudou-se para São Paulo. Ficou muito bem de vida.

Tio Lourenço ajudava meus avós mas era muito esquecido. Ele tinha que mandar uma mesada e esquecia. O aluguel da casa também era por conta dele mas ele esquecia disso freqüentemente. O papai nessa época já era casado, morava em São Bernardo, e lutava com dificuldades para sustentar a família. Mas o papai e a mamãe, apesar das dificuldades, sempre foram o suporte dos meus avós. Depois meus pais foram para Queluz com a minha irmã Léa muito pequenininha e lá eu nasci.

A história da madrinha de Luísa: e... não foram felizes para sempre...

A madrinha foi uma pessoa muito sofrida, mas extraordinária. Ela foi criada como uma princesa num claustro. Não podia ir à cozinha, não podia descer as escadas da varanda para ir brincar no parque que havia na casa dos meus avós em Manaus. Ficava sentada numa cadeirinha, ao lado da minha avó, bordando. Pela manhã, mãe e filha fiavam, teciam, e faziam renda. A tarde a madrinha ia para o Colégio das Irmãs Dorotéias que havia em Manaus.

Ela teve uma educação finíssima, poderia ter casado com um nobre ou um diplomata; mas além de perder o modo de vida que tinha também perdeu o noivo. Ela contava para mim a história do seu noivado desfeito e eu morria de pena, achava a maior tristeza do mundo aquele sofrimento dela. Havia uma desconfiança de que o seu noivo sustentava uma mulher, tinha uma manteúda. Foram contar isto para o meu avô e ele a obrigou a terminar o noivado.

O término do noivado aconteceu junto com a derrocada financeira do vovô e com a saída da família de Manaus para cidades do sul do país. Estes episódios deixaram-na numa tristeza profunda e ela nunca mais teve vontade de casar. Era muito sofrimento. Sem noivo, sem dinheiro sem "status".

Contudo, minha madrinha não esmoreceu, por isso sempre a admirei. Ela nunca havia trabalhado para o seu sustento. Minha avó há muito tempo já não precisava trabalhar para ajudar a família dela. Na mais completa penúria, as duas foram fazer tricô, crochê e bordados para ganharem algum dinheiro. Quando a madrinha e meus avós foram para Taubaté, vovô já estava doente. Minha madrinha além das atividades manuais, lecionava aulas de música e cuidava da vovó, que ficou doente vinte e tantos anos. Depois que vovó morreu ela cuidou também do meu avô até a morte dele.

Após a morte do vovô, ela ficou morando sozinha por algum tempo. Esta situação mudou quando uma empregada deles de muitos anos engravidou. Os pais da moça a puseram para fora de casa e minha madrinha as acolheu, a criança e a mãe. O pai da criança era casado e não quis mais saber da moça. Foi ótimo para a madrinha ter companhia. A criança foi um sopro de vida na sua existência; era como se ela tivesse ganhado uma filha e uma neta.

Esta moça e a mamãe ficaram com a madrinha até ela morrer; pois com a morte de papai, mamãe foi morar com a madrinha.

Uma "nobre plebéia" numa família de "aristocratas plebeus"

Mamãe se dava muito bem com os meus avós. Eles a adotaram como uma filha. Parece que a minha madrinha tinha bastante ciúme de mamãe mas depois elas ficaram amigas. Parece que a vovó também tinha ciúme dela porque o papai era seu filho predileto. Mas com o tempo tudo ficou bem. Meus avós ficaram encantados com a mamãe quando a conheceram porque ela era muito carinhosa.

A mamãe era muito humilde, muito simples, e ela conta que ficava muito envergonhada na frente deles, se achava muito inferior. Acho que minha madrinha esnobou muito a mamãe quando a conheceu. Com o tempo, minha madrinha sentiu na pele o que era passar por necessidades. Foi-se o tempo da fartura. Da riqueza extrema passaram à absoluta pobreza. E nessas horas os meus pais sempre estiveram presentes. A mamãe os ajudou muito pois vovó não tinha muita saúde.

O vovô parou de trabalhar com cinqüenta anos e foi viver as custas dos filhos como era hábito antigamente. Naquele tempo não existia aposentadoria.

Foram tempos muito difíceis. Moravam juntos, meus avós, minha madrinha e uma moça que eles tinham criado, não estou lembrando o nome dela agora. Na verdade era uma espécie de empregada da casa. A Primeira Guerra e o período posterior a ela acarretaram muitas dificuldades, faltava comida, energia elétrica e muitas outras coisas. Outra época que os afetou bastante foi a revolução de 1932, havia muito desemprego. Neste período, meus avós viveram praticamente de vender o resto dos objetos de valor que eles ainda possuíam. E assim se foram jóias e pratarias.

A realidade: a história dos avós maternos

As histórias narradas por mamães sobre sua família eram sempre tristes, e o tom em que ela as contava criavam um clima de sofrimento. Os relatos eram mais ou menos assim: mamãe queria tanto estudar mas ela nunca pode estudar; mamãe queria tanto tratar os dentes mas ela via os seus dentes caírem um por um e não podia tratá-los; mamãe queria tanto comer bolo porém ela não podia comer bolo; mamãe era muito pequena e tinha que cuidar dos sobrinhos que ela mal conseguia carregá-los no colo.

Mamãe e alguns dos seus irmãos moraram com uma irmã casada. O marido da irmã parece que batia neles. Nos relatos de mamãe ele aparecia como uma pessoa muito ruim.

Estas histórias me marcaram de uma maneira muito negativa, por isso quando a mamãe começava a contá-las, eu dava um jeito de desviar o assunto porque eram histórias que me incomodavam.

Os meus avós maternos morreram quando mamãe era muito pequena. O meu avô morreu antes de vovó, ele bebia muito. Minha avó morreu depois, provavelmente de tristeza. Esta minha avó vinha de uma família de nobres da Itália. A mãe dela, minha bisavó, era filha do Conde Massciari, de Nápoles.

A minha bisavó fugiu e casou com um artesão, acho que era um sapateiro. Eles foram para Nova York e ficaram muito ricos. Possuíam garagens de táxi na Quinta Avenida e fábricas de roupas de malha. Mamãe diz que eles foram criados com as peças da malharia que vinham da casa da avó. Não sei como a minha avó casou-se e veio para o Brasil. Tudo que sei da história dos

meus bisavós e avós, sei de “ouvi dizer”, que eu lembre não há documentos, cartas, talvez existam algumas fotografias, mas não tenho certeza. Após o casamento de mamãe, parece que dois irmãos moraram um certo tempo com ela. Mas depois disso mamãe involuntariamente afastou-se da família dela por conta das andanças do emprego do papai. Inclusive as mortes de alguns irmãos ela veio a saber muito tempo depois do falecimento deles.

Quando conheci meus tios maternos já era moça feita. Tive um pouco mais de contato com uma irmã de mamãe que já morreu, tia Lisa.

Todos os meus tios já morreram. Um morreu com um antraz no pescoço; o que era dono de um cassino morreu em um desastre de trem; dois morreram tuberculosos, o que era muito comum antigamente. Acho que eles eram em nove irmãos.

Leonor, a irmã mais velha, tinha filhos mais velhos do que a mamãe. Era casada com aquele português muito ruim que batia neles.

Não sei ao certo os motivos pelos quais não sabemos muita coisa da família de mamãe. Não sei se a mamãe não gostava de falar muito sobre o assunto ou, talvez, nós não gostássemos de ouvir ou não tivéssemos curiosidade em ouvir. Sinceramente, eu nunca tive curiosidade de saber da família dela.

Eu escutava com prazer meu avô paterno que era um arquivo vivo e tinha excelente memória. Mas tenho a impressão que a mamãe misturava muito fantasia com realidade. Muitas das coisas da sua vida aconteceram quando ela era muito pequena.

A história da infância de mamãe, quando seus pais ainda eram vivos, é como um quebra cabeça no qual faltam muitas peças, ou as peças não se encaixam. Talvez pelo fato dela ter ficado órfã muito criança.

Fui criada ouvindo mamãe dizer que seus pais tinham um bar. Mas de repente ela passou a dizer que eles tinham um hotel. Ela descrevia minha avó fazendo pão-de-ló para vender no bar do hotel, meu avô importando barris de uva Itália...Eu não sei qual a verdade. Se era um bar, uma casa grande onde eles moravam, ou, se era um hotel de verdade. Outra coisa que acaba de vir a minha cabeça. Mamãe não estudou, ela foi só até o segundo ou terceiro ano primário, ela queria ser professora e nunca conseguiu. Esta foi uma grande mágoa em sua vida.

As histórias da sua vida são um pouco misteriosas para mim e não tenho clareza dessas histórias e dos períodos em que elas aconteceram. Hoje, talvez estas lacunas fiquem por conta da idade dela pois está com quase 90 anos. Antes, talvez as partes misteriosas estejam relacionadas ao papai, não sei ao certo. Eu acho que papai tinha medo que alguém da família de mamãe viesse morar conosco, porque a família dela era muito pobre. Não consigo entender muito bem o motivo desta preocupação de papai.

Dos meus tios maternos alguns casaram-se e morreram cedo; outros faleceram muito novos, sequer chegaram a casar-se. Os filhos dos meus

tios também foram casando e alguns se deram muito bem na vida. O filho mais velho da tia Leonor ficou muito rico, tinha uma caieira, uma mina de cal. Esta tia era aquela que mamãe morou com ela. Este meu primo, já falecido, era mais velho que mamãe. Ele tinha um palacete no Ipiranga muito bonito e antigo. Esse pessoal eu conheci, porque quando a minha tia Lisa veio nos visitar, ela estava hospedada em São Paulo na casa deles. Então ela me levou junto para São Paulo e eu fiquei três ou quatro dias lá. Foi assim que conheci esta parte da família de mamãe.

Este primo que ficou rico, tem filhas que são médicas, uma delas está nos Estados Unidos. Toda essa ala da família acabou se aprumando como nós nos aprumamos, como eu por exemplo me aprumei. Estudaram, se formaram e hoje muitos são profissionais liberais.

Eu tive pouquíssimo contato com a família de mamãe. Com os familiares de papai houve um relacionamento intenso com os meus avós e a minha madrinha.

Memórias de uma moça bem educada (depoimento escrito pela entrevistada)

Esta parte da minha história começa no início da década de 50; faz muito tempo, é verdade. Mas são daquelas épocas da nossa vida em que acontecem coisas tão significativas, tão marcantes, que parecem ter acontecido ontem. E assim foi, para mim.

Depois de todas as dificuldades do período da guerra e do pós-guerra, com a nomeação de papai para o tão esperado emprego no Banco do Brasil, as coisas começaram a melhorar. E entre as melhorias, a possibilidade do estudo para as filhas, do colégio interno para as moças, do piano em casa, da escola de boas maneiras, do enxoval de linho bordado à mão. Tudo de acordo com o que se deveria encontrar em moças de boa família, à espera do casamento. Mas antes, a educação. Não que fizesse parte do ideal paterno ter filhas formadas, exercendo uma profissão fora de casa; quando muito ser professora, tudo bem, que essa era uma profissão talhada para as mulheres. Mas se não quisessem trabalhar, paciência... melhor era arrumar um bom casamento, e, enquanto este não vinha, as moças iam para o colégio interno, opção correta para os que dispusessem dos recursos necessários.

Colégio Santo André; freiras belgas, toucas brancas plissadas escondendo os cabelos, longos hábitos pretos no calor de Jaboticabal. "Bonjour, ma mère". Domingos na chácara, goiabada no pão, missas na capela, adoração do Santíssimo Sacramento, aulas de francês, pintura e civilidade (etiqueta) e, nos intervalos, o ginásio: Português, Matemática, Ciências, Desenho, Educação moral, Religião, Educação Artística e Francês, inglês e latim. Isso mesmo, Latim. E porque não um pouco de Grego? Afinal, as mães eram políglotas, e era muito bom sair do colégio conhecendo várias línguas; pois não havia o caso da Rosinha, que tinha saído do colégio para casar-se com o embaixador da França? O casamento foi até publicado n' O Cruzeiro.

O enciclopedismo predominava; e entre tantas disciplinas, as humanidades, as artes, a religião, a formar a consciência, a construir a erudição, a refinar o espírito e encaminhar a vida para salvar a alma. No recolhimento do colégio, alheados de tudo e de todos, os dias escorregavam como as contas do rosário entre os dedos.

Entretanto, fora dos muros a vida se agitava, com a política enveredando por caminhos que as mais argutas análises mal conseguiam vislumbrar. Os fatos se precipitavam, como muitos anos depois viemos a saber. Não, entretanto naquele momento; nada deveria perturbar a paz e a ordem do convento. Vargas, pela primeira e única vez, alcançara a presidência pelo voto popular direto, e o país que agora recebia para governar pela segunda vez era um novo Brasil, com uma sociedade estruturada em classes nitidamente diferenciadas e com um processo de urbanização e industrialização fortalecidos, mas des governada pela inflação e envolvida em tramas político-sociais que culminariam com a deteriorização da política getulista e, finalmente com sua morte, a 24 de agosto de 1954.

Missas por intenção da alma do morto ilustre, agora transformado em mártir; novenas e bênçãos do SS. Sacramento, preces à Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. Era o máximo a que se tinha acesso. Alguém sabia o que estava acontecendo? Alguém poderia explicar alguma coisa? Será que domingo poderíamos ir para a chácara? O que será que mudava na vida? O telegrama recebido dizia sumariamente “estamos todos bem; fique tranqüila e continue estudando. Beijos, papai e mamãe”. Mas o que significava isso? Por que não estariam bem? Grande mistério para ser pensado durante as escalas de dó maior ou dos exercícios do Hannon. Aliás, mais um mistério para ser decifrado (o mistério dos telegramas), pois decodificar mensagens cifradas certamente não fazia parte da evidência explícita do cotidiano. “Thereza Elizabeth chegou. Mãe e filha passam bem. Beijos, papai e mamãe”. Mas quem era Thereza Elizabeth? Filha de quem? Quem seria essa mãe? Só se... mas já?! Fazia tão pouco tempo que minha irmã havia se casado! Mas como era possível que ela tivesse tido uma filha, se nem moravam na mesma casa? Então, para ter filho não precisava viver junto, dormir junto... como será que ela tinha feito para “pegar” um filho? Mais um mistério... quem poderia ajudar? E se eu também ficasse esperando um bebê?! Será possível? Rezar resolve? O Espírito Santo ilumina? Melhor perguntar à Madre Maria Júlia. Quem sabe amanhã?, depois da aula de história; ou depois de amanhã, no intervalo da aula de Francês. Certamente que Madre Maria Júlia poderá ajudar a desvendar o mistério. É preciso perguntar: alguém deve revelar o que está tão oculto; alguém deve ter coragem de falar sobre estas coisas; sempre haverá alguém para explicar o que não está sendo bem compreendido; não é assim nas aulas? As mães são tão competentes, nunca deixam nenhuma dúvida; bobagem se preocupar em compreender.

Santas criaturas. Do olhar tranqüilo à voz calma, dos gestos comedidos ao andar sereno e majestoso, as mãos escondidas nas mangas largas dos hábitos, rolando as contas do terço em intermináveis ave-marias e pai-nossos

pelo sufrágio dos pecados seus e do mundo. Sombras etéreas pelos corredores, nos vãos das janelas, na penumbra da capela, nos longos dormitórios, na enfermaria asséptica e gelada. Fontes inesgotáveis de paciência, a jorrar continuamente e derramar-se sobre tudo e sobre todos, em atos de dedicação, de abnegada caridade cuja dimensão nunca foi e provavelmente nunca será (re) conhecida.

Mas, sobretudo, poços de sabedoria. Da teologia à botânica, da filosofia à química, da história da arte às noções de saúde e higiene, do grego ao alemão, passando pelo hebraico e ou pelos dialetos suíços, parecia a mim, naquele tempo, que nada ficava fora dos domínios de seu conhecimento. Não havia pergunta que ficasse sem resposta; e como perguntávamos... e como nos respondiam, com carinho, com paciência, como se pouco a pouco, com a maior satisfação, estivessem nos revelando o mundo, o seu mundo, calmo, limpo, iluminado pela fé, escrito pelas sagradas escrituras e traduzido segundo suas intenções e necessidades.

Toda essa calma transformava nosso convívio diário numa sucessão de encontros educativos, santificados pelas intenções e consolidados pela prática. Conversando ou lendo para as alunas internas no refeitório, “puxando” o terço na vigília do Santíssimo, ou cantando o Agnus Dei ou o Kyrie, suas vozes eram sempre doces, irradiando uma serenidade interior que jamais me lembro de ter observado novamente e, por ter sido tão significativa para a adolescente de quatorze anos, jamais foi esquecida. Às vezes, parece-me ainda ouvi-las, vindas de tão longe pelas estradas do tempo e guardadas tão carinhosamente na alma.

Dentre estas vozes, uma sempre se destaca: Madre Maria Júlia, a encarregada do coral da capela e dos estudos de piano e órgão. Sempre séria, ativa e enérgica, era adorada por algumas alunas e temida por outras, na verdade, pela maioria. Diziam que estivera para casar-se e que fora abandonada pelo noivo, no altar; o desgosto transformara-se em vocação, e assim entrara para o convento. Além das tarefas de música, era também a professora titular de Francês, no ginásio, e de Desenho Pedagógico para as normalistas.

A reflexão me faz voltar no tempo. Estamos em 1951, e eu estou chegando ao Colégio Santo André, em Jaboticabal, depois de uma longa viagem de trem e de avião, vinda de Londrina. À porta, recebendo as alunas e seus pais, Madre Maria Júlia tem no rosto um sorriso amigo e uma palavra carinhosa. Faz com que nos sintamos em casa ou, pelo menos, colabora para que a separação seja menos traumatizante e a solidão menos dolorida. Devo mencioná-la particularmente, pelo muito que representou para meu processo de formação moral e intelectual, embora não me tenha dado conta disso senão muitos anos depois de ter saído do internato. Constato agora o quanto é difícil conciliar a narração dos fatos à análise das experiências; precisaria de uma reflexão mais demorada para identificar de onde vinha sua ascendência sobre nós, seu carisma que nos levava a buscar o melhor desempenho no órgão, durante a missa de domingo, ou a melhor pronúncia de francês durante as aulas, para agradá-la. Da minha perspectiva particular, foram suas posturas pedagógica e filosófica que

mais profundas marcas deixaram na dimensão formativa das minhas experiências.

Carregado de profundo significado, é a presença destas mestras que a memória evoca, quando me detenho numa reflexão sobre a construção de meu projeto existencial. Elas são muitas, e não três ou quatro presenças passageiras e impessoais ao longo do ano letivo. Uma companhia diuturna, uma presença em todos os espaços, uma ajuda em cada dificuldade, um consolo em cada saudade da casa, dos pais, dos avós, deixados lá tão longe e há tanto tempo que, às vezes, até pareciam puro fruto da imaginação. Junto, a marca forte da formação cristã, do ratio studiorum-Ad Maiore Dei Gloriam-estruturando uma educação que ultrapassou o tempo e instalou-se definitivamente como parte integrante do corpo e da alma.

Domesticação, talvez. Alienação, quem sabe. É até possível que o mais execrado hoje, pelos modernos métodos educativos, tenha sido exatamente a “cartilha” pela qual se edificou minha adolescência de menina de colégio interno e, depois, minha juventude.

Compreender e interpretar adequadamente esse período da minha vida significará compreender a projeção do meu próprio eu e as experiências básicas da minha existência.

4.1.2 A história da família contada por D.Lia: tecendo sonhos

A história da vida amorosa do meu sogro foi uma história maravilhosa. Ele mesmo me contou.

O romance com a primeira esposa dele começou no tempo em que inauguraram o teatro na cidade de Manaus, que está lá até hoje. Dizem que o teatro é lindo. Eu não o conheci. Nunca cheguei a ir até o norte.

Meu sogro contava a vida dele para mim muito reservadamente. Ele se apaixonou pela primeira esposa na inauguração do Teatro Amazonas, em um baile. Eu não me lembro da data, dessa data eu não me lembro. Ele deveria ter uns vinte anos e ela uns dezoito. Quando ele caiu doente com maleita (malária) foi se hospedar na casa do amigo que era irmão da moça que ele havia se apaixonado no teatro Amazonas.

Este amigo tinha uma outra irmã mais velha que foi quem cuidou dele quando estava doente. Ele foi muito bem tratado. Mas quando se restabeleceu casou-se com a irmã mais nova. Após sua morte, casou-se com a irmã mais velha. Aquela que futuramente seria minha sogra. Ela era mais velha do que meu sogro mas já tinha se apaixonado por ele. Naquele tempo ninguém falava nada sobre este assunto.

Meu sogro ficou casado apenas três meses com a primeira esposa, pois aconteceu uma tragédia. O casal passava os finais de semana numa casa que eles possuíam a beira do Rio Amazonas. Na casa tinha um banheirinho

em cima do rio. Uma espécie de comodozinho feito em madeira que tinha um buraco no piso. As moças entravam ali, pegavam água através do buraco e tomavam banho de cuia.

Numa dessas ocasiões que ela estava tomando banho, o sabonete dela caiu e ela mergulhou naquele buraco para pegá-lo. Ela nadava muito bem, mas nisso passou um peixe elétrico que lhe deu uma descarga elétrica e a matou. Meu sogro não estava lá. Ele havia se despedido dela pela manhã e tinha ido para a loja, que costumava ser aberta às sete horas da manhã. Quando soube da morte da esposa caiu desmaiado e não assistiu ao enterro.

Dizem que demoraram muito para encontrar o corpo, e quem o fez foi um caboclo amazonense que trabalhava em um seringal. Ele disse assim:

-Deixa que eu vou achar esse corpo. Pegou uma cuia, limpou bem, acendeu uma vela e colocou na cuia e deixou-a deslizar na correnteza. Feito isto, o caboclo falou:

-No lugar que essa cuia parar e ficar rodando pode procurar no fundo que está lá o corpo da moça.

E estava lá mesmo, já pensou!

O meu sogro ficou arrasado com a morte da primeira esposa.

Como ele não tinha família ficou muito apegado com a família dela. Ele ficou só três meses casado. Quando a moça morreu já estava esperando o primeiro filho.

Tempos depois, meu sogro pegou variola e foi tratado novamente pela cunhada, que como eu já havia dito era mais velha do que ele, provavelmente uns dez anos.

Quando ele ficou bom, lhe disse:

-Vou lhe dar a minha mão de esposo. Ele era muito educado e usava expressões como esta, que hoje em dia são pouco habituais. Meu sogro respeitava muito a cunhada mas quando a pediu em casamento não a amava como a primeira esposa. A primeira esposa é quem foi o amor da vida dele.

Ludmila, a cunhada já era apaixonada por ele. Meu sogro me fez estas confidências quando eu já era casada com seu filho mais novo, Lineu.

Era muito amiga do meu sogro. Era como uma filha para ele, e como eu não tinha pai o chamava de papai. Ao dizer boa noite eu beijava a sua mão e tomava a bênção, naquele tempo era assim...isso a quantos anos atrás? 1930? ? Acho que sim.

Tem um fato interessante na família do meu sogro que eu esqueci de contar. É o cruzamento da família dele, Lopes Prado com a família Prado Lins.

O meu sogro Leonardo tinha uma irmã chamada Leda. Eles eram da família Lopes Prado.

Lins. Léo tinha uma irmã chamada Ludmila e eram da família Prado

Leonardo se casou com Ludmila e Leda se casou com Léo, que tornou-se sócio do meu sogro.

Do casamento de Leda e Léo nasceram Lindolfo, Lorena e Loreta.

Da união de Leonardo e Ludmila nasceram Lísias, Luís, Lília e Lineu.

Este último é o meu marido. Ele era o “Benjamim” da minha sogra, o filho mais novo. Ela dizia, o meu “Benjamim”. Você lembra da história Bíblica, dos filhos mais amados de Jacó – José, o mais velho e Benjamim, o mais novo?

Meu sogro viajava muito para Buenos Aires. E numa dessas viagens, o Lineu nasceu e o meu sogro estava lá. Ele fazia loucuras nestas viagens. Comprava jóias e presentes para a esposa e para os parentes mais próximos.

O nome da filha - Lília - também tem relação com Buenos Aires. Lília era uma cantora que ele conheceu lá. Minha sogra não gostou muito, mas naquele tempo as esposas eram muito submissas. A menina ganhou este nome e ficou por isso mesmo.

Meu sogro foi muito rico, ele tinha uma loja. Acho que o nome da loja era “O Profeta”. Eram doze portas de frente, os artigos todos importados. Havia também duas portas laterais, naturalmente era uma loja de esquina. Ele primeiro foi empregado de uma loja e depois ele montou a sua própria. Fez fortuna no tempo da borracha, exportando-a. Eu tenho uma fotografia da casa que ele construiu. Todo o material era importado, o piso veio da Rússia.

A família fazia turnês pela Europa e quem os ciceroneava era o diretor do colégio dos meninos. Tinham paixão por Paris e até hoje tenho guardado o livrinho de francês dele. Meus sogros, acho que Lília também, moraram quatro anos em Lisboa na principal avenida desta cidade. A tarde, meu sogro costumava ir à “baixa” onde ficava o Chiado, que pegou fogo a poucos anos. O Chiado era uma casa de comércio, a maior de Lisboa. Nas redondezas ficavam as violeiras passeando com suas cestas de violetas para vendê-las aos transeuntes. Meu sogro, bonito, elegante, educado e preparadíssimo, sempre levava violetas para minha sogra.

Meus sogros saíram de Manaus e vieram para o sul por duas razões: primeiro porque os filhos estavam estudando no Rio de Janeiro e minha sogra ficou sem vê-los por quase cinco anos. Em Manaus o máximo que se poderia almejar era terminar o ginásio, então meus sogros mantiveram os filhos homens no Rio de Janeiro até se formarem.. Tinham quatro filhos, três homens e uma menina. Um formou-se em medicina, o outro engenheiro químico e o meu marido queria seguir a carreira militar, era o sonho dele. Não deu certo e acabou

não se formando embora fosse muito preparado. Meu marido e meus cunhados sempre estudaram em excelentes colégios. A outra razão da vinda para o sul foi a queda da borracha. Nesta época, ele deixou o cunhado e sócio tomando conta da loja, o mesmo procedimento tomado quando estive em Portugal.

Aconteceu que começaram a produzir borracha no exterior. Além disso, levaram mudas de seringueiras brasileiras para terras estrangeiras que se deram muito bem por lá. A partir deste momento, o comércio da borracha não parou de cair.

Com a crise, meus sogros acabaram perdendo tudo. Vieram morar em Taubaté porque minha sogra era muito asmática, vivia mais na cama, porém, meu sogro era um homem de muita saúde, morreu com 93 anos e meio, completamente lúcido.

A minha filha Luísa e minha neta Luciana tiveram muito contato com ele e minha cunhada. As meninas eram sua paixão. Luísa herdou um faqueiro de prata que até hoje usa em jantares formais.

Meus sogros tinham apenas mais uma neta do seu filho mais velho que era médico, chamava-se Liliane. Há muitos anos que não temos mais contato com a família. Desde que meu cunhado faleceu, não temos notícias da mulher e da filha dele. Moravam em Santos. O meu cunhado vivia muito afastado dos pais e irmãos. Ele tomava conta de uma creche em Santos. Dedicou-se a pediatria e era muito estimado lá, tanto que, quando faleceu a Prefeitura de Santos doou um terreno no cemitério e mandou construir um túmulo maravilhoso para ele. O outro cunhado que era engenheiro químico morreu solteiro. Meus sogros e seus filhos são todos falecidos. Com exceção do médico, todos estão enterrados em Taubaté no túmulo de família, em um cemitério particular dos frades. Quem primeiro faleceu foi a minha sogra. Meu sogro ficou muitos anos viúvo morando com a filha Lília, que era a paixão dele, a única mulher entre três rapazes.

Quando meus sogros e minha cunhada ainda eram vivos, nós tínhamos um sítio em Taubaté e conseguíamos reunir a família do meu sogro, embora isto não fosse muito freqüente. Eles me estimavam muito.

A história de Lília

Lília era minha cunhada e madrinha de Luísa. Uma pianista maravilhosa. O seu piano era estrangeiro assim como as freiras do colégio em que estudou doze anos, um colégio de freiras suíças em Manaus. Além disso, falava muito bem francês, porque as irmãs falavam nesta língua com as alunas.

Lília nunca se casou. Ela tem uma história muito triste que se passou em Manaus. Apaixonou-se por um rapaz e chegou a ficar noiva dele. Muito fino, dava a ela jóias maravilhosa. Um dia foram contar para o meu sogro que o seu futuro genro tinha uma filha com uma mulher em Manaus. Ele obrigou Lília a desmanchar o noivado e não a deixou casar com o rapaz. A história

contada à meu sogro era verdadeira. Mas que importância tinha isso? Hoje em dia não ia se desmanchar um noivado por esse motivo.

Depois disso ela nunca mais quis saber de noivado. Quando vieram suas sobrinhas dedicou-se muito a elas. Na família das minhas filhas todos a chamavam de madrinha Lilia, embora ela fosse madrinha apenas de Luísa. Já comentei com você que Lilia era o nome de uma cantora que meu sogro conheceu em Buenos Aires. A minha sogra sempre teve isso mais ou menos engasgado na garganta. Mas ela era uma pernambucana daquelas de estirpe, não fazia comentários a respeito do assunto. Ela devia ter muito ciúme do marido, pois era uns 10 ou 11 anos mais velha do que ele.

Lilia também criou a filhinha da empregada dela, mas a moça a abandonou. Justamente nesta época minha cunhada não estava bem de saúde. Como não tinha alguém para cuidar dela, fiz isto por três anos, até ela morrer. Sepultei-a em um caixão branco porque era virgem. Tinha 82 anos quando faleceu.

Muita coisa da vida familiar dos meus sogros nós ficamos sabendo por intermédio da minha cunhada e do meu próprio sogro.

Não tive ainda oportunidade de contar estas histórias para os meus netos porque a vida deles hoje é muito diferente. Eles tem uma vida mais corrida e agitada. Mas eles sabem que a família dos avós paternos era muito unida, muito unida mesmo, sempre foi.

Os avós italianos

Meu avô era o Conde Giussepe Massciari. Ele morava com a família em um castelo feudal nos arredores de Nápoles. Nos porões do castelo, suas moedas de ouro eram guardadas em vasilhames que variavam de meio a dez litros. Todos os anos se contava esta fortuna. Havia muitas pessoas trabalhando nas plantações do meu avô. O castelo foi torpedeado na primeira guerra mundial.

Meu avô materno, não queria o casamento da filha com um plebeu, um artesão que fornecia sapatos a casa real. Mas foi uma paixão fulminante entre os dois. A única irmã de minha avó ajudou-os a fugir e se casarem; minha avó foi deserdada e seu nome era proibido de ser falado.

Na primeira grande guerra minha avó e um filho conseguiram fugir para os Estados Unidos e se estabeleceram em Nova York. Tinham uma fábrica de tecidos e malhas.

Os pais

Minha mãe se chamava Laura Massciari Castelano e meu pai Lourenço Castelano.

Não sei ao certo como meus pais vieram parar no Brasil. Parece que vieram em um navio de imigrantes sem pagar nada. O navio parece que era da mesma cidade de origem dos Matarazzo. Eles eram imigrantes como os Matarazzo e outros italianos que hoje são riquíssimos no norte do Paraná, são fazendeiros de café.

Meus pais se estabeleceram em Vila Americana, fundada por americanos, que hoje é a cidade de Americana. Até o cemitério deles era separado.

Minha avó descobriu o paradeiro dos meus pais através do consulado italiano e mantinha correspondência com minha mãe.

Meus pais morreram quando eu era muito pequena. Primeiro foi meu pai e logo em seguida minha mãe. Quando ela faleceu, minha avó enviou um emissário para buscar entre os meus irmãos os dois que tivessem mais aptidão para o estudo, para serem criados nos Estados Unidos. Mas o meu irmão mais velho que era muito amoroso não deixou que isto acontecesse. Ele disse que tinha nos criado até aquela data e ia continuar criando. Este irmão e uma irmã que haviam casado muito cedo acabaram nos criando. Este meu irmão morreu depois que eu já estava casada.. Fiquei sabendo destas coisas que aconteceram na minha família muito pequena, mais ou menos com seis anos. Meus irmãos mais velhos contavam as histórias dos meus pais para mim.

Minha mãe teve onze filhos. Tive pouquíssimo contato com meus pais. Eles faleceram quando eu era muito criança. Papai faleceu no dia 22 de abril e minha mãe nas vésperas do Natal do mesmo ano.

Eu e minha irmã mais nova ficamos internas em um colégio em São João da Boa Vista. Foi muito bom porque nós éramos muito crianças e aprendemos bastante coisas lá, até maneiras a mesa. Foi um período maravilhoso. Anexo ao colégio ficava a casa do Padre Josué onde nós morávamos. Ele tinha adoração por nós duas. O padre tinha uma cadeira cativa num dos camarotes do teatro de São João da Boa Vista, pela qual ele não pagava nada, era só dele.

Nossa vida nessa época lembrava muito aquela história das Pupilas do Senhor Reitor, porque era assim: acabava o jantar, a gente ficava por ali até chegar às oito horas para irmos ao cinema. Ele botava a bengala debaixo do braço e lá íamos nós. Não perdíamos uma noite de cinema.

Lembro que um dia fomos assistir um filme de terror, nós não éramos obrigadas a assistir, mas fomos. Não sei se o filme era sobre aquele crime de Cravinhos, ou se fomos assistir ao filme logo quando aconteceu o crime e passou no noticiário do cinema. Eu senti tanto medo que, quando nós voltamos do cinema, eu tirei meu sapatinho, tirei minha meia coloquei-a no bolsinho, para não demorar e me enfiar depressa na cama. Este crime a que me referi aconteceu no mesmo ano que ficamos órfãos.

Eu e minha irmã ficamos uns dois ou três anos neste colégio e depois meus irmãos mandaram nos buscar. Esse período nos serviu muito nas

nossas vidas. O padre era um homem muito educado, muito fino, as refeições eram servidas de acordo com toda etiqueta.

Os irmãos

Nós éramos em onze irmão, dois deles morreram bebês. Ficamos em nove: Leonor, Madalena, Martinho, Basílio, Hércules, Maximiliano, Lisa, Cesar e eu.

Depois que meus pais morreram, eu e uma de minhas irmãs ficamos internas em um colégio em São João da Boa Vista. Saímos de lá e os nossos irmãos mais velhos que já eram casados acabaram de nos criar. Antigamente casava-se muito cedo e os dois eram muito jovens ainda. Depois que casei, vieram morar comigo os dois irmãos mais novos, Lisa e Cesar.

O Maximiliano foi morar em São Paulo e trabalhava como barbeiro no Mappin. O Hércules foi o que mais estudou, era muito inteligente e preparado, só não tinha o diploma de engenheiro. Essa estrada Rio-São Paulo foi ele que fez. O engenheiro passava uma vez por mês nas obras apenas para assinar a papelada. Mas foi o meu irmão quem fez a estrada, era inteligentíssimo. A minha filha Luísa é muito parecida com ele.

O Martinho era o dono do Cassino da Prata perto de Poços de Caldas. O cassino ficava em um lugarejo chamado Vila da Prata onde tinha uma estação de águas, Águas da Prata. Ali havia muitos cassinos, mas o meu irmão era o dono do melhor cassino, freqüentado por ricos que vinham de todos os lugares do Brasil.

Meu irmão também jogava. As vezes ele chegava em casa, deitava a mulher dele na cama e a cobria com aquelas notas de quinhentos mil réis. Mas quando era outro dia, perdia tudo no jogo, vinha sem nada, coitadinho! Minha cunhada acostumou com essa vida. Eles viviam da renda do cassino.

Lembro que havia uns dormitório no cassino e eu ficava em um deles cuidando da minha sobrinha que naquela época era um bebezinho. Eu era novinha, tinha uns 12 ou 13 anos e tomava conta da nenezinha enquanto a minha cunhada ficava pelos salões de jogos.

Meu irmão e a mulher andavam muito bem arrumados. Ele tinha aqueles ternos de linho chamado de linho cento e vinte. As pessoas andavam muito bem vestidas. Só gente muito rica freqüentava a estação de águas.

Eles ficaram bastante tempo com o cassino, até meu irmão falecer em um acidente. Ele comprou um carro e foi dirigindo até uma cidadezinha vizinha para experimentá-lo. Levou um amigo que sabia dirigir muito bem. Nesta viagem aconteceu a fatalidade, meu irmão não tinha experiência como motorista e deixou o carro morrer em cima da linha do trem, quando justamente passava uma composição. Na batida morreram ambos, meu irmão e o amigo.

O acidente foi medonho. Este irmão tinha sido padrinho do meu casamento e eu estava recém casada morando no Rio na casa do meu sogro. Foi o primeiro que morreu, depois foi o Basílio.

Os meus irmãos faleceram muito jovens. O Martinho morreu com 30 anos aproximadamente. O Basílio morreu de um tumor que apareceu no seu pescoço.

De todos os meus irmãos, sou a única sobrevivente.

O casamento : ...e foram felizes para sempre

Eu tinha um pretendente muito rico, era filho do dono da fábrica de louça Porto Ferreira, apaixonou-se por mim perdidamente. Eu tinha 16 anos mas não tinha nenhum encanto por ele.

Casei-me novinha, com 18 anos. Foi uma vida conjugal maravilhosa de 53 anos e meio. Não nos separamos um dia sequer. Celebramos nossas bodas de ouro na fazenda. Até hoje eu sinto falta do meu marido. Eu o perdi em vinte e quatro horas.

Lineu, antes de nos casarmos, morava e trabalhava em São Paulo, era chefe de uma seção na Rádio Telegráfica Brasileira. Ele era excelente em Geografia, conhecia detalhes de recantos do mundo inteiro, e foi por isso que ele assumiu esse posto. Por exemplo, chegava uma pessoa e queria passar um telegrama para um lugarejo da Finlândia; ele sabia onde ficava a cidade.

Ele morava com meu irmão Basílio no mesmo quarto, em uma pensão só para rapazes. Lembro até hoje que a pensão ficava na Rua Aurora Nº150.

Um dia, meu irmão tirando a roupa da maleta deixou meu retratinho cair no chão. O Lineu disse:

-Quem é ?

Meu irmão respondeu:

-Essa é minha querida irmãzinha Lia.

Foi uma paixão fulminante. O Lineu me escreveu uma carta e mandou o retratinho dele. Eu gostei dele pela fotografia.

Meu irmão também me mandou uma carta dizendo que o Lineu estava apaixonado por mim e que havia pedido à ele minha mão em casamento.

Fiquei noiva por fotografia. Fiquei comprometida. Naquele tempo, o noivado não era brincadeira, não se desmanchava o compromisso tão fácil.

Eu residia em Itu, morava na casa da minha irmã. Nós viemos a nos conhecer pessoalmente no Natal de 1930. Foi emocionante. Ele telegrafou dizendo que iria chegar naquela noite com o trem da Paulista, que naquele tempo

parava em Itu. Fui recebê-lo com os meus sobrinhos, aquela cambadinha curiosa que queria saber quem era o noivo da tia Lia.

Quando ele chegou na estação perguntou:

-Você é a Lia ?

Eu disse que sim. Nos conhecemos pessoalmente e ficamos apaixonados um pelo outro.

Nos casamos em Itu em 22 de maio de 1930. Eu o conheci no Natal e em maio já estava casada.

Antes disso meu irmão me levou para São Paulo. Fiquei hospedada na casa do irmão do meu noivo que era médico e trabalhava lá. Fui para comprar o enxoval. Geralmente comprava-se peças mais moderninhas na Casa Mappin e na Casa Alemã. Porém com mais ou menos 10 anos as meninas já começavam a bordar peças para o enxoval.

Eu me desfiz das cartas que ele enviava. Mas ainda há umas fotografias com esta dedicatória: a minha querida noivinha Lia.

Até hoje tem na chácara uns versos, no meu livro de recordações, que ele fez para mim, quando minhas filhas eram meninas. Quando me deparei com ele escrevendo no meu livrinho perguntei:

O que você está escrevendo?

Ele disse:

-Estou escrevendo estes versos para você ler quando for bem velhinha.

Chorando, D. Lia recita os versos que o marido escreveu para ela:

De Lineu para Lia

Para minha querida esposa ler quando ela for bem velhinha

*Estás velha meu anjo,
estás velhinha,
nada te resta mais,
da antiga graça.
A velhice é raposa minha amiga,
ninguém sabe quando ela se aproxima.
Vês teus cabelos, flocos de geada,
estás magrinha, trêmula, curvada,
mas não te entristeças não;
pois eu te vejo ainda, fresca, rosada e linda.
Pois eu te vejo ainda, ó misterioso amor,
quando tu me deste a mocidade em flor.*

4.1.3 A história da família contada por Luciana

A história que eu sei é a seguinte: minha mãe morava com meus pais numa casa de esquina. Uma casa que depois de casados meus pais moraram. Mesmo depois que nós nascemos eles moraram muito tempo nesta casa. Um dia a minha mãe ia sair com uma amiga. Esta amiga e a turma das duas passaram nesta casa para buscá-la, e foi justamente neste dia que meus pais se conheceram. Meu pai estava se entrosando nesta turma porque não havia muito tempo que ele havia chegado ao Brasil e a esta cidade. Meu tio Leandro, irmão do meu pai, já trabalhava aqui.

Resumindo, neste mesmo dia que a minha mãe conheceu o meu pai, ela chegou em casa e falou para o meu avô: "pai, hoje eu conheci o homem com quem eu vou me casar."

Parece que depois disso ela foi numa mulher que lia a sorte por meio de um copo com água. Neste lugar, minha mãe escutou que ia mesmo casar com o papai.

Nós sempre fomos muito poupados das coisas tristes que aconteciam na família. Doenças como o câncer, não pronunciávamos sequer o nome. Uma das poucas histórias que sei de doença na família foi a morte do meu avô materno, tuberculoso, presenciada por minha avó e amigos. Acho que naquele tempo as crianças tinham mais convivência com a morte e com as coisas ruins da vida.

Nunca sabíamos de fatos considerados imorais, como alguém que casou grávida, ou alguma coisa que fugisse aos padrões.

A vida da tia Léa, a única irmã de minha mãe, tem uma aura de mistério. Hoje vejo que a sua vida foi meio destrambelhada. Nunca soubemos o que aconteceu com ela e o por que. Os dois filhos do seu primeiro casamento foram criados pela minha avó e minha mãe.

Os parentes prediletos

Eu amava de paixão o tio Leandro, irmão mais velho do meu pai, tenho uma lembrança muito forte dele. Quando éramos pequenos, ele sempre vinha jantar conosco e trazia um saco com balas, doces e chocolates que podíamos comer a vontade. Independente disso, gostava demais do meu tio e senti muito a sua morte.

Meus pais tinham regras rígidas a respeito de alimentação. Não se tomava sorvete, uma barra de chocolate era dividida entre mim e meus irmãos e refrigerante só era permitido em dia de festa. Tínhamos que comer coisas saudáveis.

As histórias infantis contadas pelos pais

Quando éramos crianças ganhamos um aparelho de som que permanecia no escritório e era comandado pelo pai. Foram instalados alto falantes em nossos quartos e à noite ouvíamos discos com historinhas infantis. Uma delas ficou na minha memória: a do sapo que caiu e se esborrachou a caminho de uma festa no céu. Meus pais também nos contavam histórias. A do mosquitinho Joãozinho que morava no abacateiro era sempre contada por meu pai.

A preferida, contada por minha mãe, referia-se a um duende que morava dentro de um limão, que foi colhido por um moleque para fazer uma limonada. Percebendo o mal que fizera, o menino construiu uma nova casa para o duende dentro de uma bolinha de ping-pong, forrada com algodão.

As histórias que mais nos agradavam eram sempre repetidas.

Minha avó diz que nos contava a história da Branca de Neve, mas eu não lembro. Lembro da vó no sítio onde tinha um pote de vidro azul, no formato de uma galinha, cheio de suspiro. Lembro também que quando havia frango, todo mundo brigava para ficar com o osso chamado "jogador", mas minha vó sempre dava ele para mim.

Nas viagens de Férias para Queluz, minha mãe fazia uma caminha para o Luís bem na parte de trás do carro; eu ficava atrás da mãe, o Leo atrás do pai e a Lara esmagada no meio de nós dois. Os lugares eram sempre nesta ordem, nunca mudava.

Algumas lembranças de família

Tenho duas lembranças fortes da adolescência. A primeira é do vovô assistindo a novela das seis na Globo, ele nunca perdia. A segunda, é a imagem dele jogando buraco comigo.

Gostaria de saber mais da vida dos meus pais. As vezes vem alguma pessoa nos visitar e escuto minha mãe contando fatos da sua vida que desconhecia, é uma coisa que eu sinto falta. Gosto muito de ouvir a história dos meus pais. Minha mãe sempre fala do tempo da Bela Aurora, era uma fazenda em Queluz onde passava as férias.

Lembro também de uma história que meu pai conta, de quando ele era pequeno. Parece que eram umas 12 pessoas na família. Alguém fazia aquela polentona e a jogava em uma mesa, quadrada ou redonda para esfriar. A massa se alastrava sem transbordar ou cair.

Eu vou te contar uma história do meu pai que fiquei sabendo a pouco tempo; escutei-a enquanto ele conversava com meu noivo. Meu pai veio da Itália para o Brasil e trabalhou um tempo no porto de Niterói no Rio de Janeiro. Depois veio para o Vale do Paraíba, morou numa pensão e trabalhou no

Frigorífico Wilson. Mais tarde foi trabalhar na Elgin, a mesma empresa onde já se encontrava tio Leandro, irmão mais velho dele. Posteriormente foi gerente de uma loja de esportes. Eu não sabia de nada disso, gostaria de saber mais coisas sobre a vida dos meus pais.

O noivado da avó, D. Lia

A minha avó me falou que ficou noiva por carta e fotografia. Um dia, seu irmão abrindo uma maleta deixou a foto dela cair no chão, o meu avô que morava com ele viu a foto e disse:

-Quem é esta menina? Que menina bonita.

Minha vó conta que na hora o vô se apaixonou por ela e a pediu em casamento ao seu irmão. Ficou noiva por meio de fotografia. Quando se conheceram pessoalmente já estavam noivos.

Você precisa ver um álbum de fotografias muito antigas da minha vó, é muito legal.

Os bisavós paternos

As histórias de família mais contadas por minha mãe e minha avó são as histórias do Vovô Trem. Era chamado assim porque sempre vinha de trem para visitar nossa família. Não o conheci, mas todo mundo fala que ele era o "máximo", uma figura ímpar. Meu pai também fala muito dele.

Quando meus bisavós e seus filhos viajavam à Europa, de navio, levavam consigo além de professores de línguas estrangeiras, a professora de piano da madrinha Lília, que era irmã do vovô. Todo o dinheiro do meu bisavô vinha da época da borracha em Manaus. Quando o dinheiro desceu para São Paulo por conta das plantações de café ele não acreditou que o apogeu da borracha fosse terminar. A fortuna aos poucos se foi, e de muito ricos eles passaram a ser muito pobres.

Lembro da vovó contando que depois que meus bisavós ficaram pobres, um dos filhos, meu avô, foi tomar conta de construção e comia somente um pãozinho por dia. E a madrinha, que era irmã dele, foi dar aula de piano para sobreviverem. Eles perderam tudo.

As festas em família

Estas histórias de família aparecem geralmente quando tem alguma festa em família, ou quando estamos almoçando todos juntos.

As festas mais comemoradas são o Natal e o Ano Novo. Mas a festa mais comemorada mesmo é o natal. Natal é a festa da família.

Na verdade nós comemoramos todas as datas: aniversários, dia das mães, dia dos pais, dia das crianças e páscoa. Minha mãe sempre comemorou o dia das crianças. Quando nós éramos menores, juntava toda a molecada da rua e a mãe servia bolos, salgadinhos e docinhos.

Até hoje ganho presente no Dia das Crianças, acho lindo. Nesta Páscoa que passou, a mãe pendurou os ovinhos de Páscoa na árvore para nós. Minha mãe é muito legal! minha mãe é ótima !

Mas de todas estas comemorações, ainda acho que a mais significativa é o Natal.

4.2 FAMÍLIA 2

1ª Geração: D. Catarina, 76 anos, viúva, foi casada por 32 anos com o Sr. Carlos, professor e advogado. Tiveram quatro filhas: Camila, Carolina, Clara e Cecília

2ª Geração: Clara, 52 anos, professora universitária, casada a 25 anos com Cirilo, 50 anos, advogado, têm 2 filhos: Cláudia e Carlos

3ª Geração: Cláudia, 23 anos, universitária, solteira.

4.2.1 A história de Clara

Nasci em Taquaritinga, interior de São Paulo. Saí de lá com dois meses e nunca mais voltei. Viemos para o Vale do Paraíba e não saí mais daqui.

Da minha infância lembro bem de uma casa onde moramos. A casa tinha um quintal com árvores, havia balança e escorregador. Podíamos brincar e andar de bicicleta na rua, não havia perigo, existiam poucos carros.

Era como se morássemos na roça. Até hoje a cidade parece uma província, mas já com ares de cidade grande, com muito trânsito e malandros. Ainda há muitas famílias tradicionais.

Penso que as famílias tradicionais são aquelas que têm um nome. O fato da família ter dinheiro conta mas não é só isso. Deixa eu dar um exemplo: a Maria Vitória Costa é de uma família considerada tradicional por ter dinheiro e alguns dos seus membros na política. Lembro que na minha infância e adolescência, contavam que na sua casa havia uma mesa de ouro, era uma lenda. Mas tanto ela como nós freqüentávamos o mesmo colégio público (não havia escola particular), o mesmo clube e a mesma praça. O modo de vida das pessoas e principalmente da cidade não tinha muitas exigências, então todos acabam freqüentando os mesmos lugares. Por isto eu digo que além do dinheiro havia outros critérios para definir uma família tradicional. Algumas vezes podia ser o nível de instrução, mas também contava o fato de ser família antiga da cidade, ou de morarem na cidade há muito tempo. Tudo isso colaborava para colocar estas pessoas no mesmo nível.

Para você ter uma idéia de como era a cidade vou falar sobre a primeira casa própria comprada pelo meu pai. A primeira vista, isto parece não ter nenhuma relação com o modo de vida desta cidade. Mas você logo vai perceber a relação. Meu pai comprou-a em 1950 ou 1951.

Lembro dele falando do valor, cento e vinte contos de reis. Dizia que tínhamos que “apertar o cinto “para pagá-la”, porém, não foi preciso alterar

nossa maneira de viver. Pensa bem, nesta época não tinha nada que estimulasse o consumo, não havia "shopping" ou outras coisas que nos levassem a gastar. Nos conformávamos com um vestidinho simples e acredito que a maior parte das crianças também se contentavam com pouco. Brincávamos descalças na rua; sapatos? Só para passeios em dia de festa.

se contentava com pouco. A criançada andava descalça. Não existia esse negócio de brincar de sapato na rua. Sapato? Só para passear. Acho que a cidade naquela época era pobre, mais parecia uma cidadezinha longínqua do interior onde o capitalismo não se fazia sentir com tanta força.

Uma das casas de minha infância, onde moramos bastante tempo, era grande e muito gostosa. Eu e minhas irmãs atazanávamos o vizinho mexendo nas árvores do seu quintal. Ele nos dava um carreirão e nós morriamos de dar risada. Havia um outro vizinho, que era alfaiate e ficava costurando de cueca. Do nosso quintal nós podíamos vê-lo mas ele não nos via. Além de trabalhar só de cueca, era surdo. Eu e minhas irmãs gritávamos:

-Velho surdo!

Naquela época, ver um vizinho costurando de cueca era algo inusitado. Isto era um divertimento para nós, olha que maldade !

A infância, a adolescência e o lazer na cidade

Não existia na cidade muitas opções de lazer ou de cursos de aperfeiçoamento a não ser as oferecidas pela escola na qual você estudava. Por exemplo, não havia um curso de inglês, mas havia uma escola de balé cujo acesso era para pessoas com dinheiro.

Imagine uma cidade do interior, com poucas ruas e nenhum asfalto; somente uma rua ou outra, pavimentada com paralelepípedos. Nossa infância prendeu-se no ir a escola ou brincar em casa ou na rua.

Éramos três irmãs até Cecília nascer, a temporã de nossa família. Nós três, as mais velhas, dormíamos no mesmo quarto, onde fazíamos uma tremenda algazarra.

Quando brigávamos de tapa, meu pai interferia ordenando-nos ficar quietas; obedecíamos na hora.

Na adolescência, os tapas foram substituídos pelas discussões, pelo bate boca e não havia interferência de pai ou de mãe.

Depois de adulta, eu perguntava para minha mãe como ela havia conseguido criar quatro filhas. Ela dizia:

-É muito mais fácil cuidar de muito do que de pouco, porque de muito, as crianças somem e se misturam com outras crianças da vizinhança; quando brigam entre eles resolvem também entre eles. Mas quando há um ou dois filhos, qualquer coisinha chamam a mãe para socorrê-los.

Na verdade não tínhamos porque brigar muito. As diferenças entre nós não pareciam muito porque fomos criadas na mesma cidade, uma cidade que não proporcionava muito estímulo. Quando a televisão apareceu, éramos pequenas e o estímulo era criado por nós. Tínhamos bicicleta e ganhávamos a rua. Depois...nos lugares onde moramos havia muita criança, brincávamos de roda, de pegador...as mães ficavam na calçada conversando enquanto nós brincávamos de roda.

Quando já estávamos um pouco maiores, eu devia ter uns dez anos mais ou menos, íamos muito ao cinema e a um programa de auditório infantil. Meu pai adorava filme de bang-bang. E toda sexta-feira, a noite havia uma sessão de bang-bang no cinema onde ele nos levava. Acho que naquela época cinema era barato, porque lembro de nós irmos ao cinema toda sexta-feira à noite. Era comum irmos ao cinema até três vezes por semana.

No domingo, depois da sessão, meu pai voltava para casa, e eu e minhas duas irmãs íamos para um programa infantil de auditório na rádio. Quem comandava o programa era o Maurício de Souza o criador da "Mônica". A Cecília, nossa irmã temporã, ainda não existia.

Maurício tinha uma irmã chamada Marisa. Juntos eles apresentavam um quadro onde ele pintado todo de preto cantava: "sou nêgo, sou do gosto..." O Maurício adorava criança. Adivinhe se eu cantava no rádio? Adorava ir lá para frente da platéia e cantar. Eu cantava e uma das minhas irmãs tocava acordeom.

O pessoal da cidade participava do programa. Lembro da filha do prefeito com um vestido longo sentada na primeira fila do auditório, com um jeitinho diferente, comia as pipocas que levava. Para ela comer uma pipoca, "umazinha", ela dava pelo menos umas cinco mordidas, como éramos crianças e bobonas, ficávamos olhando e achávamos o máximo da elegância comer uma pipoca daquele modo. Depois do programa de auditório, voltávamos para casa, a mãe fazia pipoca e sentávamos para comer como a filha do prefeito.

Deixa eu contar uma coisa engraçada que nós fazíamos depois de assistirmos aos filmes de bang-bang. Nestes filmes os mocinhos e os bandidos comiam numa panela, em volta de uma fogueira e de cócoras. Depois do cinema, invariavelmente minha mãe já deixava preparada uma frigideira com feijão. Nós comíamos de cócoras em volta da frigideira como nos filmes, era um ritual.

Namoros e flertes

Já mocinhas nós íamos muito aos bailes, eu e minhas irmãs. Havia um clube aqui cidade, aliás era o único. Nossos pais achavam muito natural que nós fôssemos e nos incentivavam a não só a ir aos bailes, mas a sair e passear. Eles gostavam que saíssemos, tanto meu pai como minha mãe.

Até um determinada época da vida da cidade, freqüentávamos os mesmos lugares, o mesmo clube a mesma praça.

Não sei em que ano foi fundado o Clube de Campo, que ficou sendo conhecido como o mais chique da cidade. Eu e minhas irmãs não pegamos esta fase de que fulano de tal é rico e portanto freqüenta tal clube. As famílias tradicionais, ricas ou não, freqüentavam o mesmo clube.

Havia também os passeios na rua e na praça principal. Na praça todas as moças tinham a mesma oportunidade de conhecer um rapaz rico. Havia uma praça e um jardim, ambos circulares.

As moças passeavam numa direção e o rapazes na direção oposta. Como a praça era circular, era inevitável que em determinados momentos moças e rapazes se encontrassem. Quando isto acontecia uma moça cutucava a outra e falava:

-Veja se ele está olhando para mim?

Fazia-se isto porque era feio a moça interessada demonstrar de uma forma explícita que estava interessada no rapaz visado por ela. Era feio uma moça de família "ficar se atirando".

Se a colega dizia que o rapaz estava olhando então a moça interessada olhava para ele e assim começava o que nós chamávamos de flerte.

Depois começou a aparecer na praça muita gente da classe baixa, "muita gentinha". Não sei explicar muito bem o que seria gentinha. Posso dizer que começou a aparecer uns rapazes malandros que não eram muito respeitosos, nos olhavam de um jeito diferente. Tinham um olhar diferente, levantavam a sobrancelha de um modo esquisito para olhar (Clara tenta imitar o olhar). Sabe, aqueles homens metidos a galã. Acho que eram malandros.

Quando isto começou a acontecer na praça, o footing mudou para rua Dr. Deodato. Os rapazes ficavam parados olhando você passar, ou iam e vinham como na praça. A diferença é que deixamos de andar em círculo para andar em linha reta.

O namoro era tão diferente naquela época! Se você saísse com um rapaz e no dia seguinte com outro você era chamada de "galinha", "penosa", "vassoura". E os rapazes não queriam saber de mulher "fácil". As mulheres naquela época eram muito voltadas para o casamento então não podiam ficar faladas. O maior medo da gente era ficar falada pois corríamos o risco de ficarmos solteiras.

Não eram apenas as moças que tinham receio de ficarem mal faladas, os pais também tinham este tipo de receio. Aqui, nesta cidade, o controle era muito grande. Um dos motivos pelos quais eu e minhas irmãs não éramos namoradeiras era este. Uma boa parte das moças da cidade tinham o mesmo comportamento que nós frente ao namoro.

O namoro acontecia por etapas. Havia uma espécie de ritual que hoje me parece bem ridículo. Você sempre encontrava com os mesmos rapazes no footing, e num dia qualquer, um deles que estava interessado em você, perguntava como se não lhe conhecesse:

-Você é desta cidade?

Com a cara mais angelical do mundo e bem séria você respondia:

-Sou. E você ? é daqui também ?

Ele respondia:

-Sou. E depois perguntava:

-Você tem namorado?

É claro que você não tinha e o rapaz já sabia, pois, quase todos se conheciam na cidade. Mas este ritual era seguido religiosamente. Depois disso o moço perguntava:

-Você quer namorar comigo?

-Você estava louca para aceitar o pedido, mas pedia uma semana para pensar. As moças distintas pediam uma semana.

Depois de uma semana você dava resposta. Se a moça dissesse sim, o ritual prosseguia. Tudo era estipulado. Havia prazo para pegar na mão, beijo no rosto, dançar de rosto colado. As moças de família seguiam tudo direitinho sob pena de ficarem mal faladas ou conhecidas como “galinhas”.

Atualmente, as meninas saem um dia com um rapaz, no dia seguinte estão outro. Hoje existe esse “tal de ficar”, uma relação de algumas horas na qual você pode se agarrar, se beijar sem nenhum compromisso.

Antigamente o namoro tinha solenidade. Eu sei que alguns pais perguntavam ao rapaz, quanto ganhava, quais eram as intenções. Você já imaginou o coitado do rapaz numa hora dessa?

Quando o namoro tornava-se mais longo, o pai queria saber se ele pretendia casar e se resposta fosse afirmativa perguntava sobre a data. Para os rapazes entrarem na casa da namorada precisavam da permissão dos pais dela.

Hoje eles entram na casa da namorada sem menor cerimônia, vão até a cozinha, abrem a geladeira como se estivessem em casa.

O namoro e o casamento

Eu casei velha para os padrões da época, tinha 27 anos, era considerada “encalhada”. Então conheci o Cirilo. Ele era meu aluno no curso noturno de madureza que hoje corresponderia ao atual supletivo. Durante um mês dei-lhe aula. Nunca tinha notado aquele homem na sala de aula até o dia em que estava explicando o significado da palavra hidrofobia. Explicava que a palavra significava, pavor de água. O Cirilo levantou a mão e disse:

-Professora na minha terra não tem isso não. Gente e bicho não podem ver água em qualquer época do ano que correm atrás dela.

Perguntei de onde ele vinha. Respondeu-me que era de Quixeramobim no Ceará. Me entusiasmei porque adoro água de coco. Disse-lhe que quando ele fosse para o Ceará queria um coco de lá.

Depois disso começamos a conversar. Nordeste adora conversar e eu também. Ele passou a me levar para casa. Conversa vai, conversa vem, Cirilo começou a perguntar o que eu fazia aos sábados. Eu sempre tinha alguma coisa para fazer aos sábados, afinal era uma moça distinta. Até que um dia ele disse :

-Espere por mim às oito horas na tua casa. A partir deste dia ele me pegava todos os finais de semana; casamos e estamos juntos até hoje.

A apresentação dele aos meus pais não foi muito solene porque nordestino é "meio entrão". Ele foi chegando, entrando e conversando, fazendo amizade e pronto. Não chegou a me pedir em namoro, mas naquela época era praxe o rapaz pedir a moça em namoro.

Os pais

Meu pai era professor e advogado, mas sua atividade principal era o magistério. Lecionava francês no Liceu Brás Cubas. Ele ensinava em casa todas as matérias do currículo escolar para as quatro filhas. Além disso nós aprendíamos com ele francês, inglês e latim. Ele também fazia traduções e versões do português para o francês, do português para o inglês ou do francês para o português, do inglês para o português, acontecia o mesmo com o latim. Na verdade, meu pai era um auto-didata, lecionava tudo.

Como advogado ele tinha atitudes muito bonitas. Gostava imensamente de ajudar os pobres. Trabalhava muito para pessoas simples. Era muito caridoso. Tinha um dó dos outros e não cobrava. Várias vezes ele entrou com ações de professores contra o governo e ganhou todas. Ele podia ter ganhado muito dinheiro na vida como advogado, mas ele era bom demais.

Morreu cedo, aos 68 anos.

Meu pai tinha uma maneira muito especial de demonstrar afeto, nos trazia muitos livros e um doce chamado pingo de leite. Até hoje eu sinto o cheiro do pingo de leite se espalhando pela estante onde ele os deixava. Sinto-me como se fosse naquele tempo, a presença do meu pai e o cheiro do pingo de leite impregnando o ar.

Minha mãe sempre foi uma dona de casa de primeira. Qualquer pessoa que chegasse lá em casa, podia ser de manhã, à tarde, à noite, de madrugada ela ia fazer um café fresquinho.

Nunca, nunca, nunca, minha mãe deixou faltar bolo em casa. E os bolos eram sempre diferentes, de milho, de laranja...O café com pão eram sempre acompanhados de bolo.

Minha mãe era muito preocupada com as filhas. Achava que nossa função era estudar.

Casei-me com 27 anos e nunca cheguei à cozinha. Não tinha a mínima noção de que era necessário um certo aprendizado para passar roupa. Quando era solteira dizia para minha mãe:

-Dá para a senhora dar uma passadinha nesta roupa para mim. Eu não tinha noção de como esta tarefa não era fácil, pois ela fazia tudo para as quatro filhas. Se alguma de nós ia para a cozinha fazer qualquer coisa, como lavar pratos, ela nos punha para fora e dizia:

-Este lugar é meu.

A cozinha era território dela. A casa era o seu reinado. Nós não fazíamos nada, nem arrumar a cama.

Ela era muito dedicada. Adivinhava os nossos pensamentos. Lembro que quando lecionava em Suzano e chegava em casa por volta de vinte e três e quarenta, minha mãe estava de plantão com a água fervendo para passar um cafezinho, porque eu gostava muito. Até hoje ela não permite que se tome café de garrafa térmica.

Minha mãe sempre foi dona de casa muito prestimosa; a casa vivia bonita, brilhando; ela gostava de flores e de enfeitar a casa. Os bolos que ela fazia deixavam sempre um cheiro gostoso de baunilha pairando no ar. Nossa casa tinha um cheirinho de baunilha...que eu posso sentir até hoje.

Na casa da minha mãe o café da tarde era sagrado. Até quando foi possível, mesmo depois de casadas, eu e minhas irmãs nos reuníamos quase todos os dias em sua casa na hora do café da tarde.

Café magistral, café e leite fumegando, e aquele pãozinho que até estala de quente. Bolachinhas, queijo de todos os tipos, fatiado, queijo branco, requeijão...e muita, mas muita conversa. Acho que ficávamos mais ou menos uma hora e meia, sentadas, conversando ao redor da mesa. Era tudo tão simples, mas tão bom... Minha mãe é muito hospitaleira não deixa ninguém sair da sua casa sem comer ou beber alguma coisa.

Não faz muito tempo, as nossas vidas ficaram tão diferentes, tão agitadas que não foi possível conservar o nosso café da tarde. Apesar disso, ainda passamos quase todos os dias na casa de minha mãe para vê-la, mesmo que seja rapidamente. Atualmente não nos vemos com tanta frequência mas nos comunicamos muito por telefone.

As refeições eram sagradas

As refeições na minha casa eram sagradas quando éramos crianças. No almoço e no jantar nós esperávamos meu pai chegar do trabalho para comermos. A família inteira se reunia no almoço e jantar. Este ritual só se modificou depois que ficamos adultas e começamos a trabalhar. Nós

estudávamos, trabalhávamos, e então cada uma de nós tinha um horário diferente para chegar em casa. Enquanto foi possível mantivemos este ritual.

Meu pai era muito bem informado, tomava conhecimento das notícias por meio do rádio, escutava todos os repórteres de noticiário que trabalhavam no rádio; eram repórteres antigos como o Carlos Espera, Tico Tico (José Carlos de Moraes), Maurício Loureiro Gama. Nas refeições meu pai comentava as notícias transmitidas por eles, por isso guardei os nomes. À mesa todos falavam.

Não sei porque lembrei deste episódio, talvez por que falávamos o que queríamos. Eu perdi um irmão com quatro meses de idade numa crise de meningite. Dois dias após o falecimento perguntei à meu pai:

-Pai você queria que o Nelsinho aparecesse ali na porta e viesse andando? eu tinha uns cinco ou seis anos. Fiquei insistindo e ele respondeu:

-Queria, e mudou o rumo da conversa. Eu nem percebi como este comentário o deixou arrasado, mas não éramos proibidas de tocar nesse assunto. Acho que este fato ocorreu em uma de nossas refeições.

Meus pais ficavam horrorizados com a falta de maneiras à mesa, como por exemplo, falar de boca cheia, colocar o cotovelo na mesa. Insistiam no uso correto dos talheres.

Havia também uma preocupação muito grande com a alimentação e a saúde. Tomar água nas refeições fazia mal. Não me pergunte porque, pois não saberia responder. Tínhamos que comer carne todos os dias, tomar Biotônico Fontoura e Emulsão de Scott. A emulsão, óleo de fígado de bacalhau, tinha um gosto horrível. Envasado num vidro marrom, tinha um menino carregando um peixe nas costas. Junto ao Biotônico vinha um livrinho com a história do Jeca Tatu, criada por Monteiro Lobato. Nós gostávamos dos dois: do Biotônico e do livrinho.

Professora, profissão de mulher

Meus pais sempre insistiam para que tivéssemos uma profissão, o que não era muito comum na época.

Minha mãe tinha certa frustração por não ter uma profissão. Achava que mulher que trabalhava fora de casa era mais importante; insistia que a mulher tinha que trabalhar e ter o seu dinheiro.

Meu pai comungava com estas mesmas idéias, em virtude da sua preocupação com a velhice.

Desde crianças, ouvíamos do pai que a velhice era muito pior para a mulher do que para o homem. Falava que era muito bom o que tínhamos no presente, mas que era preciso pensar no futuro, pois a velhice podia trazer surpresas desagradáveis como a doença.

Meu pai dava muito valor para o estudo, fazia muita questão que fossemos bem na escola, achava que a salvação estava na escola. Nasceu em 1904 e tinha idéias avançadas para sua época, como a defesa do divórcio.

Naquela época quase todos estudavam em escolas públicas e para ingressar no ginásio existia o Exame de Admissão, que era como uma espécie de vestibular da FUVEST. O exame era rigoroso e poucos entravam..

Nesta época era comum às mulheres que queriam trabalhar fora, se dedicarem ao magistério. Olhe o que aconteceu na nossa família. Nós somos quatro irmãs mulheres e todas nos tornamos professoras. Carolina, a mais arrojada de nós, foi fazer o curso de Desenho Mecânico. Na sala de aula ela era a única mulher; não demorou muito à perceber que não havia campo de trabalho para mulheres nesta área, e acabou indo para o magistério.

4.2.2 A história de D. Catarina: Lembrar... esquecer...

Olha, eu não tenho vergonha de falar, o meu pai era muito ruim, ele era ruim, ele não tinha carinho pelos filhos, não tinha nada.

Minha mãe era diferente, conversava com a gente, fazia tudo. Coitada, era uma pessoa boa, dialogava, dava conselho, ensinava muita coisa .

Meu marido era ótimo; carinhoso, preocupado, conversava muito com as meninas. Eu já sou mais malcriadinha, não sou tão melosa quanto ele era.

Minhas filhas, da infância até a adolescência, sempre estavam presentes às refeições. Meu marido gostava bastante destes momentos pois havia muita conversa. Não lembro do que conversávamos.

As meninas nunca deram trabalho. iam a bailes, passeios...sempre obedecendo a horários pré-estabelecidos.

Todas se formaram, casaram e trabalham fora. Mesmo tendo uma vida agitada sempre arranjam tempo para me ver. Hoje, a convivência é maior com a família da filha com a qual moro. Converso muito com os netos com quem convivo. Eles contam o que fazem no colégio e na rua. Se eu acho que está tudo certo, apoio, caso contrário, me coloco contra.

Fatos que aconteceram, geralmente são lembrados nos aniversários, Natal e Ano Novo, ocasiões nas quais todos se reúnem. Atribuo essa união ao modo como minhas filhas e netos foram educados.

Meu marido falava muito da família, da história da vida dele, contava coisas que aconteceram que eu já não lembro. Falava mais porque tinha família e eu, não.

A história de D. Catarina contada por Clara, a filha

O pai de minha mãe era muito mulherengo, aparecia a cada hora com uma mulher. Até que um dia, a mãe dela se aborreceu e foi embora ou ele foi embora, acho que ele foi embora. Os filhos foram distribuídos feito bichinhos, animaizinhos, por isso minha mãe não foi criada com os irmãos. Na distribuição dos filhos minha mãe até que teve sorte. Foi ainda criança para um colégio religioso que era pago, mas também abrigava crianças abandonadas. Acho que estas crianças eram mesmo empregadas do convento. As freiras tratavam minha mãe como se fosse uma filha. Insistiram para que estudasse mas ela não quis. Acho que se sentia menor frente as outras meninas, eu não sei. As freiras ficavam preocupadas se estava bem, triste ou com fome. Quando faziam doce deixavam-na comer a vontade. Minha mãe foi muito bem tratada e educada pelas freiras.

Uma das poucas boas lembranças que minha mãe guarda da infância é do período em que estive no colégio. Apesar da pouca escolaridade ela teve uma boa educação, graças as freiras. Um exemplo disso é o seu gosto apurado por música erudita.

Minha mãe perdeu completamente o contato com os irmãos, que só foi retomado após longos anos. Lembro que em um aniversário dela, apareceu uma irmã que já estava bem doentinha. Houve também um reencontro com um irmão que lhe provocou muita tristeza. Foi mais ou menos na época em que meu pai faleceu. Não lembro quem disse à minha mãe que tinha descoberto o endereço de um dos irmãos dela. Uma de minhas irmãs foi procurá-lo e descobriu que ele tinha uma casa de queijos na Praça da Sé. Minha mãe foi vê-lo e quando o avistou disse:

-Eu sou a Catarina.

Ele falou: Nossa! Depois que o seu marido morreu você me achou fácil, você quer alguma coisa? e foi embrulhar queijo para dar à minha mãe como se estivesse mendigando. Ela respondeu:

-Eu não vim aqui para isso, fiz meia volta e foi embora.

Eu nem sei direito quantos irmãos minha mãe tem. Eu conheço algumas tias e minha mãe tem com elas um contato mais social do que fraternal.

Conheci o meu avô já velho e doente. Não é assim a história dos homens? quando ninguém os quer mais, voltam doentes e estropiados. Minha mãe sempre falava dele e não era com mágoa era com raiva.

Depois que minha mãe já estava casada, minha avó simplesmente desapareceu.

4.2.3 A história da família contada por Cláudia

Desde os três anos, moro aqui nesse bairro e nessa casa. Lembro que moramos antes em outra casa, com banheiro grande.

As lembranças mais remotas que tenho são da moça que tomava conta da gente. Eu lembro porque depois a gente continuou mantendo contato, ela mora aqui perto, até hoje.

Nunca passamos necessidade mas nunca teve dinheiro sobrando, naquela época.

Meu pai é muito carinhoso. Eu era muito ligada a ele na infância. A gente vivia brincando na piscina.

Tenho um irmão mais novo. Sempre dormimos em quartos separados, mas minha mãe contava histórias para nós na hora de dormir. Na verdade contava mais para mim porque ele ficava reclamando e eu pedia sempre mais e também pedia sempre que lesse a mesma história; eu nunca sabia o final porque eu dormia antes da história terminar. Quase sempre era Alice no País das Maravilhas.

Na adolescência minha mãe estava sempre de acordo com o meu pai. Se ele dizia não, ela podia interceder, mas não o fazia.

Eu tinha amigas, ia a bailinhos. Meu pai levava e ia me buscar, até porque era longe. As vezes eu dormia na casa de alguma amiga.

É muito difícil fazermos uma refeição os quatro juntos, mesmo aos domingos. As poucas vezes em que fazemos as refeições juntos, é assistindo TV e acabamos discutindo por causa disso. Meu pai habitualmente não almoça em casa, só vem jantar.

As vezes meu pai conta algumas histórias da família, dos primos do Ceará, do forró, do primo que esfaqueou o outro, do primo do meu avô que não se dá com ele... A mania do meu pai é contar as coisas e repetir, então ele conta, reconta...

Ele sempre fala de um primo, filho do tio Zé Maria, que sempre estudaram nos melhores colégios, mas que não quiseram trabalhar, viraram vagabundos sustentados pelo pai. Esta história é sempre repetida para nos chamar atenção, principalmente para o meu irmão.

Minha mãe conta algumas histórias de quando ela e as irmãs eram crianças, das bagunças que faziam. Hoje, tenho pouco contato com minhas tias. É difícil eu ir visitá-las; as vezes vou à casa da minha avó, mas é difícil. Nos encontramos sempre nos aniversários, que é quando a família toda se reúne.

Aniversários e Natal, são as datas de reunião da família, no Ano Novo, já não são todos que vêm. Um dos assuntos prediletos em nossas reuniões são regimes para emagrecer. Me dou bem com todas as minhas tias maternas; com a família do meu pai eu também me dou bem mas não temos tanto contato.

Lembro da história de como meus avós se conheceram, quando ela trabalhava num hotel e ele se hospedou lá. Minha avó não costuma falar muito da sua família. Eu e meus primos não conhecemos nosso avô materno, ele morreu quando minha tia estava grávida do meu primo mais velho.

Quando pergunto à minha mãe sobre meu avô materno, ela começa a chorar. Lembro dela contar que ele era uma pessoa muito boa, que ajudava os outros. Não lembro de minha avó falar do meu avô.

Minha família é um família comum, mas tenho muito orgulho dela.

Minha mãe é professora universitária. A maioria das mães das minhas amigas são donas de casa, e esta diferença não é só na parte intelectual, mas na casa, na nossa criação, no comportamento.

Logo no começo do colegial eu queria fazer Odontologia porque era moda. Falei com minha mãe e ela disse que eu tinha mais jeito para a área de Humanas e é verdade, tenho mesmo. Pensei em fazer Direito, cheguei até a prestar vestibular na USP e não passei. Não sei se gostaria tanto do Direito, porque acho que não ia gostar de passar a vida brigando, estressada. Uma amiga de minha mãe falava que eu tinha jeito para ser Promotora, Deus me livre! passar a vida inteira acusando os outros, julgando...

Acho que estudar fora daqui tinha relação com meu ex-namorado. Aos 16 anos comecei a namorar firme, fiquei noiva e mudei de idéia. Foram seis anos entre namoro e noivado. Ele morava e estudava em São Paulo, fazia Engenharia Civil na USP. Depois terminamos.

Desde a infância, eu sempre quis ter uma escola e resolvi que ia fazer Pedagogia, estudar de noite e trabalhar de dia para juntar dinheiro e abrir uma escola. Comecei a faculdade, não conseguia arrumar emprego só com o curso Normal e fiquei com medo de não conseguir ter a escola e ficar só como professora. Resolvi fazer outro curso com nível melhor, na Pedagogia o pessoal é muito devagar. Pensei em cursar Medicina, como não tinha muito tempo para me preparar optei por Odontologia, acabei passando na primeira chamada. Não tive influência do meu pai na escolha da Odontologia, foi mesmo uma decisão minha por causa do nível super baixo das alunas, e não queria ir para outro curso com o mesmo nível e a mesma enrotação.

As vezes as pessoas me perguntam o que tem em comum a Odontologia e a Pedagogia. Acho que você cuida da pessoa nas duas profissões, em cada uma delas de uma maneira, e eu gosto de cuidar do meu paciente, de tratar, de conversar.

Eu era boa aluna, mas não gostava de estudar, era obrigação. Agora gosto de estudar, acho gostoso você saber as coisas e poder discutir, entender; estou até fazendo um trabalho científico, não sei se vou conseguir bolsa ou não mas estou fazendo uma pesquisa.

Eu gostaria de fazer especialização em Ortodontia. Esse trabalho que eu estou fazendo é nessa área. Penso em trabalhar numa clínica. Mais tarde talvez ter meu consultório, ou montar uma clínica com outros dentistas, atender convênios aqui na cidade mesmo

Não penso mais e não tenho vontade de sair daqui, estou na minha casa, estou bem, não tenho nada para buscar lá fora e se eu conseguir o emprego aqui, ter o meu salário, ter dinheiro para comprar meu carro, comprar o que quero para mim e para a minha família, sair, me divertir, já está bom.

Eu gosto muito de viajar. Fiz um curso para guia de turismo reconhecido pela Embratur e tenho trabalhado nesta área. No ano passado fui para Disneyworld, agora quero ir para a Copa do Mundo e já estou estudando francês com minha mãe para isso. O retorno financeiro não é muito e nem muito fácil conseguir emprego, tem que batalhar, enviar currículo para as agências, mas é muito gostoso viajar.

Estudei inglês nove anos. Francês minha mãe está me ensinando agora, já estou entendendo algumas coisas, mas preciso treinar mais conversação. Tenho facilidade para aprender línguas. Na família quem tinha essa facilidade era meu avô paterno.

Meu avô era auto didata, estudou gramática sozinho e falava muito bem. Quando menino ele morava em Caxambu. Um dia, ele foi pegar água na fonte encontrou um senhor e começou a conversar com ele. O desconhecido ficou impressionado com o domínio da língua portuguesa pelo meu avô e perguntou onde ele estudava. Meu avô respondeu que nunca tinha frequentado a escola e que estudava sozinho por um livro de um ilustre professor. O desconhecido se apresentou como o autor do livro.

Minha mãe já contou esta história mais de mil vezes.

Meu avô dominava o francês e o inglês e ensinou minha mãe e minhas tias. Acho que ele tinha muita facilidade para aprender e tinha uma inteligência acima da média. Além disso, tinha muito perseverança. Mesmo sendo um auto didata, entrou para a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Minha mãe sempre diz que ele saiu do nada, que não era ninguém ,se fez sozinho. Órfão de pai , não sei que idade ele tinha quando perdeu a mãe. Precisou batalhar muito, ter muita força de vontade para vencer. Quando conheceu minha avó ele já era bem mais velho.

A história de meu avô foi contada por ele para minha mãe; e ela sempre conta esta história à mim e ao meu irmão, como exemplo de perseverança e coragem.

4.3 FAMILIA 3

1ª Geração: Sr. Diogo, 78 anos, funcionário público federal (aposentado) casado a 54 anos com D. Diná, 77 anos, bibliotecária, tem dois filhos: Dionísio e Denise.

2ª Geração: Dionísio, 52 anos, professor universitário, casado a 28 anos com Diana, 50 anos, professora secundária (aposentada), tem 3 filhos: Daniel, Dimas e Daysi.

3ª Geração: Daniel, 26 anos, solteiro, publicitário.

4.3.1 A história de Dionísio

A história dos meus pais é muito bonita, houve o encontro de duas famílias bem diferentes. Foi o encontro do meu pai, descendente de um aventureiro vindo de Portugal, com uma família quatrocentona.

Minha mãe pertence a uma das famílias fundadoras da cidade, os Cardoso. Não lembro com detalhes da história dos grupos familiares dos fundadores, mas somos descendentes diretos de um dos Cardoso.

Meu avô materno foi um comerciante atacadista de cereais, prefeito da cidade e professor primário. No início do século, ser professor primário acarretava um prestígio imenso.

Meus avós paternos vieram de Portugal, se estabeleceram em Juiz de Fora, e transferiram-se para cá por conta da Central do Brasil. O grande emprego da época era a estrada de ferro. O meio de transporte mais utilizado era o trem. Meu pai acabou por fazer a vida por aqui.

Nasci da mistura da tradição com este espírito aventureiro.

Meu pai conta que o casamento com minha mãe foi semelhante a um conto de fadas. Ela era um sonho inatingível, de uma família tradicional e quatrocentona da cidade, muito bonita e filha do prefeito. Até hoje os dois vivem juntos e meu pai a trata de um modo muito especial. Tenho certeza que nasci de um grande caso de amor, e isto foi muito importante na minha vida.

Não nasci nesta cidade, mas morei a maior parte do tempo aqui, portanto, me considero daqui. Na verdade, meus pais e avós maternos fizeram questão que eu nascesse em um dos melhores hospitais da época, o Pró Mater, localizado na cidade de São Paulo. Só por este motivo nasci em São Paulo. Isto foi em 1946, logo após a guerra.

Meu pai conta das dificuldades financeiras deste momento, mas eu era muito pequeno para senti-las. Lembro que com sete anos de idade não

tinha uma vida de gente rica, mas tinha uma vida muito boa porque minha mãe era professora do curso secundário e meu pai funcionário federal.

Lembranças da infância : a cidade, o lazer e a “carreira artística”

Cresci nesta cidade. Quando criança brincava de esconde-esconde, de futebol... na rua, nas praças... na rua mesmo, porque era uma cidade tranqüila com ruas de terra.

Na minha infância brincava com crianças de todos os tipos. Na rua não havia separação por classe social. Eu freqüentava muito o Largo do Carmo e ali brincavam as crianças que moravam nas redondezas, crianças muito ricas e muito pobres. Todos faziam parte do mesmo grupo, o dinheiro ali não tinha a menor importância, o que contava era quem sabia jogar melhor, quem sabia correr melhor. Eu tinha amigos negros, brancos, pobres e ricos.

Hoje, os filhos das classes médias e altas vão para escolas diferenciadas e não brincam nas ruas, dirigem-se ao clube que é restrito a uma determinada classe de renda. Antigamente o clube era a rua e a rua era de todos, quer dizer, muitas vezes o menino pobre era mais valorizado porque era mais esperto, sabia jogar bem futebol; por outro lado, o menino rico podia não ser muito apreciado pelo grupo se fosse completamente desprovido destas habilidades.

Engraçado! Eu não tinha me dado conta deste aspecto da minha infância. Agora, lembrando desta época da minha vida percebo que tive muitos amigos pobres que morreram como bandidos ou viraram marginais e outros que se transformaram em industriais, profissionais liberais ou funcionários públicos.

Outras coisas que marcaram minha infância foram a música e um arremedo de teatro quando participei da Cruzada Eucarística, já revelando minha tendência para as Artes.

A primeira obra de arte de que eu me recordo, talvez aos três ou quatro anos de idade, é a de Izabel, uma negra alta, forte e rechonchuda, estendendo roupas brancas em um varal e cantando. O seu canto era agudo, suave...mavioso.

Ainda me lembro de que todos, à mesa, paravam de fazer ruídos e ficavam, em silêncio, ouvindo Izabel cantar, fantasticamente, ao pôr do sol. Meus pais tinham mais o que fazer, mas eu não, podia ser sempre um espectador privilegiado enquanto brincava no quintal. À noite, eu me aninhava no seu colo macio e dormia. Ela não me contava histórias, mas cantava suavemente nos meus ouvidos, enquanto me embalava calmamente. Izabel um dia sumiu, não sei quando nem porque. Talvez tenha ido inspirar outra família.

Ao lado das brincadeiras e jogos excitantes que a vida proporcionava nas ruas e quintais, posso dizer que minha infância foi artisticamente falando quase que totalmente musical.

Morava conosco uma tia que possuía uma coleção fabulosa de discos. No centro da sala existia uma vitrola grande que quase nunca vi desligada. Havia discos de todo o tipo, mas os que me fascinavam eram os de ópera. Os de Gino Becchi, Gigli e Caruso. A ópera me seduzia sob dois aspectos: a voz forte do cantor, que aos poucos eu fui aprendendo a imitar, e o ritmo que me contagiava o corpo.

Eu tinha visto, não sei onde, um tio maestro reger a pequena banda da cidade e aquilo também me havia chamado a atenção. Com um pedaço de pau na mão eu passava horas e horas regendo óperas, no meio da sala.

Um dia estava eu, lá na sala, cantando e as pessoas, paravam de fazer o que estavam fazendo e ficavam me olhando. No dia seguinte minha mãe começou a me mostrar às amigas e parentes.

Logo minha mãe me arrastou para a casa do tio maestro, que tentou me ensinar canto. Eu, entretanto, ficava aborrecido ao fazer toda aquela escala musical; achava mais interessante ficar imitando os cantores. Esta espécie de falta de disciplina talvez tenha sido a responsável pelo primeiro vexame artístico de minha vida.

Nas audições caseiras, para amigos e parentes, eu cantava um repertório simples. Lembro-me, particularmente, de uma música, Pequeno Jornaleiro (Olha a noite! Eu sou um pobre jornaleiro. Que não tenho paradeiro. Ai de quem vive assim!) Um dia, entretanto, me levaram para cantar na Rádio Marabá, a única emissora da cidade. Escolhi, ou escolheram, a canção italiana Estrada do Bosque. O regional entrou e eu entrei também, só que em uma oitava acima. Fiasco total, desafinei nos agudos. Meus pais tinham avisado a cidade inteira; talvez o único ausente ao pé do rádio tenha sido o meu tio maestro.

Depois do fiasco, entrei para a Cruzada Eucarística, menos por religião e mais porque o ambiente era pleno de atividades interessantes para um garoto. Espectador privilegiado, pude observar de perto, dos bastidores, todo o ritual fantástico da Santa Missa. Assistir a paramentação luxuosa dos padres antes do ofício de domingo. Olhar de perto e atentamente, enquanto todos abaixavam as cabeças, o momento solene da consagração da hóstia - para mim, até hoje, é o instante onde o padre mais acredita na encarnação de Jesus Cristo. O Sangue e o Corpo se materializando enquanto os sinos soavam, eram momentos maravilhosos.

Minha "carreira artística" continuou na Igreja. Minha mãe, depois do trauma na rádio, entusiasmou-se novamente e mandou confeccionar um lindo figurino. Lembro-me apenas de um palquinho, apertado, iluminado por luzes muito coloridas e um senhor, de óculos, com um acordeão nos bastidores. A diretora de cena era uma beata, muito magra, chamada Inês. Recordo-me vestido de príncipe, com uma túnica de cetim amarelada enfeitada com galões azuis. Ao meu lado, uma linda garota, vestida de camponesa. De mãos dadas, cantávamos em dueto: "Que fazes aqui, linda camponesa, cabeça baixa, triste a pensar!" Ao que ela respondia: "Tenho a esperança, desde criança que ainda um dia se realizará!"

O sucesso do show animou frei Inácio a ensaiar uma peça conosco. Deu-me um livretinho, escrito em português de Portugal, do qual eu deveria decorar as falas do personagem Corcunda. Pela primeira vez eu vi um texto de teatro e, confesso, não gostei. Teatro era muito mais complicado do que cantar. O padre, coitado, acho que desistiu do intento logo nos primeiros ensaios.

Lembranças de teatro mesmo, quero dizer de atores representando ações dramáticas, tenho muito poucas na minha infância. Meu teatrinho, eu fazia em casa para uma única espectadora, uma mineira muito risonha do interior, que cozinhava para a família. Quando meus pais não estavam em casa, à noite, ela sentava-se na poltrona da sala e eu fazia do tapete o meu palco. Eram cenas de pura ação exibicionista, como quedas desastradas ou mortes violentas. Aquela mineira, dona Maria, foi o melhor público que já tive. Emocionava-se e ria a valer durante a noite inteira.

Lembranças da escola: dos livros na infância à universidade.

Poucos possuem a sorte de ter uma mãe bibliotecária do município. A biblioteca estava instalada em um prédio alugado, um casarão colonial autêntico, com um quintal enorme, típico do interior, cheio de folhagens e árvores frutíferas. Durante a maior parte da minha infância, era ali que eu ficava durante todas as tardes. Sozinho eu explorava o mundo fantástico do quintal, mergulhava nos livros, mergulhava no sentido literal da palavra. Meu primeiro contato com os livros foi sensorial. Eram pilhas de livros velhos, outras de livros novos, que eu abraçava, cheirava, mordida. Quando aprendi a ler, devorava as histórias dos livros da Seção Infantil. Lembro-me, particularmente, das desventuras aventureiras de um papagaio chamado de Globi e, logicamente, de toda a coleção de Monteiro Lobato. O cotidiano da minha infância dividiu-se entre o casarão e os jogos na praça em frente da escola primária. No casarão, um contato físico e sensorial com livros, e na praça, o esforço físico e intelectual para vencer meus amigos durante os jogos.

A Pré-Escola, que naquela época chamava-se Jardim da Infância, não me marcou muito. Lembro-me apenas de umas enormes freiras censurando-me porque não sabia desenhar bolas redondas o suficiente no meu caderno de caligrafia. Minha letra, até hoje, é péssima. Talvez se eu tivesse treinado...

Da Escola Primária ficaram apenas os carinhos de algumas professoras, um honroso segundo lugar no diploma e uma menina bonita que se sentava na segunda carteira.

A passagem do curso primário para o ginásial provocava, naquele tempo, uma mudança radical em nosso comportamento. Para começar havia o difícilíssimo exame de admissão.

Quando saí de casa e me dirigi ao Instituto de Educação Dr. Washington Luís senti que minha vida estava se modificando ritualisticamente.

Na cidade este Instituto era considerado um centro cultural e social. Para entrar no ginásio, era necessário fazer uma prova, chamada de exame de admissão. Este exame era uma espécie de vestibular e a concorrência para entrar neste Instituto era grande. Era uma escola pública onde estudavam as melhores famílias. Havia um ambiente de elite, mas não no sentido só financeiro mas intelectual também. Era um lugar onde se namorava, se fazia política e cultura. Por esta razão se a escola primária passou em brancas nuvens, a secundária transformou-se em um vendaval de prazeres.

Das aulas não tenho muito que dizer; dizendo apenas que os professores eram muito rígidos e tradicionais e que a filosofia reinante era a do ensino intelectualizado e elitista. O currículo incluía duas línguas vivas (o francês e o inglês) e uma língua morta (o latim). Aulas eram aulas e nós fomos condicionados a pensar que ali não era um lugar de diversão e prazer, mas sim um intermezzo de obrigação e disciplina. Deixávamos o prazer para depois que batia a sineta e, nos pátios e corredores, vivíamos intensamente.

No final dos cinquenta e início dos sessenta, os tempos eram de grande liberdade. Praticamente toda a atividade cultural, esportiva e social era programada e comandada pelos próprios alunos, através do Grêmio Estudantil, uma das primeiras instituições abolidas pela ditadura militar, exatamente por sua eficácia aglutinadora.

Eu permanecia na escola, praticamente em tempo integral. Muitos jogos, bailes, namoros e a melhor fanfarra do Brasil, de que eu muito me orgulho de ter sido o corneteiro-mor.

Nas trilhas do teatro, o mais importante foi o fato de que eu e alguns colegas resolvemos fazer um movimento cultural para usufruir dos 400 lugares do auditório da escola.

Criávamos e executávamos, aos sábados, um espetáculo de variedades (desde monólogos até números instrumentais), chamado de Programa Estudantil. Eu participava da criação, e gostava de dublar o Elvis Presley de quem eu imitava, também, a exagerada expressão corporal, incluindo sua famosa pélvis ondulante.

Aos poucos a atividade cultural e, mais especificamente, a artística foi-me envolvendo até chegar ao ponto que eu decidi mudar do curso científico para o clássico. Esperavam que eu fosse engenheiro, mas contentaram-se com o advogado, que além do médico, eram os três profissionais dignos naqueles tempos. Naquela época eu nem pensava em estudar teatro. Interessante é que a professora de psicologia aplicou-nos um teste vocacional e eu, com medo de desembocar na engenharia, tentei forçar as respostas para o lado do direito. Fiquei um pouco confuso quando a professora leu os resultados; meu teste deu atividade artística. Evidentemente eu sonhava com o aspecto teatral do direito, o Tribunal do Júri ou coisa que o valha.

Cursinho preparatório para a Faculdade de Direito em São Paulo. Descoberta eletrizante da capital com sua vida cultural infinitamente superior à da minha cidade. As sessões da cinemateca, os concertos no Teatro Municipal, os bares perto da rua Maria Antonia e, principalmente o Teatro de Arena.

Paralelamente a tudo isso eu entrara na Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica e para me manter, morando em uma pensão em São Paulo, comecei a trabalhar na Caixa Econômica Estadual. Do meu emprego tenho pouco a dizer, a não ser que não era nada estimulante. Ali eu fazia lançamentos em fichas de um arquivo que, quando cheguei, já estava atrasado dez anos. A todo custo, tentava apenas manter o atraso e fazia, para os funcionários, um "jornaleco" cultural. A Faculdade de Direito valia pelos interessantes contatos e amizades. Lembro-me de que eram meus amigos os dois principais líderes estudantis da época: José Dirceu e Luis Travassos. Os professores eram, ou acabaram por ser, muito famosos: o jurista Washington de Barros Monteiro; Marins de Oliveira, que se tornaria secretário Estadual da Segurança Pública; Manoel Ferreira Gonçalves, vice-governador do Estado de São Paulo e, o mais conhecido de todos, o ex-governador Franco Montoro. Eu, entretanto, sentava-me nos fundos da sala e apenas lia peças de teatro durante as aulas, provavelmente muito competentes, ministradas por aqueles mestres. A Faculdade, enfim, era uma obrigação de que eu me desincumbia satisfatoriamente.

Quando eu entrei na ECA (Escola de Comunicação e Artes da USP) estava fazendo o quarto ano de Direito. No quinto ano, tive que mudar de Faculdade porque na PUC-SP só havia o curso de Direito pela manhã e o Curso da ECA também era pela manhã. Isto foi em 1969, ano em que me casei também.

Namoro e casamento

Conheci Diana na época áurea do Instituto de Educação Dr. Washington Luís. Eu tocava na fanfarra e ela também. Diana fazia parte do grupo das meninas vestidas de escocesas. Nós viajavamos junto com a fanfarra. Eu ficava de olho nela, flertando. Escrevia bilhetinhos e os colocava debaixo da carteira dela no instituto. Ela estudava em um período e eu em outro, mas como eu morava na descida da escola podia vê-la passar. Geralmente nós namorávamos as meninas da própria escola, porque ali era um centro cultural, social de lazer e onde estavam os filhos das melhores famílias. O namoro e até o casamento entre a garotada que freqüentava a escola não era mera coincidência.

A Diana sempre foi muito diferente de mim e nunca gostou muito de teatro. Nós sempre trabalhamos muito e em vários lugares.

Eu comecei lecionando teatro no ginásio industrial da cidade, foi meu primeiro emprego e com isso pude casar.

Diana quando ainda era minha noiva falou uma vez:

- Você não vai trabalhar?

Eu respondi: eu trabalho e estudo.

- Ela disse: não é bem sobre isso que eu estava querendo falar. Claro que ela estava fazendo uma alusão a casamento. Quando casei ainda estava estudando.

O trabalho e a vida familiar

Comecei a carreira universitária, na própria ECA, um ano depois de formado por ela, em 1971. Imagina! estou lá até hoje, há aproximadamente 27 anos. Nesta data ainda não havia deixado o Ginásio Industrial. Por volta de 1974 pedi demissão do ginásio e fui trabalhar no Ministério de Educação e Cultura. Nesta época, fazia o mestrado e acumulava três empregos: no MEC, na ECA, e na Faculdade Brás Cubas. Precisava trabalhar muito para poder sobreviver.

Quando abracei a carreira acadêmica, fiz o mestrado e o doutorado com muito sacrifício. Nunca tive bolsa, sempre me virei, fazia minhas teses de madrugada.

Apesar desta vida agitada sempre me dediquei muito a minha mulher e meus filhos. Se há uma coisa que sei fazer bem é administrar o tempo no seguinte sentido: quando estou fazendo uma atividade me concentro nela, seja no trabalho ou com a família.

Diana nunca reclamou das minhas atividades e do meu trabalho. Ela sempre soube que tudo que eu fazia era benéfico para nossa vida, além disso, ela sempre trabalhou muito também.

Ela é professora de Português no ensino médio. Sempre lecionou em três, quatro lugares, de manhã, a tarde e a noite. Nós dois só tínhamos os finais de semana livres. A nossa sorte é que a minha sogra, Dona Dulcinéia, já falecida, adorava ficar com nossos filhos, e isto nos dava certa liberdade. Uma parte da criação de nossas crianças se deve a ela.

Eu nunca fui daqueles pais que vivem em função dos filhos. Mas sempre tive um tempo para brincar com eles. A minha esposa sempre foi mais possessiva com os filhos. Por exemplo, ela já está preocupada com a quantidade de vezes que o nosso filho mais velho vai almoçar em nossa casa depois que casar, ele é noivo. Independente do nosso modo de ser, os nossos três filhos são muito ligados a nós.

Eu e a Diana chegávamos em casa geralmente às dez horas. Das dez a meia-noite ficávamos tomando café e conversando com minha sogra e as crianças. Elas se habituaram com este ritmo de dormir depois da meia-noite e acordavam cedo. Esse era um momento de conversa privilegiado entre todos nós. As conversas também aconteciam nos finais de semana. Quando eles eram

pequenos viajávamos muito com eles para hotéis fazenda pois neles havia muita diversão para crianças.

As histórias infantis criadas por Dionísio: O Ultragavião

Lembro de contar histórias fantásticas para os meus três filhos. Dizia que a noite virava um gavião e saía voando. Muitas vezes eu falava que os levava para voarem junto comigo mas eles não se lembravam porque estavam dormindo.

Eles acreditavam piamente na história. Isto porque, à noite, quando eles estavam dormindo, eu chegava, uma vez ou outra, os acordava e dizia: acabei de voar. Eles ficavam com os olhos arregalados me olhando.

Costumava inventar as histórias na hora, por isso não lembro delas. A que me recordo mesmo é a do Ultragavião porque era sempre contada. Acredito que os meus filhos, agora adultos, também lembrem delas.

Sou uma pessoa muito brincalhona, ontem mesmo eles estavam conversando sobre espiritismo na mesa, e eu comecei a falar:

- Não posso contar para vocês o que eu já vi nesta vida.

Eles ficaram curiosos e queriam saber o que eu tinha visto. Repeti que não podia contar. Então eles ficaram na dúvida se eu estava brincando ou falando sério.

Sempre fui muito mais de inventar histórias do que ler histórias para os meus filhos.

Na minha família há uma tradição de contar histórias. Eu, talvez por minha paixão pelo teatro, gosto de contar e de criar histórias. A Diana além do gosto pelas histórias, tem formação na língua portuguesa. Mas ela gostava mais de comprar livros de histórias e lê-los para as crianças.

As reuniões familiares

Todos os domingos, eu a Diana e nossos filhos sempre estamos aqui na casa dos meus pais.

Meus pais, já são de idade e sempre repetem as histórias da família. Esquece o que eu falei sobre a idade. Eles sempre contaram a histórias da família, agora os dois as repetem mais. Hoje, quando um dos dois começa a desfiar estas lembranças, alguém inevitavelmente diz:

- Vô você já contou esta história.

- Pai você já contou esta história.

Indiferentes aos nossos comentários, eles repetem a história e nós acabamos ouvindo como se fosse a primeira vez.

A minha mulher conta histórias da família e a mãe dela também.

Domingo, na casa dos meus pais, conversamos muito. Meu filho mais velho costuma dizer que domingo é dia da fábrica de sonhos. Todo mundo pensa em como abrir e fazer grandes negócios. É também um bom dia para lembrar histórias da família. Na verdade, qualquer reunião, principalmente aquelas onde estão todos reunidos, como Natal e Ano Novo, tornam-se momentos propícios para recordar.

Algumas das histórias que se repetem

A família é rica em histórias pois alia a tradição da minha mãe quatrocentona ao espírito aventureiro do meu avô paterno. Há histórias muito antigas e outras mais recentes. A minha filha mais nova Dione disputa fotos antigas com uma das tias. As fotos são disputadas porque contam histórias e despertam lembranças.

Falamos muito das histórias do Vô Júlio, meu avô materno e dos meus avós paternos Davi e Dulce. São os personagens mais antigos das histórias. Falamos também de fatos acontecidos com meus pais.

Meus pais moraram uma época com meus avós maternos. O meu avô apesar de não gostar de baralho ensinou- os a jogar. O pai e a mãe adoravam jogar pife a dinheiro mas meu avô não gostava. Um dia, mesmo casados, eles pularam a janela para jogar escondido e ganharam. Difícil foi explicar a origem do dinheiro no dia seguinte.

Minha mãe é muito desligada e tem muitas histórias sobre isso. A primeira vez que viajou de avião e sozinha, recomendaram a ela que não viajasse na cauda do avião porque era muito perigoso. Aconteceu o seguinte. Ela estava em pé no ônibus que transportava os passageiros até o avião, e um rapaz gentilmente lhe ofereceu um lugar para sentar. Ela perguntou:

- Este lugar é onde fica a cauda do avião?

- O rapaz respondeu que não com um certo receio na voz.

Gosto de escutar sobre a fuga da minha avó paterna da casa do meu bisavô em Portugal, para vir para o Brasil. Contam que quando o pai da minha avó descobriu a fuga e gritava da janela:

- Dulcinha! Dulcinha! Não me deixe, não me abandone. Imagine a coragem da minha avó para vir para o Brasil.

Esta mesma avó, já casada, muitos anos depois, desconfiou que o meu avô tinha uma amante. Ela se vestiu de homem com as roupas dele, foi até a casa da amante e deu uma surra nela.

Meu avô Davi é muito lembrado. Contam que à mesa nas refeições ele não falava absolutamente nenhuma palavra, apenas apontava com a

mão o que queria e o que não queria. Quando alguém na família faz os mesmos gestos, naturalmente ou para brincar os presentes exclamam:

- Olha o avô Davi!

Outro personagem é tia Dora, conhecida na família por falar demais. É a irmã mais velha do meu pai. Ela não lhe dá tempo para dizer até logo. Um dia tia Dora encontrou com a minha sogra, que era revisora do jornal da cidade, e ela lhe disse que estava indo almoçar. Minha tia falou uma hora e meia ou uma hora e quarenta e depois perguntou graciosamente a minha sogra:

- Você não vai almoçar? Ela respondeu:

- Agora não querida... agora eu vou trabalhar.

Na nossa família, considerando os vários grupos familiares que a compõe, têm personagens que são conhecidos por todos. As histórias são exaustivamente repetidas. Acho que os membros da família as conhecem “de cor e salteado”. Em muitos momentos, quando estamos todos reunidos, basta alguém puxar o fio da meada para as mesmas histórias serem novamente contadas.

4.3.2 A história do Sr. Diogo

Meus pais, Dulce e Davi, nasceram em Portugal e eram lavradores.

Meu pai queria progredir e veio para o Brasil. Ficou um tempo e voltou para seu país. Nos seis meses que passou lá, namorou e casou com minha mãe. Meu avô, era totalmente contra o casamento, era muito apegado a ela e não queria que a filha tão querida fosse para um país estrangeiro, para longe dele. Meus pais casaram e enganaram meu avô para virem para o Brasil. Os dois inventaram um passeio de carroça para saírem da casa do velho e viajarem. Mas ele, da janela, os viu partirem.

Minha mãe conta que ele chorava e dizia:

- Minha Dulcinha não vá, minha Dulcinha não vá.

Minha mãe sempre guardou esta mágoa de não ter se despedido do pai quando veio para o Brasil, mas não se lamentava, não chorava por causa disso.

Meus pais saíram de Portugal e foram parar no Rio de Janeiro. Meu pai foi trabalhar como operário mas não tinha nenhuma qualificação. Posteriormente, arranhou emprego na Central do Brasil e começou no pior trabalho que podia existir, o trabalho braçal. Mas subiu na carreira e chegou a chefe de mestre de linha, posto no qual aposentou-se.

Como mestre de linha ele morou em Santos Dumont, Juiz de Fora, Três Rios, Itaquaquecetuba. Quando foi transferido para Sabaúna e nós atingimos a idade escolar pediu para ser removido para esta cidade, na qual moro até hoje. Mudamos para cá no dia 1 de fevereiro de 1930.

Primeiro moramos numa casa comum depois a Central do Brasil nos transferiu para uma casa muito melhor, uma prerrogativa do chefe de mestre de linha.

Meu pai não sabia rir, era muito bravo, não gostava que nós falássemos às refeições e não admitia piada sobre português. Mas era um homem muito bom, hospedava muito bem os parentes.

Meu pai não dava risada, os funcionários da central tinham um verdadeiro pavor dele, acho que até ódio. Uma passagem da vida dele no trabalho mostra a má fé contra ele. Ele foi ajudar uns homens a descarregar trilhos; foi de boa vontade porque a tarefa dele não era essa. Inexplicavelmente um dos trilhos caiu em cima da sua mão. A primeira vista o médico achou que precisava amputar um dedo mas não foi necessário. Esse acidente aconteceu dois anos antes dele se aposentar.

Ele se achava o melhor e mais perfeito mestre de linha no trecho São Paulo- Rio de Janeiro. O trem que tinha mais conforto, não balançava tanto, era um carro pesado que tinha três rodas de cada lado. O que balançava mais tinha duas rodas. Neste trem você tinha que tomar o café no ritmo do balanço da máquina, caso contrário, não sobrava nada no copo ou na xícara.

Meu pai era uma pessoa idônea, as pessoas confiavam nele. Certa vez um dos engenheiros da Central que tinha toda confiança nele o mandou receber uns dormentes em Pederneiras uma região que abrangia a Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Quando voltou só pensava na aposentadoria e vivia repetindo:

- Isto aqui não presta é uma porcaria, boa mesmo é a Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Quando estourou a Revolução de 1932, meu pai participou ativamente e acho que veio daí sua admiração pelas forças aliadas na Segunda Guerra. Ele não deixava de escutar o rádio, não perdia as transmissões internacionais que chegavam até o Brasil. Meu pai, de vez em quando, fazia algum comentário sobre a guerra.

No dia nove de julho, o chefe da Central do Brasil bateu na nossa casa de madrugada dizendo que havia estourado uma revolução em São Paulo, a Revolução Constitucionalista. Meu pai foi chamado para achar voluntários que se dispusessem a cavar trincheiras em Queimados e Guaratinguetá. As forças rebeldes forneciam as armas, chamadas mosquetões. Eles guardavam as pontes e as linhas da estrada de ferro.

Havia um mosquetão que ficou guardado lá em casa até eu fazer o Tiro de Guerra, em 1938, quando eu devolvi a arma ao quartel.

Minha mãe sempre foi de prendas domésticas, muito econômica e trabalhadora. Nós morávamos em onze pessoas. Meus pais, sete filhos (seis homens e uma mulher) e dois primos. As sextas-feiras, a mãe engomava de seis a doze camisas. Todos os homens da casa saíam com os colarinhos engomados por

ela. Não sabia ler nem escrever, nunca quis aprender, morreu analfabeta. E quem se importava? A mãe era humilde, divertida, carinhosa, e muito brincalhona.

Havia um tio que veio de Portugal para trabalhar no Brasil e morou muitos anos conosco. Todo dia ele sentava ao lado da máquina de costura da mãe e lia para ela principalmente as notícias de Portugal. Na Revolução de 1932 ele contava a história da revolução e o que se passava nos combates. O rádio pegava muito mal, então como ela não sabia ler meu tio lia as notícias para ela. As vezes, enquanto meu tio estava lendo ela dormia, nós ríamos muito quando isso acontecia.

Minha mãe era muito amiga e com aquela ninhada de filhos ela fazia coisas muito engraçadas. Se havia apenas uma manga e não dava para repartir entre todos nós, pois ninguém ficaria satisfeito, ela se debruçava na janela para chupar a manga escondida. Ríamos e perguntávamos:

- Mãe! O que você está fazendo aí?

Ela respondia com boas risadas.

Lembro que quando eu tinha uns cinco anos, ganhei um macaquinho, um sagüi. Adorava o macaquinho, mas ele acabou morrendo e eu não queria que fosse enterrado. Minha mãe disse para mim:

- Meu filho nós vamos enterrar o bichinho, e você vai ver que vai nascer um pé, uma árvore cheia de macaquinhos. Então concordei que enterrassem meu macaco.

Refeições em família

Meu pai era um bebedor de café. Em casa, minha mãe torrava e socava o café no pilão. O gosto e o aroma do café eram deliciosos mas dava uma trabalhadeira enorme. Por causa disso, ela comprava café pronto, e misturava com o outro para não ter tanto trabalho. Ela enganava direitinho meu pai e ele nem percebia a mistura do café.

Toda sexta-feira, minha mãe costumava fazer grandes quantidades de marmelada, que ela guardava dentro de uma gaveta embrulhada em papel celofane.

Em junho ou julho matava-se um porco na nossa casa. Ele era destrinchado e dava-se meio cozimento e meia fritura nas carnes, depois elas eram depositadas em latas de vinte quilos junto com gordura feita de toucinho derretido. Do sangue se fazia o chouriço e uma comida chamada bolouras; que era o sangue misturado com fubá mimoso e gordura. Depois de preparada, esta comida ficava muito semelhante a um quibe grande e era estocada. Quando precisava preparar uma refeição de emergência, ela cozinhava as bolouras, as fatiava e as fritava como se fossem batatinhas fritas. Aquilo era uma delícia.

Do porco, ainda se fazia a lingüiça. As tripas eram muito bem lavadas e viravam lingüiça, dentro delas colocávamos pedaços de toucinho e as sobras de carne das costelas tudo bem moído. As lingüiças eram penduradas e podiam ficar meses sem estragar, desde que uma não encostasse na outra. Ficavam ainda pendurados carne, costela e toucinho de porco defumado.

No meu tempo a educação era muito mais rígida. Eu sempre comento com meus filhos e netos, todos bem educados, que havia aquela comida toda estocada na casa dos meus pais, mas ninguém comia fora do horário das refeições. Não havia proibição, por exemplo, de alguém fritar uma lingüiça, mas ninguém fazia isso fora do horário da refeição. Eu vejo isto da seguinte maneira: não havia proibição, havia um sistema que todos obedeciam.

Eu sempre levava lanche de casa para a escola. Havia também um sistema no horário das refeições.

Geralmente todos se reuniam sob o comando do velho na cabeceira da mesa. Comia-se de tudo e aquele que recusasse alguma comida era advertido. Meu pai era severo. Obrigava todos comerem o que estava sendo servido, como por exemplo, tomar sopa.

A vida inteira a casa da minha mãe foi muito assediada, pela família e pelos amigos. A porta da casa era aberta, as pessoas faziam as refeições lá sem a menor cerimônia. A casa era muito freqüentada.

Meu pai era bravo mas era um excelente anfitrião, recebia muito bem embora falasse pouco. Se alguém dizia dez palavras, ele dizia meia palavra.

O Natal

Toda véspera de Natal, no dia 24 de dezembro, a minha mãe fazia bacalhoadada para a ceia. A mesa era arrumada com nozes, castanhas, vinhos, e, ficava assim até o dia 25.

No dia de Natal havia leitoa e frango. Meu pai sentava na cabeceira da mesa e distribuía o vinho. Ninguém ficava bêbado. Para as crianças se dava vinho misturado com água e açúcar.

A vida profissional

Trabalhei um ano e três meses na pedreira. Parecia trabalho forçado. Eu ficava hospedado na casa de um tio em Sabaúna. Havia aqueles que iam trabalhar na pedreira e voltavam para suas casas porque tinham bicicleta. Eu não tinha e não tinha dinheiro para comprar uma.

Isto deve ter acontecido no ano de 1938. O desemprego era grande. Eu estava na pedreira por castigo, mas a maioria dos meus colegas que estavam lá era porque não tinham alternativas. Naquele tempo não havia

emprego mesmo. Conheço muitos homens na cidade que hoje estão riquíssimos e trabalharam junto comigo na pedreira.

Eu sempre tive muita vontade de trabalhar. Arrumei um emprego numa firma particular em São Paulo e fiquei como subgerente em um setor que ficava na Penha. Depois me colocaram para ser subgerente do depósito inteiro da companhia. Tudo isto aconteceu em seis meses. Mas tive que sair porque fui convocado para a guerra.

Saí de São Paulo e voltei para a minha cidade. Como meu pai era chefe na Central do Brasil, pediu a um dos engenheiros da Central que me nomeasse em alguma função para me livrar da convocação da guerra. O engenheiro me nomeou como escriturário. Um amigo da família que conhecia o pessoal do quartel de Caçapava escreveu um memorando me apresentando.

No dia da apresentação no quartel para o exame médico não levei o memorando, mas fui declarado inapto pelo médico por ter escoliose. Fui dispensado, mas saí muito preocupado porque o Doutor disse para eu me cuidar porque conhecia um médico que havia morrido deste mal.

Fui ao médico da Central e ele disse que eu ia ficar corcunda ou morrer. Preocupado com o diagnóstico contei o caso ao meu pai e fomos para um consultório em São Paulo onde havia máquina de raio x. Foi tirada uma radiografia da minha coluna e foi constatado que eu não tinha nada de grave.

Trabalhei na Central de 1939 até 1942. Trabalhei no tráfego de trens e logo após fui trabalhar na estação Roosevelt. Não me adaptei ao sistema da Central por causa do Getúlio Vargas. Era um ditador e perseguia os funcionários. Punha os funcionários na rua a canetada sem direito a defesa. Um conhecido meu pegou um feixinho de lenha para fazer comida na casa dele e foi denunciado. Foi posto na rua sumariamente com mais de 20 anos de casa.

Meu irmão morreu dia 24 de fevereiro de 1942 depois de trabalhar oito anos na Central do Brasil. A Central não deu nenhuma assistência à ele; se meu pai não tivesse dado guarida, meu irmão teria morrido na miséria, na sarjeta. Depois da morte do meu irmão saí da Central no dia 1 de março de 1942.

Mais ou menos um ano depois de ter saído da Central meu pai me arranhou dinheiro emprestado e eu abri um bar, no dia 24 de abril de 1943. Chamava-se Bar Cruzeiro, e era o mais famoso da época na cidade. Havia 40 tipos de aperitivo, chope, pizza napolitana e sanduíches variados.

Meu primeiro sócio morava nos fundos do Bar. Quando falei para ele que pretendia aumentar o bar, ficou ofendido e saiu da sociedade.

A sociedade com o marido da minha irmã também não deu certo. Ele achava ruim quando eu trabalhava muito e quando trabalhava menos. Vendemos o bar porque eu não teria condições de tocar o negócio sozinho. Na época, era solteiro e muito moço.

Já casado, meu sogro me arranhou um armazém na rua São João. O negócio não deu certo porque eu ficava com pena das pessoas. Vendia fiado, achava que todo mundo era honesto e pagariam as dívidas. Por exemplo, uma vez fui cobrar uma dívida e encontrei a mulher do devedor quase as portas da morte, acabei deixando dinheiro para ele comprar remédio. Cheguei a contratar uma mulher muito rica que havia ficado na lona para cobrar as dívidas. Não deu certo. Eu pagava a comissão para ela e o dinheiro das dívidas não aparecia. Adotei outra tática de cobrança. Dizia para os meus devedores:

- Olha, você está me devendo, um dia o azar pode cair sobre você, sua casa pega fogo, a família inteira morre, e você fica me devendo. Não deu certo. Devedor não tem medo de praga. Passados tantos anos, ainda encontro pessoas que ficaram me devendo, falam comigo e não tocam no assunto. Conclusão, vendi tudo fiado, não recebi quase nada e saí do negócio com uma mão na frente e outra atrás. Tive que arranjar um emprego.

Eu tinha que arranjar um emprego de qualquer jeito e não era uma tarefa fácil. O desemprego era grande. Um dia, um deputado que era muito amigo do meu sogro foi visitá-lo. Ele aproveitou a oportunidade e pediu um emprego federal para mim. Alguns dias depois, o deputado foi ao Rio de Janeiro e como não sabia meu nome inteiro fez a nomeação para ele mesmo, com o nome dele. Quando voltou aqui para a cidade explicou-me o que tinha acontecido, pegou o telefone, ligou para o Rio fez a troca dos nomes. Adivinhe como eu fui nomeado? Operador de raios-x. Você vê como é esse Brasil? Naquele tempo já estava perdido.

Fundaram em São Paulo um serviço que se chamava Serviço Médico Social, não tenho muita certeza do nome, e era ali o meu futuro local de trabalho. Quando me apresentei no serviço, o médico com o qual ia trabalhar me recebeu muito bem. Disse a ele:

- Doutor eu nunca vi uma máquina de raios-x na minha vida. Não tenho a mínima idéia de como isso funciona. E o médico me diz sem a menor cerimônia:

- Eu também não. Mas isto se resolve fácil. Vou lhe encaminhar para fazer um treinamento com um pessoal conhecido meu.

Fiz o treinamento, tomei gosto pelo serviço e já estava me achando o melhor técnico do mundo. Trabalhei dez ou onze anos como operador de raios-x. Neste mesmo período fiz uma proposta a um médico de uma família bem tradicional aqui da cidade. Disse que pretendia abrir uma clínica radiológica junto com um médico de São Paulo, mas se ele aceitasse, montaríamos uma clínica na nossa cidade, na qual ele entraria com a máquina e eu com a mão-de-obra. Este médico aceitou a proposta e abrimos uma clínica na Praça João Pessoa que existe até hoje.

O meu trabalho de técnico em radiologia encerrou-se quando fecharam aquela marmelada do Serviço Médico Social. Aquilo acabou-se no

tempo do João Goulart e me deslocaram para um setor onde não tinha serviço de radiologia, embora esta fosse a minha função.

Na década de 1950, houve um período em que construía casas e as vendia. Desse período o fato mais marcante foi uma casa muito boa que construí para morar com minha família. Acontece que uma amiga da minha mulher nos disse que os padres e a comunidade estavam querendo montar uma Diocese na cidade, procuravam uma casa para alugar, pretendiam pagar muito bem. Como o negócio parecia ser muito bom, ofereci aos padres a casa para ser alugada. Mas logo descobri que eles estavam oferecendo um aluguel bem mais baixo. Voltei atrás, disse que tinha sido precipitado e apresentei bons motivos para não alugar a casa. Mas um ex-prefeito da cidade, que fazia parte da comissão para a montagem da diocese, foi falar comigo pedindo pelo amor de Deus que eu alugasse a casa. Eu dizia à minha mulher:

- Não vou alugar a casa, eles que se virem. Porém, minha mulher muito ponderada argumentava;

- Se nós não alugarmos a casa e eles não conseguirem montar a Diocese, a cidade vai nos responsabilizar por isso. Teremos contra nós, os católicos, as beatas e uma boa parte da cidade. Vão nos crucificar. Resolvi mudar de idéia e de casa. Mudamos para um apartamento que um padre gentilmente foi benzer e ainda levou uma garrafa de champanhe de presente.

De 1965 até 1976 fui trabalhar como fiscal de porto em Santos. Ia e voltava do trabalho de ônibus. Morava aqui, mas trabalhava em Santos. Porém adaptei-me muito bem a nova função. Era tão boa que não queria nem tirar férias. Tinha um jipe, da Marinha ou do Ministério, a minha disposição. Entrava e saía do Porto a hora que quisesse, ninguém me fiscalizava. As minhas refeições eram maravilhosas, comia e bebia do bom e do melhor. Comia pão italiano, tomava vinhos franceses, portugueses e italianos, o almoço era sempre muito sofisticado. Fiz muitos favores na alfândega para o pessoal da minha cidade, principalmente para os japoneses.

Em 1977, como não faltava muito tempo para a minha aposentadoria consegui transferência para minha cidade. Não pude me aposentar como fiscal de Porto porque não tinha o diploma de advogado, aposentei-me como técnico de radiologia em 1981.

Uma história de amor

Em 1940, já namorava Diná. Meu irmão que estava com tuberculose dizia:

- Você está namorando uma tuberculosa, ela não serve para você.

As pessoas me cercavam na rua e também diziam:

- Sua namorada é doente e esta doença é contagiosa.

Não me importava com o que falavam, eu gostava muito dela. Diná era bonita, linda, uma beleza de mulher! Preferia morrer tuberculoso com ela do que perde-la.

Namoramos de 1940 a 1944, foram quatro anos bem aproveitados. Sem malandragem, namoro honesto. Andar de braço na rua só depois de noivo. Estas coisas eram estabelecidas. Se você via um casal de braço dado na rua, já se sabia que estavam noivos de aliança e com compromisso firmado com o pai da noiva. Mesmo depois de noivos nós não andávamos de braço dado na frente do pai dela. O respeito era muito grande.

Estamos casados a 53 anos e tivemos dois filhos.

Casamos em Aparecida do Norte. Nós, nossas famílias e os convidados fomos de trem para lá e ficamos todos hospedados em um hotel. A Diná padeceu na noite anterior ao casamento. A mulher do tabelião do Segundo Cartório resolveu dormir na cabine da noiva. A noiva quase não dormiu porque a mulher falava pelas juntas do corpo. A Diná foi dormindo em pé para o casamento que se realizou às sete horas da manhã.

A Diná foi a primeira bibliotecária da cidade. Formou-se em 1949, quando a Faculdade de Filosofia era na Rua Maria Antônia. Mas ela era professora desde 1942 em um ginásio do Estado. Em agosto de 1950, ela foi nomeada bibliotecária.

Vou lhe contar uma coisa. Quando o Dionísio ia mal numa matéria do ginásio, ele chegava em casa e dizia:

- Mãe tirei nota baixa, a professora me persegue. A Diná mais do que depressa fazia um tronco para mandar à professora. Sabe o que é um tronco? É um rocambole enrolado com goiaba. Ela mandava o tronco para a professora e falava para o Dionísio:

- Agora você vai tirar dez !

O meu pai morreu em 1961 e minha mãe morreu em 1970. Meus filhos tiveram bastante contato com os avós. O Dionísio, a Denise e meus netos conhecem muitas histórias da família.

Lembranças de família

Há uma história bem divertida que ficou marcada na família. Um dia apareceram dois camaradas na porta da nossa casa, intitulado-se de arrematadores de leilões em São Paulo. Disseram que tinham arrematado talheres de prata da família Prado e os estavam vendendo por uma bagatela; e, se a minha mãe os comprasse, ainda ganharia um brinde, um jogo de toailete para a minha irmã que estava noiva – um espelho, um pente e uma escova de cabelo. Um dos meus irmãos fazia gestos para ela não comprar, porém ela se entusiasmou com o negócio. Pegou uma nota de quinhentos mil réis no livro do pai e mandou meu irmão trocar a nota na bilheteria da Central do Brasil. Ela pagou os talheres e quando os tais arrematadores partiram ela dizia:

- Olha que chique, que beleza de talheres, um negócio da China.

Naturalmente minha mãe não contou nada ao meu pai, pois, com certeza, ele diria:

- Você está louca! Eu estava guardando dinheiro para construir uma casa.

Passados quinze dias da compra dos talheres, a polícia apareceu na nossa casa dizendo:

- A senhora tem que nos acompanhar até a delegacia. Pegue tudo que foi comprado porque a senhora é uma receptadora. Minha mãe dizia:

- Se meu marido sabe disso me mata, não contem nada à ele.

Ela pegou a trouxinha com as coisas e junto com minha irmã, que já era uma mocinha, foi até a rua Coronel Souza Franco onde ficava a delegacia para devolver tudo.

Por sorte quem estava na administração da Delegacia era o Seu Lopes, um ex-agente da Central do Brasil e dono do Hotel Santana. Ele era o sub-delegado e conhecia minha mãe e meu pai. Minha mãe devolveu a prataria, não houve processo e o caso foi abafado; mas ela ainda teve a coragem de negociar com o sub delegado a posse de uma colher e conseguiu.

Minha mãe, sempre foi muita caseira, além de boa esposa, mas o meu velho era terrível. Ela começou a desconfiar que o meu pai estava tendo um caso com uma vizinha, porque toda a noite ele saía pelo quintal, passava pelo pasto, e ia para casa desta mulher que ficava a uns quatrocentos metros da nossa. Um dia minha mãe vestiu uma roupa de homem, colocou um chapéu, pôs um cigarro na boca, ensaiou os gestos do meu pai e partiu em direção a casa vizinha. A mulher, pensando que era meu pai, foi encontra-lo na cerca; minha mãe não teve dúvida, deu umas pancadas nela. Minha mãe era uma pessoa de fibra. Veja a irresponsabilidade do meu pai, esta amante dele morreu tuberculosa. Além de trair minha mãe podia ter contraído a doença e ter contaminado todos nós.

Dilmar, meu irmão mais velho era o galã da família. Vestia-se impecavelmente não se importava com o preço. Comprava a prestação, no dia do pagamento as quitava e ficava sem nenhum dinheiro. Minha mãe sempre arranjava um dinheirinho para ele até o próximo salário.

Bastante assediado pelas moças da cidade era bonito e muito elegante. Dava a impressão de ser um homem riquíssimo. Não era. Gastava o salário com roupa e quando sobrava alguma coisa me levava na Seleta, um bar onde se bebia chope e comia-se doce, também comprava presentes para a sobrinha e à mãe. Dois dias depois não tinha mais um tostão e estava pedindo dinheiro emprestado.

Há uma passagem da vida dele que gosto de contar. Ele namorava uma moça muito conceituada aqui da cidade. A irmã desta moça estava com o casamento marcado com um empresário local, que tinha um nível muito mais elevado do que nós na época; meu irmão estava quase noivo, precisa

ir ao casamento da futura cunhada mas não tinha dinheiro para comprar um bom presente. Ele apelou para minha mãe dizendo:

- O pai não vai me dar dinheiro para eu comprar presente para os outros e se eu não comprar alguma coisa, eu prefiro morrer, me suicidar. Claro que minha mãe deu um jeito. Ela me mandou falar com um comerciante conhecido para arranjar dinheiro emprestado. Por cinqüenta mil réis, foi comprada uma licoreira com o formato de um pequeno elefante, na qual estavam pendurados copinhos de licor. Depois a mamãe pagou com o dinheiro que ela surrupiava do pai. Ele tinha o hábito de guardar dinheiro dentro de um livro, não guardava em banco. De vez em quando a mãe pegava o livro e tirava algum dinheiro.

Meu irmão morreu com tuberculose, aos 24 anos. Ele tinha os sintomas da doença mas um médico aqui da cidade o tratava com medicação para problemas de fígado. No dia 31 de dezembro de 1940 ele se levantou e teve um forte acesso de tosse. Neste dia meu pai foi para São José dos Campos e trouxe o Dr. Nelson que tinha bastante conhecimento da doença, era um especialista. Depois de examinado, meu irmão teve que ir para São José dos Campos para ser internado no hospital que minha mulher ficou quando teve a mesma doença. Como não tinha vaga no hospital ela ficou numa pensão para rapazes. Mas os moços não acreditavam no perigo da doença, e faziam tudo o que não podiam fazer.

Nesta época ele perdeu o dente da frente e isto era um grande vexame para alguém tão vaidoso. Sua saúde foi ficando cada vez mais precária e a única preocupação dele era não ser visto no leito de morte pela namorada.

Nós sempre achamos que meu irmão pegou tuberculose na família desta moça de quem ele estava quase noivo, pois, uma irmã da moça estava com a doença.

Eu era mocinho, com dezenove anos, já tinha feito o Tiro de Guerra e me aconteceu uma coisa trágica. O meu irmão Dino, que devia ter catorze ou quinze anos, tinha feito umas traquinagens. Na hora do jantar meu pai pegou uma bengala para bater nele. Guardei-a como recordação. Eu mocinho, já maduro intervi dizendo:

- O Senhor não pode bater no Dino com esta bengala, vai machuca-lo. Bate com a correia, com a mão mas não com a bengala. Ele me disse:

- Não se meta nisso. Mesmo advertido, segurei a bengala e não deixei meu irmão apanhar. Enquanto discutia com meu pai, meu irmão fugiu.

O pai tomou a bengala e quis me bater. Eu me defendia afastando-me da bengala o quanto podia. Na discussão fomos parar no banheiro. O pai perdeu o equilíbrio, caiu, e aproveitei para fugir. Ele pegou um revólver e saiu atrás de mim gritando:

- Você me agrediu! Você me agrediu!

Eu não o agredi apenas me defendi. Escondi-me na chácara do meu cunhado. Ele não me achou mas expulsou-me de casa. Fui para o Rio de Janeiro.

Fiquei no Rio de Janeiro três meses. Na época estava com dezanove anos. Alguns amigos me apoiaram, porém achavam que por eu ter cursado até o terceiro ano do ginásio não podia trabalhar em qualquer serviço. Mas naquele momento, qualquer emprego seria bem-vindo pois tinha que sobreviver.

Fui trabalhar num restaurante como caixa. Comia na copa de favor e os garçons me davam cigarro e pagavam a condução. Eu me sentia humilhado. Escrevi ao meu pai pedindo arrego para voltar. Ele concordou, porém, deu-me um castigo enorme, arrumou um trabalho braçal para mim na pedreira de Sabaiúna.

4.3.3 As lembranças de Daniel

Sempre freqüentei muito a casa dos meus avós paternos porque nós morávamos muito próximos. Quando mudamos de casa, todos os finais de semana também ia à casa deles. Meus avós e o meu bisavô paterno me recebiam maravilhosamente. Acho que eles gostavam muito de mim porque eu ia muito para lá e eles deviam gostar muito de criança. Meu bisavô gostava que eu ficasse ao lado dele assistindo televisão, desde que eu não mexesse no controle remoto. Até os 12 ou 13 anos tive um contato intenso com meus avós paternos e com minha avó materna.

Uma parte das histórias da família são contadas pelo meu avô Diogo; e volta e meia nós as repetimos, como o rapto da bisavó e a briga do meu avô com o pai dele.

Uma das histórias que mais gosto é do casamento dos meus bisavós paternos. O pai da minha bisavó não queria o casamento porque ele não queria que ela viesse para o Brasil. O meu bisavô raptou minha bisavó. É uma história bonita, romântica. Na nossa família se conta muito esta história. É gostoso imaginar o rapto, os preparativos... A cena do meu bisavô roubando a noiva provoca a imaginação.

Meu bisavô devia ser nervosíssimo. Um dia, queria bater em um dos filhos com uma bengala. O Avô Diogo foi defender o irmão e dizia ao meu bisavô:

- Papai não faça isso, ele não fez nada de tão grave.

Meu bisavô se voltou contra o meu avô. Achou que ele o estava desrespeitando ao intervir na briga e queria bater nele. Meu avô se defendeu e o meu bisavô tomou isto como uma agressão. Ele saiu com um revólver atrás do meu avô e depois o expulsou de casa.

A infância

Quando crianças nós passávamos as férias em Caraguatatuba. Ficávamos em uma vila de casas a beira da praia. Parece que lá o medo estava sempre presente. Havia o medo do mar que era bravo e matava as pessoas. Existia uma espécie de laguinho que desembocava no mar, onde a morte também estava a espreita. Diziam que quem nadava no laguinho iria morrer.

À noite nós caminhávamos pela vila com os mais velhos e escutávamos suas histórias. Algumas nos causavam medo. Lembro-me que um dia, eu e meu irmão ficamos muito impressionados porque vimos uma mulher e cismamos que ela era mecânica. A mulher rodava a cabeça como se fosse um parafuso, era como se a sua cabeça desse um giro de trezentos e sessenta graus. Não sei dizer se isto era uma fantasia de criança, produto da nossa imaginação, ou, era real. Relembrando o clima daquela Vila, as histórias, eu posso até sentir aquela sensação de medo da minha infância.

As histórias infantis mais contadas pelos pais e pela avó materna

Tenho a impressão que meu pai inventou a história do Ultragavião porque, quando criança, eu era vidrado em alguns heróis de desenhos animados como o Ultraman e Ultraseven. Ele resolveu fazer uma versão tupiniquim das histórias.

Minha mãe contava muito a história do Negrinho do Pastoreio. Esta não é uma história particular da família mas do folclore nacional. Não lembro exatamente da história. Lembro que o negrinho do pastoreio fugiu da senzala e o pegaram. Como castigo o colocaram no formigueiro e ele morreu. A história nos deixava como medo por causa da morte no formigueiro.

À noite, minha avó materna Dulcinéia, enquanto meus pais trabalhavam, ficava tomando conta de mim e dos meus dois irmãos. Ela contava para nós histórias que aconteceram na cidade e viraram lendas. Havia a história do bebê vermelho.

Certa vez, uma pessoa encontrou um bebê jogado na rua no beco do Colégio. Quando a pessoa pegou o bebê, viu que ele era vermelho e parecia o demônio.

Moral da história: não ande tarde da noite na rua porque você pode encontrar um bebê vermelho ou alguma coisa parecida com o demônio.

Porém, minha avó não contava apenas este tipo de história. Ela tinha uma faceta incrível- a de inventar histórias divertidas. A minha avó tomava fatos e pessoas do nosso cotidiano e criava histórias. Por exemplo, a história de uma barata que caiu no prato.

Havia uma barata que morava no cabelo de uma amiga da minha avó Diná. Mas um dia a barata enjoou daquela casa e construiu outra

casa na cabeça da minha avó. Exatamente no dia em que a barata fez a mudança meus avós foram ao Restaurante Berttonni. Claro que a barata foi junto. Acontece que a barata arrumando a nova casa, andou muito e provocou coceira na cabeça da minha avó Diná. Ela não agüentou a coceira, começou a passar a mão na cabeça e a barata caiu no seu prato de comida. Foi o maior rebuliço no restaurante.

Nós ríamos muito com as histórias que a vó Dulcinéia inventava. Eram histórias que não causavam medo e nos faziam dar muitas risadas.

Lembrando das histórias que nos eram contadas, percebo que algumas eram para nos colocar na linha, dentro dos padrões, principalmente aquelas que nos punham medo, eram histórias para reprimir.

Atualmente, meus pais comentam que eu deveria ser mais ousado como na época em que era criança. Penso que hoje sou uma pessoa muito educada, mas muito medrosa. Acho que estas histórias, assim como outras coisas, influenciaram a minha vida e a minha personalidade.

4.3.4 Uma reunião de família

Estou na sala de visitas do apartamento do Sr. Diogo e Dona Diná, conversando com Daniel. Os outros membros da família se retiraram. Em certo momento, a campainha toca e chega a noiva e a mãe de Daniel. Passam-se alguns minutos e todos que estão no apartamento vêm para a sala e entram na conversa.

Diana, a mãe de Daniel comenta:

- Daniel você lembra quando eu contava a história do Negrinho do Pastoreio? Você, seus irmãos e seu primo ficavam com os olhos arregalados. Devia ser terrível ficar imaginando o molequinho dentro do formigueiro.

Eu dramatizava bem até fingia chorar. Quando vocês estavam muito levados escolhia esta história para ver se sossegavam um pouco.

Penso que algumas vezes contava estas histórias para reprimilos, mas vocês tinham uma verdadeira atração por lendas e histórias deste tipo.

Daniel:

- Pai, mãe, lembram que o meu bisavô Júlio quis pagar à vocês para colocarem o sobrenome dele no meu nome. Ele dizia:

- Eu pago para o meu bisneto se chamar Cardoso Pereira. Ele não se conformava por eu não ter o sobrenome dele.

Diana:

- *O seu bisavô fazia tanta questão que você tivesse o sobrenome Cardoso Pereira porque é de uma família muito tradicional desta cidade. São quatrocentões.*

Dionísio:

- *Geralmente qualquer Cardoso da cidade são parentes da minha mãe, Diná. Cardoso Pereira, Cardoso Siqueira, Cardoso Siqueira Primo... todos têm como antepassados a família Brás Cardoso que foi uma das fundadoras da cidade. São descendentes dos Bandeirantes.*

Sr. Diogo e Dona Diná:

- *Leandro, conta àquela história do seu bisavô Júlio, de quando o convenceram que o mundo ia acabar. Lembra?*

Ele, o dono da padaria Cruzeiro e uma turma daqui da cidade foram para Santos; foram para a Capela de Nossa Senhora do Monte Serrat esperar o mundo acabar.

Daniel:

- *As lembranças que tenho do bisavô Júlio são histórias que escuto sobre ele. Fala-se muito dele na família.*

Tive um contato intenso com meus avós Diogo e Diná, o bisavô Davi, minha avó Dulcinéia e tia Débora.

A tia Débora passava muito tempo conosco, desde quando éramos pequenos sempre cuidou muito de nós, por isso a chamamos de tia mãe. Ela morava com o bisavô Davi.

A vó Dulcinéia também estava sempre junto conosco. Como o vô Diogo, ela também contava histórias da sua própria família. Contava que foi uma criança muito humilde, muito pobre; que a família passava por muitas dificuldades, e, quando tinha doce de leite em casa era uma verdadeira festa.

Diana:

- *Minha mãe, Dulcinéia, nasceu em Pindamonhangaba. O pai dela era alfaiate. A família comia basicamente o que ele pescava no rio Paraíba; como pescava muito bagre, era este o alimento principal da família.*

Uma vez, o irmão caçula da minha mãe que era uma criança muito teimosa amanheceu pedindo um tostão para comprar um doce no bar. Minha avó não tinha de onde tirar o dinheiro. O moleque falou o dia inteiro que queria um tostãozinho para ir comprar bala no bar. Tanto amolou, que ela pediu uma moedinha à sua comadre para ele comprar a bala. Enquanto o moleque ia ao bar, a coitada da minha avó estava fritando bagre porque era a única coisa que tinham para comer.

Meu tio voltou alegre do bar e a minha avó perguntou:

- *Então, comprou a bala? Ele respondeu:*

- Mãe não tinha bala, por isso comprei um bagre.

Daniel:

- A vó Dulcinéia contava muita coisa do meu tio Denis, irmão da minha mãe. Ele era muito engraçado. A vó e a mãe contam que uma vez ele mesmo cortou o próprio cabelo, e, sabe-se lá porque raspou a sobrancelha. Isto foi bem no dia da formatura da irmã.

- Mãe, conta o resto da história.

Diana:

- Nesta época meu irmão ainda era um menino. Todos nós estávamos nos arrumando para ir à formatura, e quando nos encontramos para sair... aparece o Denis daquele jeito.

Meu pai falou:

- Como castigo você não vai à formatura da sua irmã.

Minha mãe retrucou:

- De jeito nenhum. O castigo é ele ir à formatura do jeito que está.

O Denis foi a piada da formatura. As pessoas olhavam e diziam:

- Nossa! O Denis está tão diferente hoje, o que ele fez?

Dionísio:

- Um dia, quando eu era estudante universitário em São Paulo, o Denis cismou de cortar o meu cabelo. Ele cortou de um lado, raspou do outro, ficou uma coisa horrível, ficou tudo ruim. Tive que ir correndo ao barbeiro para ele dar um jeito no meu cabelo.

Daniel:

- Uma outra história que a vó Dulcinéia contava do tio Denis é a de um macaco. Um dia o meu tio apareceu em casa, com um mico, um macaquinho. Todo mundo gostava e cuidava do mico.

Mas certa vez, minha avó saiu e demorou a voltar. O tio Denis estava desesperado porque não tinha o que dar para o macaco comer. Na busca por comida, ele achou uma salsicha e deu para o macaco. No dia seguinte, o macaco amanheceu duro, morto.

Minha avó perguntava ao meu tio:

- Mas Denis o que houve? o que você fez com o macaco? ele respondeu:

- Mãe o macaco viu uma salsicha, pensou que era uma banana, comeu e morreu.

4.4 FAMÍLIA 4

1ª Geração: D.Alcina, 71 anos, viúva, foi casada com a Sr. Adib por 49 anos, tem 4 filhos: Augusto, Antonio, Alberto e Alfredo, 8 netos e 4 bisnetos.

2ª Geração: Augusto, 50 anos, artista gráfico, casado a 22 anos com Semíramis, 38 anos, tem 5 filhos: Ageu e Alceu (do primeiro casamento de Augusto); Afonso, Adélia e Adriano (do casamento com Semíramis)

Antônio, 46 anos, artista plástico, casado a 20 anos com Akemi, 44 anos, arquiteta, tem 2 filhas: Ana e Andréia.

3ª Geração: Ana, 15 anos, filha de Antônio.

Adriano, 14 anos, filho de Augusto

4.4.1 A história de Antônio

Eu sou o terceiro dos meus quatro irmãos. Nascemos todos na cidade de São Paulo.

Das casas que moramos quando eu era menino, lembro da casa na Rua Baltazar Carrasco no bairro de Pinheiros, que existe até hoje. Daquela época, lembro das lojas que vendiam madeira e de uma loja de produtos japoneses na frente da minha casa. Adorava esta loja, tinha papéis, pagodes em miniatura e muitos pincéis.

Gostávamos de ir até a ponte do rio Pinheiros, mas não dava para tomar banho no rio, já era sujo nesta época. Gostosa era a caminhada. Seguíamos pela Rua Cardeal Arco Verde até a Avenida Rebouças e chegávamos na ponte. O banho de rio, só no Rio Paraíba, na cidade de Guaratinguetá, era maravilhoso.

Até uns 10 anos de idade, eu e meus irmãos brincávamos muito na esquina das ruas Cardeal e Cunha Gago, era raro um carro passar por ali. Jogávamos futebol e brincávamos de pegador.

Depois mudamos para uma casa na Rua Fradique Coutinho, também em Pinheiros. Até uns dois anos atrás esta casa ainda existia, foi demolida. Nesta rua fiz muitos amigos, amizades que conservo até hoje. Há o Aiko que é fotógrafo, meu amigo desde o curso primário; o Alexandre que é físico nuclear e outros amigos.

Os pais, os irmãos e a vida em família

Adib, meu pai, era médico da Polícia Militar e tinha o posto de Coronel. Era um homem muito inteligente, culto, falava e lia em vários idiomas, estudava muito, adorava estudar. Lembro-me dele lendo em italiano, francês, espanhol e inglês. Meu pai não lia em árabe, mas quando alguém falava neste idioma ele entendia.

Apaixonado pela profissão, era clínico geral e tinha um pequeno consultório e tratava de todo mundo. Mesmo gostando da profissão era uma pessoa frustrada porque não ficou rico. Tenho a impressão que, ser rico, é um valor cultivado principalmente no interior de famílias libanesas mais abastadas. Nesta camada há uma pressão social muito forte neste sentido.

Na minha família sempre houve preocupação financeira. Alguns negócios mal realizados trouxeram problemas. Existiram períodos nos quais não havia muito dinheiro, faziam-se algumas dívidas, que depois eram pagas. Mas nada tão grave que alterasse a nossa vida. Não me lembro de ninguém reclamando destes períodos. Trabalhar em vários lugares foi o jeito que meu pai encontrou para pagar as dívidas e trabalhava das seis da manhã às onze da noite. Tinha cinco empregos. Pela manhã, trabalhava na Polícia Militar, na hora do almoço no INPS da rua Santo Antônio; a tarde, passava no hospital Cruz Azul e depois clinicava no consultório; a noite lecionava Química no Colégio Oswaldo Cruz.

Comecei a trabalhar muito novo e por isso desde menino nunca pedia dinheiro para os meus pais.

O cotidiano da minha casa era meio complicado, mas conseguia viver bem com meus pais. Fui o único filho que morei na casa dos meus pais até o meu casamento aos vinte e sete anos. Os outros saíram antes de casar. Na infância e na adolescência as regras da casa eram mais rígidas.

Dormir cedo, não comer gordura, comer devagar, tomar leite por causa dos dentes, comer verdura, higiene, eram uma exigência do papai. Nas refeições sempre tinha que ter três verduras, além da salada. Tudo era preparado pela cozinheira.

Sempre tivemos três empregadas: uma cozinheira, uma faxineira e outra, não sei bem, acho que era lavadeira.

As refeições lá em casa sempre foram um horror, muita briga, discussão de política, negócios, droga, gritaria - libanês grita - todos gritavam. Era isso na hora do café, do almoço e do jantar. Fazíamos todas as refeições juntos até os horários de escola e trabalho dos meus irmãos e o meu começaram a ser diferentes. Mas era briga todos os dias. Quando a Akemi foi almoçar lá em casa, ela não acreditou, ficou apavorada, teve um chilique. Da mesma maneira que se brigava, se resolvia na hora. Era briga de família, não era nada grave.

Falava-se muito na família, aliás da família, principalmente da família da minha mãe. Era muita briga, fofoca, coisas de família, todo mundo

falava de todo mundo: das tias, dos pão-duros da família. Para a família da mamãe éramos comunistas, modernos, só porque na década de 70 usávamos cabelos compridos.

Tínhamos muitos amigos, mas não podiam fazer as refeições em nossa casa; também não tinham acesso à parte superior, onde ficava os aposentos de minha mãe.

Quem administrava a casa era meu pai, pois minha mãe todos os dias passava pelas casas das minhas avó e bisavó maternas, quando eram vivas.

Eu e meus irmãos dormíamos no mesmo quarto. Os mais velhos contavam histórias de terror para eu não dormir, gostavam de contar aquelas histórias de fantasmas atrás da porta. Papai contava histórias relacionadas à Medicina, se tínhamos um machucado ele explicava tudo sobre o assunto. Minha mãe não tinha paciência para isso.

Apesar das divergências tinha um ótimo relacionamento com meu pai. Era muito carinhoso à sua maneira. Quando criança, se me batia, logo ficava arrependido e me comprava uma tonelada de material de pintura que era muito caro.

Meu pai falava conosco sobre quase tudo, exceto da vida dele; não nos escondia nada, era muito franco e nos orientava dentro de sua visão de católico fervoroso e praticante.

Achava que deveríamos casar virgem e praticar esporte, para evitar o afloramento excessivo da sexualidade.

Fui batizado e fiz a Primeira Comunhão na Igreja Católica. Até os doze anos fui obrigado a assistir a missa. Não comia quando tinha que ir a missa, e desmaiava de fome na igreja. Meus pais perceberam a estratégia e desistiram de me tornar um católico.

Já adulto, também tenho boas lembranças do carinho do meu pai, mesmo quando ficava muito nervoso, provavelmente consequência da sua enfermidade.

Um traço bem marcante da sua personalidade era a franqueza, dizia sempre o que pensava, sem se preocupar se agradaria ou não a quem quer que fosse. Uma vez, uma amiga da minha mãe, a Valquiria, uma mulher intragável, queixou-se de uma dor e ele falou: "Valquiria, sabe o que você tem? falta de trabalho, você é uma vagabunda." Falava na cara, foi preso uma vez porque fez a mesma coisa para o Governador do Estado "nós estamos aqui, seu Adhemar, porque estamos ganhando uma miséria." Foi preso.

Na família do meu pai havia união, tinham aquelas festas enormes, visitávamos os tios, íamos para Guaratinguetá visitar o tio Salomão. Minha infância com a família do meu pai foi muito gostosa.

A convivência com a família de minha mãe era sempre uma coisa perua, muito classe média, uma coisa meio complicada. A gente chegava e ia abraçar um tio e minha mãe falava “nossa! que mau hálito!”. Eles eram assim, novos ricos, todos muito chatos. Nas suas casas, não podia sentar-se no sofá, havia sala que não podia entrar, são assim até hoje.

Meu pai não se dava bem com a família da minha mãe, com razão, hoje eu entendo, são insuportáveis; meu avô era intragável, de uma ignorância horrorosa; as tias, muito chatas, são todas peruas até hoje.

Minha mãe, sempre indiferente, não nos maltratava, porém não fazia nada por nós, a não ser para o Alfredo, seu preferido. As nossas festas de aniversário eram feitas pelas tias.

Ela sempre foi muito chegada ao Alfredo, é assim até hoje, ela tem mais afinidade com o Alfredo, gosta mais dele, sai mais com ele.

Contudo, minha mãe sempre foi muito inteligente, educada e sociável. Agrada a todos do seu convívio. Meus amigos a adoram..

Quando moça, fazia um curso de Línguas Neolatinas mas meu avô não deixou que concluísse. Até hoje não sei ao certo se era um curso universitário de Letras ou de segundo grau, que antigamente chamavam de clássico. Ela fala e entende perfeitamente Italiano, Espanhol, Francês, e o árabe ela entende. É a mais inteligente das irmãs, tentou sair da mediocridade da sua família.

Meus pais se davam muito bem, se adoravam, foi uma coisa muito legal. Eram alegres, festeiros, numa época que saíam muito. Depois, com 60 anos, meu pai ficou doente por 14 anos, uma velhice sofrida, ficava em casa muito sozinho. Era muito mais amigo do meu pai do que da minha mãe.

Escolha da profissão X vocação: ser artista plástico

Para meu pai era muito importante que todos os filhos cursassem a Universidade; comprava livros e todas estas coleções publicadas em fascículos, que são vendidas em bancas.

Aos doze ou treze anos, quando tive uma queda irresistível para o desenho, que não era do agrado do meu pai, levei duas surras moderadas, e por isso não tenho mágoa. Seria um fiasco como médico, se atendesse às pressões para ser pediatra.

Bravíssimo, me fazia estudar à noite, hora que chegava em casa. Acompanhava nossos estudos em casa e na escola. Além de médico era professor de Química. Nos ensinava muita Matemática, eu odiava. Hoje, depois de velho, adoro esta matéria.

Até uns quinze, dezesseis anos ele acompanhou de perto meus estudos; no colegial fui muito bem, no vestibular tirei o primeiro lugar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Ele me deu os pêsames, nunca se

conformou com o fato de não ter cursado Medicina, formei-me em Arquitetura mas nunca exerci a profissão.

Em uma das minhas exposições, ele chegou primeiro, entrou, olhou chamou o dono da galeria, e disse:

- Boa tarde, o senhor não acha péssima esta pintura? Eu não gosto da pintura do Antônio.

Eu fiquei branco, mas percebi a emoção dele ao mesmo tempo em que falava isto. Uma das coisas que mais apreciava era a sua franqueza. Com o tempo fui percebendo que ele tinha muito orgulho de mim.

Comecei trabalhar com menos de 14 anos, numa revista chamada Etapas, fazia ilustração. Além da escola, já tinha aulas de pintura, era super ocupado. Com 16 anos fui para o Jornal da Tarde e com 17 tinha um salário talvez superior ao do meu pai. Este dinheiro foi empregado em discos, livros, ferramentas de marcenaria e material de pintura.

A tendência para as artes está no sangue, tanto do lado do meu pai como da minha mãe. A minha mãe pintava a óleo muito bem e meu pai desenhava muito bem, desenhava uns órgãos para mim. Tia Diva, uma das irmãs do meu pai, desenhava super bem, e um dos irmãos, Tio Farid, desenhava e pintava muito bem, mas minha avó não deixou ele ser artista porque, segundo ela, pintura dava tuberculose. Outros dois tios aprenderam desenho por correspondência, desenhavam bem, eram marceneiros. Meu bisavô era muito atrasado, não deixaria um filho ser artista. Na minha família, três desenhavam muito bem.

Meu pai, que tanto queria ter filhos médicos, acabou tendo três filhos artistas. Atualmente, até o mais velho está se dedicando as artes gráficas. A pressão sobre o meu irmão mais velho para cursar Medicina foi muito forte, mas ele tomou outros rumos. Nenhum dos filhos realizou as expectativas do meu pai no que se refere a profissão.

As namoradas e o casamento

Aos 18 anos, namorei 3 meses uma menina, mas como meu pai não gostava dela, briguei logo, fiquei meio aborrecido. Aos 21 anos conheci a Akemi, namoramos quase seis anos e casamos. Meu pai gostou dela assim que a viu, nunca teve preconceito por ela ser japonesa.

Minha mãe nunca falou nada sobre minhas namoradas, sempre se manteve distante. Ela queria que eu casasse com as turcas, com aquelas turcas da família, primas ou filhas de amigas, como é normal na família libanesa. Libanês casa com libanesa, é assim por gerações.

A família do pai: os fenícios e suas histórias

Meus parentes por parte de pai tinham profissão, eram habilidosos, pequenos artesãos, mecânicos, técnicos em eletrônica, marceneiros, que ensinavam seu ofício. Os outros, do lado de minha mãe, viviam de brisa, viviam nas costas do meu avô, que era milionário. Não gostava disso, e depois entendi que era uma forma do meu avô anular todo mundo.

Acho que a família do meu pai tem um pouco de vergonha e devem se sentir traídos também. Foram onze irmãos que trabalharam para papai estudar Medicina e depois cair nas garras da minha mãe, e serem desprezados por ela, que se julga de classe mais alta e tem um desprezo pela família do meu pai, por serem pessoas muito simples, de classe média baixa. Eu me lembro que quando ela ia xingar a gente chamava de Antuk, “vocês são uns Antuks mesmo”, desprezo próprio da peruagem da família dela.

Não conheci meus avós paternos, quando meu pai nasceu, meu avô já era um senhor maduro, morreu em 1929. Minha avó se chamava Sucena.

Meu avô paterno veio do Líbano com aquela mentalidade libanesa de ganhar a vida, ser comerciante, gostar de jóia e de mulheres; ganhar a vida e mandar na casa. Os libaneses têm traços dominantes da cultura fenícia de 2000 a.C. que não mudaram nada e o engraçado é que o libanês não gosta de ser chamado de fenício, eles detestam. Eu adoro a Fenícia e o seu povo, grandes navegadores, levaram para outros povos o alfabeto mediterrâneo e inventaram um tipo de moeda.

A família Antuk separou-se, tem um monte de Antuk que eu não conheço, que são os irmãos e os cunhados dos meus avós. Descobrimos o ano passado que o nome Antuk é da Ucrânia, não é libanês. Meu pai era louro de cabelos cacheados. Na Ucrânia, o nome Antuk é como Silva no Brasil, você abre uma lista telefônica na Ucrânia, tem Antuk em quantidade. Esta descoberta mexeu muito comigo, foi muito estranho. Agora percebo que além do meu pai, minha família tem outras pessoas loiras. Meu pai era claro; meu irmão Alberto era loirinho de cabelo cacheado; Andréia, minha filha é castanha, está cheio de gente loira na minha família. Talvez a família tenha ido da Ucrânia para o Líbano, por causa de alguma guerra. porque a família é conhecida por causa das guerras. Tenho um tio que veio do Líbano e participou da Segunda Guerra. Ele é casado com a Tia Zaira, a irmã mais nova do meu pai. Ele conhece a vida inteirinha da família Antuk no Líbano, todos os irmãos, primos e tios.

Logo que veio para o Brasil, foi mascate no Vale do Paraíba e dessa época tem uma história gozadíssima. Ele não falava nenhuma palavra em português, estava mascateando e ficou com fome. Deparou-se com um celeiro bem simples, entrou. Parecia um sonho quando viu uma boa quantidade de haleuah, doce que árabe mais gosta. Comeu e ficou dois dias desmaiado, só acordando com a chegada da dona do celeiro. O haleuah, nada mais era do que remédio para desintéria, cuja aparência eram semelhantes. A proprietária deu-lhe sopa e cuidou dele até o restabelecimento.

Meu avô era 27 anos mais velho do que minha avó, ele a conheceu quando ela era uma criança de colo. Ele viajou e voltou procurou a família dos meus bisavós e quando minha bisavó perguntou se ele queria casar com a moça da casa ele respondeu que queria casar com a nenen, na época ela deveria ter uns 15 anos. Eles casaram e foram morar em Aparecida. Ele tinha uma loja grande, que vendia de tudo. Era muito conhecido por sua honestidade, a ponto de um viajante passar pela loja e pedir para ele guardar dinheiro para depois vir buscar e ele guardava no cofre, esperava 3 anos e quando o cara voltava ele devolvia o dinheiro. Um dia um cara chegou e pediu para ele guardar umas barras de ouro no cofre e ele guardou, só que o homem era um ladrão que tinha assaltado um banco em Aparecida. Quando a polícia prendeu o ladrão e soube onde o ouro estava guardado, foi lá e pediu para meu avô devolver, sem maiores problemas porque sabiam o quanto meu avô era honesto.

Ele fazia imagens de santo de 3 vistas para vender, você olha de um lado é um santo, olha de outro lado, é outro santo.

Em 1929, quando meu avô morreu, a família veio para Mogi e o tio Salomão assumiu a família. Ele era socialista e num discurso que fez numa festa quase foi preso, foi uma bagunça. Depois disso mudaram para São Paulo e foram morar na Vila Mariana, onde meu pai conheceu a minha mãe.

No dia em que o meu pai conheceu a minha mãe, a mãe dele, a vovó Sucena falou "eu vou levar vocês na casa de homem muito bom". Na verdade "muito bom" significava "dinheiro", tinha dinheiro e cinco filhas. Foram três irmãos juntos: Tio Salomão, meu pai e Tio Farid, que era criança e só tinha ido para acompanhar. Chegaram lá e deram com cinco crianças, minha mãe, que era a mais velha, tinha 16 anos, Tio Salomão tinha 44 anos e percebeu que era muito mais velho. Meu pai com 25 anos, já era médico e assim que viu minha mãe, gostou dela. Ela percebeu e falou para a minha avó "o doutorzinho gostou de mim". Começaram a trocar cartas e é interessante como eles se correspondiam. Um escrevia para o outro "meu querido amigo Carlos, você sabe que eu conheci uma moça..." e escrevia o que queria dizer para minha mãe para esse amigo imaginário, Carlos.

Eu tenho essa correspondência guardada em algum canto. O Augusto tem umas cartas deles, umas cartas de noivado que ele surrupiou da minha mãe. Estas cartas são públicas, a mamãe gosta de mostrá-las, quando nos reunimos, todo mundo lê.

Por ser uma família grande, meu pai tinha 12 irmãos, 6 homens e 6 mulheres, tem milhares de casos que lembramos até hoje, pois conhecemos todos eles. A história que nós mais gostamos, que mostra o espírito e a calma da família do meu pai, é uma história do Tio Salomão.

Tio Salomão, cujo apelido era Patrão, era um homem gordo, ultra barulhento, espalhafatoso, estúpido para caramba, bem cru, quando ele ia comer queijo ele cortava a metade, comia e falava "ninguém gosta de queijo como eu". Tia Zaira morava numa vilinha e um dia, eram três horas da manhã Tio Salomão vinha assobiando pela rua minha tia ouviu e já imaginou que tinha

acontecido alguma coisa. Tocou a campainha e ela, de camisola, foi abrir e perguntou o que estava acontecendo. Tio Salomão respondeu “o que foi, o que aconteceu, não posso mais visitar a minha irmã?” E ela “mas Salomão, são três horas da manhã.” Desceu a família toda, sentaram na sala e ele tentando disfarçar, e minha tia insistindo para ele falar o que tinha acontecido. Finalmente, ele disse “quer saber?, o Tio Martinho morreu.” Minha tia desmaiou

Tem uma história de quando trouxeram os ossos do meu avô de Aparecida do Norte para depositar no cemitério da família. A urna com os ossos ficou uma semana lá em casa e meu tio Farid, que é uma figura, ia todo dia lá em casa, dava bom dia para os irmãos, beijava a mamãe, abria a urna e dizia “Oi, papai!”, fechava a urna e ia tomar café. Numa época ele namorou uma mulata, deu um problema desgraçado na família.

Tio Salomão, o mais velho, morava em Guaratinguetá, era um homem bem calmo do interior, tinha uma loja, nunca entendi direito como ele vivia.

Tio Jorginho, o segundo irmão, foi o tio com quem eu me dei melhor, adorava-o. Ele tinha um problema mental acentuado, mas era muito inteligente. Minha tia tinha vergonha dele ir para a escola e ele aprendeu a ler sozinho, lendo jornal e perguntando para ela. Minha avó e minha tia ensinaram para ele pequenos serviços e alguns trabalhos manuais. Ele era hábil em pequenos trabalhos de marcenaria, fez uma caixinha de engraxate e engraxava sapatos com perfeição. Era artista, tenho todos os trabalhos dele e quero escrever um livro infantil sobre ele.

Tio Jorginho era um humorista e deixou fatos memoráveis para lembrar. Tio Elias, um cunhado dele, era um homem muito nervoso e gostava de brincar com ele. Numa brincadeira de amigo secreto, tio Elias foi na cozinha e embrulhou uma banana nanica para dar para Tio Jorge. Ele pegou o presente e falou “é meu, é meu”, abriu o embrulho e quando ele viu a banana falou “é o Elias”. Pegou a banana e comeu, depois de ter comido 60 quibes. As obras dele eram humorísticas, ele fazia um porco e dizia “vocês comem e deitam, olhem como vocês vão ficar.” Ele fez um túmulo para quem fumava e mostrava para a pessoa dizendo “se você fumar, vai ficar assim no caixão”. Quando Tio Elias ficava nervoso a minha tia falava que ele estava de lua, então Tio Jorge fez uma lua com a cara do tio Elias, dizendo que era remédio para quando tio Elias ficasse nervoso.

Outra história do Tio Jorginho foi quando ele fez uma lista com todos os nomes da família e de todos os que tinham morrido e chegou a conclusão que muita gente com nome iniciado com a letra G ou J – para ele era a mesma coisa - morria. Um dia eu cheguei lá e ele falou que não queria mais que o chamassem de Jorge, que o nome dele agora era Orgi, para escapar da morte, e ficou anos falando nisso. Foi para Aparecida, para trocar o nome no tabelião.

Tio Jorge tinha uma Santa Ceia, e narrava a cena: Jesus perguntava “só isso?”, o outro respondia “é o que tem, você come o que tem.”

Outro falava : “não briguem, vamos cortar o pão e dividir com a faquinha”. Judas falou: “calma, vai comprar mais.”

Ele representava a família nos seus objetos, e sempre com humor: uma cama enorme para por uma barra de aço, porque o cara era muito grande e tinha quebrado a cama; umas agulhas enormes de tricô para minha tia que não enxergava mais. Minha tia guardou todos os trabalhos dele e depois me deu.

Tio Farid era mecânico de avião, segundo eu entendi, depois ele teve uma farmácia. São umas histórias meio nebulosas, não tinha muita profissão, acho que na verdade todos viviam no comércio.

Minhas tias contavam as histórias da família, desde o Líbano, histórias que meu avô contava. Meu avô contava muitas histórias.

Tia Zaira, a tia que me ensinou a fazer comida árabe, contava muita história antiga. A mais velha, Tia Yasmin, que eu adorava, e meu bisavô materno, Joaquim, contavam histórias.

A história e as histórias da família da mãe

O bisavô João na verdade se chamava Azi, eu nunca entendi porque a troca de nome, são os mistérios da família. Ele viveu 101 anos, bisavô, e morreu lúcido, é inacreditável. Minha bisavó morreu com noventa e tantos, depois que eu estava casado, tinha quase 30 anos, mas não estava mais lúcida. Ela chegou a ter 2 tataranetos, tenho um filme onde aparecem a minha bisavó, minha avó, minha mãe, a Neuza e o Ageu, são cinco gerações.

A história da minha bisavó, mãe de minha avó Elisa, é uma maravilha, o nome dela Némeri, em árabe significa tigre. A mãe dela não tinha filho e foi procurar um xamã, na verdade um padre ortodoxo, que lhe disse para adotar o nome de um animal muito forte. Nasceram gêmeas e ela deu os nomes em árabe que significam leoa e tigresa e uma sobreviveu. Foi a única filha que ela teve que viveu, essa história é impressionante. Meu bisavô era muito pobre e ele não podia casar com a minha bisavó que era de família finíssima, importante, filha de bispo ortodoxo. Até hoje, no Líbano, os bispos são poderosos, riquíssimos, são os donos e senhores da terra. Só casou depois que fez fortuna.

A história do bisavô João, como eu ouvi. Ele era pobre, e por volta de 1880 – não tenho certeza das datas - foi para os Estados Unidos fazer fortuna. Foi e ficou no faroeste, chegou em Los Angeles, onde viu a inauguração da luz elétrica da cidade. Ele contava como o Edson dormia e tinha a capacidade de acordar e anotar as idéias. Quando voltou para o Líbano, contava para os amigos o que tinha visto nos Estados Unidos, da carruagem sem cavalo dos Estados Unidos, “um monstro”. Meu avô voltou rico e casou com minha avó Amélia.

A bisavó Amélia era uma pessoa finíssima, fazia uma comida espetacular, tinha uma casa super bem arrumada, era inteligente, conversava

muito bem. Comia colesterol que nem uma louca, tudo que ela comia tinha manteiga e meu bisavô, além dessa gordura toda, ainda fumava. Ele era neurastênico, ela era nervosa, autoritária. Moravam na Cardeal com a Teodoro.

Os dois estavam quase surdos e tinham uma empregada, quase da idade dela, também surda. Uma vez fui na casa deles, quando estava subindo a escada ouvi uma gritaria, pensei que estava tendo um assalto. Cheguei e encontrei um homem arrumando o gás, que também era surdo, e ele dizia gritando “ela não ouve, é surda”.

Tenho até hoje um armário que foi da Vó Elisa e depois da Vó Amélia. Os cristais devem estar com alguma das minhas tias.

Meus avós vieram para o Brasil e foram morar em Itapecerica da Serra, que naquela época tinha onças, os caras caçavam onça lá. Ela costurava muito bem e fazia vestidos de noiva para os caipiras. Ele era um homem forte e briguento, o apelido dele era Touro. Era tão forte que nunca foi no médico, a única vez que ele foi no médico em 98 anos de vida foi quando tomou uma chifrada de um boi e quebrou uma costela. Ele tinha loja e quando veio a Depressão de 29, ele foi o único comerciante de Pinheiros que não quebrou, porque o lema dele era “não empresta e nem peça emprestado”. Ele era pão duro, como eu nunca vi uma pessoa igual. Trouxe uns costumes dos Estados Unidos, ele comia de noite, ele fazia umas broinhas de milho... Era também muito bravo, um dia ele brigou e minha avó pegou um peixe e deu na cabeça dele e ele quase morreu. Ela também era brava e um dia ele foi brigar com ela, ela se trancou no quarto e ele ligou para a minha mãe e falou “Ceci, minha casa rachada, minha mulher rachada”. O que ele queria dizer era relaxada.

Meu avô Jamur nasceu no Líbano. Quando tinha 14 anos, no meio de uma guerra os pais dele vieram para o Brasil e o deixaram com uma prima de 11 anos e um irmão de 6. Para alimentar os dois ele trocava cartucho de bala por chocolate para alimentar os dois, até que aplicou um golpe num cara, comprou a passagem e não pagou e conseguiu escapar do cara no porto e fugiu para o Brasil para encontrar com os pais.

Veio para o Brasil durante a Primeira Guerra Mundial, e foi morar com os pais em Itapecerica. Meu bisavô tinha uma madeireira e era marceneiro, meu avô trabalhava com ele e conhecia madeira muito bem. Faziam molduras. Meu bisavô tinha orgulho da profissão, gostava de tirar fotografia com as ferramentas do ofício. Meu bisavô foi assassinado com um tiro na cabeça e ele tocou o negócio. Começou a namorar minha avó, casaram. Ele se estabeleceu no interior, com uma loja e com a Depressão de 29 perdeu tudo. Ficou tuberculoso e o médico recomendou que voltasse para o Líbano, por causa do clima de montanha. Ele deixou minha avó e as 3 filhas pequenas aqui e foi para a terra dele e ficou lá por mais de um ano e só voltou depois de curado. Acho essa história estranha mas é a que contam.

Mudou-se para Pinheiros em São Paulo, onde moravam meus bisavós maternos. Em São Paulo encontrou uma pessoa que era da escola americana do Líbano e que tinha a mesma religião dele. Meu avô falava inglês

fez amizade com esta pessoa e conseguiu a concessão do atacadista de carne da Swift Armour e com o pouco de dinheiro que tinha, abriu um açougue, trabalhou e ficou milionário. Depois passou o açougue para um empregado e abriu uma construtora.

A família da minha mãe é fisicamente mais bonita que a família do meu pai, isso não quer dizer muita coisa, mas são mais bonitos. Akemi tirou uma quantidade de fotografias deles e a família.

As histórias das "peruas" da família da minha mãe é só falando mal dos outros, invariavelmente dizem que tal pessoa pessoa é feia, é gorda, é vesga, é uma mediocridade absurda. Chegaram a inventar que minha mãe era amante de um tio, fizeram um escândalo, brigaram as irmãs.

As tias nunca nos viram com bons olhos, sempre fomos vistos por elas como comunistas, hippies, artistas, num sentido pejorativo. A opinião oficial é de que nós "matamos a mamãe", ouvimos isso desde que éramos crianças. Quando eu tinha 6 anos a mamãe ficou grávida do Alberto e um dia estava com dor nas costas, dor nas pernas, coisas da gravidez; uma das peruas me chamou e disse "está vendo? Vocês matam a sua mãe." Foi isso que eu ouvi com 6 anos, imagine para uma criança ouvir que está matando a mãe porque ela está grávida. É assim que é a família, o único assunto possível era esse, "vocês matam a sua mãe, vocês acabam com a sua mãe", só falam isso.

A mais intragável da família da minha mãe é Tia Lourdes, a mulher mais nojenta que eu já conheci. As piores brigas que aconteceram na família foi por causa dela, ela é a inventariante. Ela persegue as pessoas, é uma coisa horrorosa, horrível, é pessoa muito dura com os outros, uma coisa muito feia.

Eu me dava bem com uma das irmãs da minha mãe, Tia Maria Amélia, mas não era uma relação muito chegada. Ela cozinhava bem.

A minha avó materna, Elisa, era a que eu mais gostava, a única pessoa da família da minha mãe com quem eu me dava. Tenho as fotografias dela até hoje. as fotos aqui. Me ajudava quando eu desenhava, dava dinheiro para eu juntar e comprar a minha coleção de ferramentas manuais. Era uma mulher culta, foi criada em Itapecirica da Serra. Era muito simpática e gostava muito da Akemi, ela não tinha preconceito contra japoneses.

Conversávamos bobagens, nada íntimo, de comida, de doce, ela adorava doce.

Meu avô era um chato, insuportável, eu o detestava. Só pensava em dinheiro, um homem que só pensou em dinheiro, era um desastre comigo, era um pesadelo. Não gostava de nada, não gostava de viajar - que eu acho gravíssimo, é grave, não gostar de viajar - ele detestava tudo, eu tenho uma imagem muito ruim dele. Eu não tinha nenhuma relação de carinho com ele.

A brutalidade, a dureza, a secura, e o egoísmo são os traços mais marcantes no meu avô. Bravo, estúpido mesmo, carrancudo. Agredia minha

avó e as filhas constantemente, chegou a quebrar uma costela de uma das minhas tias. Não precisávamos presenciar, a gente via as marcas. Ele atirava coisas nas crianças. Uma vez ele mandou prender um rapaz que queria namorar a minha mãe.

Eu era o único que não dependia dele, me odiava porque nunca aceitei um cruzeiro dele. Quando casei com a Akemi ele me disse que eu estava fazendo pior do que o Augusto tinha feito, porque casar com uma japonesa era pior do que casar com negra. Mandei que ele fosse para a puta que o pariu.

Não era agressivo com ele, mas falava o que tinha que falar na cara, ficava louco comigo. Eu sou um artista, eu vivo da qualidade espiritual da vida dos seres humanos, eu não vivo roubando os outros ou querendo tirar grana dos outros, eu não vivo assim.

Ele manipulou meus irmãos, a família inteira porque tinha muito dinheiro; dava terreno para não sei quem, fazia negociata com os netos. Minha mãe adorava ele e como eu tomava a posição do meu pai, ela invocava comigo. Meus irmãos reclamam dele até hoje, três anos depois de sua morte.

Meu pai o detestava, odiava ele, e com razão. Os dois brigavam bastante.

Não lembro bem, acho que meu avô morreu com 87 anos, 85 anos... Morreu depois do meu pai.

Para mim é difícil falar do vovô, eu não curto, prefiro falar de outras pessoas da minha família Vovô era muito chato, muito medíocre, o vovô era o que dominava a família inteira porque tinha dinheiro; ele

Vovô encravou todos os bens, tudo que nós temos está no nosso nome mas não podemos dispor de nada. Minha mãe e as irmãs dominam toda a situação. Há um prédio caindo aos pedaços, precisa vender, mas elas não querem, querem continuar como ele fazia, alugando. Esta história do inventário vem se enrolando há anos, é uma coisa muito complicada, todas as irmãs brigaram, acabou com a família, todo mundo se separou.

Os domingos e as festas: a família hoje

Todo domingo nos reunimos na casa da mamãe, é sagrado, ela obriga. É igual a hospital, tem que ir todo mundo.

Além dos domingos, tem sempre o Natal e a Páscoa e a Sahara, festa árabe do Dia de Reis. A festa mais gostosa da minha família foi sempre o Dia dos Reis que meu pai fazia anos. Mamãe sabe fazer bem uma festa e continua fazendo a Sahara, dia que as famílias vão visitando as famílias e comendo, fazendo festa, e a família que você visita agrega caravana e vai para outra casa e vai juntando e acaba na casa da minha mãe.

No Natal, a festa é na casa da minha mãe, reúne só a nossa família. As tias não vêm mais, uma mora em Andradina, outra em Santos, só ficou

a Tia Marlene. Como o inventário, a família separou-se de verdade, as irmãs lutaram por aquela bosta de prédio que não vale um tostão.

Antes a festa era na casa do meu avô materno e aí vinham todos, mas agora sempre acaba faltando um ou outro.

Quando papai ainda vivia, todo ano tinha a briga do Natal, era histórica, a pior briga do ano. Meu pai brigava com a minha mãe porque queria passar o Natal com a família dele e minha mãe queria ir para a casa dos pais dela, ela sempre ganhava e falava mal dele. Sempre foi assim em casa, mamãe fazia o que ela queria.

Da família do meu pai, só tem duas tias vivas, Zaira e Diva, as outras Yasmin, Sálua, Nismy, Salma e todos os tios homens já morreram.

Os primos do lado do meu pai são quase todos da idade da minha mãe, e pela diferença de idade, nos afastou um pouco deles, mas nos damos muito bem com o Cláudio e com a Ivan, são super boa gente. Eu gosto muito deles, não sei o que eles acham de nossa família.

Quando reunimos sempre lembramos as histórias da família. Ana, minha filha gosta dessas histórias e conta histórias muito bem.

Minha mãe costuma reunir os netos, mas para mim, ela os usa para mostrar para as amigas do clube, porque se precisar deixar algum com ela, logo ela liga para ir buscar porque não agüenta mais. Eu não conto com ela nunca. Atualmente são cinco netos e um bisneto.

O relacionamento da minha mãe com as minhas filhas é péssimo, com meu pai as meninas tiveram pouco contato porque ele já estava bem doente quando elas nasceram. A Ana é quem conviveu um pouco mais com ele. Ele gostava de crianças, era bem tranquilo com elas.

Minha mãe é uma personagem. Ela não tem complexo de inferioridade nenhum, se puser ao lado do rei da Inglaterra ou de um grande artista, ela cumprimenta como se fosse um mendigo "Oi, tudo bem, como vai?" e engata numa conversa, fala da comidinha, de outras trivialidades e esquece da vida. Meu pai não era assim, era mais reservado. Meu pai era igualzinho a mim, ele tinha poucos amigos, mas fidelíssimos e a minha mãe tem um bando de amigos sociais.

Ela toma conta da família inteira: todas as solteiras estropiadas, mancas, ela recebe todos, ela toma conta de todo mundo. Todos gostam dela, são todos dependentes dela. Ela sustenta as empregadas, os filhos e os netos delas, paga previdência, tudo.

Quem conhece mamãe socialmente, adora ela. Ela é fascinante, encantadora, maravilhosa, só falam bem dela. Sempre foi assim, os elogios para ela e meu pai era o antipático, o bravo, imagem que ela sempre reforçou para os outros.

Eu e meus irmãos somos unidos, nunca tivemos uma briga séria, de ficar sem falar uns com os outros. Na verdade, não são brigas, são discussões acaloradas, briga de ópera, logo acaba. O Alberto é a pessoa que consegue mais conversar com todo mundo, acho que o Alfredo e o Augusto tem um pouco de medo de mim. não sei. Com minha mãe eu brigo muito.

As brigas são características das duas famílias, na do meu pai e na da minha mãe, a diferença está no tipo de briga. A família do meu pai brigava prá caramba, mas era uma coisa meio histriônica, uma coisa de opereta, logo acabava bem. A família da minha mãe era mais seca, mais impessoal.

4.4.2 A história de Augusto

Quando nasci morávamos na Lapa. Até meus cinco anos nós moramos na Teodoro Sampaio; depois mudamos para a Baltazar Carrasco. Dos meus nove aos quinze anos moramos na Rua Fradique Coutinho quase esquina com a Rua Pinheiros; depois mudamos para a Rua Morato Coelho, onde morei até casar.

A cidade e as casas

Sempre moramos em Pinheiros. Eu tenho boa memória, lembro bem da cidade e como tinha poucos carros porque brincava de adivinhar qual o próximo carro que ia passar. Escrevíamos, por exemplo, o próximo carro vai ser um Cadillac e o outro achava que ia ser Chevrolet 38 e a gente apostava qual a marca do próximo carro que ia passar. Eu devia ter oito anos mais ou menos, quando eu e meus irmãos começamos a estudar e fizemos a média de quantos carros passavam por hora. Passava um carro a cada doze minutos na Rua Cardeal Arcoverde esquina com a Cunha Gago. Na esquina da Cardeal Arcoverde com a Faria Lima tinha um bebedouro de cavalos onde entrávamos para ficar vendo os burros e cavalos beber água. Era muito diferente nessa época, seria completamente inimaginável que a cidade fosse ficar assim dessa maneira. A gente lia no Flash Gordon, mais ou menos o que está vendo agora, e imaginava que não estaríamos vivos para ver tantas mudanças.

Todas as casas em que moramos ainda existem. Lembro bem delas, sem dúvida eu saberia fazer até uma planta baixa de todas elas. Sempre achei que a imagem de que elas eram maiores era porque eu era pequeno e quando a gente é pequeno as coisas sempre parecem um pouco maiores. Porém, quando eu entrei nessas casas depois de adulto, vi que elas sempre foram do tamanho das minhas lembranças.

Os pais e a vida em família

A primeira imagem que vem do meu pai é de uma pessoa muito forte, muito importante, ele era oficial da Polícia Militar. Nos desfiles de 7 de Setembro ia no carro do Governador, ou no carro de trás ao do Governador.

Sempre assistíamos. Era uma pessoa perfeccionista, não admitia falhas de espécie alguma.

Meu pai dava muita atenção aos filhos, até demais. Ele tinha uma máxima de que as férias foram feitas para estudar, nas férias se estuda pouco, se estuda menos e brinca um pouquinho mais, mas no mínimo seis horas por dia de estudo. O sonho do meu pai era fazer com os filhos mais ou menos o que a mãe do Maluf fez com ele, dar "educação completa". Meus irmãos e eu estudávamos piano, inglês e francês, e, as vezes, ele tentava nos ensinar e fazer saber tudo de todas as matérias. Se era Matemática, ele comprava cinco livros e vamos resolver todos os exercícios de todos os livros. Quando li uma vez sobre a vida do Maluf, me lembrei de meu pai.

Até uma certa idade ele fazia isso conosco. Aos quatorze anos eu me revoltei e, para fugir da autoridade, aprendi a abrir todo tipo de porta, sair de casa pelo telhado, pular da janela. Aprendi a entrar e sair de casa sem chaves ou com chaves. A repressão dele era violenta e a gente ainda tinha a imagem do meu avô materno que era muito pior.

Mesmo com toda essa rigidez ele era extremamente carinhoso. O carinho do meu pai era diferente, um carinho pessoal, ele era religioso, de nos ensinar que o ser humano era a estirpe escolhida por Deus e que nós devíamos ser perfeitos para retribuir a Deus essa escolha. O carinho dele era nos ensinar alguma coisa o tempo inteiro. Procurava nos ensinar calma e delicadeza de espírito, se alguém brigava em casa, nós tínhamos um castigo de ficar de três a quatro horas lendo a Bíblia, e encontrar um exemplo para ler e comentar. Ele já sabia o trecho ligado ao fato acontecido e líamos, discutíamos e analisávamos para saber como evitar que o fato se repetisse. Quando dois de nós brigávamos, ele fazia com que fizessemos as pazes porque éramos amigos, ainda explicava porque estávamos fazendo as pazes.

Meus irmãos dizem que meu pai era diferente comigo e eu até acho que sim, não sei se isso foi bom ou ruim. Hoje eu acho que foi bom, na época eu achava que era muito ruim. Ele achava que que, por ser o mais velho, tinha que me preparar primeiro para depois cuidar dos outros, com isso ele deixou de me dar tanta atenção quando eu fiz quatorze anos. Até aquela idade eu sempre fui o primeiro ou o segundo da classe e quando eu era o segundo havia reclamação - saber aonde que eu errei, porque eu não havia tirado dez - um perfeccionismo total.

Ele era carinhoso demais, de abraçar. Até uma certa idade ele nos carregava no colo, nos defendia na escola. Uma vez, eu tive um professor de Desenho Técnico que só dava duas notas, zero ou dez. Eu já tinha estudado a matéria com o meu pai no primeiro científico. Eu acertei todo o problema, o raciocínio, fiz uma soma no final e deu a resposta errada. O professor me deu zero. Minha sala era no terceiro andar, no Colégio Machado de Assis, e de repente meu pai estava lá, fardado, e o coronel interrompeu a aula, fez um escândalo completo de parar a aula; eu falei que era o meu pai que estava lá, e que ele ia pegar o professor...

Minha mãe não me marcou tanto quanto meu pai. Aos doze anos fiquei escondido escutando a conversa dela com minha avó e minhas tias e ela falou que meu pai e meu avô (pai dela) pareciam até meio veados, pois “ não fumam, não bebem e, com certeza, nunca saíram com outra mulher, homem não é isso”. Esta é uma lembrança marcante que tenho de minha mãe, pois a partir daquele momento é que eu comecei a refletir sobre o que é ser homem e eu estava querendo ser um homem. Meu pai me impunha um caminho e dava o exemplo e minha mãe me apresenta outra imagem, que ele é um louco, uma homem que não tinha nada a ver com meu pai. Na minha cabeça não conciliava...

No dia a dia, ela tinha que se submeter ao meu pai. A minha impressão é que haveria um assassinato ali se ela demonstrasse qualquer tipo de discordância com as idéias do meu pai. As idéias do meu pai se conectavam perfeitamente às idéias do meu avô, que era uma pessoa extremamente violenta. Uma vez um pai de um amigo nosso foi lá em casa reclamar alguma coisa de nós e estava sacudindo o portão quando meu avô chegou, pegou o homem pelo pescoço, o sacudia, e dizia “está fazendo o que sacudindo o portão da minha filha?” Ele queria matar o homem, era uma pessoa violenta.

As refeições em casa também obedeciam ao regime militar: comer na hora certa; tomar obrigado mais de um litro de leite por dia - sem açúcar, as empregadas adoçavam escondido - comer tudo e de tudo; rezar antes das refeições. Eram hábitos de caserna e de colégio interno, porque meu pai foi criado dos nove aos dezoito anos interno em colégio de padre. Ele queria ser padre e apanhou para tirar essa idéia da cabeça dele, a minha avó não queria.

Fazíamos todas as refeições juntos, desde o café da manhã, mas conversávamos muito pouco, era proibido. Isso durou até eu fazer catorze anos e começar a me rebelar.

Até eu entrar na adolescência, a noite foi feita para dormir então já jantávamos de pijama. Acabado o jantar, íamos para a cama, nada de televisão ou qualquer outra coisa. A Copa do Mundo de 62 - a primeira Copa que foi transmitida em vídeo tape, as fitas chegavam de avião as dez e meia da noite e a TV Tupi passava - nós não assistimos, tínhamos de dormir depois do jantar, às oito e meia. Daí eu comecei a fugir de casa inclusive de pijama.

Lembro claramente da minha infância e da minha adolescência. Eu fui o primeiro bisneto, primeiro neto e o primeiro filho que estragaram. Eles me mimaram, me transformaram numa espécie de príncipe e queriam e esperavam de mim uma perfeição. Eu era o protegido, eu me sentia como um príncipe dentro do castelo. Ia em festas de batizado, ou festas de aniversário como a de um ano do meu primo Marcelo - hoje é engenheiro formado na Suíça ou na Suécia - com mil e duzentos convidados. Este tipo de festas era uma constante em nossa infância.

Meu pai contava histórias da Bíblia e uma irmã dele, Tia Nismy, contava as histórias das Mil e Uma Noites, quando ia lá em casa. Essa tia era solteira e já idosa. Enquanto meus tios passavam a noite jogando baralho, ela passava a noite contando histórias para nós.

Na minha casa sempre teve três empregados, a Tita que tinha criado minha mãe e depois também nos criou, era histórica, ela não tinha família, morava lá em casa e desde que eu nasci a Tita estava lá. Ela não contava histórias, gostava era de ouvir as novelas da Rádio São Paulo e eu ouvia com ela. Eu alfabetizei todas as empregadas lá de casa.

Festas em família

Sempre havia festas na nossa família e também brigas. Todo Natal tinha festa e tinha a briga do Natal, que na verdade acontecia antes do Natal, para decidir se iríamos para a festa da família do meu pai ou na festa da família da minha mãe. Uma vez, por volta do dia doze, treze de dezembro eu falei que naquele ano nós não tínhamos tido a briga do Natal e aí ela começou.

Nas festas reuníamos todos, tios, avós, primos... Não havia muita ligação da família do meu pai com a da minha mãe, havia discriminação porque a família do meu pai sempre foi mais pobre, até que uma das suas sobrinhas, médica, ficou muito rica. Quando tínhamos catorze, quinze anos, lembro bem que no Natal nós ganhávamos apitos e línguas de sogra e um primo ganhou um carro, outro ganhou um vídeo cassete que na época não existia no Brasil, outro ganhou uma televisão colorida, outro ganhou não sei o que, só presentes assim desse nível. Então nós achamos que ali ninguém gostava de nós, e também não gostávamos deles e começamos a ir lá quando íamos arrastados.

Meu pai tinha onze irmãos e nós tínhamos muitos primos e eles se tornaram puxa saco dessa prima e nós não, não precisávamos puxar o saco de ninguém, já conhecíamos essa coisa de dinheiro do lado de cá, festas em buffet e garçons, e eles não. Começaram a se deliciar com dinheiro e nós olhávamos para aquilo e achávamos algumas coisas extremamente bregas, ridículas. Eu entendo que dinheiro não dá finesse para ninguém, pelo menos do dia para a noite, e a pessoa por um terno e calçar sandália japonesa fica um negócio meio estranho...

Não tenho convivência com os primos, tanto do lado da minha mãe como do lado do meu pai, não tenho o que conversar com eles. Dos doze irmãos, meu pai era o único formado, era o único que acreditava em Psicologia, os onze irmãos dele são um chucros. Os filhos desses onze irmãos - devo ter uns sessenta primos irmãos do lado do meu pai - são, no mínimo, racionalistas. Uma exceção é Sandro que era médico do Exército, e depois de um certo tempo foi estudar Belas Artes na USP, isso por conviver conosco, pois morou dois anos lá em casa. Nós não temos assuntos, eu vou conversar sobre Jung, no máximo eles vão falar sobre Freud, então fica uma coisa realmente complicada o relacionamento com os nossos primos.

Do lado da minha mãe é a mesma coisa. Um é médico, outro é engenheiro, um cara materialista que não acredita em Deus, pode ter estudado, fez pós-graduação em Estocolmo, mas não tenho assunto com ele. Dez minutos de conversa e eu não agüento mais falar com o cara, eles também não devem agüentar falar comigo, com certeza porque eu acredito em Deus - acredito a

minha maneira, acredito que o objetivo da vida é eu me eternizar nos meus filhos, estimular o cultivo das qualidades estritamente humanas...

Eu entendo a minha família como eu e os meus irmãos. Minha convivência foi com o Prof. Silva Teles e meus irmãos, principalmente o Alfredo. O Alfredo é, sem dúvida, o mais inteligente da casa, tem grande capacidade especulativa, puxou mais para o meu pai. A inteligência dele é mesmo uma coisa completamente fora de propósito, a ponto de um ano que eu estávamos na mesma série, eu estudava junto com ele e eu tirava dois e ele dez.

Quando a gente estudou junto, éramos colegas dos irmãos Chico e Paulo Caruso, o Alfredo e eles realmente se destacavam de uma maneira desproporcional. O Alfredo entrou em três faculdades ao mesmo tempo, sem cursinho, em primeiro lugar nas três. Ele tinha uma capacidade para Matemática, para tudo. Aos quatorze anos ganhou um concurso de Teatro da Prefeitura com uma peça escrita e encenada por ele e pelo Chico Caruso, eu também participei. Então o Alfredo começou a estudar Artes, Teatro, Filosofia e a gente começou a ir junto, o Antonio começou a fazer curso de pintura e conhecíamos professores, e isso nos levou a uma ligação com a arte, que eles extravasaram e se tornaram artistas e eu não.

Nós temos uma veia mais romântica e já tínhamos visto aqui a vida com dinheiro; os primos são práticos, seu lema é ganhar dinheiro. Nós não queríamos ganhar dinheiro. Com isso uns primos, tanto do lado da minha mãe como do lado do meu pai, se afastaram. São moços, um é diretor de banco, outro é não sei o que, todos racionalistas.

A adolescência de um rebelde

Quando meu pai descobriu que eu fugia de casa foi cômico, uma tragédia completa. Eu saía de casa e ia para a casa de um amigo meu e o pai dele, um coronel do exército, Cel. Barreto, me recebia na sua casa. Eles tinham vindo do Rio onde o nível de estudo era muito inferior, então eu ensinava seus filhos. O coronel me adorava, e meu pai foi na sua casa tomar satisfações aos berros “o senhor recebeu meu filho aqui, e está proibido de fazer isso.” Foram para a rua e o outro ignorava o papai, porque também era coronel. As vezes o Cel. Barreto queria me levar passar férias no Rio de Janeiro, ia lá em casa pedir para o meu pai. Os dois se entendiam, uma vez até meu pai me deixou ir e fui. Mas, muitas vezes ele foi até a casa do Cel. Barreto para dizer ao outro que ele estava estragando e atrapalhando a educação que ele me dava, brigavam e depois se entendiam.

Eu não podia ter amigos, era proibido. “Amigo para que? Amigo sou eu, seu pai.” Foi difícil, mas eu comecei a sair fora mesmo, fugi...

Meu pai e eu discutíamos muito, brigávamos, chegamos até a trocar socos. Até os catorze eu era dócil, submisso, acreditava completamente em tudo o que meu pai dizia. Um dia, fui sozinho procurar um psiquiatra, amigo do

meu pai, sem contar para ninguém. Conte para ele que eu tinha lido em algum lugar que existia alguma coisa como dupla personalidade, e falei:

-Doutor, eu tenho dupla personalidade. de um lado eu entendo tudo que meu pai fala, eu gostaria de ser uma cópia dele, seguir aquela orientação direitinho; e o outro é que eu quero fumar, quero beber, eu quero fazer o contrário daquilo e parece que tem essa outra pessoa dentro de mim e os dois estão brigando. Eu quero sair com mulheres como os meus amigos saem, quero namorar, quero ir com meus amigos procurar uma prostituta no Largo do Arouche. Mas, num momento eu quero ir e no outro eu acho que não, porque meu pai me ensinou que é errado; porque a educação que eu recebi da minha família não deixa que eu faça.

Eu comecei a me sentir diferente dos outros, muito atrapalhado. Foi nessa época que eu me apaixonei por Psicologia, acho que eu li uns quarenta livros de Psicologia, inclusive em francês e em inglês com ajuda de dicionário. Eu ia na biblioteca da USP, na Biblioteca Pública e ficava lendo o tempo todo. Da mesma maneira que, quando era muito pequeno, desmontava brinquedos para ver como funcionavam, eu comecei a querer desmontar a minha cabeça usando o instrumento da Psicologia para tentar entender o que estava acontecendo comigo.

Eu tinha 14 anos e pensava que eu estava indo por mim, pedia para ele me tratar escondido do meu pai, quando descobri que ele conversava com o meu pai. Fiquei horrorizado e me afastei completamente. Depois disso aconteceram muitas brigas, e me levaram a outro psiquiatra, um cara famosíssimo. Chegaram, contaram o que eu fazia e disseram que se precisasse me internar que os avisassem.

Quando eu fiquei sozinho com o médico, ele serviu-se de um uísque com gelo, me ofereceu e falou que iríamos conversar. Explicou tudo que estava acontecendo comigo porque lendo aqueles livros todos desde treze anos eu tinha feito uma salada completa. Explicou-me que a maluquice que eu estava fazendo e que era impossível um menino de treze anos aprender Psicologia lendo livros de todo tipo. Ele me ajudou muito, me tratei com ele realmente, por quase dois anos.

Freqüentemente meu pai utilizava pessoas da família não só como exemplo, como também chamava os irmãos deles para ajudá-lo ele a me controlar. Uma vez, vieram três irmãos dele para “dar um jeito no menino” eu cheguei em casa e peguei um cabo de vassoura para enfrentá-los.

Comecei a me revoltar e a sentir que não podia mais aceitar certas coisas. Hoje eu vejo o quanto tudo isso me atrapalhou. Se meu pai tivesse cedido um pouco, tivesse se adaptado a uma nova realidade teria sido muito bom, porque da quarta série em diante, eu que estava sempre em primeiro ou segundo lugar na classe, comecei a ir mal na escola e repeti três vezes o primeiro científico por faltas. Por nota eu passava mesmo sem ir na escola, eu fazia prova e passava tranquilo, mas depois só passei de ano porque fui para o Colégio das Bandeiras que era de um primo da minha mãe e que lá todo mundo passava.

Mesmo assim, fui reprovado por faltas, porque eu não ia para a escola. A imagem que eu tinha de liberdade era não estudar e fazer tudo que pudesse ser contra o meu pai, tudo que pudesse ser contra aquelas idéias. Meu pai não gostaria que eu fumasse maconha? Então eu vou fumar. Eu fui fazer tudo ao contrário aos desejos dele. Por exemplo, ele não gostava que se praticasse esportes, então eu fui jogar futebol, até ele me convencer, com lavagem cerebral, que eu ia quebrar a perna e me deu realmente uma calcificação no joelho, por excesso de cálcio na primeira infância. Deixei o futebol e fui jogar boliche. Entrei no campeonato nacional de Boliche, fiz uma turma, um time, participei do campeonato de Boliche. Eu queria ser esportista porque meu pai era contra esporte e assim eu fui fazendo coisas para contrariar a vontade dele

Houve uma interferência muito grande do meu pai na minha vida e eu vivia em termos de fazer alguma coisa contra a vontade dele.

Para meu pai não existia namoro, namorar era proibido. Tive problemas por causa disso, pois a orientação sexual era quase uma indução ao homossexualismo. A orientação dada sobre mulher foi pegar um livro sobre doenças venéreas, mostrando o pênis torto, deformado por doença, e dizer “se você ficar com mulher você fica assim” e depois um pouquinho mais para a frente, explicações que se dá hoje para mulher casar virgem, ele dava para nós: “se o homem conhecer uma outra mulher com determinadas características, vai querer exigir que a mulher dele passe a ter as característica dessa outra mulher e isso vai prejudicar o casamento.” Ele estudou isso, formulou uma teoria e explicava de uma maneira que conseguia consubstanciar essa teoria. Não era uma coisa simplesmente dogmática, ele casou virgem e achava que nós devíamos fazer o mesmo. Isso era uma coisa absolutamente indiscutível, e quem não pensava como ele era um idiota, uma pessoa estúpida.

Meus irmãos e eu fomos bastante próximos numa época. Quando eu comecei a trabalhar, com meu primeiro salário comprei papel de desenho para o Antônio porque meu pai o proibia de desenhar. A proibição era tão rígida que ele saía para a rua e sentava na calçada para desenhar. Eu queria puxar meus irmãos daquele jugo, para que eles não sofressem tanto como eu estava sofrendo. Eu me sentia responsável e queira fazer alguma coisa para que meu pai não embotasse a gente por causa daquelas idéias, até que em determinado momento comecei ver que existia o lado bom delas, apenas que elas estavam fora do tempo, mas que poderiam ser até ser úteis e boas, desde que adaptadas a uma nova realidade.

Os estudos: busca pela liberdade

Sempre gostei de estudar, até hoje adoro estudar. Eu sempre me defendi contra a feiura com a escola, com o estudo, tentando me destacar na escola. Era uma defesa natural, me afoguei nos estudos conforme eu percebia que me chamavam de turco, feio ou qualquer coisa assim.

Tive consciência disso aos treze anos quando um menino que tentava desesperadamente estudar e me alcançar nos estudos resolveu me

convidar para ir na ACM jogar bola. Eu jogava futebol de salão muito bem, quando nós fomos trocar de roupa no vestiário, ele começou a gritar comigo, "você não vê que você é feio?" Eu fiquei horrorizado com aquilo e comecei a pensar porque ele estava fazendo aquilo; ele era maior do que eu, bem mais alto e eu continuei a pensar que ia bem na escola ele não e que ele me convidou para ir lá jogar só para ver se era melhor do que eu em alguma coisa. Ele jogava no gol, eu fiz dez gols nele, e fui bem melhor no jogo e ele veio e começou a gritar comigo, parecia um louco, gritando e berrando que eu era feio. Eu sou feio e, a partir daí, quando queria me destacar, eu realmente estudava.

Aos dezoito anos, meu pai queria que eu estudasse Medicina e eu fui fazer Engenharia.

Só entrei para a Faculdade de Engenharia, em Mogi porque era a primeira turma de Faculdade que ia ter na cidade e entrei para sair com mulheres. Meu pai havia prometido que se eu entrasse para a Faculdade de Engenharia ele me daria um carro. Meu objetivo era esse, longe de casa, primeira turma, cidade pobre, com carro, as moças vão se interessar por mim, eu vou poder sair com mulheres, nem que sejam prostitutas...

Entre para o movimento estudantil, fui eleito representante dos estudantes de Mogi no Congresso da UNE e vim para São Paulo. Nessa época meu pai trabalhava ao lado do Coronel Figueiredo, comandante da Polícia Militar. Eu entrei na UNE para contrariar meu pai.

Fundi o jornal da Faculdade, o nome que eu dei é o mesmo nome até hoje, chama Plumiroom. Eu escrevi sozinho aquele primeiro jornal, e Antonio o ilustrou. O Alfredo tem arquivos do primeiro exemplar.

Fui morar em Mogi, mas foi uma coisa pensada. Fui estudar com o objetivo de ter uma vida sexual, não era nem de namorar, eu não tinha idéia de namorar, ainda acho que naquela época eu tinha uma imagem que se eu namorasse, eu estaria talvez entrando dentro do que a família esperava, do que meus pais esperavam, então até os dezoito anos a minha idéia era sexo.

Lembro que um dia um professor me chamou de burro, dizendo que eu não sabia nada de cálculo numérico, respondi para ele que em um mês ele estaria me convidando para ser assistente dele. De fato, em um mês ele me convidou para ser assistente dele e eu comecei a tirar dez e o que eu estudasse conseguia me destacar. Eu me tornei professor e assistente de Cálculo Numérico, de Cálculo Integral, exatamente no intuito de poder me aproximar das meninas da classe, porque elas tinham dificuldade em Matemática. Como a Faculdade era de padre, eu fiz amizade com um professor de religião e comecei a conversar muito com ele e cheguei a conclusão que eu devia casar. Casando, eu me afastaria dos meus pais e poderia ter uma vida mais normal dentro daquelas idéias do meu próprio pai que eu não achava teoricamente erradas. Para mim elas eram erradas na prática, para poder conviver com as outras pessoas. Idéias sólidas, certas, teoricamente corretas mas em que mundo que poderão ser aplicadas? Só no mundo imaginário do meu pai. Com esse objetivo de chocar meus pais e tentar fazer alguma coisa para mudá-los e mudar também a família

tradicional e a sociedade, planejei então casar com uma mulher primeiro que fosse mais baixa que eu, que fosse pobre, que fosse mulata...

Nisso eu era igual ao meu pai, nada se faz por acaso, então tudo que eu fosse fazer iria fazer também contra aquelas idéias, tentando corrigi-las. Casei aos vinte anos, com uma mulata. Meu pai queria se jogar do carro, me ameaçar, me proibir. Claro que o casamento não deu certo. Durou sete anos e tivemos dois filhos.

Na época me preocupava com o socialismo, com estudar mais, eu tinha uma grande vontade de estudar hebraico para poder ler a Bíblia no original e tinha idéias assim sempre estudei muito Psicologia, Filosofia e Religião. Adorava estudar, lia todos os livros que eu podia até em línguas que não conhecia, em Francês, por exemplo, pegava e ia ler com o dicionário do lado, traduzia as palavras uma por uma. Foi quando conheci o Prof. Inácio da Silva Teles falando num programa de televisão. O programa estava em andamento e eu peguei um táxi fui lá na TV Gazeta entrei, ele estava saindo. Abordei-o e fiz uma pergunta, ele falou: "a sua pergunta é o tema para o próximo programa". Fiquei um ano e meio indo nesses programas dele na TV Gazeta e quando acabava o programa a gente ia para a casa dele, ficávamos a noite inteira conversando, e eu já era casado e aí eu vi que ...o Inácio era louco.

Naquela foto do primeiro manifesto contra a ditadura militar ele estava lá fazendo a revolução que eu tinha uma vontade terrível de fazer. Cheguei a jogar bomba na rua, mas na verdade a revolução que eu queria fazer era dentro de mim. Primeiro arrumar a mim mesmo e depois tentar arrumar os outros.

A revolta maior que eu tive foi na época da Ditadura, por causa do Alfredo, e depois o próprio Alfredo ficou revoltado. Época da revolução, com um pai militar fanático por militarismo, fanático por religião, que trabalhava na mesma mesa com o Coronel Figueiredo e que tinham como secretária Vera, delegada de Osasco que apareceu na televisão com uma metralhadora, o Alfredo pega um cigarro de maconha vem oferecer para o papai. Ofereceu e ainda falava assim:

-O senhor não gosta, porque o senhor nunca experimentou. Vem cá, o senhor não é um cara inteligente? Experimenta, o senhor não pode ser contra o que o senhor não conhece. Experimenta.

Meu pai mandou prendê-lo e depois deu parte no Departamento de Investigações Criminais, não foi aqui na 14ª ou na 34ª Delegacia, foi no DEIC mesmo. Durante trinta dias, diariamente, as duas horas, vinha uma perua do DEIC buscá-lo para prestar depoimento. Para meu pai existiam duas alternativas para o Alfredo: tratamento jurídico do fato, porque para ele fumar maconha era ilegal, ou interná-lo para tratamento psiquiátrica; não existia a hipótese da maconha ser uma coisa aceitável, isso não passava pela cabeça do meu pai, não era suportável o Alfredo ter vindo oferecer para ele.

Os avós

Meu avô paterno morreu quando meu pai tinha nove anos e imediatamente depois dessa morte é que ele foi interno no colégio de padre.

Conheci meu avô materno. Era um homem extremamente rigoroso, pior do que meu pai, porque ele não teve filhos homens e tratava as cinco filhas de acordo com seus princípios absolutamente desligados da realidade. Ele chegava em casa olhando para encontrar o que não lhe agradava, batendo e massacrando; as filhas, a mulher e as empregadas, saíam correndo de medo. Minha avó, minha mãe e minhas tias nunca tiveram condições de se revoltar, de fazer nada contra ele. Meu pai era retratado para nós como uma pessoa razoável porque tinha que ser comparado com o avô, que era muito duro até conosco. Lembro de uma surra terrível que levei do meu avô porque, segundo ele, “eu estava de cueca perto da filha dele”. Na verdade, eu estava de short, tinha acabado de levantar e estava indo do quarto para o banheiro e nem estava perto de minha mãe. Depois de casado não podia segurar na mão da minha mulher, é cômico, é ridículo, mas era assim.

Era um homem bem sucedido economicamente e ajudou todas as filhas e os oito irmãos. Ele construiu a vida das filhas, dos genros, dos irmãos, dos parentes todos. Ele agia assim: financiava, comprava um terreno para um irmão, ensinava o cara a construir, punha lá os construtores, a firma de engenharia, fazia o cara ganhar dinheiro e falava “você agora vai embora.” Fez isso com todos, então tornou-se um exemplo. A opção era seguir as orientações dele ou se tornar um merda. A outra opção era meu pai que era médico e era consultado por professores da faculdade por amigos, sobre tudo, sobre medicina ou sobre matemática...

Meu avô conversava comigo e com meus irmãos, mas sempre dando lições de moral, que para ele era absolutamente importante. Isso deixou marcas profundas no Antonio e em mim, somos incapazes de trair nossas mulheres. Já passamos por veado, resistimos qualquer assédio e revidamos com lição de moral. As idéias dele permanecem até hoje, estudamos, os tempos são outros, mas assim como eu, meus filhos não conseguem trair as mulheres. Alfredo e o Antonio conseguiram superar a influência excessiva do meu pai e do meu avô, mas algumas das coisas, meu avô falava, homens ser humano é assim, casa jovem, tem seus filhos jovens para ser amigos dos filhos, é o que eu digo para você, eles não se limitavam a apresentar um dogma, eles consubstanciavam esse dogma na maneira de agir e aí davam como exemplo. O caso do tio que saiu com prostituta pegou gonorréia e ficou estéril, era sempre contado com o dedinho em riste desde que eu tinha nove anos de idade. Sempre era alertado que essas doenças deixam os homens incapacitados, “você não vai constituir família”. Ouvindo tudo isso desde criança, foi criando e sendo alimentado aquele super ego.

Eram dados exemplos da família e de estranhos, de pessoas que, para eles, não tinham progredido na vida, que não tinham trabalhado tanto quanto eles.

Minha família é de pessoas longevas, e conheci meus bisavós maternos e também minha bisavó paterna. O bisavô paterno não porque morreu assassinado numa discussão com um amigo. Fizeram um duelo, meu bisavô morreu e o outro foi preso.

Lembro também de um tio, casado com uma irmã do meu pai. Também é árabe e pertence ao serviço secreto do exército, desde antes da revolução de 64. É uma pessoa extremamente dura, famosa no meio militar por nunca ter recebido uma propina; chefiou o serviço de combate ao contrabando; foi chefe de segurança da Telesp. É uma pessoa alegre e brincalhona, quando nós éramos pequenos ele nos levava para jogar bola escondido do meu pai, apesar de ser seu amigo. Com uma formação moral absolutamente diferente da do meu pai, uma vez conversou comigo coisas sobre sexo, e falou que eu devia até um dia sair com outro homem pois um homem tinha que experimentar tudo isso um dia. Aquilo para mim simplesmente não é que não entrava na cabeça, era impossível para o mundo que eu conhecia, nem se tocava no assunto homossexualismo. Nós gostávamos muito dele, só não entendíamos como que ele era amigo do meu pai. Fomos vendo que em casa meu pai era de um jeito e no quartel ou em outras circunstâncias ele era de outro. Foi muito difícil a gente entender essa imagem que ele tinha criado para ele mesmo e a pessoa diferente que era quando longe da minha mãe e de todo mundo, quase irreconhecível.

Meu avô materno sempre foi citado como exemplo e motivo de orgulho para a família. Ele era açougueiro e conseguiu fazer um acordo com um frigorífico e comprar uma quantidade maior de carne mais barato e vender mais barato e com isso fechou os outros açougues aqui de Pinheiros, a ponto de uma vez juntar quatro ou cinco açougueiros da região para matá-lo, porque só ele vendia. Depois abriu uma construtora e começou a construir casas, ruas inteiras daqui e deu o açougue com prédio e tudo para um dos empregados, com a condição dele pagá-lo semanalmente com um pouco de carne para o resto da vida. O dinheiro que ele ganhou com o açougue, construiu essas propriedades e hoje são propriedades estimadas em alguma coisa em torno de vinte a quarenta milhões de dólares...

Deu uma parte para os netos, para nós meus irmãos e meus primos com usufruto para as filhas, não para os maridos, se minha esposa morrer ela não recebe, só meus filhos porque ele pôs uma cláusula ligada a consangüinidade. São coisas que são citadas sempre como coisas feias, um absurdo que ele fez, ao mesmo tempo que sempre foram citadas com uma espécie de orgulho, pelo menos é a imagem que acaba passando a cada vez que isso é sempre citado, é sempre contado, sempre repetido exaustivamente.

Onde hoje é esse prédio que minha mãe mora, foi um moinho na época da guerra e esse moinho era alugado para um irmão do meu avô. Quando acabou a guerra ele não conseguia pagar o aluguel e meu avô entrou na justiça e despejou o irmão. Apesar de eu entender que meu avô chegou onde chegou como consequência de muito trabalho, de muita formação moral, de nunca ter tido uma amante, de nunca ter jogado, de se dedicar exclusivamente ao trabalho de uma

maneira fanática eu jamais despejaria o meu irmão, eu nunca ficaria rico como meu avô, as custas dos outros.

Meu pai nunca aprovou essas atitudes de meu avô. Meu pai foi avalista de meu avô em bancos e empresas durante uma década. Um dia que o meu pai pediu para o meu avô assinar como avalista, ele respondeu que papai podia assinar para ele porque sabia que ele podia pagar, mas que não seria avalista de papai porque não sabia se papai iria pagar, porque não sabia se papai ganhava o suficiente para pagar. Meu avô tinha esse tipo de lógica “ você deve me ajudar porque eu mereço ajuda, isso não significa que eu vou te retribuir porque eu não sei se você merece”.

Ele tinha uma maneira própria de ajudar, por exemplo, para construir uma casa: ele emprestava o dinheiro para a compra do terreno, contratava a obra e os operários pela construtora dele, cobrava juros, e quem tinha que tocar a obra era o “beneficiário”, ele não aparecia mais. Caso não desse certo, caía matando em cima.

Meu avô estava envelhecendo e queria as filhas morando perto dele, no Alto de Pinheiros, num raio de um quilômetro da casa dele, no máximo. Também queria todas morando em casa própria e escolheu um apartamento na região mais cara de São Paulo para meu pai comprar. Meu pai não podia comprar e não aceitou a ajuda do meu avô, mas para satisfazer o desejo do meu avô e da minha mãe, acabou cedendo. Meu avô não cumpriu o prometido de ajudar na compra do apartamento e meu pai teve que arcar com todas as despesas. Com as atualizações constantes das prestações, entramos em dificuldades financeiras.

Foi uma época de uma penúria terrível para a família, durante um ano e meio nós almoçávamos e jantávamos arroz e ovo ou sopa. Eu tinha onze ou doze anos e ia acabar de almoçar ou jantar na casa de amigos. Foi muito difícil para nós que estávamos acostumados com outro tipo de vida. Todo Sábado meu avô mandava uma cesta imensa de frutas e verduras e deixava na esquina na casa da Ondina, até que meu pai descobriu e mandava devolver. Meu pai queria que meu avô cumprisse o que tinha prometido de ajudar a pagar o apartamento e não que meu avô mandasse comida ou comprasse bala para nós.

Nessa época a Tita, nossa histórica empregada sempre salvava a gente e comprava comida com o dinheiro dela. Ela ajudava minha mãe escondido do meu pai.

Foi difícil, mas meu pai conseguiu pagar o apartamento, mas acabou ficando doente. Começou a agir de maneira estranha, chegou até a pegar o revólver para se matar. Acho que tudo isso acentuou e apressou o aparecimento do tumor que teve no cérebro.

Augusto e seus filhos

Tenho cinco filhos e procuro ensinar ou estimular de todas as maneiras. Com os mais velhos é um pouco difícil.

Acho que dos cinco, o Adriano é o mais parecido comigo e meus irmãos. Ele parece mais um irmão, apesar de ser o mais novo é o mais ligado a religiosidade. As vezes eu até me identifico um pouco mais com ele e também com gente de pouca de idade. Meu avô dizia que é importante casar jovem para ter amizade com o filho e acho também que tem suas vantagens, tem seu lado positivo, meus filhos mais velhos não me chamam de pai, me chamam de Augusto. Ensinei para eles e proibi de me chamarem de pai por acreditar que antes de se criar um rótulo que impunha uma autoridade, eu queria que nascesse uma amizade e que o rótulo viesse de uma maneira natural. Na verdade o que eu fiz foi pegar a teoria do meu avô, dourá-la e adaptá-la para minha vida e para meus filhos.

Existem diferenças entre meus filhos, há uma grande dicotomia entre o Adriano e a Adélia e do outro lado o Ageu e o Afonso, dois dos mais velhos. O Afonso foi muito magoado, muito machucado pela família maior, a família dele é o pai e a mãe e os irmãos.

Na época em que eu criei meus dois filhos mais velhos eu estava realmente nas nuvens, preocupado com uma mudança social no planeta, não era nem no Brasil, estava lendo e procurando entender Marx, Lenin, Mc Luan. Hoje procuro trabalhar para sobreviver eventualmente eu pego um livro para ler, é difícil, ficou na lembrança, então é claro que isso acaba se projetando neles, de uma maneira diferente. Eu sinto bem essa diferença, como sinto uma diferença entre o Alfredo e eu de um lado, o Antonio e o Alberto de outro, porque eu e o Alfredo fomos criados em colégios públicos, meus amigos são chofer de praça, filhos de chofer de praça, filhos de policial, classe média; já o Alberto e o Antonio, os amigos deles são o filho do Governador do Estado.

Acredito em Deus.

Eu acho que para Deus a raça humana é a escolhida, não são os católicos, os israelitas, os evangélicos. Deus deu ao homem um toque divino, a capacidade de pegar certas qualidades animais como o sexo e imaginar o amor, de pegar o grito e imaginar o canto, de pegar o barulho e imaginar a música, e o cultivo dessas capacidades é que pode nos colocar na direção e no sentido de Deus. Eu acho que é minha função estimular meus filhos a enxergarem ou eventualmente cultivarem isso, se eu conseguir plantar em pelo menos um deles essa semente, eu vou estar me eternizando neles. Cumpro isso como se fosse uma missão que eu acho que os homens tem que cumprir, e eu não enxergo outra possibilidade de se fazer isso fora da família. Eu acho que isso só é possível ou plausível de se pensar seguindo determinadas tradições.

É fácil criticar o casamento. Tem erros, tem falhas, mas parece que é o menos ruim para esses três milhões de anos e nisso eu acho que está consubstanciado, uma coisa quase científica, eu acho que é indiscutível. O homem é um animal, tem vontade de dormir com todas as mulheres que ele vê na frente, tudo bem, é um instinto, mas não sou bicho, não sou cachorro. O casamento não é o ideal, não é uma maravilha, mas parece-me que é o menos

ruim, 'pois pelo convívio é que se pode plantar essa idéia de religiosidade, tentar projetar no mínimo as informações de ordem cultural e moral.

4.4.3 A história de D. Alcina: sempre aos domingos

Meus pais são de origem libanesa, papai nasceu no Líbano e a mamãe em Itapecerica da Serra, São Paulo. Os dois se conheceram em Rio Preto, mas minha mãe morava em Cedral. Nasci nessa cidade, saí de lá com um ano e pouco.

Os avós e os pais, lembranças da infância

No começo de 1929 fomos para Brotas. Tenho boas lembranças dessa época em Brotas, e também lembranças tristes, 'pois foi uma época de crise no país.

Papai teve um problema no pulmão e foi obrigado a ir para o Líbano. A mamãe ficou comigo Ondina e Maria Amélia, minhas duas irmãzinhas, uma delas recém nascida.. Eu me lembro muito da casa em Brotas, poderia desenhar a planta. A parte da casa que eu mais adorava era um terraço que dava para o pomar e para a horta Como era difícil conseguir verduras, meu pai fez uma horta no fundo do quintal, com canalização em taquara que levava água da torneira até embaixo para regar as plantas. Eu gostava muito de uma verdurinha crua e comia; bebia também daquela água, e acabei tendo tifo. Meus lindos cachos dourados encresparam muito e ficaram feios. A lembrança mais bonita que eu tenho dessa época é da vovó Prudência, que tinha duas tias que nós chamávamos de tia Fani e tia América. Não eram parentes, mas nós a chamávamos assim. Vovó Prudência era casada com um fazendeiro, o homem mais rico de Brotas. Ela adorava minha mãe e foi extremamente bondosa conosco, nos chamava para sua casa e voltávamos de lá com cestinhas arrumadas por ela, 'com tudo o que precisávamos, com muita sutileza porque ela tinha medo que a mamãe se ofendesse.

Foi uma fase muito difícil, não se vendia nada, já estávamos na crise de vinte e nove, aquela crise horrorosa do café que afetou todo país e papai voltou do Líbano. Um dia entrou um boi em nossa casa, foi uma gritaria geral, nós fugíamos mas voltávamos para ver como o papai iria tirar o boi que tinha entrado num quartinho, à direita da loja. Para tirá-lo de lá foi uma guerra, mas meu pai era forte como um leão e conseguiu tirar o boi. Foi muito engraçado.

Quando minha irmã Ondina teve raquitismo - naquela época chamada doença de macaco - nós quase não tínhamos o que comer, faltava tudo por causa da crise então a mamãe comprava o leite e explicava que era só para a Ondina, porque ela estava doente. Eu tinha uma vontade enorme de tomar leite, mas não dizia nada.

Eu tinha quatro ou cinco anos, não me lembro de tudo, mas algumas lembranças são bem nítidas na minha cabeça. Tem coisas da vovó

Prudência que só eu sabia. Eu era a mais velha e ia lá brincar com as duas netas dela – hoje as duas são casadas com senadores - e um dia escutei ela contar para minha mãe que tinha perdido um filho assassinado e desde então só saía de casa para ir ao cemitério.

Meu pai ficou um ano no Líbano e voltou para Brotas, mas como os negócios estavam muito ruins, resolveu vir para São Paulo, onde moravam já meus avós maternos, vovó Amélia e vovô João, em Pinheiros.

Na Rua Pinheiros papai abriu uma loja mas não ficou satisfeito com o lucro e montou uma casa de carnes em frente ao mercado de Pinheiros que naquela época ainda era na Arco Verde. Acho ficou com a casa de carnes uns seis anos e ganhou muito dinheiro, e daí passou a construir casas. Nessa ocasião ele fez uma coisa que eu achei muito bonita, deu o açougue para o empregado, em vez de vender.

Acredito que meu pai tenha construído mais de cem casas; eu tenho o artigo que saiu no jornal falando sobre ele onde diz que não tem uma rua em Pinheiros que não tenha uma casa construída pelo papai. Estas casas ainda existem, algumas ainda bem bonitas.

Quando viemos de Brotas, fomos morar na Arcoverde esquina com a Rua Teodoro, em uma das casas que meu avô construiu no terreno ao lado da casa deles, na primeira delas, com um portãozinho que dava acesso a casa deles. Os meus avós maternos foram os segundos moradores de Pinheiros, eram eles e o Felipe Nicodemo - o primeiro morador daqui - que era morava em frente a casa da vovó.

A casa da vovó era grande, com um quintal de meio quarteirão e ali era o paraíso da criançada. A vovó era muito disposta e as vezes resolvia plantar favas – fuli, em árabe - no quintal com todas nós. Nós brincávamos sempre ali, mas o dia da maior festa da criançada era o dia da cozinha velha. Tinha três cozinhas na casa, uma do lado de uma sala de almoço que minha avó chamava de varanda, onde meus tios, os genros e o vovô almoçavam; embaixo havia outra cozinha muito grande toda organizada onde vovó ficava até depois do almoço, depois ela ia para o sobradão que ficava em cima. Esta casa ainda existe é ocupada hoje por uma loja das Casas Pernambucanas.

Nessa época eu devia ter uns sete, oito anos. Lembro que brincávamos muito na rua. A Rua Arcoverde era a coisa mais linda que se pode imaginar, as árvores frondosas com as copas se encontrando lá em cima. Na primavera elas enchiam de flores lilás e o chão forrava ; no outono também era bonito porque as varetas caíam - até hoje eu não entendi porque elas caíam - e a molecada toda ia catar as varetas para guardar para São João.

A criançada brincava no quintal e todas as tardes, como era hábito na família, minhas tias, minha mãe e minha avó se reuniam na casa da vovó. A maior festa para a criançada era quando elas iam para a cozinha velha porque nós sabíamos que ia sair caqui, esfiha, talene e pão sírio.

Eu não sei como é o nome árabe do pão sírio - nós brasileiros chamamos de pão de folha - mas era uma coisa linda para fazer. Elas abriam a massa pequenininha na mesa, com os dedos e depois passavam para as mãos e iam jogando de um braço para o outro até ficar grande com um diâmetro de mais ou menos sessenta centímetros. Já estava preparado um tacho enorme de cobre virado com o cal para baixo, para o fogo untavam e jogavam aquela massa, num verdadeiro malabarismo, eu não sei como elas conseguiam. Depois de uns dois minutos aquele pãozinho saía quentinho, assadinho, nós passávamos aquela manteiguinha e o açúcar por cima, enrolávamos e comíamos. Até hoje me dá água na boca.

A vovó sempre teve duas empregadas e nós tínhamos a Tita. Depois que nasceu meu irmãozinho e como ele tinha problemas de saúde precisava de cuidados especiais, passamos a ter mais uma empregada, a Iolanda. Eram alegres e participavam da vida da família, as duas dormiam no nosso quarto porque a nossa casa não era grande.

Quando meu pai não estava em casa e que elas tomavam conta de nós e iam brincar conosco, elas cantavam sambas e marchinhas de Carnaval, e talvez por influência delas todas nós gostamos tanto de Carnaval, de samba, até hoje. Iolanda adorava as músicas do Noel Rosa e cantava todas elas; a Tita eram sambões mesmo, pena eu não me lembrar de algum samba da Tita.

A mamãe cantava as valsas brasileiras, Tardes de Lindóia, Noite, Tardes de Abril, mas a preferida dela era Branca, de Zequinha de Abreu, ela adorava essa música, mas é linda mesmo. Quando papai não estava em casa ela sempre cantava essas valsas, mas depois do nosso irmãozinho morreu mamãe nunca mais cantou. Foi muito triste, ele morreu com um aninho, de pneumonia dupla que, naquela época não tinha cura. Esta é uma lembrança triste da minha infância.

Mamãe ensinava cantigas de roda para nós, Ciranda, Cirandinha, a que eu mais gostava era Dona Chanja, uma dizia "senhora Dona Chanja, vestida de ouro e prata, descubra seu rosto queremos ver sua face". Outra respondia: "que anjos são esses que andam me rodeando de noite e dia Padre Nosso, Ave-Maria."

Ela sempre arranjava um horário para sentar conosco, conversar, aconselhar e também nos preparar para conviver com papai por causa do temperamento irascível dele. Ela era muito mais sossegada do eu, mamãe sentava dentro de casa, eu infelizmente não consigo sentar, só se eu tiver visita.

Mamãe era a personificação da meiguice, eu nunca encontrei outra definição para ela. Ela era linda o tanto quanto era meiga. Ela nos orientava, ela conversava conosco, mas era enérgica e exigente com tudo: com nossa roupa, nossa maneira de andar - ela nos ensinava a andar com livro na cabeça, tinha que andar no quintal para aprender - não podíamos sair da linha. Lembro uma ocasião em que Ondina contou para uma vizinha uma discussão que tinha tido entre mamãe e o papai e ela descobriu, pegou a Ondina numa noite fria e chuvosa de julho, pôs a Ondina no chuveiro quente e depois no frio para que

ela nunca mais comentasse o que se passava em casa. Com a mais nova, não lembro bem o motivo, mamãe esfregou uma pimenta malagueta na boquinha da Maria Amélia, foi um terror, todas nós chorávamos.

Era muito carinhosa, muito dedicada, costurava para nós. Uma das lembranças mais bonitas que tenho é dela me levar todos os anos para a cidade para comprar, com o pouco de dinheiro que ela tinha, uma peça para o presépio. Cada ano ela fazia questão de comprar duas peças do presépio, porque sabia que eu adorava o presépio e o Natal.

Mamãe não fazia diferenças entre nós, mas tinha apego um pouquinho maior pela Maria Amélia, que tinha a meiguice dela, era fraquinha e a menos levada das três. Ondina e eu éramos levadas, adorávamos os jogos de rua, principalmente barrabó, o que mais gostávamos.

Eu tinha uns nove anos quando mudamos para uma casa linda na Rua Baltazar Carrasco no. 36, e como era pertinho de onde morávamos antes, continuamos nas escolas, minhas irmãs no grupo e eu no colégio das freiras.

Nesta casa da Baltazar nasceram minhas irmãs Lourdes e a Marlene.

Não havia interferência de meus avós maternos na nossa família, com o que nunca me conformei, eles poderiam ter reagido um pouquinho em favor de mamãe e de nós. Vovó tinha uma maneira inteligente levar as pessoas, com jeitinho ela conversava e alcançava o objetivo dela. Eles se davam bem com papai.

Nossa convivência maior sempre foi com a família da mamãe, a família do papai sempre morou na Vila Mariana. Meu pai perdeu o pai muito moço e a mãe e as irmãs eram autoritárias, era uma família diferente com o mesmo hábito de família, todas se reuniam na casa da vovó. Meu pai perdeu o pai muito moço. Acho até que os hábitos eram mais acentuados, até hoje elas se reúnem na casa de uma e se elas tem que fazer uma compra, qualquer compromisso que umas delas tenha, elas vão de duas três juntas e sempre estão juntas. Eu acho lindo isso.

Meu pai tinha nove irmãos. Eles eram milionários e quando meu avô morreu eles ficaram muito pobres. Duas irmãs do papai, uma de dezessete e outra de quinze anos, belíssimas, casaram com dois irmãos trilhardários. Os dois eram ótimos maridos e genros e ajudaram minha avó e as duas irmãs menores. Os rapazes já haviam começado a trabalhar e a se sustentar. Quando meu pai melhorou de vida, ajudava um pouco a irmã que havia ficado solteira até ela casar, as outras irmãs já estavam casadas

Depois de mocinha passei a procurar a família do papai, eu passava o final de semana com elas muitas vezes, porque a tia caçula de lá era mais ou menos da minha idade.

Papai as vezes contava para nós muito pouco sobre a família dele, de como era a vida deles no Líbano. Mas as irmãs sabiam e contavam para

nós, as vezes elas estavam conversando entre elas, a gente sentava no chão escutando. Mulher é mais conversadeira mesmo...

A vida em família e a rigidez dos costumes

Além de almoçar, de tomar café, e jantar juntos e aí de quem sentasse desarrumado à mesa, a mamãe não admitia. Tínhamos que estar arrumadas como se fosse para sair.

Quase não conversávamos durante as refeições, mas mamãe e o papai conversavam em árabe para nós não entendermos. Eles conversavam e nós ficávamos quietas. Ao contrário das outras famílias libanesas, meu pai não deixou que aprendêssemos a língua árabe em criança, acho que era mesmo para que não entendêssemos o que eles conversavam; tínhamos até medo de entender alguma coisa e ele ficar bravo, ele ficava bravo com qualquer coisa.

Nas reuniões das tias na casa de minha avó também participávamos e a gente aprendia muito, porque tinha mulheres de todas as idades, algumas eram quase da minha idade - a última é dois anos mais velha que eu, brincava conosco - a outra era muito alegre - era cinco, seis anos mais velha; e tinham também as irmãs da vovó, as tias por afinidade. Era uma família grande, minha mãe tinha nove irmãos.

Não dormíamos muito cedo, sempre nove, nove e meia. Geralmente a gente ia um pouquinho na casa da vovó. Meus avós sempre recebiam muitas visitas, para a Sahara, reunião dos homens onde eles jogavam Básara. Essas reuniões aconteciam cada noite numa casa, e eles levavam as esposas e as crianças. Acho que por isso eu gosto tanto de visitas, até hoje eu não troco nada por uma visita gostosa, de receber para um chá.

Sempre tivemos muita gente em casa, embora tivesse gênio muito forte, papai era muito sociável. Em casa ele era um homem bravo mas na rua ele conversava com todo mundo, era um homem que todos admiravam. Era um senhor de aparência muito bonita, não que tivesse rosto bonito, mas tinha pose de rei; trabalhando na caixa do açougue ele parecia um rei, isso já era da personalidade dele e ele não percebia.

A convivência fora da família e fora das famílias dos imigrantes meu pai só permitia no colégio. Só as amiguinhas que brincavam conosco na rua eram brasileiras. Para ele o problema era na rua, era com quem nós íamos andar aliás, esse foi o problema dele a vida inteira.

Visitas a noite só dos casais dos imigrantes que moravam todos no começo da Faria Lima até o Largo de Pinheiros.

Mais tarde, quando já éramos moças, ele conversava um pouco conosco durante as refeições, era a hora em que ele aproveitava os assuntos para dar conselhos. Para ele eu tinha que dar o exemplo porque era a mais velha e

sempre repetia a frase “numa caixa de maçã, quando uma estraga, todas as outras estragam”.

Desde que ele começou a melhorar de vida sempre fazia questão de nos dar presentes, de nos vestir muito bem e exhibir fartura. Mas dizer sim para uma filha era muito difícil, principalmente se o pedido era para sair, visitar uma amiga, ir a um aniversário...

Só mais tarde, já adultas, compreendemos que a única maneira de papai demonstrar que amava a família era trabalhando. Ele tinha uma inteligência aguda, uma personalidade persuasiva que encantava as pessoas, falava muito bem, por isso concluímos que aquilo era uma maneira de amar.

Tita e Iolanda

Tita e Iolanda deixaram boas lembranças para a família. Tita gastava todo dinheiro do ordenado conosco, era uma festa quando ela recebia, nós comprávamos tudo quanto era doce, aquelas bolinhas que parecem ioiôs mas que tem serragem dentro, ioiôs também e outros brinquedinhos.

Um dos meus tios nos levava ao Clube Pinheiros, escondido de papai, e Tita e Iolanda, nossas duas empregadas, costumavam nos acompanhar. Numa dessas idas, minha irmã caiu e bateu a cabeça, só quando chegamos em casa nós percebemos que ela não estava se lembrando de nada. Mamãe ficou desesperada porque se contasse para o papai que nós tínhamos saído escondido dele iria ficar furioso e culpá-la pelo acidente. Tita estava conosco quando a minha irmã caiu; por isso, um dia fomos todos à Igreja da Penha com ela fazer uma promessa. Tita prometeu subir todos as escadas da Penha de joelhos se minha irmã ficasse boa logo.

Tita ficou uns trinta anos com a mamãe, casou e nós não a vimos mais. Muitos anos depois, mais ou menos vinte anos, telefonaram do Hospital das Clínicas avisando que ela tinha tido um derrame, não podia andar e queria voltar para casa. Eu fui chamada, fui buscá-la no Hospital e a trouxe para minha casa e fiquei um ano cuidando dela. Eu e a Antonieta - outra empregada maravilhosa que tivemos, uma segunda mãe que eu tive - tratamos da Tita, dávamos para ela comida na boca.

A Iolanda ainda é viva, até pouco tempo ainda estava com a mamãe. Cuido dela até hoje, pago convênio para ela, converso com os médicos, vou visitá-la. Ela não é muito mais velha do que eu não, quando foi lá para casa eu tinha seis anos ela deveria ter no máximo quatorze, quinze ela era bem menina ainda. Depois que a mãe dela morreu, o pai a entregou para meus pais para criá-la como filha. Ela casou e criou os filhos lá em casa, os nenens ficavam nas bacias, na cozinha, uma graça.

A escola

Meus pais sempre valorizaram a cultura. Mamãe só tinha o primário mas lia muito e nos ensinava o português, corrigia quando falávamos errado, acompanhava as lições de casa. Ela me ensinou a pintar, tanto pinteí que acabei passando este gosto para todos os filhos. Papai queria que nós estudássemos mas nunca acompanhou os estudos, não tinha paciência, só fazia questão de escolher o colégio.

Fui para a escola muito pequenina, na escolinha da D. Bene, na Igreja de Nossa Sra. de Monte Serrat, igreja freqüentada pela elite de Pinheiros. Os padres daquela época eram diferentes. Meu pai era protestante, mas nunca praticou nenhuma religião. Como eu era muito alegre, ele ficou preocupado e achou que eu devia ir para o colégio de freiras italianas, o Santa Luzia, na Rua Cônego Eugênio Leite. Além da instrução completa, recebíamos aulas de etiqueta e de dança. Para a época era um colégio avançado, pois era misto. As freiras faziam festas maravilhosas. O Santa Luzia ainda existe, um dos meus filhos chegou a estudar lá.

Aos nove anos eu já tinha concluído o antigo primário mas não podia prestar exame de admissão ao ginásio por causa da pouca idade. Fui então fazer a quinta série, um tipo preparatório para o exame de admissão. Fui fazer o ginásial em outro colégio, também de freiras, Externato São José.

Com toda a brabeza e rigidez, meu pai queria muito que eu estudasse Medicina, mas eu sempre gostei de artes e letras, então concluído o ginásio, fui para a USP, na Praça da República, por exigência do papai.

Eu estava fazendo o Curso de Línguas Neo-Latinas na USP e um dos professores foi conversar com o papai para que eu fosse para a Faculdade Sedes Sapientiae, porque eu era diferente das alunas da USP. Fiz os exames e passei em primeiro lugar. Freqüentei a Faculdade três anos, de 1943 a 1945, mas meu pai não me deixou concluir o curso, por causa de um rapaz que vivia atrás de mim. Não adiantou porque o rapaz ficava horas em frente da nossa casa, papai chegou a dar parte dele para o Ministro da Justiça – Ministro Costa Neto, amigo íntimo dele de Rio Preto. Quando o Ministro chamou o rapaz e perguntou porque ele procedia daquela maneira, ele respondeu que nada fazia de errado, e pediu para o Ministro que apresentasse alguma lei que proibisse uma pessoa de amar alguém?

As festas

Eram muitas as festas na família e na comunidade de imigrantes. As festas de casamento eram feitas com todo o ritual árabe: começava uma semana antes era feita a reunião na casa da noiva, com cantores e músicos, estendiam no chão um tipo de toalha de mesa e colocavam tomates, pepinos, agrião, todos os tipos de verdura, que eles comiam só com sal próprio dos árabes. Era uma alegria os preparativos para o casamento em todas as famílias.

Vovó dava muitas festas, quando morávamos perto da casa dela e meu pai ainda não tinha posses, ela fazia nossas festas de aniversário. As tias também faziam festas. Depois que melhoramos de vida, meus pais davam muitas festas.

Não lembro muito bem dos Natais da minha infância. Não comemorávamos o Natal porque éramos muito pobres.

Eu sempre adorei Natal, até hoje entro em êxtase quando chega dezembro, paixão por esse Cristo que veio ao mundo. Uma lembrança de Natal que marcou minha infância foi o ano em que descobri que não existia Papai Noel.

Nós fazíamos cartinhas pedindo presentes e dias antes do Natal, mamãe mandou eu ir buscar alguma coisa em cima do guarda roupa, quando eu fui pegar o que ela pediu, eu vi os presentinhos que nós tínhamos pedido. Eu não conseguia voltar para a cozinha de tanto que chorava, que tristeza me deu por descobrir que Papai Noel não existia.

Em Brotas, com as dificuldades que tínhamos não comemorávamos o Natal. Eu acho que o amor da mamãe por nós foi tão grande a que compensava tudo, por isso nunca senti tristeza por isso. Eu nunca fui de sentir muita revolta e mesmo tristeza por não ter alguma coisa, nasci assim e até hoje eu sou assim. Se puder compra, se não puder não tem importância.

Festa de Natal mesmo só quando viemos para Pinheiros, sempre na casa da minha avó. Depois o Natal era na casa dos meus pais e foi assim até eles ficarem bem doentes. Era lindo ver a união de cinco irmãs organizando o Natal na casa da mamãe e do papai, além da festa que ele dava que era uma coisa maravilhosa.

As festas na casa dos meus pais eram ótimas, os meninos faziam performance que você morria de rir. Numa delas, o Alberto estava sentado à mesa, de peruca e se penteando, de secador, com outro fazendo as unhas dele. Alberto colocou dois melões no peito, como se fossem seios. A Ondina e o marido dela, o Paulinho estavam lá, Alberto entra e se joga no colo do Paulinho e fala "Paulinho, meu amor". Eu nunca tinha visto meu pai dar uma gargalhada na vida e a gargalhada que ele deu foi uma surpresa para todos nós.

Gostar de festas é uma característica da família, e eu gosto muito, meus filhos e netos também. Sei que gostam porque em uma festa que nós fomos, todos eles dançaram comigo, filhos, netos - não saímos do meio do salão.

Os namoros e o casamento

Meu pai tinha muito medo que acontecesse alguma coisa errada conosco, então namorar era difícil porque ele brigava na rua com os moços e isso que namoro naquela época era só olhar e olhar.

Desde que éramos crianças papai não gostava que brincássemos com meninos, um dia a Maria Amélia devia ter doze anos, ela era muito linda, a usava um laço cor de rosa atrás, e um dos meninos puxou o laço;

papai não teve dúvidas, deu um tapa no menino que jogou longe. Os moços todos conheciam o papai, ninguém se aproximava de nós e isso nos prejudicou porque nos impediu de conhecer muita gente maravilhosa, muita família brasileira, finíssima que eu conheci mais tarde. Médicos que tinha sido colegas do meu marido não se conformavam como é que ele havia conseguido se aproximar de mim, mas foi em casa, de maneira bem tradicional que nos conhecemos.

Eu não namorei muito cedo por causa do medo que eu tinha do papai e de que ele fosse descontar na mamãe. O que acontecia de errado era sempre culpa da mamãe, era “a sua filha”, quando acertava era “a minha filha”. Minhas irmãs namoraram muito antes de mim, eu já queria uma coisa mais séria, já gostava das coisas mais profundas, eu fui uma menina até meio esquisita eu não gostava de brincadeira, eu tinha horror de homem - naquele tempo a gente falava uma palavra até meia deselegante – cafajeste. Namorei o Paulo, que ficava em frente minha casa até altas horas, coitado, eu comecei a namora-lo com acho que dezesseis anos. Meu pai não queria saber dele porque era de família brasileira.

Quando eu tinha mais ou menos dezesseis anos tia Nabia veio de Rio Preto e trouxe o filho dela, Arlindo, - moço muito simpático e muito bonito - para casar comigo porque papai já havia combinado com ela e o marido que o moço vinha para se casar comigo, conforme o hábito das famílias libanesas.

Minha tia veio com ele porque ela e as filhas se hospedavam lá em casa, ele nunca tinha vindo antes. Quem simpatizou muito com ele foi a Maria Amélia, mas não deu certo, então o papai me apresentou e disse que queria que eu me casasse com o Arlindo. Fiquei muito assustada e, ingenuamente, fui contar para a mãe dele que não gostava do Arlindo para me casar e que por isso eu não podia me casar com ele. Falei também que não tinha nem dezessete anos, que não tinha juízo, que não tive culpa de não simpatizar com ele e sabia que não ia dar certo. A mãe dele, mãe libanesa mesmo, respondeu que eu não precisava gostar dele naquele momento mas que depois ele iria fazer eu gostar dele. Infelizmente, hoje eu acho que ela tinha certa razão. Ele deu um maridão, um anjo para a esposa.

Era hábito em todas as casas os moços serem apresentados para as moças e na nossa também. Eu ainda aceitava uma apresentação, mas a Ondina e a Maria Amélia não queriam nem ver os rapazes; podiam apresentar homens feitos de ouro. Elas casaram depois de mim.

Acabei casando assim, num passe de mágica. No começo não me encantei com ele, mas ele lutou muito, ele foi muito inteligente, já era médico formado, tinha outra maneira de levar as pessoas. Era onze anos mais velho do que eu, mas não parecia, sempre pareceu mais novo, tinha uma pele maravilhosa.

Eu queria aprender o árabe, eu achava uma incoerência eu falar Português, Francês, Espanhol e Italiano e não saber falar o árabe que era a língua da minha origem, nunca me conformei com isso. Papai então arranhou uma professora de árabe para nós, D. Ester. Minhas irmãs pintavam e bordavam na aula e a coitadinha se matava, agradava, ficava brava, mas não adiantava, só

eu que me interessava e sabia tudo o que ela perguntava. Até hoje a Ondina caçoa de mim e imita a mim e a D. Ester. Um dia D. Ester falou para o papai que tinha uma família que queria casar dois filhos e resolveu trazer os dois moços para fazer as apresentações. Quando eles chegaram lá em casa viram aquela criançada, e que o mais velho deles era da idade do papai e o outro um pouco mais novo, nem falaram nada. Mas, quando eu entrei na sala, muito risonha e alegre, cor de rosa - porque eu sempre fui muito corada - e com as duas irmãs menores agarradinhas em mim, eu percebi que o outro irmão que tinha vindo acompanha-los ficou impressionado comigo assim que entrei. Fui na cozinha e falei para a mamãe, que o doutorzinho iria me ligar no dia seguinte e não deu outra, ele nunca mais parou de ligar. No dia seguinte D. Ester chegou numa gritaria porque soube que o Raquini - médico em árabe - tinha se encantado por mim. Para os árabes, médico é sagrado e então tinha que casar com uma ricaça e papai era rico. Eu estava no banheiro me arrumando para ir para a faculdade e ela foi me olhar no espelho e dizia que parecia que eu estava mais bonita, que estava menos corada. Eu não era o tipo de beleza árabe - rosto cheio, olhos negros e grandes, pele branca e cabelos pretos - fazia mais o tipo de italiana ou de russa, com cabelos bem dourados e sempre corada. Mamãe ria muito porque D. Ester não se conformava de eu não ter a beleza árabe.

No início falei para ele ter paciência, pois eu ainda não estava preparada para namorar. Ele aceitou e depois de seis meses, lembro bem do dia, 23 de setembro, entrada da primavera, saímos juntos e eu percebi que era um homem com quem eu poderia conviver bem, de quem iria ter orgulho, era um homem fino e educado, muito culto, apesar de ser muito pobre.

Meu pai não fez objeção porque sabia que era família boa, conhecida de D. Ester. Era hábito deles, mas eu tenho certeza que para ele foi amor a primeira vista. Na verdade, não era de muito gosto do meu pai, mas ele gostou muito do Adib, pela formação moral e pela cultura dele.

Adib queria ser padre mas não chegou ir para o seminário porque a mãe dele não deixou, ficou desesperada. Era católico fervoroso e também me envolveu na religião e isso foi bom para o nosso casamento.

Vida de casada

Meu marido tinha doze irmãos, seis homens e seis mulheres; ele era o caçula dos filhos homens, tinha três anos quando o pai morreu. Também tiveram altos e baixos como em toda a família. A mãe dele também era uma mãezona, ficou viúva com filhos ainda pequenos, mas conservou a família muito unida, muito apegada.

Quando casei, embora tivesse duas cunhadas mais novas, elas se esforçavam, mas acho que não me aceitavam muito; as mais velhas gostavam muito de mim, isso atenuava. Nós saíamos muito com os irmãos dele e as cunhadas, nos encontrávamos sempre, pois um Domingo íamos para a casa da minha mãe e no outro para a casa da mãe dele. Reuniam os doze filhos mais as mulheres deles e os filhos, na Rua Rafael de Barros, no Paraíso. Os homens

jogavam, a criançada se esbaldava no quintal e a mulherada fofocava. Depois que eles compraram carro ficou muito gostoso porque a gente passeava, eles eram muito mais de sair do que a minha família, então era muito gostoso a gente viajava com eles, íamos assim na Cantareira, no Horto Florestal. Eu cultivei muito a amizade da família do Adib.

Com o casamento houve uma mudança drástica na minha vida do ponto de vista financeiro. Ele era médico recém formado e lutou demais para melhorar nosso padrão de vida. Eu estranhei demais, mas nunca demonstrei para ele, sempre tive comigo que se tinha assumido um compromisso é para cumpri-lo. Eu casei com ele sabendo que era pobre então eu tinha que enfrentar a vida mais simples e enfrentei muito bem, com a mesma alegria.

Ele nunca soube, nem eu nem meus pais contamos, mas eu tive ajuda dos meus pais a vida toda. A roupa dos meninos eram meus pais que davam, e nunca deixaram faltar comida para nós.

Eu sempre fui festeira e dava festas em casa, mas eu atravessava a noite e ia dormir de madrugada para preparar tudo, junto com as minhas abençoadas empregadas que apareciam para ajudar quando era aniversário do Adib ou dos meninos.

Meu marido era um homem quieto, introvertido, as gostava muito de teatro, cinema, de bailes.. Ele chegava muito cansado mas eu tinha que estar com as crianças na cama as oito horas, porque ele exigia que nós saíssemos, não admitia ficar em casa, acho que queria espairar um pouquinho. As vezes eu saía muito nervosa.

Era também muito rigoroso, mas ficava muito pouco em casa, saía as sete e meia da manhã e voltava para casa sete e meia da noite, por esse motivo a educação deles ficou comigo.

Adib teve defeitos como esposo - como nós todos temos - era exigente demais com tudo, bem parecido com meu pai, só que era mais calmo. Mas, como pai, pode existir igual, mas melhor do que ele não - foi um pai maravilhoso para esses filhos e para os dois netos que criamos.

Os filhos

Eu tenho certeza que meus filhos tiveram uma infância maravilhosa, que devem ter boas recordações dos aniversários deles, das festas na casa da mamãe e nas das minhas irmãs, das festas de Natal e dos carnavais. Nos aniversários deles eu passava noite fazendo o bolo de aniversário, cheguei a fazer um navio de um metro de comprimento, todo embandeirado, com personagens - a Kopenhagen tinha os personagens para o navio - ficou lindo, maravilhoso. Todo mundo admirava os aniversários, minhas irmãs que adoravam esses meninos, também ajudavam nessas festas, Marina - já falecida - fazia de tudo para eles, todas queriam ver os meninos alegres. Sempre agradei e acudi bastante os amigos deles, meu marido já era meio ressabiado, as vezes

encrencava com um ou com outro. Eu era muito calma, sempre penso que eu tinha metabolismo baixo de tão calma que eu era para criar quatro homens.

Os meninos adoravam minhas irmãs, agora pouco se vêem. Mudou um pouco porque cada uma vai tendo a sua vivência, vai sofrendo, vai ficando de um jeito ou de outro.

Nos carnavais eu fazia as fantasias para os meus filhos, eles ganharam vinte anos seguidos os primeiros prêmios de fantasia nos clubes Militar, Pinheiros e Alto Pinheiros. Antonio chegou ao cúmulo de ganhar o prêmio no Pinheiros e Alto de Pinheiros no mesmo dia, com a fantasia de Cacique Nuvem Vermelha. Era uma beleza, minha irmã tinha índio na fazenda e mandou o arco e as flechas e cocar, eu bordei a roupa.

Outro dia Alberto falou para mim que queria ter um menino para por a fantasia de Imperador Romano que eu havia feito. Eu tenho guardada, mas só para modelo porque já está meia estragadinha. Eu sei que esses carnavais foram uma coisa boa para eles e que, indiretamente, cultivou um pouco o lado artístico deles que já era nato. Nenhum quis ser médico ou comerciante, saíram a mim, boêmia, gostar da noite

Adib era alucinado pelos filhos, se eles tem um pouco de educação foi porque eu fui mais enérgica com eles, as vezes até me arrependo. Era muito carinhoso e dedicado com os quatro. Alfredo e Alberto eram difíceis para comer, então ele partia o bife e dava comida na boca dos meninos.

O pouco que ficava em casa conversava bastante com os filhos, gostava muito de ensiná-los, principalmente Matemática. Trazia coleções de livros maravilhosas Tesouro da Juventude, Conhecer, Georama e lia para eles.

Eu contava histórias de fada na hora deles dormirem, quando eu tinha tempo, porque logo tinha que sair com o pai deles. Eu cantava muito para eles, meus tangos e meus boleros, as músicas do meu tempo que eu gostava. El dia que me quiera é a música que eu mais adoro. Eles gostavam e pediam mais.

Nós viajávamos muito porque nós tínhamos colônias em Campos do Jordão, em Serra Negra e em São Vicente e passávamos temporadas maravilhosas. Eu cantava muito com as senhoras de lá, que me conheciam e sabiam que eu gostava de cantar, então sentávamos em roda e cantávamos as músicas da moda.

Quando um deles ficava muito triste porque tinha tido desilusões, eu sentava perto deles e recitava uma poesia que eu acho da maior sabedoria. Fala de um cacique indígena falando com o filho, Canção do Tamoio

Não chores, meu filho;
 Não chores, que a vida
 É luta renhida:
 Viver é lutar
 A vida é combate,
 Que aos fracos abate,

Que os fortes, os bravos,
Só sabe exaltar.

Eu sei esse pedaço porque eu sempre recitei para os meus filhos e eu sinto que ficou na cabeça deles porque eles lutam muito, as vezes eu fico até com pena de tanta luta - mas não é só meus filhos, a mocidade hoje luta muito.

Eu acho que exagerei um pouquinho na educação dos meninos por causa da religião. Segui a religião cristã, eu não gostava que ofendessem ninguém, que falassem mal ou machucassem alguém, e isso reforçou a índole humilde que eles tinham, uns reagiram mas o Augusto, o mais velho, é humilde demais, não é normal. Depois que amadureceram deram homens maravilhosos os quatro, única preocupação na minha vida é com os netos que eu criei.

Criei meus filhos na religião católica, até os dezesseis, dezessete anos eles iam a missa conosco todos domingos. Depois foram se afastando, mas eu nunca discuti isso com eles, eu só quero que eles tenham Deus dentro do coração. Antonio vive dizendo que não tem Deus, que não acredita em Deus, entretanto no dia do Natal me presenteou com esse quadro de Cristo ressuscitado mais lindo do mundo. Pensei comigo - nem comentei com ele - se ele não tem Deus no coração, como é que pinta uma coisa linda assim? É lógico que tem.

Eles brincam entre eles, mas percebo que um tem ciúme do outro e todos acham que um sempre teve um "que" pelo Alfredo, talvez por ele ser o mais quieto, o mais conciliador e também porque veio para morar comigo depois que divorciou-se da mulher. Eu não peço para filho nenhum morar comigo, mas no caso do Alfredo eu pedi, por causa da saúde dele. O médico falou para mim que se ele não tivesse uma alimentação muito certinha, ele não iria resistir.

Augusto deu muito trabalho na adolescência, sempre em atrito comigo e com o pai, só que eu era mais calma e o pai era mais nervoso, por isso a encrenca maior era com o pai. Ele casou com menos de vinte anos com uma moça de dezessete, em seguida já nasceram os dois meninos. Três anos depois aconteceu o que tinha que acontecer, os dois não tinham nada na cabeça e acabaram por se separar.

Eu sei que meus filhos admiraram muito meu pai, admiraram muito meu marido, porque os dois foram dignos de admiração, tirando os defeitos que os filhos podem não enxergar mas eu, como esposa enxergo muito bem. Enxergava também os defeitos do meu pai, que também não foi brincadeira para ninguém no mundo, a personalidade dele era maravilhosa para as pessoas de fora, mas em casa um horror, a mamãe era completamente submissa, como se fosse uma filha dele. Eu sei que eles sempre admiraram e adoraram a minha mãe, que era digna de ser adorada porque era um encanto de pessoa. Quisera eu tivesse conservado a meiguice que ela conservou, mas eu como criei seis homens não deu, eu fiquei brava, na hora de ficar brava, fico brava.

Quando se reúnem é assim: uns concordam, outros não concordam com um assunto e querer conciliar as opiniões ou querer que eles concordem um com o outro já não existe. Desde pequenos eles foram assim, eles brigavam e nenhum cedia, eles são perfeitos descendentes de Abud e Amituk porque meu pai tinha o gênio que tinha e meu marido tinha o dele, quer dizer os dois personalidades fortíssimas, eles tiveram a quem sair, alguma coisa está neles.

Os quatro tem temperamento forte, mesmo o Alfredo que é mais conciliador, mais ponderado, não cede de jeito nenhum.

Uma coisa que me magoa um pouco é meus filhos me procurarem pouco, de não tirarem uma hora para vir aqui conversar comigo, mesmo que eu peça, é difícil virem aqui fora da reunião dos domingos. Sempre discuti todos os negócios com os eles, não escondia deles desde que eles ficaram adultos, eu gosto da opinião deles, eu não sou uma mãe ignorante, conheço o grau de inteligência e discernimento deles. Sempre resolvi tudo, mas agora as coisas cresceram muito e eu sinto falta de conversar um pouquinho com eles. Por outro lado eu sei que eles chegam extenuados na casa deles, e elas também - e como moças cansam mais ainda - eu não tenho mais coragem de pedir. Quando eu quero vê-los durante a semana, que sinto saudades, eu vou na casa deles e depois eles me trazem.

Os netos

Quando Augusto se separou a mulher dele exigiu que eu e ninguém mais criasse os meninos, e se soubesse que eles tinham saído de perto de mim, entraria em Juízo e levaria os dois embora- nem o Juiz queria acreditar nisso.

Nós adotamos os dois legalmente até que o Augusto, não sei se por ciúmes ou por medo de que mais tarde os meninos pensassem que ele os havia abandonado, assumiu legalmente a paternidade deles. Foi boa essa atitude, eles continuaram aqui em casa, um deles já casou e o outro foi estudar na UNICAMP e mora em Campinas. Tenho certa preocupação com este último, por causa da escolha profissional, estuda Filosofia e quer ser professor.

O relacionamento entre os netos é maravilhoso, eu nunca vi um relacionamento de pais e filhos do primeiro casamento com os filhos do segundo como o desses meninos, eles se adoram. O Augusto tem dois filhos do primeiro casamento e três do segundo, sempre se deram bem, surgiu um pouquinho de ciúme, mas depois que nasceu o nenem foi uma festa verdadeira, a família ficou mais unida.

Ser bisavó foi o único sonho que veio para mim sem eu me matar por ele, foi um sonho surpresa, delicioso.

Ultimamente tenho visto mais meus netos, eu saio uma vez por semana com as netinhas de sete anos. As vezes vou com elas no Parque da

Monica, outras vou para o Clube Pinheiros, elas brincam muito, conversam, tomamos um lanchinho, é gostoso. As mocinhas a Ana, a Adélia e o Adriano vêm todos fim de semana aqui e nas férias quase não saem daqui porque elas fizeram amizade com a garotada do outro prédio então ficam naquele entram e saem, é uma coisa gostosa.

Com os netos, converso, fico brava quando é preciso, sou exigente... Conversamos das paqueras das meninas, falamos de coisas engraçadas, conto minhas histórias para eles. Não falo de negócios sérios da família com eles.

Adriano é um diabo, onde nós vamos ele já vem com todas as novidades na ponta da língua. Ele é muito observador e vê coisas que nem eu vejo, porque eu não enxergo de longe mesmo, mas ele, Ana e Adélia se encubem de contar tudo.

Falo da família, da minha vida, de como ajudei mamãe a criar as irmãs mais novas, de elas eram agarradinhas comigo como eram com a mamãe, e de como uma delas mudou. Esta irmã casou e foi para o interior e ficou vinte anos fora. Ela deve ter tido problemas e bem graves e como ela também é uma artista - uma concertista maravilhosa, deu concertos até no Municipal - nós, as outras, a perdoamos porque não sabemos o que ela passou nesse tempo.

Os domingos e as reuniões de família

Eu sou turca, domingo que eu não vejo meus filhos e não vou a missa, não existiu esse domingo na minha vida.

Todo domingo, graças a Deus, a família toda se reúne aqui em casa. Como as noras têm as famílias delas e nós temos a nossa, eu preparo almoço e jantar, porque as vezes eles tem algum compromisso, algum aniversário então almoçam ou jantam comigo, como quiserem.

Nessas reuniões de domingo eles conversam, discutem, as vezes brigam e depois de quinze minutos estão todos rindo outra vez, graças a Deus. Noto que há um pouco de ciúme entre eles, dizem que eu protejo mais o Alfredo, mas não é verdade.

Vêm todos, as noras, os netos, até a namorada do Alfredo.

Além dos domingos, sempre reuno os filhos, noras e netos no Dia dos Pais, Dia das Mães, Páscoa e Natal, é sagrado. Antes vinham as famílias de minhas irmãs; depois que a Maria Amélia morreu, as filhas dela passaram a passar as festas com as famílias dos maridos. Marlene e Lourdes não vêm mais, estão meio zangadas com meus filhos por causa do inventário do papai. A única que continua vindo é a Ondina. A união das irmãs quebrou um pouquinho por causa desse inventário.

Lourdes mudou muito e isto me chocou bastante. Ela ficou como inventariane no meu lugar porque meu marido estava muito mal e eu não quis nem ouvir falar em inventário. Como ela tinha mais tempo, era mais rica

assumiu. Depois que meu marido morreu, quando eu comecei a ir lá, esta moça me causou uma decepção horrível pelo gênio estranho e esquisito que tem. Ela não ouve ninguém talvez seja diferença de temperamento - eu sempre gostei de trabalhar em equipe, tanto que eu dirijo a vinte e cinco anos o departamento feminino da sociedade beneficente que freqüento, então eu estou acostumada a ouvir a opinião de todo mundo - e ela ficou lá resolvendo tudo sozinha, houve um problema, mas poderia ter sido sanado com uma conversa. Não tem a menor possibilidade de diálogo com ela, é a reencarnação do papai. É uma muralha de pedra, o que ela faz tem que ser como ela quer, aliás nós somos cinco herdeiras, o prédio não é dela, mas não adianta falar é só o que ela quer, então foi uma decepção muito grande que eu tive e meus filhos e os netos maiores, todos perceberam.

As vezes ela vem aqui em casa, mas não deu mais certo. O filho é advogado, quando ele tem que falar, ele é o rei. São muito ricos, o marido dela, já falecido, era um fazendeirão lá de Mato Grosso. Era culto, também era advogado, para nós ele sempre foi um homem digno, maravilhoso, mas alguma coisa houve na família da Lourdes, mas como ninguém sabe, melhor ficar quieta.

Algumas lembranças de família

Tive dois tios maravilhosos que eu adorei tio Athiê e Tio Izar, este ainda vivo. Tio Athiê, irmão de papai, era o posto dele. Era um homem enorme, muito bonito, alegre e brincalhão, era uma alegria quando chegava lá em casa. Quando era solteiro ele se fantasiava e um dia veio para Pinheiros vestido de saco branco, mas estava lindo de morrer. Ele tinha cinco, seis namoradas aqui no bairro e quando chegava eu é que ia levar recadinhos para elas e para não dar na vista, cada vez que vinha o recado era para uma.

Quando nós morávamos nos fundos da casa vovó, ele pegava a Ondina e punha em cima do telhado, ela gritava e ele chorava de rir. Ele adorava a Ondina porque ela era muito graciosa desde pequena. Ele ia para a cozinha imitar a mamãe "Credo, né Elisa? Credo, Credo em cruz".

Tio Athiê também dava festas homéricas, festas lindíssimas, era o espírito do papai para festa. Ele casou com uma mulher parecidíssima comigo, todo mundo pensa até hoje que ela é minha irmã, mesmo na terra dela em Presidente Prudente o pessoal achava que eu era da família dela, um amor de moça, um encanto. Em 1968, ele foi ver as escolas de samba do Rio e voltou deslumbrado, os dois voltaram deslumbrados mas ele muito mais, então ele fez o Adib e eu irmos com ele e a esposa no ano seguinte para passarmos o Carnaval no Rio.

Fomos os quatro para o Rio, e fomos assistir ao desfile das escolas de samba. Como sempre fiz regime em casa, quando eu saio quero comer tudo que tenho vontade e na arquibancada, eu não podia ver cocada que eu queria comer; amendoim salgado, eu queria comer então ele dizia para Adib que curasse sucuri que devia ter no estômago. Eu que já não gostava de Carnaval, fiquei deslumbrada com o desfile. Tio Athiê deu um show na arquibancada,

porque apareciam as mulatas que vinham na frente requebrando e ele dizia "Opa, essa é um liquiidificador"; aparecia outra e ele falava " essa é batadeira elétrica". Ele era muito engraçado para falar, tinha um sotaque meio de interior e o pessoal chorava de rir. Foi uma coisa deliciosa, acho que foi o Carnaval mais bonito que eu tive na vida.

Fomos ao baile do teatro Municipal, todo com decoração psicodélica - houve uma era que usou muito o psicodélico em tudo, era o colorido, colorido exagerado – o teto inteiro forrado de flores, um deslumbramento. Todo mundo perguntava aonde iria ser o desfile, e quando deu meia-noite desceu do teto uma passarela do meio das flores, foi umas das coisas mais lindas que eu vi. O Clovis Bornay ganhou aquele ano com uma fantasia que ocupou a passarela inteira, estava muito lindo, muito lindo. Só tive uma decepçãozinha, pois até a meia-noite foi tudo bem no baile, estava uma beleza, mas o pessoal bebe e perde a classe. Eu detesto, eu odeio bebida.

Eu não perdia um Carnaval, íamos ao Clube Militar, eu levava as crianças de domingo e Terça - nem dormia de tarde, nem nada - e a noite eu ia com o meu marido e essa Dona Ester que me apresentou para o Adib. Ela ficava os quatro dias lá em casa para ficar com os meninos, os meninos contam até hoje as histórias da Dona Astire, que é como mamãe a chamava, é de chorar de rir.

Eu adorei Tio Athiê e adoro Tia Nádila, sua viúva, ainda bem moça. Ele morreu muito jovem, foi uma morte que me machucou mesmo.

O outro é o Tio Izar que foi o meu maior amigo desde criança. Ele está com oitenta e seis anos e ainda nos vemos ou nos falamos regularmente. Quando nós éramos crianças ele batia em todas, menos em mim, e outro dia quando perguntei porque e ele me disse que eu olhava para ele com o olho tão grande, tão arregalado e com tanto medo que ele perdia a coragem. Tio Izar trabalhava na loja, era o chefão que atraía maior freguesia, pois é de uma simpatia contagiante. Ele a tia adoravam mamãe e sempre tiveram uma grande amizade conosco. Depois que casei, continuou, porque ele gostava muito do Adib e sempre saíamos muito junto com ele e a tia. Tudo quanto é conselho que preciso sempre eu pedia para papai e para ele, e até hoje me aconselho com ele.

Tio Izar perdeu a primeira esposa muito moça, tinha sessenta e dois anos e se casou em segunda núpcias com uma moça da minha idade, dezessete anos mais nova do que ele. Eu não tinha muita amizade com ela em solteira mas depois ela ficou muito amiga minha. Durante a doença do Adib eles me fizeram muita companhia.

Foram quatorze anos de sofrimento o período em que Adib ficou doente, por isso que eu fiquei com a coluna desse jeito, fragilizada porque ele pesava mais de cem quilos. Mas eu não me arrependo nem um pouco porque ele faria para mim também, eu tenho certeza.

Durante a doença do Adib tive também a companhia de alguns amigos, são poucos os que fazem companhia quando você tem uma doença em casa, você conta nos dedos. Teresinha e o Homero - ela já deve estar com quase

oitenta anos, foi professora da minhas irmã caçula no Jardim de Infância - me fizeram companhia, eles tinham uma escola de datilografia na Teodoro Sampaio. Nossos compadres, Massaud e a mulher, também nos acompanharam nessa época. Ele foi o maior amigo do Adib, aliás o único amigo que não era parente que conseguiu ser amigo dele. Era um homem excepcional, perfeito, o Adib queria que todas as amizades dele fossem como esse Massaud. Ele era cônego, dava Comunhão na igreja, de tanta bondade que ele tinha. Era também espirituoso, matava todo mundo de rir. Ele morreu, só a minha comadre está viva.

Faço questão que meus netos saibam da amizade de mais de sessenta anos que une a nossa família e outras duas famílias. Uma é a família Almeida, a primeira família brasileira com quem papai nos deixou ter amizade. O patriarca Almeida era bem parecido com papai, não era tão bravo, mas era bem exigente. As três filhas sempre foram maravilhosas, a caçula e as outras são minhas amigas até hoje. Eu tenho orgulho da amizade dessa família. A outra é a família da minha amiga Helena, a família Léry. O pai tinha ascendência francesa. Nós nos conhecemos com seis, sete anos de idade e nos damos até hoje, são pessoas que eu gosto de lembrar e nunca me decepcionaram.

Os meninos também conviveram com eles, nós vivíamos no sítio da Geny. Eles adoravam o Orlando, marido da Geny e eu ainda tenho muito contato com uma das filhinhas dela. Meus filhos também tem contato com o filho da Helena, arquiteto e artista maravilhoso.

Da minha família, o casal que ele sempre preferiram foi a Marlene e o Rogério, infelizmente ele morreu mocíssimo, tinha cinqüenta e seis anos e ela está em depressão completa. Eles adoravam a Maria Amélia, minha irmã que morreu. Eles também gostam muito da Ondina, que é impagável, a gente chora de rir quando está perto dela, pode ser o tempo que for, ela está falando bobagem e fazendo todo mundo rir, também não teve filhos. Por isso não é igual, não tem responsabilidade, não é a mesma cabeça, conserva a alegria está sempre alegre, está sempre, sempre alegre, graças a Deus. Ela é um encanto também. A Lourdes mudou muito e eles ficaram tristes com ela.

Eu sempre gostei demais de minhas tias, eu convivo muito com elas, com todas, porque da família elas foram muito moças para serem tias. Eu me lembro que eu jogava boliche no Pinheiros, todo mundo estranhava quando eu dizia, terça feira eu vou receber minhas tias então eu não posso vir, elas achavam graça, eu dizia gente não são pessoas de idade, são bem moças. A mais nova, do lado do papai, é um ano e meio mais velha do que eu; a caçula, do lado da mamãe, é dois anos mais velha do que eu.

Meus filhos adoram a família do meu marido também, eu tenho impressão que eles combinam. Sempre conviveram com a família do pai, desde crianças. Fui a última que casou, já eram todos casados, só um que era solteirão como o Alfredo, mas depois casou também, não teve filhos. Ele mora aqui perto, era muito gostoso, e os meninos conviveram muito mas como tudo na vida, acaba. É um pecado, vão crescendo, vão se formando, uns vão para o interior, os outros

moram em São Paulo, mas moram em outros bairros, têm suas carreiras, tem muito Médico, vivem sempre correndo.

Eu achei muito bonito o que aconteceu agora, o filho da penúltima irmã de Adib, mandou uma carta para todos os primos avisando que quer fazer uma reunião de toda a família. Já me avisou que vai chegar outra carta, para depois fazer uma grande confraternização, pois ele quer reunir toda a família Antuk. Achei isso maravilhoso porque eu consegui fazer isso no aniversário do meu marido. Eu reuni numa pizzaria muito grande - que era linda na época, agora já não é tão bonita -, e nós fizemos a confraternização. Vieram cento e dez pessoas, acredito que agora são mais de duzentas.

Missão cumprida

Acho que Deus foi muito bondoso comigo, por ter dado a família que tive e a que tenho. Tenho muito orgulho dos meus avós; da luta do meu pai, da força impressionante de luta que Deus deu a ele; da educação e da meiguice das minhas duas avós; da minha mãe que era tão meiga, tão delicada; e do meu marido, da finura dele.

Minha história é uma das mais lindas que eu conheço, porque graças a Deus eu vi meus filhos se tornarem homens maravilhosos, idôneos, homens de personalidade marcante, lutadores - até exagerados - como o pai e o avô.

4.4.4 A história de Adriano

Nasci em São Paulo, mas não tenho nenhuma lembrança daqui quando pequeno. Minha primeira lembrança é de uma casa que a gente morou no interior de São Paulo, no condomínio do Banespa, em Vinhedo. Era uma casa grande, com piscina bem grande. Lembro do pessoal da família vir para a piscina, inclusive para nadar a noite. Lembro também que a gente mudou para uma casa, no Jardim Bonfiglioli, da qual lembro muito pouco. Depois a gente morou no Jardim Santa Teresa e também não lembro da casa, só da dona da casa era muito chata, e eu não gostava muito dela.

Mudamos para Osasco por causa da minha avó. Foi a época de maior dificuldade financeira e meu pai começou a trabalhar como motorista e a minha mãe como assessora de imprensa. Foi um período muito difícil, tinha dias que não tínhamos nada para comer; não tínhamos nem telefone, usávamos "orelhão", a gente não tinha ajuda de ninguém ... A gente ia comer na casa da minha avó.

Eu tinha 6 anos, uns dois anos depois mudamos para Pinheiros. Nossa vida melhorou bastante, minha mãe já estava crescendo com a assessoria de imprensa, começou a ganhar melhor. Nosso nível de vida foi subiu um pouco, passamos a ter um pouco mais de sossego, a poder viajar nos feriados, condições de ter um escritório, um apartamento com escritório.

Esse período difícil foi bastante importante para mim, porque desde pequeno comecei a ver a realidade. Meus pais nunca esconderam de mim a nossa situação financeira, nunca mentiram para mim e desde cedo eu comecei a ver que para a pessoa ter um nível de vida bom, tem que lutar por isso. Foi muito importante ver que minha mãe começou lá debaixo, que ela teve que lutar muito. Estudei no mesmo colégio desde a segunda série. Conhecia todo mundo, tinha muitos amigos, mas era uma escola precária, A partir da sétima série, quando percebi que tinha muitos amigos mas que em estudo eu estava defasado, falei para meus pais que se não dava para estudar em um colégio bom e decente, eu preferia parar e depois, quando as condições melhorassem, eu voltaria a estudar. Hoje, eu estudo no Stella Maris, colégio particular, muito mais puxado. Foi outro período difícil para mim, porque eu não tinha base em nada, não sabia nada, passava o dia inteiro estudando.

Prefiro ficar com os meus amigos, mas acho que há certas coisas que você tem que priorizar, você tem que ter consciência de que está fazendo aquilo para você. Se não estudar, eu não vou conseguir alcançar nenhum objetivo na vida.

Os pais, os irmãos e a vida em família

Meus pais não “pegam no meu pé”, mas sempre deixaram claro que o que eu faço é para mim mesmo, e não para eles. Eles apoiam, ficam contentes, admiram, mas até sempre deixam claro que eu estou estudando para mim. Eu não tenho que chegar contente com nota e mostrar para meu pai, quem tirou a nota fui eu, quem tem que ficar satisfeito sou eu, quem tem que ficar alegre sou eu, não eles. Eles só me dão as condições e eu acho que a parte deles eles fazem, agora é comigo, eu tenho que tomar uma atitude, pois quando as condições eram precárias eu reclamei e eles deram jeito.

As vezes acho que meu pai exige muito de mim, parece que ele quer pular na parte de mim, quer que eu seja adulto, apesar de eu estar bem no colégio e lidar bem com algumas situações na família. Meus pai não entendem que eu gosto de sair, de brincar, de namorar. Eles não entendem isso eles acham que eu tenho que estudar e ajudá-los.

Eu sou quietinho, quietinho, quietinho, eu vou ouvindo, até a hora em que começo a ficar irritado. Tem um momento que chega e aí eu faço o que eu quero - sofrendo as conseqüências, mas eu faço o que eu quero - minha mãe de uma certa forma, tenta contornar, tenta apaziguar, tenta conversar, mas nem sempre adianta porque quando eu tenho um ponto de vista, é muito difícil eu mudar.

Quando quebro as normas vem o castigo: é mais ou menos tipo repressão, começa aquela gritaria, os berros,, mas eu consigo na maioria das vezes contornar a situação com minha mãe. Admiro bastante minha mãe, ela é uma pessoa muito inteligente e estudiosa e sabe lidar com as situações, quando

chego para ela e digo que não vou aceitar determinadas situações, ela para, ouve e reflete em lugar de ameaçar.

Meu pai é mais linha dura, acho que porque teve muitos planos com o pai dele. É muito difícil mudar o pensamento dele e mostrar outro ponto de vista para ele. Ele pode até achar que se colocou no meu lugar, mas nem sempre se coloca, e chega uma hora que eu dou um basta, eu quero mudar e faço tudo para isso.

Como sempre estive por dentro da situação financeira da família, sei quando posso pedir um presente mais caro, ou fazer uma viagem para a Europa e só peço o que sei que é possível de ser atendido e só vai depender da vontade deles concordar ou não.

Meus amigos sempre freqüentaram minha casa, nunca tive problemas nesse sentido. Esse problema eu já tenho com a minha avó paterna, porque determinados amigos ela não aceita na casa dela e isso sempre me magoou demais, porque eu acho que um amigo tem que ser recebido sempre na minha família, indiferente de raça, cor ou posição social. Já passei por situações constrangedoras quando levei amigos para jantar na casa dessa minha avó.

Meu pais e a minha outra avó sempre recebem super bem os meus amigos, conversam e brincam com eles. Minha avó faz isso comigo e fez isso com meu pai e acho que ele recebe bem os meus amigos porque os amigos dele um dia já foram rejeitados pela mãe dele. Se minha mãe não gostar de um amigo meu, sem a menor sombra de dúvida, ela vai falar para mim e explicar porque e vai deixar para eu decidir a minha convivência ou não com essa pessoa.

Meus pais e eu conversamos bastante, mas eu converso mais com minha mãe, tenho mais confiança nela, não sei porque, mas tenho. Há determinados, as coisas mais pessoais que só converso com amigos. Com meu pai trato de estudo, situação financeira ou problemas de família. Não gosto que interfiram nas minhas amizades e nos meus namoros. Converso muito com minha prima com quem convivo desde pequeno, somos como irmãos, tenho mais amizade com ela do que com os meus irmãos.

Meus pais contam a vida deles e as histórias da família. Minha mãe conta das dificuldades da família dela, de como meus avós conseguiram encaminhar os filhos saindo do nada, enfrentando a pobreza. Hoje, minha mãe trabalha como assessora de imprensa, ganha até mais do que meu pai, tem um bom nível cultural; tenho uma tia que ocupa uma gerência na Patchuli. Admiro a luta dos meus avós, meu avó tem 70 anos e ainda trabalha. Eu admiro muito minha avó e vou continuar admirando mesmo que ela um dia passe a me tratar mal.

Minha mãe frisa muito a rejeição e o preconceito que minha avó teve - e ainda tem - em relação a família dela e às famílias das mulheres dos meus tios. Minha avó, por ter sido criada em família mais abastada, sempre achou que os filhos deveriam manter o padrão, e isso não aconteceu. Minha mãe veio de uma família pobre; a minha tia é japonesa; a primeira mulher de meu pai é negra

e elas nunca foram bem aceitas por meus avós. Para mim esse preconceito já vem do pai da minha avó, pois meu pai contou que quando ele casou com uma moça negra, o avô quis morrer. Tudo isso marcou muito minha mãe.

Minha mãe fala da mãe dela e da educação rígida com que ela a educou. Sempre enfatiza que quando há princípios morais, as condições financeiras não importam, as pessoas são íntegras e passam esses valores de trabalho, educação, lealdade e respeito para os filhos.

Meu pai conta da educação do pai dele e o quanto admirava o pai, também uma pessoa batalhadora. Depois que meu avô morreu, meu pai passou a falar mais sobre a maneira de ser da minha avó, os problemas decorrentes da criação dela. O pai dela passou pelas dificuldades do período da guerra, vendia cigarros para os soldados para ganhar o dinheiro do sustento dos irmãos. Foi uma pessoa muito sofrida e de creta forma brutalizada e isso calou fundo nela, pois ele era uma pessoa muito rígida e muito bruta. As vezes ela tem umas reações que não condizem com a pessoa super culta que ela é.

Meu avô é sempre citado como bom exemplo, era uma pessoa forte, que deixou marcas. Perdeu o pai muito cedo, eram muito pobres, estudou com dificuldade e quando ele começou a trabalhar, sempre ajudou os irmãos. Ele trabalhava demais, tinha sete empregos em sete hospitais diferentes e com isso conseguia ter um nível de vida melhor sempre ajudou todos os irmãos dele. Ele mentia para a minha avó porque ela queria levar uma vida de riqueza, palacete, cabeleireira, empregados, fazer festas, sem se importar com o resto da família. Por esse jeito de ser dela, ele teve até que enganá-la quando precisou ajudar um irmão. Acho que outra pessoa da família que marcou meu pai foi uma prima dele, Leninha, que foi educada pela minha avó, sem ajuda do meu avô ela não teria chegado onde chegou, mas nunca ajudou ninguém da família, nem mesmo quando nós passamos necessidades. Meu pai não fala - ele nunca fala esse tipo de coisa, guarda para ele - mas sinto que ele tem um tipo de mágoa por ela não ter tido um pouco de gratidão. Enquanto ela dá um carro por ano para um primo dela que é médico, e está muito bem de vida, ela poderia estar ajudando um pouco pessoas da família que precisam, como meu avô fazia.

As pessoas da família com quem mais convivo são a Ana, e meu irmão mais velho Ageu, de vinte e seis anos. Com meus outros irmãos é um relacionamento mais ou menos. Não tenho muita afinidade com meus tios, sou mais chegado ao meu tio Antonio. A família de minha mãe também não vejo muito. Convivo bastante com meus avós, mais com a minha avó. Já fui mais chegado com minha avó, vou no apartamento dela mas nem fico com ela, eu desço para conversar com meus amigos que moram no mesmo prédio. Não agüento muito tempo, pois chego lá e começa a vir assunto de família, aquela mesma ladainha.

Um assunto que sempre volta quando estamos reunidos é a questão do inventário do meu avô. Meu pai e meus tios voltam às discussões de criança, de quem é a herança, quem ficou com o que, etc.

Outro fato marcante na família é o fato de minha avó não receber na casa dela a namorada do meu segundo irmão, porque cismou que a moça é negra. Isto choca muito a minha mãe, porque ela não tem esse tipo de preconceito. Para o meu pai também não faz diferença e acha a atitude de minha avó uma coisa totalmente careta e ridícula, até porque a moça não é negra, é morena - eu quando eu tomo sol fico da cor dela. Acho que é uma falta de respeito com meu irmão e a moça.

Meu pai sempre fala da família dele, e do Alfredo, o irmão que se dá mais com ele. Durante muito tempo a família do meu pai só falava mal dele o tempo todo, até que eu comecei a levantar da mesa, a fazer pirraça, e a dizer que se continuassem a falar do mal do meu pai eu não olharia mais na cara deles. A partir daí tudo começou a mudar porque eu não admito que falem mal de meu pai, é o meu pai, eu o respeito e exijo respeito tanto da parte da minha avó, dos meus tios, dos meus primos, de todos. Quero que respeitem o meu pai, se ele não sabe se impor, eu me imponho por ele.

Algumas vezes meu pai conta das viagens que ele fazia com a mãe e os irmãos, das brincadeiras e jogos com os primos e os amigos.

Para minha mãe, as alegrias que ela sempre fala ter são a carreira dela, a satisfação de ser uma profissional respeitada e a família que ela e meu pai constituíram.

Sinto que minha mãe tem orgulho de nós. Ela não esconde nada, não tem vergonha da gente. Quando meu pai trabalhou na editora, minha avó reclamava do jeito que ele vinha para casa e uma vez não deixou ele ficar porque havia outras pessoas na casa. Ela reclamava também quando meu tios Antônio e Augusto, um artista plástico e o outro gráfico chegavam sujos de tinta. Sei que isso nunca vai acontecer conosco, minha mãe é uma pessoa esclarecida, e nunca vai nos rejeitar pela aparência.

As festas da família.

Minha avó sempre centralizou tudo nela, e no Natal ela faz uma festa enorme, reúne todo mundo, então é impossível pensar em não comemorar com ela. Teve Natal, todo mundo reunido até no ano em que meu avó morreu e o sétimo dia caiu no Natal. Eu adoro o Natal, mas naquele ano fiquei chocado. Eu vi muitas pessoas rindo naquele clima de alegria, enquanto a família, meus irmãos, meus tios meu pai, todo mundo de cara fechada, fazia uma semana que o pai deles tinha morrido, e tinha gente na festa que eu nunca tinha visto na vida, na maior alegria, rindo. Eu acho que é uma falta de respeito com a família, uma tremenda falta de educação.

Festa de aniversário é difícil, dependendo da situação financeira, é substituída por uma viagem, um curso de inglês, curso de natação, etc. Minha mãe acha muito mais útil, que eu vou aproveitar muito mais do que uma festa, fazer comida para os outros. Minha família é assim, pensamos mais em

nós, festa é para os outros. Festa de aniversário minha avó faz, mas não é nossa festa, é mais para as amigas dela.

As festas, quando acontecem, tem muita falsidade, gente que não se vê há muitos anos e que não se gosta, falam mal uns dos outros, e chega na festa é aquele amor, aquele clima social, de elite, de manter a imagem da família perfeita, unida Eu não agüento saio de perto.

Nunca fui a um funeral da família, mas já fui em missa de sétimo dia do meu bisavô. Estavam todas as irmãs, juntou muita gente, de tudo quanto é lado para receber pêsames. Se fosse o meu pai, eu juro por Deus que eu não estaria ali, porque tudo era voltado para aquele clima de status, a igreja decorada, todo mundo com roupa chique, as mulheres maquiadas, cabelo arrumado, muita futilidade para uma coisa muito séria.

Eu achei muito triste, foi muito chocante. Quando meu avô morreu foi ainda pior. Houve uma recepção na casa da minha avó, com comes e bebes de primeira qualidade, pessoas arrumadas, foi uma coisa muito marcante para mim, eu achei muito triste porque meu avô estava morto, eu não gostei nem um pouco e sempre deixei isso claro para várias pessoas da família. Eu tinha 9 anos quando meu avô faleceu.

Os avós

Meus pais não contavam histórias infantis quando eu era pequeno, quem contava era meu irmão mais velho. Esse meu irmão tinha a maior paciência comigo, foi ele que me ensinou a ler, comprava livros para mim, para iniciar a alfabetização, então ele lia comigo. Ele tinha uma coleção com mais de vinte livros, eram livros com imagens e pequenas frases, com letras bem grandes para a gente começar a ler. Eram livros de estrutura bem poética sobre o que é o vento, o que é a chuva.

Não convivi muito com o meu avô, mas os poucos anos que eu convivi ele me marcaram bastante, porque ele era uma pessoa muito inteligente, ele sabia como cativar as pessoas. Ele sabia lidar tanto com um adulto, um aristocrata como com uma criança simples. Ele tinha uma mente muito ampla e aberta. Ele era extremamente carinhoso e paciente comigo, quando ficava nervoso, eu entendia que era por causa da doença. Desde pequeno eu já tinha essa compreensão e ele era uma pessoa super inteligente, que sempre me ajudou. Só vejo ele como uma pessoa boa. Entre ele e minha avó ele marcou mais. Ele me ensinava Matemática, a jogar xadrez. Só me ensinava e não falava assim da importância disso.

Comigo ele era bem alegre, e eu lembro dele alegre, nós ríamos muito. Eu peguei ele bem mais calminho, curtindo os netos. Eu gostava muito do meu avô, muito mesmo.

Meus irmãos conviveram mais com meu avô, acredito que Alceu, o meu segundo irmão, foi o mais ligado a ele e o que sentiu mais a falta do

meu avô. Ele sempre foi muito protegido pelo avô. Ageu também teve bastante convivência com ele e o avô gostava muito dele. Meu avô e meu pai com a falta da mãe dele, acho que meu avô tentou suprir essa necessidade, claro que não supriu, mas ele tentou. A Ana já conheceu o avô mais velhinho e assim como eu sempre se deu bem com ele. Ele gostava de nós, ficávamos abraçados e ele gostava muito disso, pena que tivemos pouco tempo de relacionamento.

Meu avô nunca tentou me influenciar para ser médico. Até ter o derrame fatal meu avô era super lúcido, via bons programas de televisão, lia livros e conversava com a gente. Nas vésperas dele ter o derrame eu estive com ele, dormi na casa dele, ele estava terminando de ler um livro de poesias, estava bem. Depois ficou dois meses em coma.

Meu avô não falava da família, mas minha avó conta, fala dos pais dela, fala do meu avô, das irmãs, conta histórias de todo o mundo.

O sonho de família e a escolha profissional

Eu estou na oitava série. Não sei ainda o que vou estudar, pensei em Medicina, por causa do meu avô, mas não é o que eu quero. Tenho pensando mais em Jornalismo ou Publicidade, já me interessei por Geografia, mas vou mais para o lado do Jornalismo, por causa da minha mãe, pois eu admiro e gosto do trabalho dela. Com Jornalismo tenho caminho aberto e bons contatos facilitados pelas relações profissionais de minha mãe.

Eu sonho em ter uma família. Nunca sonhei em ter muito dinheiro para mim, quero ter o necessário - mas também eu sou contra pessoas que falam que não querem dinheiro - eu quero dinheiro para educar meus filhos, para poder viajar e para poder mostrar tudo que tem de melhor para os meus filhos.

Não vou obrigar meus filhos a estudar, vou pregar a consciência do que é o estudo. Acho que nenhum pai deve obrigar o filho, mas eu não vou ser igual aos meus pais com relação ao meu estudo e ao da minha irmã, porque eles são muitos desleixados em relação a isso. Esse desleixo pode acabar prejudicando se a pessoa não tiver uma personalidade muito bem formada, for muito objetiva, fica difícil se aprofundar no estudo. Meu pai entendeu, e agora minha mãe está se preocupando um pouco mais com nossos estudos, mas é tudo muito largado. Eu não vou ser assim.

4.4.5 A história de Ana: “minha família é especial”

Nasci em São Paulo, na Vila Madalena e morei lá até os 6 anos. Depois mudei para o Brooklin e agora estou morando em Perdizes.

Lembro do tempo em que morei na Vila Madalena e dos amigos que eu tinha lá: Sérgio, de 8 anos; Marquinhos, de 5 e Eder, 10 anos. Nós brincávamos o dia inteiro e nos divertíamos muito. Sérgio e eu roubávamos caqui na casa do Edinho. Eu ficava sentada no muro e ele subia na árvore para pegar caqui e ficávamos comendo. Com Serginho brincávamos mais na casa dele, com os bonequinhos do He-man. Eu era muito brava e brigava muito com ele, pois eu queria ser o boneco homem e ele não queria ser o que era mulher. Ele era muito sossegado. Na verdade, eu era apaixonada pelo Sérgio. Eu achava ele o máximo, ele era o meu amigo. Quando minhas amigas do colégio iam na minha casa ele e o Marquinhos também iam e brincávamos todos juntos.

O Eder ia lá em casa e ficávamos a tarde inteira na rua.

Nunca mais tive contato com eles, acho que eles nem lembram de mim, depois de tanto tempo.

Tenho uma amiga desde que nasci, a Flora, é como se fosse minha irmã. Eu adoro a Flora. Tenho também outras amigas: Ana Terra, Irene e Julia. Eu estudei com elas no pré, depois nos separamos e agora nos reencontramos de novo, no colegial. Mesmo sem estarmos estudando juntas, a Florinha continuou minha amiga. Nesse novo colégio é uma festas, pois tem muitos outros colegas do nosso outro colégio. Para ser bem sincera, não gosto muito de estudar, mas estudo. Meus pais brigam comigo para eu estudar. Ano retrasado quase repeti o ano, eu fiquei em recuperação em três matérias. Precisava de uma nota muito grande e precisei de professor particular. No ano passado também, quase repeti a sétima série. Sou amiga também dos meus primos, Adriano e Adélia, saíamos juntos, agora quase não nos vemos. Quando reuno meus amigos aqui em casa, sempre chamo os dois.

Quando pequena, meu pai sempre contava a história da formiguinha e minha mãe cantava para mim. Ela não contava história, ela cantava e a gente inventava histórias juntas. Eu adorava a história do Chapeuzinho Vermelho, eu amava tanto o Chapeuzinho Vermelho que uma vez eu fiz o meu aniversário no colégio e a gente fez a peça do Chapeuzinho Vermelho. Foi um sarro, eu abri um berreiro por causa do lobo e não parei de chorar a peça inteira, foi horrível.

Quando não estou no colégio ou aula de inglês, vou encontrar meus amigos, conversamos, jogamos bola. Não dou muita importância para computador, Internet, prefiro conversar com meus amigos.

Nos finais de semana sempre nos reunimos, tem festas. As minhas amigas também são assim.

Sou muito briguenta, principalmente com minhas amigas, as vezes umas brigas muito bobas. Brigo também com meus pais e meus irmãos.

A escolha da profissão

Estou na 1ª série do ensino médio, não sei ainda o que vou fazer mais tarde, eu nem penso nisso ainda. Meus pais conversam bastante sobre isso comigo, principalmente meu pai, porque ele quer que eu seja artista plástica como ele. Meu pai acha que eu tenho futuro, mas acha também que tenho que uma vida melhor porque artista não ganha muito. Minha mãe acha que quando chegar a hora que vou saber escolher.

Eu gosto muito do trabalho do meu pai, acho lindo o que ele faz, mas tem muitas outras coisas que eu gosto de fazer.

Eu gosto de desenhar, eu gosto de pintar, mas também gosto de fazer teatro, de jogar futebol, de me comunicar com as pessoas. As pessoas falam que eu desenho bem, mas eu não pinto tão bem.

As refeições

Meu pai faz questão que a família toda esteja reunida em pelo menos uma refeição do dia, ele sempre fala que é muito importante as pessoas estarem juntas. Quando ele pode nos reunimos todos para o café da manhã, o almoço e o jantar; se não dá para ele vir almoçar, temos que jantar juntos.

Como estamos sempre com fome, comemos e não falamos nada, nem que a comida está boa. As conversas são sempre sobre assuntos triviais, bem variados, a exposição que meu pai vai fazer; sobre viagem para a Itália que eu e meu pai vamos fazer como meu presente de 15 anos; se eu posso sair para uma festas, etc.

Come do que faz bem para não ficar depois com o que faz mal, assim, você come o que tem para depois não comer, ou você come o que tem ou você não come nada, são assim os dilemas da minha casa.

Os bisavós e os avós

Conheci meu avô paterno, Adib eu adorava ele. Acho que eu tinha 8 ou 9 anos, quando ele morreu, eu não sei. Eu tinha muito contato com ele. Nós dois jogávamos xadrez juntos e eu lembro, brincávamos de baile com as peças do jogo, os pretos e os brancos. Era muito engraçado e nós dois ficávamos horas brincando, víamos TV, ele me mostrava livros e me contava as histórias, eu adorava ele. Contava uma história que o meu pai também contava, da formiguinha do inverno que trabalhava duro e da cigarra que ficava cantando, cantando. Meu avô e meu pai inventavam histórias.

Conheci meus bisavós paternos, Jamur e Elisa, eu devia ter uns sete, oito anos. Lembro direitinho de quando ia na casa dela, eu entrava e chamava meu bisavô de cuzão, xingava, e ele não entendia direito e ficava me chamando com aquele sotaque árabe carregado "meu netinho". Eu sempre ficava muito brava com ele porque ele trocava o feminino pelo masculino e ficava repetindo "eu sou mulher, eu sou mulher". Depois eu subia a escada e ia para o

quarto da bisavó, sentava na cama dela e ficávamos conversando e brincando. Eu adorava aquela escada, eu achava aquela casa um castelo porque eu era pequena e o tamanho da casa parecia maior ainda. Outra coisa que eu adorava era o telefone de mármore.

Também conheci meus bisavós maternos; não lembro da bisavó e muito pouco do bisavô, ele ficava na cama o dia todo e era muito engraçado.

Essa casa era em Pinheiros também, perto da vila, numa rua perto da Praça do Pôr do Sol, ainda existe, mas eu não sei se ainda é da família ou se foi vendida. Era linda, enorme, uma bela sala com quadros. Tenho fotos de festas de Natal nessa casa.

Minha avós e as irmãs dela, tia Ondina e tia Marlene, volta e meia brigam, mas ninguém se mete, deixa que elas resolvam entre elas. Não tenho muito contato com minhas tias avó, atualmente a gente vê mais a tia Marlene.

A família da minha mãe é completamente diferente da do meu pai e também tenho um relacionamento forte com eles, principalmente com meus avós. Meus avós casaram em 1916, é muito tempo. Eles devem ter 65, 67 anos, mas estão bem conservados. Meu avô ainda está trabalhando e não quer se aposentar. Minha avó não trabalha fora, mas é muito ativa.

Minha avó Izabel é legal, é bem diferente da minha avó Alcina. É agitada, quer sempre fazer tudo e por ordem em tudo, não pode ver uma sujeira que já vai limpar. Ontem eu saí com ela para fazer compras na Rua Teodoro, mas antes ela fez a comida e limpou a casa. Conversamos bastante, ela me dá uns conselhos para não ser tão brava com meus pais, e sempre diz "são seu pai e sua mãe".

Eu adoro o meu avô, eu sempre tive uma relação ótima com ele. Falo muito com ele sobre meu futuro. Já trabalhei como estagiária no escritório dele e vou voltar a trabalhar lá, embora eu não entenda nada de Ciências Contábeis. Além do escritório, ele é professor da USP.

Minha mãe tem 3 irmãos, dois homens e uma mulher, todos casados e com filhos. Tenho oito primos do lado materno, só uma mais nova do que eu, os outros são mais velhos.

Domingo é dia dos avós

Todos os domingos nos reunimos com a família da minha mãe para o almoço na casa dos meus avós maternos e no jantar na casa da minha avó Alcina, com a família do meu pai. Nessas reuniões com as duas famílias, nós somos os mais presentes.

Nas reuniões na casa da família da minha mãe, todos falam dos seus planos, festas, trabalho, etc. É muito agradável.

Para a família da minha mãe, nossa família é normalzinha. Eu sei que eu sou a neta preferida do meu avô. Meus pais contam que desde que eu era pequena isso sempre foi motivo ciúme na casa da minha avó.

O avô Sazuki e eu saíamos de manhã para a feira, e a gente comia pastel, roubava fruta, passeávamos e só voltava para casa depois do almoço. Meus tios e minhas primas ficavam esperando a gente, minha avó e meu pai ficavam possessos.

Hoje não têm ciúme e meu avô também não demonstra muito a preferência, ele faz tudo por debaixo do pano, sai comigo para comemorar tudo o que acontece comigo. Sei que com minhas primas ele age diferente.

Sou bem amiga das minhas primas Carol, Gabi, Camila, Fernanda, Débora, gosto muito de todas elas. Só tem um menino mas ele tem os primos e os tios da família dele. Elas também têm a turma delas.

Nas reuniões da família do meu pai, ele e meus tios discutem e brigam, é só briga de família. Eles ficam discutindo e nós, os filhos descemos. As discussões são sempre por causa do inventário do meu avô, propriedades, assinatura de documentos. Ou então o assunto é a falta do médico, da perna, da enfermeira. Todo domingo é a mesma coisa.

Festas de família

Sempre nos reunimos com as famílias dos meus tios no Natal e na Páscoa. Acho legal, mas são sempre as mesmas caras.

O almoço de Natal é na avó Izabel o jantar na avó Ceci. Algumas vezes é ao contrário.

A avó Alcina reúne a família dela, a das irmãs e dos amigos para a Sahara, uma festa libanesa que se comemora no Dia de Reis. Nestas festas os mais velhos se separam dos mais novos, os homens das mulheres e as meninas dos meninos. As meninas ficam á em cima e os meninos lá fora brincando com os cachorros. A reunião mesmo só acontece depois da comida. Gosto destas festas, mas feriado não é para fazer festa, acho que tem mais é que sair, viajar com as minhas amigas.

As histórias da família

Eu gosto de escutar as histórias da família, as vezes eu pergunto sobre algum fato que eu não lembro, ou de pessoas que não conheci, ou mesmo dos tios, dos primos...

Eu não me lembro se meu avô Adib contava histórias da família. Mas minha avó Alcina conta, ela é um livro. Eu podia fazer uma bíblia só das histórias da minha avó, ela é um baú cheio de histórias.

Quando a gente está conversando depois do jantar, ou mesmo durante o jantar, quando a gente começa a contar alguma coisa, saem as histórias.

Meu pai e ela sempre contam uma história engraçada que aconteceu com ela num Reveillon, não sei e eles estavam olhando os barcos na praia e a minha avó estava sem óculos, e ela não enxerga bem, e de repente ela

chamou a atenção para um carrinho cheio de luzes e era uma carrocinha de pipoca que estava passando na areia. Contar piadas para minha avó é muito engraçado, porque ela participa da piada, faz comentários como se fosse uma história real. Ela é muito engraçada.

Ela conta que quando tinha uma festa, ela arrumava todos os filhos, penteava eles, deixava todos sentadinhos e ia se arrumar. Ela se arrumava mais do que arrumava eles, demorava horas e quando ela estava pronta, encontrava todo mundo descabelado, um sem camisa, outro sem sapato, ela ficava fula da vida.

Ela gosta de contar coisas dos pais dela. A avó Ceci fala muito da mãe dela que era uma santa e do pai dela que era bravo. Ela tem muito orgulho dos pais dela e dela mesma, quando ela fala parece um triunfo.

A avó Ceci fala muito da mãe dela que era uma santa e do pai dela que era bravo. Ela tem muito orgulho dos pais dela e dela mesma, quando ela fala parece um triunfo.

Minha avó Izabel conta coisas dos pais e dos avós dela. Conta também histórias dos namorados dela e dos filhos. Ela era muito bonita e namorava três rapazes ao mesmo tempo mas não queria nenhum deles. Quando conheceu meu avô ela se apaixonou por ele, trocou os três pelo meu avô. Até hoje ela ainda brinca e implica com meu avô e diz que trocou os três bonitões por ele.

Minha avó Izabel é muito engraçada, outro dia ela disse que tinha aprendido uma piada e que ia contar para nós, e começou: “ era um dia... não, não era um dia, era uma noite. Não, espera ai, era uma pessoa, não, era um cachorro, era o cachorro de uma pessoa. Daí ela chamou o avô Suzuki e perguntou como era a piada. Quando meu avô respondeu que não sabia, ela ficou indignada porque ele que tinha contado a piada. Começamos a rir e ela não entendeu porque estávamos rindo e dizia: “ mas eu nem contei a piada... vocês não entendem nada.”

O avô Suzuki gosta de contar as histórias da família dele, dos pais – que eu não conheci -, do Japão.

Não me lembro bem das histórias dele, só lembro que ele morava no interior e comprou uma bicicleta e que adorava essa bicicleta.

Minha família é especial

Eu adoro a minha mãe, ela é muito legal, é o máximo. Todo mundo diz que as mães são todas iguais, mas a minha mãe é muito mais amiga do que mãe, ela sabe tudo da minha vida. Sempre conversei muito com ela. Agora não tenho conversado porque eu estou revoltada por ela ter me deixado de castigo. Sei que ela fica ressentida, mas eu estou dando castigo para ela também, não saio mais com ela e quase não conto mais nada.

Temos de tudo, sempre nos dão presentes, mesmo achando que eu exijo muito e que nunca estou satisfeita. Mas também colocam limites para o que queremos.

Minha irmã, por ser oito anos mais nova, é a protegida da casa. A gente se dá bem, eu gosto dela, mas fico furiosa quando sou castigada injustamente por causa dela. Como ela é pequena todos acham que não é capaz de mentir, mas ela mente e eu levo a culpa. Muitas vezes sou obrigada a cuidar da minha irmã durante a semana, quando ela não sai. Eu não posso sair durante a semana para encontrar meus amigos na casa da minha avó, só vou quando tenho aula de inglês.

Tenho também minhas obrigações domésticas, sou quem arrumo e tiro a mesa e também lavo a louça. Minha cama também sou eu quem arruma. Quando não arrumo a cama minha mãe chama a atenção, mas eu saio com muito sono para ir para o colégio.

Eu fico de castigo - eu odeio essa palavra, eu odeio esse nome, odeio isso - e não posso sair com os meus amigos. Não posso telefonar também, tenho que ficar em casa. Quer castigo pior do que ficar em casa?

Não sou de sair muito, mas não gosto de ficar em casa. Gosto de ficar na casa de minha avó porque eu tenho amigos no prédio onde ela mora e no prédio vizinho.

Eu trago várias amigas para casa da minha avó, as vezes ficamos lá, mas quase sempre ficamos no apartamento da Tita - outra amiga que também adoro - ou no hall do edifício.

Converso sobre meus namorados com ela e gosto de conversar sobre isso também com a minha avó. É mais fácil conversar este assunto com minha mãe, mas gosto de pedir conselhos para a minha avó. Na verdade o que cada uma de nós pensa sobre namoros é diferente, mas eu misturo tudo, reflito e faço o que eu tenho que fazer.

Minha mãe é carinhosa comigo, mas é brava. Ela é muito tranqüila, mas cobra muito também.

Para o meu pai eu não conto muita coisa porque ele não entende, ele nunca teve uma irmã. Para ele é um sacrifício entender tudo o que acontece comigo, mas eu converso, eu não minto para ele - ele acha que sim, mas eu não minto - eu adoro o meu pai, eu amo ele também, meu pai é muito fofo. Ele é bravo mas não resiste muito tempo, não consegui fingir que não está bravo mas em seguida já esqueceu, esquece até que deu castigo. Ele é moleção, minha mãe é quem cuida de verdade de mim e da minha irmã. Com relação a namoro, ele é ciumento.

Meus pais participam bastante da nossa vida. Final de semana sempre tenho alguma festa para ir, eles não fazem restrição, mas querem sempre saber se o lugar é seguro, se tem segurança, se tem telefone, cuidados desse tipo... Antes de ir para a festa a minha mãe senta comigo e pede para eu ter

cuidado com as drogas, para não me meter em encrenca, não vai beber muito, não misturar bebida,, 'não fuma, não cheira, não injeta...

Eles querem saber tudo da escola, querem ver prova, sempre querem ver o boletim, sei que eles querem que eu vá bem nos estudos.

Os dois gostam dos meus amigos, adoro trazer todo mundo para dormir aqui em casa e meus amigos também gostam dos meus pais chamam eles de pai e de mãe, brincam brigam. Já cheguei a trazer dez, doze colegas para dormir aqui, foi uma farrá. Meu pai gosta de sair comigo, me leva a shows, ao cinema...

Já aconteceu deles não gostarem de um amigo meu e falarem para mim. Eu respondi que gostava dele, que sabia que ia me relacionar com ele e que eles não precisavam gostar dele. Eles não impediram, a amizade continuou.

Não sei se tenho orgulho ou vaidade dos meus pais, sei que gosto deles. Claro que fico orgulhosa, vaidosa quando minha mãe aparece no jornal, meu pai aparece na TV, quando meus amigos vem e falam de meu pai. Acho que fico muito vaidosa com isso. Tenho orgulho deles serem legais.

Quando acontece alguma coisa, meu pai está sempre ajudando; acho meu pai o filho mais preocupado com a mãe dele, porque quando acontece alguma coisa com a minha avó, um fica doente, um viaja, o outro se isola e o meu pai vem e cuida dela. Meus tios ajudam bastante mas meu pai toma a frente.

Acho minha família muito legal, é diferente da família dos meus amigos e até mesmo diferente da família dos meus tios. Meus pais são diferentes, participam da vida dos filhos e procuram sempre proporcionar o que há de melhor para nós. São diferentes como pais e como pessoas.

5 FIANDO AS LEMBRANÇAS E TECENDO AS HISTÓRIAS

A partir de fragmentos da memória de três gerações, pode-se ter uma idéia de como acontece o processo de socialização pela transmissão oral no interior da família.

O início do processo de socialização - a socialização primária - acontece na infância geralmente junto a família e se estende até a vida adulta, quando o indivíduo descobre outros mundos sociais, além do mundo da família. Quando isto ocorre, o indivíduo passa por um novo aprendizado de regras sociais, ou adapta o conhecimento incorporado anteriormente a uma realidade social muito mais ampla e complexa. A esta socialização Berger e Luckmann chamam de socialização secundária.

Nestas duas fases do processo, os autores enfatizam a importância da linguagem, que para eles “constitui o mais importante conteúdo e o mais importante instrumento de socialização”. (Berger & Luckmann, 1974, p.179)

É interessante observar que Halbwachs (1990, p.54), quando relaciona memória individual e memória coletiva, também enfatiza a importância da linguagem nesta relação ao escrever que a memória individual

não está inteiramente isolada e fechada. [...] um homem, para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros: ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, a memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que o indivíduo emprestou de seu meio.

Ao refletir sobre a importância da linguagem na visão destes pensadores pode-se afirmar que ela é o elemento primordial na relação entre o “eu e o outro” ou entre o indivíduo e a sociedade. A linguagem é um dos principais veículos de comunicação que um ser humano utiliza para interagir com outros

seres humanos. A socialização e a memória do indivíduo (que é sempre social) dependem da linguagem para serem transmitidos.

Para demonstrar que a memória da família, quando é veiculada, pode transformar-se em valioso instrumento de socialização e de como esse fenômeno ocorre, tomarei como referência a segunda geração, a dos filhos porque, com as informações obtidas por meio dela percebe-se com mais clareza principalmente a transmissão de valores de uma geração para outra. Esta transmissão acontece tanto da primeira geração (dos avós), para a segunda geração (dos filhos) como da primeira geração diretamente para a terceira geração (dos netos). A veiculação desses valores aparece concretamente quando, ao reconstituir sua vida por meio das lembranças de família, o indivíduo marca de maneira acentuada algumas delas.

Conforme o narrador, observa-se que no seu relato existem pessoas, experiências e fatos que merecem ser lembrados e outros que por alguma razão, nem sempre explícita ou conscientemente, permanecem guardados ou esquecidos em algum canto da memória. Portanto, a memória é seletiva e pode ser interpretada e reinterpretada de acordo com a situação presente.

Sobre memória seletiva, Halbwachs (1990, p. 71) observa

A medida em que a criança cresce, e sobretudo quando se torna adulta, participa de maneira mais distinta e mais refletida da vida e do pensamento desses grupos dos quais fazia parte, inicialmente, sem disso aperceber-se. Como a idéia que faz do seu passado, por esse motivo não seria modificada? Como as informações que ela adquire, informações de fatos, reflexões e idéias não reagiriam sobre suas lembranças? Temos freqüentemente repetido: a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.

Em outras palavras, o passado impresso na memória, para Halbwachs, não é um armazenamento de fatos tal como eles aconteceram, ou seja,

não é uma máquina que registra e fixa os fatos sem nenhuma alteração como observa Bergson (1990).

Trabalhar com a memória é trabalhar ao mesmo tempo em um terreno sedutor e escorregadio, pois além dela possibilitar inúmeras interpretações e reinterpretações, ela também possui um caráter fragmentário. A memória supõe lembranças, tradição oral, que sempre emergem de uma forma truncada, fragmentada. Mesmo assim, “mais que os acontecimentos importa a representação deles.” (Perrot, 1991, p.189)

Com todas as dificuldades que a memória apresenta para ser reconstituída, pelo seu portador ou por alguém exterior a ele, é possível perceber por intermédio dela, não apenas a história do indivíduo e do seu grupo familiar mas as marcas da própria sociedade na qual todos estão inseridos.

No processo de socialização, observado por meio da memória, vamos encontrar valores comuns apontando em duas direções, seja na direção da sociedade mais ampla da qual eles fazem parte e que tem uma história, social, econômica e política com características próprias; seja na direção do estrato social a que pertencem.

Toda sociedade constrói um ideal de homem, assim como os homens constróem um ideal de sociedade. Um dos mecanismos sociais que colabora para estes homens, ao menos, se aproximem destes ideais é o processo de socialização. Processo que vai se desenvolvendo ao longo da existência humana, por meio das diferentes instituições que compõem a sociedade no qual o indivíduo está inserido.

Para Durkheim (1979, p.41-42) cada sociedade idealiza o homem intelectual, físico e moral e esse ideal de homem, até certo ponto, também é o ideal dos cidadãos, mas “se diferencia por meios particulares que toda sociedade encerra em sua complexidade.” A base da educação é este ideal uno e diverso e tem como função despertar na criança:

1- um certo número de estados físicos e mentais, que a sociedade a que pertença considera como indispensáveis a todos os seus membros;

2- certos estados físicos e mentais, que o grupo social particular (casta, classe, família, profissão) considera igualmente indispensáveis a todos que o formam. A sociedade, em seu conjunto, e cada meio social em particular, é que determinam este ideal a ser realizado.

5.1 CASAS DE LEMBRANÇAS

As casas onde moramos podem despertar recordações que costumamos guardar nos sótãos de nossa memória. Para abrí-los, as vezes basta apenas uma pergunta ou um comentário casual, e um mundo de lembranças pode jorrar inesperadamente destes lugares recônditos.

...a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. [...] todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa. [...] quando o ser encontrou o menor abrigo [...] veremos a imaginação construir “paredes” com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de proteção- ou inversamente, tremer atrás de sólidos muros, duvidar das muralhas mais sólidas. [...] o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos. (Bachelard, 1988, p.24-25)

A memória da casa é constante nos depoimentos. Ela aparece em todos os relatos da segunda geração de entrevistados com ênfases e significados diferentes. As histórias contadas nos remetem para as casas dos entrevistados da primeira geração, a casa dos genitores, a casa natal, as casas da infância. Por meio das habitações, podemos observar as pegadas de uma história simultaneamente individual, familiar e social.

Neste aspecto, Luísa tem uma história exemplar. Reconstitui sua história de vida e dos seus pais por meio das casas em que moraram. Também materializa suas lembranças por meio de objetos cuidadosamente guardados ao longo dos anos.

Em um dos seus depoimentos, quando falava da sua infância, perguntou-me se podia falar das suas antigas moradas. Respondi-lhe que sim. E com barro, adobe, varas de bambu e tijolos retirados da memória, ela foi reconstituindo as casas onde habitou. Dessas casas recuperadas por meio das lembranças foi emergindo a história de sua vida e da sua família.

A sua residência atual, lugar em que narrou sua história, nos ajuda a compreender melhor sua visão simultaneamente onírica e fatural da casa, onde o presente e o passado se misturam.

Luísa e eu nos conhecemos desde 1982, e o longo tempo de trabalho como professoras na mesma Universidade e no mesmo curso, nos tornaram amigas. A pesquisa estreitou mais ainda a nossa amizade. Hospedei-me muitas vezes na sua casa. Quando lhe sobrava tempo, geralmente tarde da noite, eu gravava seu depoimento.

O dia a dia de Luísa, bastante atribulado, não se devia apenas ao trabalho fora de casa, mas aos cuidados constantes com sua mãe, Dona Lia, que já havia sido entrevistada. Naquela ocasião, ela estava bem de saúde e lúcida. Mas, depois de algum tempo, ficou doente e seu estado de saúde se agravou progressivamente.

Um dos primeiros depoimentos de Luísa foi na cozinha da sua casa. Passava da meia noite. Ela picava os ingredientes para fazer um patê para um dos filhos, e ao mesmo tempo falava sobre sua vida. A menção a cozinha, quando falo desta narradora, não é um mero detalhe é um detalhe fundamental. Ali encontramos móveis bonitos e funcionais feitos sob medida; os utensílios domésticos mais antigos como o fogão a gás de seis bocas e o escorredor de pratos convivem com o moderno forno de micro-ondas e a máquina de lavar-louças. Na parte superior dos armários vê-se grandes panelas usadas em ocasiões nas quais os amigos se juntam a família. Habitualmente, o café da manhã e o jantar são servidos na cozinha e o almoço na sala de jantar, onde há uma mesa com espaço

para acolher confortavelmente oito cadeiras. É comum encontrarmos toda a família reunida no almoço.

Nas outras dependências da casa os móveis e objetos têm também outras funções que não podem ser reduzidas a uma função utilitária ou estética. Parece que não há um compartimento da casa ou objetos ali encontrados que não digam algo sobre a narradora e sua família. A casa de Luísa conta histórias.

Numa das andanças pela casa da narradora ela me mostrou um pedaço de tecido, com aproximadamente cem anos, com amostras de bordados tão perfeitas que não se distinguia qual era o lado direito e o avesso da peça. “*Antigamente [observa Luísa em tom de brincadeira] moça prendada sabia bordar, a madrinha bordava divinamente*”. O bordado não somente era bem feito como apontava para o aprendizado de atividades que outrora uma mulher deveria saber fazer.

Na sua história, a casa tem um significado especial na vida de sua mãe, talvez pela infância de menina orfã. O cuidado que Dona Lia tinha com a decoração e a limpeza das habitações, também demonstram os valores de uma época que deveriam ser inculcados principalmente nas filhas. A educação dada a filha por Dona Lia vai além do aprendizado das tarefas domésticas que uma casa requer. Este aprendizado é apenas a parte visível do legado que Luísa herdou de sua mãe no seu processo de socialização. Por trás dele encontramos um leque de valores como organização, disciplina, respeito a autoridade dos pais, assim como o respeito por um tipo de trabalho que até hoje permanece desvalorizado – o trabalho doméstico realizado pela mulher.

O piano que Luísa e sua madrinha tocaram um dia, ainda ocupa um dos cantos de uma das salas ; as partituras de música, datadas do começo do século, algumas escritas pelas mãos da madrinha pianista são conservadas em uma armário. Enquanto Luísa pegava as partituras das gavetas para que eu as

apreciasse, das mesmas gavetas saíam alguns contornos da história da família do seus avós paternos e maternos.

A história dos avós maternos é muito difusa e foi transmitida a ela apenas por meio da memória de sua mãe. Mas a história dos avós paternos está impressa na memória e nos objetos, principalmente aqueles bens materiais que sobreviveram a derrocada financeira da família com o término da fase áurea da borracha no Amazonas. Albuns de fotografias, algumas peças da mais fina porcelana chinesa, talheres de prata, materiais para manusear produtos químicos pertencentes ao avô, são os vestígios de uma época que não existe mais. Mas, o passado insiste em se fazer presente pelo cuidado de alguém em preservar a história de objetos antigos por meio da memória.

Caminhar pela casa de Luísa, é passear por um mundo de significados. Uma simples cadeira pode ser reveladora do modo de pensar e sentir da sua família.

A cadeira de couro e de espaldar alto, na sala de visitas, e a cadeira de madeira em uma das cabeceiras da mesa da sala de jantar eram lugares de Dona Lia, sua mãe. Qualquer membro da família poderia sentar ali, mas não sei se por respeito a sua idade ou porque ela gostava daqueles lugares, todos concordavam tacitamente que aquelas cadeiras eram as cadeiras de Dona Lia. Não importam os motivos pelos quais geralmente os membros da família não sentavam nestas cadeiras. O que importa, é que mesmo Dona Lia já se encontrando no mundo dos mortos sua marca está presente no mundo dos vivos por meio das cadeiras, de outros objetos, da memória de sua família, de seus amigos, da minha memória.

Olho em torno e vejo mãos invisíveis, mãos que me acenam. Quem foi que arrumou as rosas no vaso? Quem foi que largou ali na cadeira o livro de estampas tão barbaramente coloridas? E a cadeira? É antes de tudo um objeto em si para a serventia do corpo humano, funcional, lógico, adequado aos ossos e à carne: mas alguém deixou na mecânica útil da cadeira uma coisa sutil, uma espécie de assinatura cordial. E vejo no desenho dos braços, no desenho curvo dos pés, a inútil beleza

do artifício; e vejo atrás dessa curva um gesto de mão antiga, de cem anos atrás, a me dizer um adeus que ficou substancializado na madeira escura. As coisas falam. Os objetos feitos contam a história de um autor. As paredes, o teto, o chão, os móveis, tudo me cerca de mãos e me faz pequenino aconchegado, como nos remotíssimos dias em que eu tinha em volta de mim as mãos solícitas e próximas para compensarem a incerteza dos meus pés. [...]. Em toda história humana há uma parte enorme que se passa entre vestígios, pegadas indícios. A rigor, é sempre uma história de detetive, porque é entre indícios, pegadas e vestígios que o homem procura o homem. (Corção, 1963, p. 140-141)

Devaneios e fatos cimentam as casas de lembranças na memória de Luísa. Por esta razão é possível vê-las também como “construções sociais da realidade”, isto é, a casa pode ser vista como uma representação da instituição familiar.

Utilizo o termo instituição no mesmo sentido de Boudon & Bourricaud (1993, p. 301), “como maneiras de fazer, de sentir e de pensar ‘cristalizadas’, quase constantes, socialmente coercitivas e distintivas de um grupo social dado”.*

Na casa de Clara não encontramos objetos materializando o passado. A descrição da sua casa atual, onde foi realizada a entrevista, nos aponta tão somente o seu modo de viver e da sua família nos dias de hoje. A casa é espaçosa e o bairro onde está localizada é sossegado. Lá fora, uma piscina resguardada da rua por um muro.

Cheguei às onze e meia da manhã e saí por volta das seis horas da tarde. A gravação do depoimento durou aproximadamente duas horas e meia, com pausas para o almoço, café da tarde e jantar, com breves intervalos para comentários alheios à entrevista. Almoçamos sós, tendo em vista o desencontro de horário dos outros familiares que estudam ou trabalham. Neste período encontrei rapidamente com os seus dois filhos.

* Boudon e Bourricaud tomam por instituição exatamente o que Durkheim (1978, p. 3) chama de fato social.

As casas em que Clara viveu com seus pais também estão guardadas na sua memória; mas, para ela, parecem ser apenas um bem material por influência do seu genitor. Para o pai de Clara “*a coisa mais importante na vida era você ter uma casa própria porque ela traz segurança.*”. Desse modo, a casa transforma-se numa simples mercadoria. A “casa-propriedade” além de livrar seu proprietário das amarras de um aluguel, ainda pode ser vendida em qualquer período de dificuldade financeira.

Entretanto a “casa-mercadoria” desaparece quando Clara descreve emocionada a relação de sua mãe com a casa, zelosamente limpa, bonita e com muitas flores. A lembrança do aroma do café, do cheiro da baunilha dos bolos, do estalar dos pães, do cheiro das refeições fazem Clara chorar.

O aprendizado das tarefas domésticas não foram a tônica na socialização de Clara e das outras três irmãs. Mas, aprenderam valores como o respeito por qualquer tipo de trabalho, como o de ser dona de casa.

Os depoimentos das entrevistadas da segunda geração nos mostram como a sua percepção da casa foi influenciada pela visão de mundo das suas mães. A memória das casas mesmo sendo uma representação do passado e já modificada com o passar do tempo, nos indicam o aprendizado de tarefas e papéis sociais na estrutura familiar.

Nos relatos de Clara e Luísa existe uma relação indissociável entre a casa e a mulher. Além disso, os depoimentos trazem uma semelhança importante no seguinte aspecto: a admiração e o respeito que as duas nutrem pelas tarefas domésticas que as mães realizavam no dia a dia. Ambas referem-se as suas genitoras com uma palavra que hoje parece estar em completo desuso – as mães são mulheres *prestimosas*..

A casa tem um papel simbólico para Dona Lia e Dona Catarina, entrevistadas da primeira geração. As duas ficaram orfãs quando crianças e nunca tiveram a casa dos pais como uma referência concreta nas suas vidas. A casa só

assume este papel depois do casamento. Talvez por esta razão, as casas habitadas por elas ainda vivam na sua memória e de suas filhas.

Para Luísa e Clara a casa não é apenas o lugar onde se reside, um símbolo de prestígio, e bem material. A casa, nestes depoimentos, é uma extensão do “eu” das narradoras. As lembranças das habitações trazem objetivamente a história de uma vida, de uma família de onde podemos vislumbrar os vestígios de um tempo histórico, social, econômico e político.

A evocação das casas nos permitem ter uma idéia do conjunto de regras ou sistemas normativos da família, em uma determinada época, e que apontam para a sociedade nas quais elas estão inseridas.

De outro modo, as mesmas lembranças das antigas moradas estão instaladas subjetivamente na memória das entrevistadas; elas podem reconstituir pessoas e relações sociais, entrelaçando realidade, sonhos e esperança.

As características dos lugares onde habitamos nos influenciam e nos localizam na história da sociedade. Estes lugares mesmo desaparecidos ou sofrendo grandes mutações, podem se perpetuar no tempo por meio de nossa memória.

Dona Lia nascida em 1911 e Dona Catarina em 1922, viveram uma época na qual reinava a idéia de que a família era o esteio da sociedade e a mulher o esteio da família. A casa era um universo essencialmente feminino. Mas Luísa nascida em 1938 e Clara em 1945 viveram um tempo no qual estes valores estavam começando a ser questionados.

É interessante observar a trajetória das duas. Por caminhos distintos cursaram a universidade e são professoras universitárias. No processo de socialização de Clara a instrução e o trabalho fora de casa constituíram aspectos importantes de sua educação. No caso de Luísa, a formação universitária e a sua

inserção no mercado de trabalho foi mais uma iniciativa sua do que um investimento do seus pais.

Chama atenção o fato das duas preservarem muito dos valores aprendidos dos pais, mesmo trabalhando na Universidade e vivendo em um mundo no qual estes valores foram intensamente questionados. Estes dois fatores, Universidade e Sociedade tinham todos os requisitos para provocar um abismo entre valores de pais e filhas e no entanto isto não aconteceu.

O conteúdo de suas casas de lembranças se compõe muito mais de cores, cheiros, ruídos, sonhos e esperanças do que de rebeldia.

Os verdadeiros bem-estares têm um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova. A velha locução: “levamos para a casa nova nossos deuses domésticos” tem mil variantes. E o devaneio se aprofunda de tal modo que, para o sonhador de lar, um âmbito imemorial se abre para além da mais antiga memória. [...]. Nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar. Ambas trabalham para seu aprofundamento mútuo. Ambas constituem na ordem dos valores, uma união da lembrança com a imagem. Assim, a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. (Bachelard, 1988, p. 25)

5.2 SER MULHER, SER HOMEM

Nos depoimentos observamos simultaneamente elementos de permanência e mudança na socialização da mulher e do homem. Subjacente a socialização está o aprendizado dos vários papéis sociais.

O papel é o setor organizado da orientação de um ator que constitui e define sua participação num processo de interação. Compreende um conjunto de expectativas complementares, que dizem respeito às suas próprias ações e às dos outros que com ele interagem. Tanto o ator como aqueles que interagem com ele compartilham das mesmas expectativas. Os papéis são institucionalizados quando são inteiramente consentâneos com os padrões culturais dominantes e se organizam de conformidade com tábuas de valores moralmente

sancionadas, comuns a todos os membros da coletividade em que os papéis funcionam. (Parsons et al., 1980, p. 63-64)

Aproximadamente cinquenta anos já se passaram desde que Simone de Beauvoir (1980, p.9) fez a assertiva

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro* [grifo da autora].

Em outras palavras, isto significa dizer que nascemos com o sexo definido biologicamente. Mas ser homem ou mulher não se reduz a uma explicação biológica, envolve também questões sociais e culturais. Percebe-se isto em expressões usadas habitualmente como: “Que homem másculo!” ou “Que mulher feminina!”. Aparentemente cada uma das exclamações são redundantes. Mas se nos aprofundarmos nos binômios mulher/feminino e homem/masculino verificamos que eles têm outro significado além da mera identificação sexual pois são categorias construídas socialmente. Aprende-se a ser homem e aprende-se a ser mulher. Apesar da declaração de Beauvoir ter sido bastante difundida, a questão cultural e social que cercam os comportamentos do homem e da mulher, há muitos anos tem um lugar privilegiado dentro da Sociologia, da Antropologia e de outras ciências sociais.

As abordagens teóricas do problema são divergentes, mas convergem para o seguinte ponto: ser homem ou mulher, e conseqüentemente ser masculino ou feminino, é o resultado de comportamentos aprendidos por meio de um processo de socialização estabelecido historicamente em cada sociedade. Dizer que a socialização é um processo histórico é o mesmo que dizer que ela sofre mudanças ao longo do tempo.

O fenômeno da permanência não é algo cristalizado ou petrificado pois se o fosse não haveria brechas para a mudança. Sabemos que o processo de socialização, as instituições e os papéis sociais mudam, e não é

preciso que a ciência nos diga isso. Por meio do senso comum percebemos estas transformações na vida diária.

Por isso é preciso determinar até que ponto a intensidade destas mudanças nos fazem crer que o passado, a memória e a tradição de uma sociedade não fazem mais sentido, ou desapareceram em meio as vertiginosas transformações do presente ?

É comum na minha vida cotidiana no trato com as pessoas, principalmente os jovens, ter a sensação que o mundo social virou uma espécie de tábula rasa. Explico-me. Parece que não temos mais nada a aprender com a memória social, com o passado e as tradições. A “ditadura do novo” instalou-se com tal estardalhaço nas entranhas da vida social que ela nega inclusive todo o processo de evolução biológica e cultural do homem.

Podemos perceber este fenômeno com muita clareza nos usos que fazemos do nosso corpo. Não há nada mais biológico do que o corpo humano, mas, nem mesmo ele escapa da sociedade. Por esta razão, o organismo biológico humano talvez seja um dos exemplos mais contundentes da memória social e da tradição oral.

Cometemos [...] durante muitos anos, o erro fundamental de só considerar que há técnica quando há instrumento. Cumpria voltar à noções antigas, aos dados platônicos sobre a técnica, como Platão falava de uma técnica da música e, em particular, da dança, e estender esta noção. Chamo de técnica um ato tradicional eficaz [e vejam que, nisto, não difere do ato mágico, religioso, simbólico]. É preciso que seja tradicional e eficaz. Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. É nisso que o homem se distingue sobretudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral. [...]. Nessas condições, é preciso dizer muito simplesmente: devemos lidar com as técnicas corporais. O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. O mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo. (Mauss, 1974, p.217)

Estas observações, aparentemente tão banais, vieram a tona observando Larissa, a neta de Luísa. Ao longo de um ano e meio foi possível ver

Larissa engatinhar, aprender a dar seus primeiros passos, aprender a se comportar à mesa. Pude observar também, como esta criança foi ensinada e treinada a usar os talheres adequados para cada tipo de comida. Mas para realizar esta atividade, ela precisou aprender primeiro a usar o dedo polegar como um instrumento. Convém não esquecer que o uso do polegar como instrumento contém uma parte fundamental da história da evolução biológica e cultural da humanidade, e nos é transmitido de geração a geração há milhares de anos.

Os usos do corpo são aprendidos de acordo com a idade e com o sexo. Mauss (1974, p.224) discorre sobre isso quando trata da “enumeração biográfica das técnicas corporais”, e entre elas, destaca as técnicas corporais da infância, como o desmame e a criança após o desmame, quando “[...] sabe comer e beber; é educada para andar; exercitar a visão, a audição; ritmo, forma e movimento, [...]. Adota certas posturas, que amiúde lhe são impostas.”

Insisto no aprendizado das técnicas corporais porque ele nos mostra de uma maneira inequívoca a importância da socialização por meio da tradição oral. Além disso, as técnicas corporais do mesmo modo que a linguagem são essenciais para se colocar em prática regras de conduta exigidas pela sociedade.

Assim como Larissa, as crianças aprendem a engatinhar e posteriormente a andar sobre os dois pés; como também aprendem a técnica de segurar os talheres para depois manuseá-los adequadamente de acordo com as regras de etiqueta da sociedade ou do grupo em que vivem.

O jeito de andar, as maneiras a mesa podem até modificar-se com bastante intensidade no tempo e no espaço, mas alguns usos sociais do corpo podem permanecer quase inalterados por um longo período de tempo. Refiro-me particularmente a técnica corporal do bipedismo e do uso do polegar como instrumentos sociais, que vem sendo transmitidos por séculos a fio, de geração a geração por meio da tradição oral. “A educação da criança é repleta daquilo que chamamos de detalhes, mas que são essenciais. Seja o problema do

ambidestrismo, por exemplo: observamos mal os movimentos da mão direita e da mão esquerda, e sabemos pouco sobre como são todos eles aprendidos.” (Mauss, 1974, p. 221)

Luísa guarda na memória episódios de sua infância que revelam estes detalhes que Mauss chama de essenciais. Ela descreve com minúcias a primeira vez que descascou uma laranja sozinha com uma faca, escondida da mãe.

Este pequeno episódio faz parte daqueles “[...] inúmeros detalhes inobservados, e cuja observação é preciso fazer, compõem a educação física de todas as idades e dos dois sexos. [...] (Mauss, 1974, p.21)

O uso de uma faca não é adequado para uma criança de pouca idade, seja ela do sexo feminino ou masculino, pois pode ocasionar ferimentos graves. Mas tão logo as crianças cresçam, o uso da faca pode virar símbolo de masculinidade e a agulha e as panelas símbolos de feminilidade, isto considerando a especificidade das sociedades e das culturas.

Quando Luísa relata com entusiasmo como aprendeu a descascar chuchu, ainda criança, nos mostra que este aprendizado despertou o seu gosto pela cozinha além de apontar uma técnica corporal tipicamente feminina.

D. Lia, sua mãe, costurava para ajudar nas despesas da casa, mas a ela cabia principalmente cuidar das filhas, preparar a comida, manter a casa limpa e arrumada.

Os cuidados com o bem estar físico das duas filhas, e o fato de ter uma moça para ajudá-la, não afasta D.Lia das atividades domésticas. Há também uma grande preocupação com a estética interior da casa. Não basta que a casa seja limpa, ela precisa ser bonita e aprazível. Talvez por isso as descrições das casas e dos seus interiores na voz da sua filha sejam tão minuciosas.

A narradora enfatiza a imaginação criadora da mãe para inventar elementos decorativos para deixar os diversos ambientes da casa, bonitos ,

aconchegantes e confortáveis. Não interessava que a casa fosse alugada ou própria, humilde ou mais sofisticada, os cuidados eram os mesmos.

Os detalhes nos móveis, nas paredes do banheiro, nos quartos das filhas; as cortinas da janelas as toalhas e jogos de mesa bordados a mão “*tão perfeitos*” são comentados detalhadamente pela narradora.

Nos depoimentos de Luísa e Clara temos apenas a socialização de crianças do sexo feminino. A iniciação das meninas nas atividades domésticas, aparece nos depoimentos das narradoras como uma tarefa basicamente feminina. O aprendizado destas atividades podia ser por meio da execução das tarefas como na família de Luísa, ou por meio do exemplo da genitora como na família de Clara.

O respeito e a admiração pelas tarefas domésticas realizadas pelas mães são muito fortes no depoimento das filhas.

Não é por acaso, que depois de tantos anos, o cheiro de baunilha dos bolos feitos pela mãe e dos pingos de leite trazidos pelo pai ainda habitem a memória de Clara; e o trabalho realizado pela mãe de Luísa se conserve por meio de lembranças e objetos.

Com linhas e cores Luísa borda na memória, lençóis e toalhas feitos pelas mãos da sua mãe. E, com panos de saco e rendas vai cozendo lembranças que demonstram a valorização do trabalho doméstico realizado por sua genitora e admirado por ela. Os cuidados que tem com sua própria casa apontam para a importância da figura materna e outras personagens femininas no seu processo de socialização. Talvez por isso as casas que habitam sua memória sejam guardadas com tanto zelo.

Os homens da segunda geração de entrevistados tendem a associar a casa e a rua ao se referirem as moradas da sua infância. O único entrevistado masculino da primeira geração também aponta para essa associação.

Dionísio, nascido em 1946, tem como característica marcante do seu processo de socialização a rigidez na imposição de regras vivida mais na escola, do que na família. Guarda poucas lembranças da antiga escola primária que freqüentou; mas, tem lembranças muito vivas das horas que passava com a sua mãe na biblioteca e das brincadeiras na casa e na rua. Nestes dois lugares o aprendizado de regras sociais se fazia de uma maneira lúdica. Mas tanto na rua como na casa as brincadeiras indicam o papel do homem e o tipo de sociedade em que vivemos.

Em casa, Dionísio brincava de maestro, cantor e ator; na rua, de futebol, corridas e um jogo chamado *dim*, muito parecido com a simulação de um combate de guerra. Nos anos quarenta e cinquenta estas brincadeiras ainda eram consideradas tipicamente masculinas.

Um aspecto que merece ser destacado nos jogos é a competição. Esta pode desempenhar simultâneamente duas funções:

- a) aparentemente desfaz as diferenças entre meninos pobres e ricos na medida em que ganha aquele que tem o melhor desempenho;
- b) ao mesmo tempo aponta para uma forma de socialização em uma sociedade altamente estratificada e competitiva.

De outro modo, nas casas reconstituídas pelo Sr. Diogo, Augusto e Antônio, a figura do pai aparece encarnando um conjunto de regras que devem ser aprendidas a qualquer custo. Por diferentes razões os três apanharam dos respectivos pais por terem questionado a autoridade paterna.

A história mais dramática foi a briga entre o Sr. Diogo, nascido em 1919 e o seu pai nascido em meados do século XIX. O Sr Diogo para livrar o irmão mais novo de uma surra com bengala brigou com o pai. Na briga, ao se esquivar da bengala provocou a queda do pai. O preço da queda e da desavença

foi sua expulsão de casa. Nesta época as relações assimétricas entre pais e filhos era quase inquestionável.

Do ponto de vista de Augusto a disciplina da casa paterna era muito rígida. Havia horários estipulados para as refeições e a obrigação de comer todos os dias três tipos de verdura e tomar leite. Os cuidados com a higiene e as horas dedicadas ao estudo deviam ser religiosamente cumpridas, assim como, horários de dormir.

Existiam tabus relacionados ao corpo que iam da sexualidade ao modo de vestir. Os homens deviam casar virgens e serem fiéis. Conhecer o corpo de muitas mulheres podia acender desejos que poderiam afetar a monogamia de um casamento sedimentado na boa moral cristã. Como na história bíblica o homem deveria esconder sua nudez, assim como a mulher. Os filhos não podiam aparecer em trajes íntimos na frente da própria mãe.

O pai de Augusto, ex-seminarista e militar, transferiu para o interior da própria casa a disciplina do seminário e da caserna. Isto era tão evidente que Augusto tinha plena consciência do fato.

Havia também proibições relacionadas as partes internas da casa. O acesso aos quartos de dormir, a parte mais íntima da casa, eram restritos aos moradores da casa. Por meio de restrições aos aposentos se preserva o pudor da mãe (ou da mulher) do olhar dos estranhos.

Augusto respeitou a autoridade do pai até os catorze anos, exatamente até o ano de 1960. Depois desta idade fez de tudo para contrariá-lo. Não pedia mais o consentimento dos pais para sair, escapava da casa pelo telhado, descuidava dos estudos e procurava fazer tudo que era proibido pelos genitores.

Nesta época, na sociedade brasileira, já estava acontecendo o questionamento de valores e regras sociais dominantes. Os jovens e os meios de comunicação constituíam elementos fundamentais neste processo. Mas o

comportamento rebelde de Augusto, mesmo sendo influenciado pela sociedade, se explica muito mais pela educação excessivamente rígida dada pelo pai do que por uma causa social propriamente dita. Neste caso os conflitos entre pai e filho eram mais individuais do que sociais.

Antônio é quatro anos mais moço do que Augusto e nisto pode estar uma das razões pela qual os dois tenham uma percepção tão diferente do pai e das regras familiares. Augusto, o mais velho, era o primeiro filho, o primeiro neto e bisneto e portanto devia existir uma grande expectativa da família no sentido do menino reproduzir os valores da família.

Antônio ao falar sobre as regras da casa paterna, mostra também o quanto elas eram rígidas. Apanhou do pai algumas vezes, mas isto não interferiu na admiração e respeito que mantém por ele até hoje.

No depoimento destes dois irmãos predomina a figura paterna e a visão que ambos tem dela. Augusto tem uma percepção ambígua que oscila entre dois extremos. Numa o pai surge como o grande opressor noutra como uma pessoa muito carinhosa. Talvez o fato de Antônio não carregar consigo as expectativas que pesam sobre o primeiro filho seja um fator importante na construção da imagem do pai. Além disso, a distância temporal entre a educação de um filho e outro pode ter contribuído para amenizar a rigidez do padrão educacional do pai.

A rigidez das regras na casa, levam homens como o Sr. Diogo, Augusto e Antônio, a buscar a liberdade na rua. Mesmo para Dionísio que não enfrentou este problema, a rua é o espaço da liberdade em contraposição ao espaço repressor da escola.

As mulheres por sua vez, sejam da primeira ou da segunda geração, têm a casa como lugar essencialmente feminino e de submissão as regras. Para elas, o acesso a rua, tanto na infância como na adolescência, só acontece sob

o olhar vigilante dos pais ou de alguma pessoa adulta. O livre acesso à rua sucede por ocasião do casamento e da entrada no mercado de trabalho.

Na primeira geração a vigilância era direta. Mas isto nem sempre era necessário. Os noivos pouco se viam antes do casamento e quando se encontravam estavam sempre acompanhados. No caso de Dona Catarina, criada por freiras em um orfanato, houve um intervalo de dois meses entre o primeiro encontro com o futuro marido e o casamento.

Dona Lia, orfã, ficou noiva por meio de fotografia. Ela residia em Itu e o rapaz com o qual casaria morava em São Paulo. Quando o conheceu pessoalmente, era o mês de maio e em dezembro do mesmo ano já estava casada. Ela enfatiza a importância de um compromisso selado publicamente como o noivado. Naquele tempo não se rompia um compromisso com tanta facilidade.

Dona Alcina e suas irmãs eram vigiadas fortemente pelo pai. Porém, no caso da sua família, o extremo cuidado com as moças não era apenas uma questão social mas também cultural. O pai não gostava que elas brincassem com meninos e implicava com eles. Depois, fazia a mesma coisa com os moços que tentavam se aproximar delas, principalmente se fossem de família brasileira. A narradora deixa claro que na tradição libanesa há preferência pelo casamento dentro do próprio grupo étnico.

O controle sobre as mulheres parece variar não só conforme a época, a Sociedade e a cultura; mas também de acordo com o tamanho e a densidade demográfica do lugar onde se encontram. Nas cidades menores há maior vigilância; nas cidades maiores a vigilância parece não ser tão acentuada..

Luísa e Clara, da segunda geração, e residentes no Vale do Paraíba, viveram sua mocidade em pleno período dos “anos dourados”. Os anos 50 no Brasil, com o fim da Segunda guerra mundial, trouxeram um novo ânimo ao país. O crescimento urbano e a industrialização, propiciaram aos homens e mulheres chances consideráveis de acesso a educação, informação, lazer e

consumo além das possibilidades profissionais. Contudo, as diferenças de papéis sexuais permaneciam no campo do trabalho e da moral sexual. (Bassanezi: 2000, p.608)

Na segunda geração, a vigilância sobre o comportamento das filhas se fazia por meio de advertências dos genitores ou da vigilância que a própria moça exercia sobre si. Era uma época onde havia maior convivência entre os jovens sem a vigilância direta dos pais. As moças observavam cuidadosamente certas regras sob pena de ficarem mal faladas e não realizarem o tão sonhado casamento. A vigilância sobre o corpo da mulher continuava. Nas cidades, quaisquer que fossem as suas características havia o controle sobre a sexualidade feminina.

Concretamente, os cuidados com a reputação podem ser observados no depoimento de Clara quando fala do flerte na Praça. No *footing*, as moças circulavam no sentido horário e rapazes no sentido anti- horário (ou vice-versa) até o momento em que ambos se encontravam. No encontro havia uma *mise-en-scène* por parte das moças. Embora conhecendo os rapazes que as abordavam fingiam não conhecê- los.

Simmel (1983, p.174-175) provavelmente olharia este comportamento por parte da mulher como coqueteria, uma forma lúdica de erotismo, um elemento de interação social.

A natureza da coqueteria feminina é jogar alternativamente com promessas e com retraimentos alusivos – para atrair o homem, mas para deter –se sempre antes de uma decisão, e para rejeitá-lo, mas nunca privá-lo inteiramente de esperança. A mulher coquete intensifica enormemente sua atração se demonstra seu consentimento como uma possibilidade quase imediata, mas que, no fim das contas, não era sério. Seu comportamento oscila entre o “sim” e o “não”, sem fixar-se em nenhum deles.

A encenação fazia parte do código de conduta das *moças de família* ou *moças distintas*. As namoradeiras eram chamadas de *galinhas*,

vassouras. *Moças atiradas* eram consideradas *mulheres fáceis*, serviam apenas para serem desfrutadas momentaneamente e não para uma relação duradoura como a do matrimônio.

Apesar das mudanças, as mulheres ainda tinham como ideal o casamento. Por isto era tão importante marcar as diferenças frente as mulheres consideradas levianas. *Moças mal faladas* corriam o risco de ficar solteiras, por isso, independente da vigilância dos pais, as jovens casadoiras procuravam evitar falatórios. Demorar para casar, ou não casar eram uma pecha na vida da mulher, que passava a ser chamada e conhecida como *solteirona* ou *encalhada*.

De todas as mulheres citadas nos depoimentos, Lília a madrinha de Luísa foi uma das que mais sentiu na vida o rigor deste código de conduta. Noiva, foi obrigada pelo pai a desmanchar o noivado, quando ele descobriu que o futuro genro tinha uma filha com outra mulher, embora não fosse casado com ela. Neste aspecto, a liberdade do homem comparada a da mulher, não tinha limites.

As mulheres solteiras ou desquitadas em geral sofriam toda sorte de preconceitos. Havia um controle social intenso sobre elas. Muitas vezes tinham que abdicar da vida amorosa para não perder a guarda dos filhos. Como se não bastasse, eram vistas como uma má influência para as *bem casadas* e estavam mais sujeitas a serem desrespeitadas pelos homens. (Bassanezi, 2000, p. 608)

A iniciação da mulher nas regras de comportamentos adequados numa relação amorosa começava pelo namoro, que naquele tempo constituía um verdadeiro ritual no sentido antropológico do termo. O rito que envolvia o namoro mostrava, revelava alguma coisa sobre a sociedade. Uma relação entre homem e mulher passava por algumas fases. Havia o pedido de namoro que nunca era aceito no momento em que era feito. “*As moças distintas*” pediam algum tempo para pensar na proposta. Iniciado o namoro havia um tempo para pegar na mão, beijar o rosto, dançar de rosto colado. Quando o namoro ficava mais longo, os pais da moça começavam a se preocupar com as intenções do rapaz e o namoro poderia acabar em noivado e depois em casamento.

O rito, assim como o mito, colocam em destaque elementos do mundo social em que vivemos. Numa festa de noivado tradicional um simples anel ao ser colocado no dedo da noiva e do noivo ganha um novo significado. “ O dedo, que é um elemento cotidianamente visto como parte integrante de um universo biológico e individual, passa a ser um símbolo de um conjunto de relações sociais.” (Da Matta, 1977, p.25)

Namoro longo, muitas vezes chamado de namoro firme, era um compromisso assumido principalmente com a família da mulher. O noivado era um compromisso que envolvia não só o grupo nuclear e extenso mas todos os grupos dos quais se fazia parte na sociedade. Por isso, não se rompia namoros longos ou noivados com tanta facilidade, pois isto tinha um custo social principalmente para a mulher.

Clara comenta que hoje moças e moços mal se conhecem e já tem todas as intimidades de um casal sem nenhum compromisso com ninguém. Por esta razão Clara lamenta e exclama: “ *não há mais solenidade no namoro* ”.

Também é um equívoco dizer que o ritual nas relações amorosas acabou completamente. Talvez não haja mais etapas e proibições no tipo de intimidade que um casal possa ter em público ou na privacidade, mas algumas famílias preservam o ritual da festa de noivado e casamento. Tive a oportunidade de presenciar estes dois tipos de festa por ocasião do noivado e depois o casamento de uma das entrevistadas da terceira geração.

Luciana, filha de Luísa, tem o perfil da mulher moderna. Saiu da casa dos pais para fazer a faculdade em São Paulo. Já formada e trabalhando continuou morando sozinha. Mas quando ela e o namorado resolveram que iriam casar e morar no exterior, a sua família realizou a tradicional festa de noivado com a família do noivo e os amigos dos pais e dos noivos.

O ritual do casamento também seguiu a tradição da família. A cerimônia religiosa foi realizada em uma das igrejas mais antigas da cidade, onde

moram os pais da noiva. Os noivos, seus pais e os convidados se trajavam e se comportavam de acordo com todas as regras descritas nos manuais de civilidade. Os convidados foram recepcionados em tradicional clube da cidade.

Nos relatos masculinos, do Sr. Diogo e de Dionísio não se fala muito da sexualidade dos homens. Isto já é um indicador da liberdade masculina no que se refere ao comportamento sexual. Isto pode ser percebido quando o Sr. Diogo fala dos relacionamentos extra- conjugais do pai, o Sr. Davi, sem que isto acaretasse grandes problemas na estrutura familiar. Ao contrário, há uma história de um relacionamento fora do casamento descoberto pela sua mãe que consta até hoje do anedotário da família.

Dona Dulce, mãe do Sr. Diogo, foi até a casa da amante do marido trajada exatamente como ele. Encontrou-a no meio do caminho e lhe deu uma surra inesquecível. O Sr. Diogo comenta as infidelidades do pai como se isto fosse algo muito natural.

Este tipo de visão era muito próprio do homem brasileiro em uma determinada época. Desde que ele suprisse as necessidades da família, fosse bom, honesto e trabalhador, a fidelidade era apenas um acessório. Neste sentido, até a lei o protegia. O adultério masculino não só era permitido como legitimado, mas para a mulher infiel não havia perdão do marido ou condescendência da lei. Na história da sociedade brasileira muitos homens mataram suas mulheres para lavarem sua honra e foram absolvidos pela justiça.

Bassanezi (2000, p. 632) ao estudar o comportamento do homem e da mulher na década de 50 nos mostra por meio dos jornais e revistas femininas da época, que cabia a mulher encarar a infidelidade do marido como algo inerente a natureza masculina. A autora cita um trecho do Jornal das Moças de 03 de março de 1955 onde há o seguinte conselho para as mulheres traídas: “ Mais do que orgulho, o seu dever é mais forte [...] passe uma esponja sobre um desvio, uma leviandade tão própria dos homens. Caso contrário, quando ele a

abandonar, acha que seu ataque de nervos, a sua crise de orgulho secará suas lágrimas?”

Augusto e Antônio, da segunda geração, descendentes de libaneses, tem uma história muito peculiar quando se trata da sexualidade. No processo de socialização de ambos, a figura do pai exerceu uma enorme influência em todos os aspectos de suas vidas pois além da ascendência libanesa, era um católico fervoroso e isto teve consequências na educação dos filhos.

Augusto, apesar de toda a sua rebeldia contra a forma pela qual foi educado pelo pai e avô materno, foi profundamente afetado por eles. Afirma que em virtude da educação que ele, seus filhos e seu irmão Antônio tiveram, jamais seriam capazes de trair suas mulheres.

Antônio, apesar da grande influência dos valores paternos, parece não ter sofrido nenhum trauma por causa disso. Casou com a sua segunda namorada e estão juntos até hoje. Não há ênfase no seu relato sobre esta faceta da sua educação.

Augusto, no entanto, foi bastante afetado pela orientação sexual recebida do pai. Este aspecto da sua educação permeia todo o seu relato. Casar virgem, um valor muito prezado por seu pai, um ex-seminarista, estava em completo descompasso com os valores da sociedade mais ampla. Isto era apenas uma das fontes de atrito entre pai e filho.

Augusto se achava diferente dos meninos da sua idade e queria ter um comportamento semelhante ao deles. Começou a ler livros de Psicologia e escondido dos pais foi a procura de um psiquiatra, pois achava que tinha dupla personalidade. Queria ser uma cópia do pai, mas ao mesmo tempo queria fumar, beber, ter amigos, namorar e procurar uma prostituta no Largo do Arouche.

A origem cultural do seu grupo familiar o afasta mas ao mesmo tempo o aproxima dele tendo em vista os valores que lhe foram inculcados no seu processo de socialização.

Ser o provedor da família, ser fiel à esposa, cuidar da educação e instrução dos filhos são valores herdados dos seus avós e do seu pai. Na família árabe

... a figura do pai é, de longe, a mais importante. O pai que congrega em torno de si os demais elementos, representa o poder decisório em qualquer questão. Reúnem-se em sua casa, enquanto ele for vivo, todos os filhos, até os que já tenham constituído famílias próprias. Mesmo após a morte do pai sua visão de mundo tende a ser considerada. (Kemel, 2000, p. 40)

Outros aspectos merecem ser mencionados do depoimento de Augusto. É curioso como ele e seu próprio pai recorrem a psicologia e a psiquiatria para resolverem problemas que antes eram solucionados no interior da própria família. Isto é apenas um indicador de problemas que estão acontecendo hoje no processo de socialização das crianças. Os pais mais abastados quando não conseguem manter a autoridade sobre os filhos ou resolver problemas familiares buscam auxílio dos terapeutas ou jogam o problema para a escola. Os pais pobres passam o problema para a escola ou como último recurso buscam as instituições assistenciais do Estado.

Há ainda uma dimensão na educação de homens e mulheres das três gerações que deve ser apontada: a escolha das profissões.

Na primeira geração a opção por uma ou outra profissão é quase nula, principalmente para a mulher. Para os homens desta geração, com o desemprego sempre a espreita no período da segunda guerra e no pós guerra a vida só melhora e torna-se estável por meio do emprego público.

Na segunda geração, ainda encontramos um modelo de profissão feminina que era o magistério. Mas com as mudanças que estavam acontecendo em todos os aspectos da sociedade brasileira, as mulheres já podiam aspirar outro

tipo de carreira. Os homens desta geração embora sofram grande expectativa por parte dos pais para seguirem determinadas profissões, dirigem suas vidas para algumas carreiras, as vezes, inimagináveis para os genitores. Dionísio faz a faculdade de Direito mas nunca exerceu a profissão. É professor e diretor de teatro. Augusto, Antônio e os outros irmãos são artistas ou trabalham com alguma coisa relacionada a arte, embora o gosto do pai fosse ter algum médico na família como ele.

Assim como se aprende a ser homem ou mulher, há apontados nos depoimentos dos entrevistados profissões diferenciadas para homens e mulheres. Esperava-se das mulheres, primeiro que casassem e depois quem sabe o magistério. A expectativa dos pais com relação aos seus filhos homens era que fossem médicos, engenheiros ou advogados.

Os pais dos entrevistados da terceira geração fazem um grande investimento na educação dos filhos. Isto implica manter os filhos as suas expensas por mais tempo. Além disso, não basta apenas a formação universitária. Outros requisitos são necessários para o indivíduo estabelecer-se no mercado de trabalho. Exige portanto da família, além da educação formal propriamente dita, estudos complementares como conhecer outros idiomas.

5.3 CONVERSAS À MESA

Há vários modos da sociedade inculcar valores e uma das formas utilizadas é a conversação.

Simmel (1983, p.176-177) trata da conversação como

o veículo mais genérico para tudo aquilo que os homens têm em comum. O ponto decisivo pode ser apresentado aqui pelo destaque de uma experiência muito trivial: na seriedade da vida, as pessoas conversam por causa de um conteúdo que querem comunicar ou sobre o qual querem se entender, enquanto numa reunião social, conversam por conversar. No primeiro caso, a conversa atinge seus verdadeiros

fins, mas não no sentido naturalista que faria dela mera tagarelice, mas como arte da conversação, que possui suas próprias leis artísticas. Numa conversação puramente sociável, o assunto é simplesmente o meio indispensável para a viva troca de palavras revelar seus encantos. [...] a sociabilidade apresenta talvez o único caso em que a conversa é o legítimo propósito de si mesma. [...] a conversa é a forma mais pura e elevada de reciprocidade. A conversa é desse modo a realização de uma relação- isto é, na qual aquilo que usualmente é a mera forma de interação torna-se seu conteúdo auto-suficiente. Por isso, mesmo contar histórias, piadas e anedotas, embora seja muitas vezes um passatempo, quando não um atestado de pobreza intelectual, pode revelar toda a sutileza de tato que reflete os elementos de sociabilidade. O tato mantém a conversação fora da intimidade individual e de todos os elementos puramente pessoais, que não podem se adaptar aos requisitos sociáveis. Entretanto não se cultiva a objetividade com vistas a nenhum conteúdo em particular, mas apenas no interesse da própria sociabilidade. Ouvir e contar histórias, etc..., não é um fim em si mesmo, é apenas um veículo de animação, da harmonia e da consciência comum da “reunião”, pois não só fornece um conteúdo do qual todos podem participar igualmente, como também é uma dádiva particular do indivíduo ao grupo – mas uma dádiva atrás da qual seu doador fica invisível: as histórias mais engenhosas e bem contadas são aquelas em que a personalidade do narrador desaparece completamente.

Quando estudamos os grupos familiares é interessante observar como a mesa aparece como um lugar privilegiado para a circulação simultânea de palavras, alimentos, e porque não dizer, valores.

Conversação, alimento e maneiras à mesa são temas interligados que merecem ser destacados e cada vez mais se entrelaçam, não só no grupo familiar. Na sociedade capitalista grandes negócios são realizados à mesa de refeição; são corriqueiros os “almoços de negócios”, “jantares políticos” e até mesmo os “cafés da manhã de negócio”.

A mesa, esse objeto tão antigo... tão banal... presente em quase todas as moradas, tem muitas serventias, mas uma delas é sagrada, ao menos o foram para algumas pessoas e algumas famílias em algum momento do passado ou do presente. A mesa é sagrada porque todos da casa devem estar juntos para fazer as refeições. Há uma íntima relação entre mesa, alimento e conversação. A mesa é um lugar privilegiado para se conversar e onde nem sempre todos estão de

acordo. A memória oral e a tradição oral estão intimamente ligadas com a arte da conversação e o processo de socialização também está vinculado a ela.

Há refeições à mesa cercadas pelo silêncio, assim como, há refeições à mesa enlaçadas pelo burburinho das conversas. É este tipo de mesa que me interessa porque são mesas de comunhão.

A presença obrigatória das crianças às refeições em família, sempre precedida de cuidados com a higiene e o vestuário, e a não permissão para a participação delas nas conversas, transformando-as em espectadoras passivas nos levam a refletir sobre essas duas regras contraditórias.

Por que precisavam se preparar adequadamente para um ato importante, “sagrado” para a família, e depois só comer de acordo com normas específicas de conduta, assistindo e ouvindo coisas que despertavam sua curiosidade e fantasias sobre um mundo exterior ao qual não tinham acesso sem poder manifestar suas inquietações sobre novos fatos? E as suas experiências vividas naquele dia, suas descobertas, não interessavam ou não seriam mais interessantes do que as dos adultos?

Essas regras podem ser interpretadas como maneiras de demonstração do poder e da autoridade do pai provedor; como forma de aprendizado para a vida em sociedade e como fator integrador, mantenedor e agregador da família.

As refeições à mesa constituem um fato social no sentido mais durkhemiano do termo. Alimentar-se é um fato biológico, mas também social, pois, o grupo ao qual pertencemos estabelece regras quanto ao que comer e como comer.

O lavar as mãos antes das refeições, a ingestão de carne todos os dias; o Biotônico Fontoura, a emulsão de Scott para manter o corpo; o usos dos talheres, as boas maneiras à mesa para viver em coletividade, e as regras de

conversação para a transmissão de valores sociais e morais. Enfim há um código de bom tom para ser usado à mesa e ensinado pelos pais aos filhos.

Provavelmente o que estou chamando de bom tom Elias (1994, p.113-135) chamaria de “processo civilizador” quando discorre sobre os hábitos à mesa como parte da curva evolutiva da “civilização”.

Na casa de Luísa, a mesa onde se fazem as refeições é lugar onde circulam alimentos e palavras, isto é, enquanto se come, todos falam de tudo um pouco: da próxima viagem a chácara, de algum móvel que está sendo atacado por cupins, da grama que precisa ser cortada, do encontro com algum amigo, de fatos que acontecem no trabalho, na escola, na cidade. Comentam-se as últimas gracinhas e proezas de Larissa, a primeira neta de Luísa, ou discutem o comportamento inapropriado de um dos filhos. Os fatos presentes dominam as refeições diárias. Mas a mesa também é um excelente lugar para se evocar o passado e conjeturar sobre o futuro.

Nos depoimentos dos irmãos Antonio e Augusto sobre as refeições em família percebe-se a transição das regras à mesa da infância e adolescência para a idade adulta.

Os dois se referem à obrigatoriedade da presença de todos às refeições, à dieta saudável e aos cuidados com a higiene. Ambos fazem referências sobre restrição da participação dos amigos nas refeições da família. Quanto à conduta, Augusto diz “*fazíamos as refeições juntos, desde o café da manhã, mas conversávamos pouco, era proibido falar*”. Antonio, em diferentes momentos do depoimento revela

as refeições lá em casa sempre foram um horror, muita briga[...] libanês grita[...] todos gritavam [...] fazíamos todas as refeições juntos até que os horários de escola e trabalho dos meus irmãos e o meu começaram a ser diferentes [...] era briga todos os dias [...] mas, da mesma maneira que se brigava, se resolvia na hora. Era briga de família, não era nada grave.

Nestes recortes percebe-se que os dois estão se referindo à diferentes épocas das suas vidas: Augusto retrata as refeições de sua infância,

quando as conversas não eram permitidas e Antonio se reporta às refeições da fase adulta, onde todos da família participavam das conversas e de uma maneira característica de sua cultura de origem.

No seu depoimento Clara conta que *“refeições na minha casa eram sagradas, quando éramos crianças”* e refere-se aos preparativos que antecedem o almoço e o jantar, como rituais; e em outro momento de seu relato diz *“enquanto foi possível manter este ritual, era sagrado almoçarmos e jantarmos juntos. Falávamos bastante, conversávamos sobre tudo.”*

Clara comenta que não havia assunto proibido nas refeições. Mas fica subjacente que é de bom tom evitar certos temas dependendo da circunstância e de quem está à mesa. Por exemplo, não foi de bom tom, por parte de Clara, o comentário ao seu pai sobre o seu irmão que acabara de morrer. O uso adequado dos talheres e do corpo também faziam parte do código de bom tom da família de Clara, pois seus pais *“ficavam horrorizados com a falta de maneiras à mesa, como por exemplo, falar de boca cheia, colocar o cotovelo na mesa. Eles insistiam no uso correto dos talheres.”*

No depoimento de Dionísio, professor de teatro, não há referências explícitas sobre preparativos ou de presença obrigatória, mas as refeições em família aparecem no seu relato quando fala do seu primeiro contato com a arte, aos quatro anos de idade, ao ouvir a empregada cantar enquanto pendurava roupas no varal. Ele diz *“seu canto era agudo, suave... mavioso [...] todos à mesa paravam de fazer ruídos e ficavam em silêncio, ouvindo Isabel cantar, fantásticamente, ao por do sol.”*

Quando fala de seu relacionamento com os filhos, Dionísio revela que ele e sua esposa sempre organizaram suas atividades profissionais para chegarem em casa as dez horas da noite e até *“a meia-noite ficávamos tomando café e conversando com minha sogra e as crianças [...] esse era momento de conversa privilegiada entre todos nós.”* Também conta que sua esposa *“já está*

preocupada com a quantidade de vezes que o nosso filho mais velho irá almoçar em nossa casa depois que casar.”

Nos depoimentos de dois dos entrevistados da primeira geração, Sr. Diogo e D. Alcina - ele filho de portugueses, ela filha de pai libanês e neta de libaneses por parte de mãe - constam descrições do processamento de alimentos típicos dos países de origem de seus ascendentes. Percebe-se o fascínio de D. Alcina ao relatar o preparo do pão sírio. O Sr. Diogo discorre sobre o processamento e armazenagem das carnes e miúdos de porco, a feitura de chouriços, lingüiças-e bolouras, quando da matança do porco no mês de junho.

Ambos se referem às regras de condutas e as exigências dos seus respectivos pais para que se alimentassem e se comportassem adequadamente.

O Sr. Diogo comenta em seu depoimento que havia sistemas de horário e de alimentação saudável *“geralmente todos se reuniam sob o comando do velho à cabeceira da mesa. Comia-se de tudo e aquele que recusasse alguma comida era advertido. Meu pai era severo. Obrigava todos comerem o que estava sendo servido, como por exemplo, tomar sopa.”*

A outra entrevistada da primeira geração, D. Catarina - 76 anos, mãe de Clara - não recorda os costumes da família de seus pais, mas fala da sua própria família *“minhas filhas, da infância até a adolescência, sempre estavam presentes às refeições. Meu marido gostava bastante destes momentos pois havia muita conversa. Não lembro do que conversávamos.”*

O pai de D. Alcina, homem exigente e irascível, exigia a presença das filhas à mesa vestidas *“como se fossem sair”*, e além de não poderem participar da conversa em família, os pais falavam árabe durante as refeições. Em outro momento do seu relato conta *“mais tarde, quando já éramos moças, ele conversava um pouco conosco durante as refeições, era a hora em que ele aproveitava os assuntos para dar conselhos.”*

Na análise dos relatos dos entrevistados da terceira geração percebe-se que regras e hábitos nas refeições em família foram adaptadas a um

novo cotidiano, mas é ainda “na mesa” que se conversa. Quando não são objeto de descrição, aparecem como pano de fundo em outras partes do relato como se pode verificar nos depoimentos de Luciana, Daniel e Adriano

Nos depoimentos da terceira geração aparecem mais as reuniões de família, e o discurso deixa transparecer o que acontecem durante as refeições. Sabe-se que elas foram e são costume na família pelos relatos dos pais e avós.

As regras são menos rígidas quanto à obrigatoriedade, condutas e conversação. A família nuclear organiza suas atividades para ter a presença de todos pelo menos em uma das refeições diárias, ou em um determinado dia da semana, geralmente o domingo. A obrigatoriedade passa a ser mais sutil, é em forma de convite ou de dia reservado para o encontro de todos “domingo é dia das avós” ou então “meu pai faz questão que a família toda esteja reunida em pelo menos uma refeição do dia.”

Sobre a escolha do domingo para a reunião familiar vale citar Kemel (2000, p.90) no estudo realizado sobre imigração de sírios e libaneses no sul do Brasil, “cada domingo é uma viagem ao encontro da consistência da própria identidade.” Esta é a reflexão final da autora quando trata das formas encontradas por esses imigrantes para preservação e difusão das tradições de suas culturas, entre elas, o fato do único programa de rádio ser transmitido ao meio-dia de domingo, o dia do encontro das famílias.

No depoimento de Luciana, 27 anos, filha de Luísa, não são descritas as refeições em família, mas percebe-se que este foi e é um costume quando fala das lembranças dos seus parentes prediletos e das histórias de sua família.

As refeições familiares não são descritas no relato de Daniel, 27 anos. Pelo depoimento de seu pai, Dionísio, se sabe que este é um costume cultivado por ele e seus pais.

Cláudia, filha de Clara, 23 anos conta: “é muito difícil fazermos uma refeição os quatro juntos, mesmo aos domingos. As poucas vezes em que

fazemos as refeições juntos, é assistindo TV e acabamos discutindo por causa disso. Meu pai habitualmente não almoça em casa, só vem jantar.” Na continuidade do seu depoimento Cláudia relata que a família se reúne nos aniversários e no Natal.

No relato de Ana, 15 anos, filha de Antonio, percebe-se a sutileza da obrigatoriedade de pelo menos uma refeição em família: *meu pai faz questão que a família esteja reunida em pelo menos uma refeição do dia, ele sempre fala que é muito importante as pessoas estarem juntas [...]. As conversas são sempre sobre assuntos triviais, bem variados.*

Também é bastante sutil a maneira com que as regras sobre os hábitos alimentares são transmitidas aos filhos. Ana não conta que os pais obrigam, mas diz que há uma máxima em sua família *“come do que faz bem para não ficar depois com o que faz mal.”*

Ana é bisneta de libaneses por parte de pai e neta de japoneses pelo lado de sua mãe. Convive intensamente com os avós, tios e primos de ambos os lados *“todos os domingos nos reunimos com a família da minha mãe, para o almoço na casa dos meus avós maternos e no jantar na casa da minha avó Alcina, com a família do meu pai.*

Quando falas dessas reuniões diz:

nas reuniões da família da minha mãe, todos falam dos seus planos, festas, trabalho [...] é muito agradável. [...] nas reuniões da família do meu pai, ele e meus tios discutem e brigam, é só briga de família. [...] As discussões são sempre por causa do inventário do meu avô, propriedades, assinatura de documentos [...] Todo domingo é a mesma coisa.

Adriano tem 14 anos, é filho de Augusto e expressa em seu relato o quanto conversa com seus pais. Não se reporta a nenhuma regra para refeições em sua família, mas fala nas reuniões na casa de sua avó. Pelos depoimentos de sua avó, de seu tio e de sua prima, se sabe que aos domingos a família almoça ou janta na casa de sua avó paterna, D. Alcina.

No grupo familiar há estreita relação entre refeições, reuniões de família, festas tradicionais e datas comemorativas. As comemorações são sempre durante ou seguidas de refeição, mais em função da reunião do grupo familiar, do que a data em si. As festas tradicionais como Natal, Ano Novo, Páscoa, entre outras, passaram a ser as “festas da família”, e há um caráter de compromisso, de obrigatoriedade simulados para que todos estejam presentes.

Nos depoimentos o Natal aparece como a Festa da Família, e em alguns casos, a única data em que a família almoça ou janta junto. Mais que o Natal, o domingo é “sagrado” e novamente encontramos a sutileza e a dissimulação para que todos estejam presentes. Mesmo quando a família não tem o costume da refeição dominical em conjunto aparece citada, como no caso de Cláudia “*é muito difícil fazermos uma refeição os quatro juntos, mesmo aos domingos*”.

Para D. Alcina, domingo em que não reúne os filhos ou não vai a missa é como se o dia não tivesse existido. Nos depoimentos de filhos e netos de D. Alcina esses domingos em família sempre aparecem; alguns os criticam, outros reclamam, mas todos comparecem.

Para Antonio, filho de D. Alcina, “*todo domingo nos reunimos na casa da mamãe, é sagrado, ela obriga.*” Em várias passagens do seu relato o entrevistado deixa explícito que entre ele e sua mãe não existe afinidade, entretanto está sempre presente aos jantares de domingo, com sua esposa e filhas. Ana, sua filha revela que seu grupo familiar é sempre o que nunca falta.

Antonio também reporta as ocasiões em que acontecem as reuniões em família

“além dos domingos, tem sempre o Natal, a Páscoa e a Sahara, festa árabe do Dia de Reis. A festa mais gostosa da minha família foi sempre o Dia de Reis que meu pai fazia, a Sahara [...] dia que as famílias vão visitando as famílias e comendo, fazendo festa, e a família que você visita agrega caravana e vai para outra casa e vai juntando e acaba na casa da minha mãe.

No Natal, a festa é na casa da minha mãe, reúne só a nossa família. As tias não vêm mais [...] o inventário, a família separou de verdade[...].

A família de Dionísio reúne-se todos os domingos na casa do Sr. Diogo e comemoram todas as festa em família.

Nos depoimentos dos entrevistados da terceira geração, Cláudia, Luciana, Ana e Adriano o Natal é privilegiado como a festa da família.

Para Cláudia *“aniversários e Natal, são das data de reunião da família, no Ano Novo, já não são todos que vêm.”*

A família de Luciana tem o costume de comemorar todas as datas especiais e as festas tradicionais, mas *“a festa mais comemorada mesmo é o Natal [...] é a festa da família [...] acho que a mais significativa.”*

Adriano e Ana se referem ao Natal como mais uma das ocasiões em que sua avó, D. Alcina, reúne seus filhos e netos. Adriano diz *“no Natal ela faz uma festa enorme, reúne todo mundo, então é impossível pensar em não comemorar com ela.”*

Ana fala também da comemoração do Dia de Reis, ocasião em que sua avó

“reúne a família dela, a das irmãs e a dos amigos para a Sahara, uma festa libanesa que se comemora no Dia de Reis. Nestas festas os mais velhos se separam dos mais novos, os homens das mulheres e as meninas dos meninos. As meninas ficam lá em cima e os meninos, lá fora, brincando com os cachorros.”

São nos depoimentos de dois entrevistados da primeira geração, D. Alcina e Sr. Diogo, que se encontram lembranças da infância das comemorações de festas tradicionais, principalmente o Natal. As lembranças de D. Alcina são ricas em detalhes de festas de todo tipo realizadas por seus pais, por seu marido e por ela própria. São festas árabes tradicionais, de casamentos, de aniversários dos filhos e do marido, bailes de Carnaval entre outras.

D. Alcina diz não lembrar bem dos natais de sua infância, mas em diferentes momentos do seu relato se percebe que as lembranças existem quando recorda as dificuldades financeiras de seus pais; das peças de presépio que sua mãe lhe dava de presente; do primeiro Natal com seus avós. Para ela *“uma lembrança de Natal que marcou minha infância foi o ano em que descobri que*

não existia Papai Noel.”

As lembranças de outros natais são associadas quando fala das reuniões do presente

“além dos domingos, sempre reuno os filhos, noras e netos no Dia dos Pais, Dia das Mães, Páscoa e Natal, é sagrado. Antes vinham as famílias de minhas irmãs; depois que a Maria Amélia morreu, as filhas dela passaram a passar as festas com as famílias dos maridos. Marlene e Lourdes não vêm mais [...] única que continua vindo é a Ondina.”

O Natal é a única festa referida pelo Sr. Diogo

“toda véspera de Natal, no dia 24 de dezembro, a minha mãe fazia bacalhoadada para a ceia. A mesa era arrumada com nozes, castanhas, vinhos, e, ficava assim até o dia 25.

No dia de Natal havia leitoa e frango. Meu pai sentava à cabeceira da mesa e distribuía o vinho. Ninguém ficava bêbado. Para as crianças se dava vinho misturado com água e açúcar.”

No depoimento de D. Catarina não são descritas as lembranças de festas, mas a referência ao Natal e Ano Novo é feita quando trata da conversação do seu grupo familiar “ fatos que aconteceram, geralmente são lembrados nos aniversários, Natal e Ano Novo, ocasiões nas quais todos se reúnem.”

O motivo do encontro pode ser para o compartilhamento de alegrias ou tristezas; alguns mais amiúde, outros esporadicamente; alguns reclamam, outros brigam. Mas todos conversam, contam e recontam suas histórias, lembram entes queridos ou tratam de trivialidades, todos procuram a sua primeira referência: a família.

Domingo, na casa dos meus pais, conversamos muito. Meu filho mais velho costuma dizer que domingo é dia da fábrica de sonhos. Todo mundo pensa em como abrir e fazer grandes negócios. É também um bom dia para lembrar histórias da família. Na verdade, qualquer reunião, principalmente aquelas onde estão todos reunidos, como Natal e Ano Novo, tornam-se momentos propícios para recordar. (Do depoimento de Dionísio)

5.4 LEMBRANDO HISTÓRIAS

Diferentes tipos de histórias vão surgindo dos relatos. Lendas do folclore brasileiro; contos da literatura universal; histórias inventadas e histórias de família. Estas últimas são tão antigas e repetidas, que não se sabe ao certo se são verossímeis ou não.

As histórias de família são uma parte indissociável dos depoimentos da primeira geração. Elas são transmitidas à segunda e à terceira gerações. É nesta última, onde podemos verificar que a tradição oral permanece como veículo de transmissão da história familiar e dos seus valores. Neste processo, os contos infantis constituem uma das formas pelas quais se alimenta na criança o gosto para ouvir, contar ou recontar histórias.

Clara, da segunda geração, conta que quando menina, sua mãe chamava a atenção das filhas por meio de parábolas. Em vez de brigar, ela inventava uma história cujo final apontava para as consequências de um determinado tipo de comportamento ou atitude considerados inadequados. As histórias criadas sempre tinham um conteúdo moral.

Cláudia, filha de Clara, quando criança, todas as noites pedia para a mãe contar a história de Alice no País das Maravilhas na hora de dormir.

...eu pedia sempre mais e também pedia sempre que lesse a mesma história;

Luciana, filha de Luísa, fala do hábito de escutar histórias por meio de um aparelho de som que tinha alto falantes nos quartos de dormir das crianças. A noite, fadas, duendes, bruxas e bichos... saíam dos discos para povoar a sua imaginação e dos seus irmãos. Porém, as histórias prediletas eram aquelas inventadas por seus pais.

...à noite ouvíamos discos com historinhas infantis. Uma delas ficou na minha memória: a do sapo que caiu e se esborrachou a caminho de uma festa no céu. Meus pais também nos contavam histórias. A do mosquitinho Joãozinho que morava no abacateiro era sempre contada por meu pai.

A preferida, contada por minha mãe, referia-se a um duende que morava dentro de um limão, que foi colhido por um moleque para fazer uma limonada. Percebendo o mal que fizera, o menino construiu uma nova casa para o duende dentro de uma bolinha de ping-pong, forrada com algodão.

Dionísio não comenta sobre o hábito de escutar histórias infantis mas fala do prazer que os livros e as leituras lhe proporcionavam.

Poucos possuem a sorte de ter uma mãe bibliotecária do município. A biblioteca estava instalada em um prédio alugado, um casarão colonial autêntico, com um quintal enorme, típico do interior, cheio de folhagens e árvores frutíferas. Durante a maior parte da minha infância, era ali que eu ficava durante todas as tardes. Sozinho eu explorava o mundo fantástico do quintal, mergulhava nos livros, mergulhava no sentido literal da palavra. Meu primeiro contato com os livros foi sensorial. Eram pilhas de livros velhos, outras de livros novos, que eu abraçava, cheirava, mordida. Quando aprendi a ler, devorava as histórias dos livros da Seção Infantil. Lembro-me, particularmente, das desventuras aventureiras de um papagaio chamado de Globi e, logicamente, de toda a coleção de Monteiro Lobato.

Dionísio gostava de inventar histórias e contá-las para os filhos. Daniel, o filho mais velho, lembra de uma destas histórias sobre um personagem chamado Ultragavião.

Diana, sua mulher, tinham o costume de ler histórias para os filhos. Relata que quando as crianças estavam irrequietas, contava uma história bem assustadora para acalmá-las como a lenda do Negrinho do Pastoreio.

Daniel é um dos entrevistados da terceira geração que lembra com mais detalhes das histórias de família contadas pelos avós paternos e maternos e das histórias contadas ou inventadas pelos pais e pela avó materna.

Tenho a impressão que meu pai inventou a história do Ultragavião porque, quando criança, eu era vidrado em alguns heróis de desenhos animados como o Ultraman e Ultraseven. Ele resolveu fazer uma versão tupiniquim das histórias.

Minha mãe contava muito a história do Negrinho do Pastoreio. (..) Não lembro exatamente da história. Lembro que o negrinho do pastoreio fugiu da senzala e o pegaram. Como castigo o colocaram no formigueiro e ele morreu. A história nos deixava como medo por causa da morte no formigueiro.

À noite, minha avó materna Dulcinéia, enquanto meus pais trabalhavam, ficava tomando conta de mim e dos meus dois irmãos. Ela contava para nós histórias que aconteceram na cidade e viraram lendas. Havia a história do bebê vermelho.

Certa vez, uma pessoa encontrou um bebê jogado na rua no beco do Colégio. Quando a pessoa pegou o bebê, viu que ele era vermelho e parecia o demônio.

Moral da história: não ande tarde da noite na rua porque você pode encontrar um bebê vermelho ou alguma coisa parecida com o demônio.

Porém, minha avó não contava apenas este tipo de história. Ela tinha uma faceta incrível- a de inventar histórias divertidas.(...) Nós ríamos muito com as histórias que a vó Dulcinéia inventava. Eram histórias que não causavam medo e nos faziam dar muitas risadas.

Lembrando das histórias que nos eram contadas, percebo que algumas eram para nos colocar na linha, dentro dos padrões, principalmente aquelas que nos punham medo, eram histórias para reprimir.

Atualmente, meus pais comentam que eu deveria ser mais ousado como na época em que era criança. Penso que hoje sou uma pessoa muito educada, mas muito medrosa. Acho que estas histórias, assim como outras coisas, influenciaram a minha vida e a minha personalidade.

As histórias ouvidas e retidas na memória de Daniel têm vários significados. Elas são ao mesmo tempo lúdicas, educativas e repressivas.

Convém não esquecer, que alguns autores como Bettelheim (1980), defendem a idéia de que lendas e contos infantis clássicos, assim como, histórias inventadas com conteúdo moral, podem ser muito positivas no processo de socialização das crianças , pois, podem ajudá-las a trabalhar com problemas da existência humana como a morte, a raiva, o medo, a autoridade entre outros.

Quando eram meninos Augusto e Antônio também eram ouvintes das histórias dos bisavós, avós, do pai e de uma tia. Dos dois primeiros escutavam as histórias de família. O pai “... contava histórias da Bíblia” e a irmã dele, Tia Nisme, “ contava as histórias das Mil e Uma Noites (..). Essa tia já era uma senhora e não tinha casado. Quando meus tios passavam a noite jogando baralho ela, as vezes passava a noite contando histórias para nós.(..).

Adriano e Ana, o primeiro filho de Augusto e a segunda filha de Antônio também são bons ouvintes.

Adriano lembra:

Meus pais não contavam histórias infantis quando eu era pequeno, quem contava era meu irmão mais velho. Esse meu irmão tinha a maior paciência comigo, foi ele que me ensinou a ler, comprava livros para mim, para iniciar a alfabetização, então ele lia comigo. Ele tinha uma coleção com mais de vinte livros, eram livros com imagens e pequenas frases, com letras bem grandes para a gente começar a ler. Eram livros de estrutura bem poética sobre o que é o vento, o que é a chuva.

Ana recorda que

Quando pequena, meu pai sempre contava a história da formiguinha e minha mãe cantava para mim. Ela não contava história, ela cantava e a gente inventava histórias juntas, mas eu adorava a história do Chapeuzinho Vermelho, eu amava tanto o Chapeuzinho Vermelho que uma vez eu fiz o meu aniversário no colégio e a gente fez a peça do Chapeuzinho Vermelho. Foi um sarro, eu abri um berreiro por causa do lobo e não parei de chorar a peça inteira, foi horrível.

Todos estes depoimentos mostram como as histórias infantis contribuem para a preservação da memória familiar por meio da tradição oral. Elas são relembradas sem nenhum cerceamento por parte do narrador, o mesmo não ocorre com as histórias de família.

Dependendo da circunstância e dos ouvintes, o narrador da memória familiar prefere transmitir histórias que ele julgue como positivas e edificantes. Portanto, a situação em que a história é narrada, como os ouvintes que dela participam, sempre devem ser considerados para efeito de interpretação. Isto porque, histórias de família com um conteúdo muito negativo também podem servir como mensagem ou como exemplo para aquele que escuta.

As histórias de família são muito semelhantes aos romances ou contos de fada, onde heróis e vilões, de um modo ou de outro, sempre tem alguma lição a oferecer .

Outro aspecto fundamental para a preservação da tradição oral da história familiar é a sua constante repetição. Ao ser contada e recontada através das gerações, as histórias simultaneamente se preservam e se modificam. O essencial é que algo da história fique na memória e seja transmitido.

As raízes linguísticas da palavra “tradição” são antigas. A palavra inglesa *tradition* tem origem no termo latino *tradere*, que significa transmitir, ou confiar algo à guarda de alguém. *Tradere* foi originalmente usado no contexto do direito romano, em que se referia às leis da herança. Considerava-se que uma propriedade que passava de uma geração a outra era dada em confiança- o herdeiro tinha a obrigação de protegê-la e promovê-la. (Giddens, 2000, p. 48)

Nas três gerações de entrevistados, algumas histórias foram se repetindo ao longo do tempo.

Na família de Luísa, as histórias do estilo de vida de seu avô, no período em que era milionário no auge do ciclo da borracha, foi contada a ela por ele mesmo e por sua mãe, Dona Lia. Luciana recebeu a história de seu avô paterno por meio de sua mãe, Luísa e sua avó Lia.

Clara escutou a história de vida de seu pai, por ele mesmo, e a transmitiu a filha Cláudia como exemplo de perseverança. Cláudia conta como um menino pobre, seu avô, um autodidata, conhece um ilustre professor da língua portuguesa e muda sua vida. O avô com muito sacrifício, mas com brilho, consegue se formar na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em São Paulo.

Dionísio e seu filho Daniel recebem do Sr. Diogo várias histórias. Uma das prediletas e das mais repetidas, é o rapto de Dona Dulce pelo Sr. Davi, pai do Sr. Diogo, avô de Dionísio e bisavô de Daniel.

Augusto e Antônio, filhos de Dona Alcina, tem o avô materno como o grande vilão da família. Nos relatos, o modo de agir do avô é criticado por eles e exaltado pela mãe. Tanto Augusto como Antônio transmitem aos filhos,

Adriano e Ana, histórias do pai como um exemplo a ser seguido e do avô como um modelo a ser evitado.

5.5 AS FRONTEIRAS ENTRE MEMÓRIA, MITO E HISTÓRIA

O registro da memória familiar difere da fábula e do conto de fadas porque ambos nascem da livre imaginação, nascem sem compromisso com os fatos. São textos lúdicos de autores definidos que o tempo consagra como clássicos. Os contos de fadas e as fábulas se referem ao lúdico e a moral.

O mito pode possuir uma dimensão lúdica e moral mas ele é uma construção que nasce dos fatos e não apenas do vôo da imaginação. A memória familiar também é concebida em fatos reais, mas por meio da tradição oral, ao longo dos anos, ela tece uma linha quase invisível entre história e mito. A moldura traçada para esta investigação é composta por construções sociais da memória. Por isto, em muitos momentos das narrativas familiares, mergulhamos na mistura da fantasia e realidade da qual se fazem os mitos.

No depoimento de Dona Lia, memória e mito se entrelaçam. Fatos que se passaram em sua infância e fatos anteriores ao seu nascimento, emergem da forma como ela percebe seu convívio com a família.

Quando Dona Lia me falou sobre seus pais e a família dos sogros, simplesmente escutei o que ela tinha a me dizer. Em nenhum momento da sua entrevista preocupei-me em arrancar de sua memória uma história fiel aos fatos, quando nos relatos haviam lacunas, pedaços de histórias que não se encaixavam em uma cronologia ou relato lógico. No período em que ela fez seu depoimento estava bem de saúde e lúcida segundo Luísa, sua própria filha. Esta informação é útil na medida em que nos impede de resvalar para o terreno

puramente individual e nos resguarda da tentação de uma análise psicológica, embora ela seja possível*.

Como seria se Luísa não estivesse viva? E se não houvesse nada ou ninguém com que eu pudesse confrontar os relatos de Dona Lia? Como poderia afirmar com um mínimo de segurança que aqueles relatos eram verdadeiros? Portanto, nos interessa tomar o depoimento de Dona Lia sem referi-lo ao depoimento da filha.

Com memória bem acurada para a sua idade, relata com riqueza de detalhes a história dos seus sogros. Contudo, ao falar dos seus ascendentes, há passagens que chamam atenção porque nos levam ao caminho do maravilhoso, como veremos mais adiante.

A própria Dona Lia nos diz que era muito pequena quando seus pais morreram, e muitas das histórias a respeito do pai escutou de seus irmãos mais velhos. No seu depoimento aparecem castelos medievais, porões com vasilhames cheios de moedas de ouro, um padre que – como ela própria diz – trata a ela e a irmã como no romance de Júlio Diniz, “As Pupilas do Senhor Reitor”. Quando trata dos irmãos se detém naquele que era dono de um casino e no irmão que segundo ela construiu a estrada Rio-São Paulo.

Uma indagação frutífera sobre este depoimento, certamente não seria perguntar se ele aconteceu ou é uma fantasia.

Uma possibilidade de interpretar este relato, como já foi dito, é partir dos fatos como eles foram contados e tentar perceber o que eles significam, sejam eles verdadeiros ou não, verossímeis ou inverossímeis. É assim que Lévi-Strauss (1975, p. 193-213) e trata o mito e a magia nas sociedades primitivas. É

* Nos trabalhos contemporâneos sociológicos e antropológicos sobre família, principalmente aqueles que tratam das chamadas “camadas médias”, há uma tendência de abordá-los do ponto de vista psicológico, em razão destas famílias utilizarem com frequência os serviços de psicólogos e psicanalistas.

também deste modo que Leach trata o dogma da Virgem Maria e da transubstanciação no cristianismo. (1983, p. 116-138)

Não nos interessa saber se o feiticeiro cura de fato, se tem contato com os mortos e o dom da adivinhação. Não nos interessa descobrir se Maria mãe de Jesus concebeu virgem ou não, ou, se o padre acredita no momento da Eucaristia que de fato está comendo o corpo de Cristo e bebendo o seu sangue. Em todos estes casos importa descobrir o que significam estas crenças para o grupo e a sociedade nos quais o indivíduo está inserido.

Do mesmo modo, não interessa dizer aqui que D. Lia era idosa e senil e por este motivo não há como confiar no seu depoimento por meio da memória. Isto até pode ser verdadeiro, mas podemos tratar este fenômeno de outra forma, como por exemplo, tomá-lo como uma construção mítica. Penso que isto seja possível porque na narrativa de Dona Lia os fatos relatados, embora não digam respeito a um passado remoto são muito antigos e o maravilhoso está sempre presente. Além disso, os personagens da história já se encontram todos mortos, até mesmo a narradora*. Com a sua morte, foram enterrados junto com ela a única fonte viva do passado de uma família. Como não há registros escritos sobre a família constituída pelos pais de Dona Lia, junto com ela talvez estejam sepultados fatos e segredos que não tenham sido contados a ninguém, que ficaram perdidos para sempre. É uma página na história deste grupo familiar que jamais poderá ser recuperada.

Um dos legados de D. Lia para sua família, foi a sua história de vida acompanhada muito de perto por sua filha Luísa. Não podemos ter certeza da veracidade de todos os fatos que ela narrou para a família e para mim. Alguns episódios da história que ela nos contou podem ter existido apenas na sua mente, mas não surgiram do nada. Talvez, por ter sido criada num ambiente familiar que

* Luísa perdeu completamente o contato com os familiares vivos da família do pai e da mãe. Léa, a irmã de Luísa se afastou dela e da mãe por razões que nunca aparecem explicitadas nos depoimentos. Portanto era problemático entrevistar os parentes vivos de Dona Lia e constrangedor entrevistar Léa que se manteve (e se mantém) afastada da família de origem, mesmo no período da doença e do falecimento de Dona Lia.

não correspondia as suas expectativas e da sociedade, para dar sentido e ordenar seu mundo de menina órfã, ao longo dos anos, Dona Lia foi construindo em sua mente um mito que diz respeito a história dos seus genitores e dos seus irmãos.

O mito é uma narrativa que diz respeito ao passado e ao maravilhoso que, embora fale do passado ele vai incorporando as mudanças que ocorrem no presente, portanto o mito não é imutável.

Assim podemos ampliar o seu significado dizendo que o mito não se remete apenas ao passado, mas incorpora o presente e ao fazer isto, aponta para o futuro.

O mito é transmitido principalmente pela tradição oral, embora possa ser transmitido pela escrita; assim, o mito é uma linguagem; como linguagem o mito fala e tem um papel social. Enfim, no sentido mais abrangente do termo, o mito é um sistema de comunicação.

Quando se discute a questão da memória e do mito é preciso considerar tanto o ponto de vista do pesquisador quanto do pesquisado.

Do ponto de vista do pesquisado, suas lembranças não aparecem mais no seu estado puro, pois foram reconstituídas por ele de acordo com os fatos presentes. Poderia tomar como hipótese que Dona Lia queria me impressionar com castelos medievais, porões com vasilhames cheios de ouro; e, uma educação refinada proporcionada por um pároco da igreja de uma pequena cidade. Mas penso que esta hipótese é pouco provável.

Uma segunda hipótese poderia ser levantada a partir do perfil psicológico do entrevistado. Provavelmente este tipo de trabalho seria um deleite para um psicólogo ou psicanalista.

Mas o foco não são os aspectos psicológicos do entrevistado, mas suas relações sociais. No entanto, mesmo que eu quisesse, não poderia negar o plano psicológico dos relatos, pois ele permeia todas as entrevistas.

Existe a possibilidade de trabalhar com uma hipótese considerando apenas o aspecto social da questão que é a seguinte: a narradora tem um ideal de família que foi construído no seu processo de socialização no interior da própria família e da sociedade. Posteriormente, ela continua tomando como referência o ideal de família da sociedade, acrescenta a ele o modelo do grupo familiar dos sogros e deixa de ter como referência o próprio grupo familiar.

Dona Lia, em virtude das circunstâncias que a rodeavam não pode realizar este ideal de família no grupo familiar de origem, mas na medida do possível tentou realizá-lo através das filhas, ou seja, através da família que ela própria constituiu. Mas há sempre um descompasso entre o que se idealiza e a realidade na qual se vai concretizar este ideal. Suponho que é justamente neste vazio deixado pelo descompasso entre o ideal e a realidade concreta, que a memória encontra um lugar privilegiado para ser reinterpretada pela narradora da forma que melhor lhe aprouver, é também neste momento que a memória cede lugar ao mito.

Por meio da memória Dona Lia reconstitui não apenas a família que ela gostaria de possuir, mas também a família que a sociedade espera que os seus membros constituam; ela realiza uma construção mítica do seu grupo familiar de origem. Ao fazer isso, a narradora aponta para um modelo de família que é construído simultaneamente no plano individual e social.

Observa-se no depoimento que raramente os fatos lembrados se apresentam com uma ordem e uma cronologia lógica do ponto de vista científico. Como já dissemos, os fatos apresentados por meio da memória geralmente são fragmentados e não têm uma seqüência temporal lógica. Estamos usando a expressão “seqüência temporal lógica”, tal como ela foi usada tradicionalmente pela história, ou seja, uma sucessão linear de acontecimentos*.

* O historiador tradicionalmente dividiu a história em períodos seqüenciais, ou seja, História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea e assim por diante.

Apesar do esforço para juntar os fragmentos do depoimento, ele continuou apresentando lacunas, vazios, que tornam difícil a sua compreensão por parte do ouvinte ou do leitor.

Do ponto de vista do pesquisador destacam-se os seguintes pontos:

- 1) o pesquisador, disciplinado na lógica do método científico, tem muita dificuldade em trabalhar não só com relatos fragmentados e sem lógica (mesmo que a ausência de lógica seja apenas aparente); mas também tem dificuldade em lidar com depoimentos que o remetam ao maravilhoso, ou seja, relatos que não tenham um conteúdo verossímil do ponto de vista do seu mundo estritamente fatural;
- 2) o ouvinte pesquisador, treinado e “doutrinado” nos cânones do método científico, ao tentar dar qualquer tipo de ordem ou classificação a um relato contado por meio da memória, acaba “destruindo” uma das suas características mais importantes, a fragmentação. Esta peculiaridade da memória, talvez seja uma das razões pelas quais, Halbwachs tão apropriadamente a denominou de “os quadros sociais” da memória. Geralmente, fatos encadeados ou sequenciados não são memorizados, apenas cenas ou fragmentos deles. Esta característica da fragmentação da memória leva o pesquisador, por força do ofício, a ordenar estes fragmentos de algum modo.
- 3) o ouvinte-pesquisador, ao tentar dar uma ordem lógica e cronológica ao depoimento do narrador, já está recontando a história que escutou. Por mais objetivo que seja o seu “relato do relato”, não deixa de ser mais uma versão da história que escutou.

Em qual momento as lembranças guardadas na memória se transformam em mito?

Sabemos que a memória no seu aspecto biológico está sempre presente no indivíduo. Mas o que me interessa além da sua característica biológica são seus aspectos simultaneamente individuais e sociais, mas principalmente este último.

Posso afirmar, sem gerar polêmica, que uma das diferenças entre memória e mito é que este último não tem nada de biológico é somente e tão somente uma construção social, que é transmitido de geração a geração por meio da tradição social de um grupo, ou de uma memória social ou memória coletiva como diria Halbwachs.

Se nos detivermos nos pontos comuns dos vários conceitos de mito, eles se assemelham muito ao conceito de memória coletiva deste autor, embora o seu interesse seja fazer um contraste entre memória coletiva e memória histórica e não entre memória e mito.

Para entendermos melhor a semelhança entre memória e mito vamos tomar a distinção que Halbwachs (1990, p.80-83) faz entre memória coletiva e memória histórica. Para ele, “ a história [...] é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens”. Há um processo de seleção e de classificação dos acontecimentos passados registrados nos livros e ensinados na escola, “ conforme as necessidades ou regras que não se impunham ao círculo de homens que deles guardaram por muito tempo a lembrança viva.” Quando acaba a tradição, no momento em que se apaga ou se decompõe a memória social, começa a história, pois a medida em que fatos, seqüências de acontecimentos e até mesmo pessoas se tornam muito distantes no passado, surge a necessidade de fixá-los por escrito, pois é este o meio de salvar suas lembranças.

[...]a memória de uma seqüência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as conseqüências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por

entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem mas os escritos permanecem.

Ainda segundo Halbwachs, há pelo menos dois aspectos diferenciais entre memória coletiva e história. O primeiro é a continuidade natural “já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo” e que não ultrapassa os limites do grupo. O outro é a periodização artificial da história que “divide a seqüência dos séculos em períodos, como se distribui o conteúdo de uma tragédia em vários atos.”

Tomando a memória coletiva, também como uma peça de teatro, percebemos o prosseguimento da ação de um ato para outro e a progressão de sentimentos e emoções num movimento ininterrupto.

Mas olhando esta mesma peça teatral do ponto de vista da história

[...] se tem a impressão de que, de um período a outro, tudo é renovado, interesses em jogo, orientação dos espíritos, maneiras de ver os homens e os acontecimentos [...] A história, [...] se coloca fora dos grupos e acima deles, não vacila em introduzir na corrente dos fatos divisões simples e cujo lugar está fixado de uma vez por todas. Ela obedece assim fazendo, somente uma necessidade didática de esquematização. [...] os fatos se deixam assim agrupar em conjuntos sucessivos e separados, cada período tendo um começo, um meio e um fim. (Halbwachs, 1990, p. 82- 83)

A relação entre memória e mito e entre memória coletiva e memória histórica nos levam a refletir sobre a própria história. Para ser mais exata, o que nos leva a pensar sobre esta ciência é a história de vida de uma pessoa comum que está entre as milhares de pessoas que passam despercebidas na história do mundo, embora façam parte dela. Estamos falando daquelas pessoas que não foram consideradas suficientemente importantes pelos chamados pesquisadores da história oficial, para terem seus nomes registrado nos seus estudos.

Mas não é necessário tanta severidade. Devemos lembrar que, hoje, uma das vertentes da história contemporânea está justamente preocupada com este homem comum relegado a um segundo plano pela história oficial. Só agora estes sujeitos anônimos da história ganham visibilidade na própria história que ajudaram a construir. A história oral constitui o cenário privilegiado para estes atores sociais.

Halbwachs (1990, p.85-87) observa que

O mundo histórico é como um oceano onde afluem todas as histórias parciais. Não é de estranhar de que na origem da história, e mesmo em todas as épocas, se tenha sonhado escrever tantas histórias universais: Tal é a orientação natural do espírito histórico.[...]A história pode apresentar-se como a memória universal do gênero humano. Mas não existe memória universal. Toda a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo. [...] O grupo, no momento em que considera seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo. A história, [...] deixa perecer esses intervalos onde nada acontece aparentemente, onde a vida se limita a repetir-se, sob formas um pouco diferentes, mas sem alteração essencial, sem ruptura, nem revoluções.

Nesta mesma linha de argumentação Halbwachs nos aponta as diferenças entre os dois tipos de memória tomando como exemplo o grupo familiar.

O grupo, no momento em que considera seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo. [...]. É então o tempo decorrido no curso do qual nada o modificou profundamente que ocupa maior espaço em sua memória. Assim os acontecimentos que podem se passar dentro de uma família e os contratempos diversos de seus membros sobre os quais insistiríamos, se escrevêssemos a história da família, retiram para ela todo o seu sentido daquilo que permite ao grupo de familiares manifestar que ele tem realmente um caráter próprio, distinto de todos os outros, e que muda pouco. Se o acontecimento pelo contrário, se a iniciativa de um ou de alguns de seus membros, ou enfim, se circunstâncias exteriores introduzissem na vida do grupo um novo elemento, incompatível com seu passado, um outro grupo nasceria, com uma memória própria, onde subsistiria apenas uma lembrança incompleta e confusa daquilo que precedeu esta crise. (Halbwachs, 1990, p. 87- 88)

Para Halbwachs a história analisa os grupos vistos de fora e em períodos muito longos, enquanto

A memória coletiva, ao contrário, é o grupo visto de dentro e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana, [...]. Uma vez que o grupo é sempre o mesmo, é preciso que as mudanças sejam aparentes: as mudanças, isto é, os acontecimentos que se produziram dentro do grupo, se resolvem elas mesmas em similitudes, já que parecem ter como papel desenvolver sob diversos aspectos um conteúdo idêntico, quer dizer, os diversos traços fundamentais do próprio grupo. (Halbwachs, 1990, p. 88)

Este estudo de Halbwachs, fazendo o contraste entre a memória coletiva e a história, mostram o quanto o seu conceito de memória coletiva se aproxima do conceito de mito em seu sentido mais amplo.

As concepções de Halbwachs sobre memória coletiva e a história leva a alguns caminhos que merecem ser trilhados, como a problemática da história universal e a discussão entre mito e história.

Na introdução do estudo de Halbwachs, Duvignaud chama a atenção para a possibilidade da memória transformada em mito em tempos de crise e tensões sociais, e onde a memória coletiva encontra o espaço propício para recompor “magicamente o passado”. O segundo caminho se mostra mais pertinente para esta discussão e pretendo fazê-la com base em Lévi-Strauss.

Convém assinalar que Lévi-Strauss não se indaga sobre memória e mito e sim sobre mito e história. Posso especular que ele não indaga sobre memória e mito porque não há como separar memória, mito e tradição oral; principalmente nas sociedades que ele estudou, sociedades ágrafas, cujo patrimônio cultural é transmitido através da tradição oral. Portanto, suponho que este autor para refletir sobre o mito já tem como pressuposto a memória. Assim, ele dá um passo a frente ao estudar o mito e se pergunta: “onde acaba a mitologia e onde começa a história ?”

Para Lévi-Strauss (1981, p.60-63), interessa ressaltar dois aspectos do mito:

- 1) o mito tem sempre uma célula explicativa em sua estrutura básica, cujo conteúdo não é o mesmo e pode ter variações, muito curto e muito condensado, “mas tem ainda a propriedade de um mito, na medida em que o podemos seguir sob diferentes transformações.” Qualquer transformação afeta todos os elementos, num processo de readaptação;
- 2) caráter repetitivo das histórias, reutiliza o mesmo tipo de elemento diversas vezes na explicação de vários acontecimentos e nem sempre no mesmo período da história.

Isto significa que o mito tem um núcleo básico que vai sendo transmitido de geração a geração. Este núcleo, que é a essência de uma história mítica permanece, mas ele vai incorporando em torno de si, novas versões sobre este núcleo ou mudanças da história do grupo ao qual ele pertence. É como se o mito fosse o tema de uma peça musical, e as versões sobre ele constituiriam as variações em torno deste mesmo tema.

As observações de Lévi-Strauss, aproximam o mito da história quando ele faz em diversos momentos da sua obra comentários como este:

só prestamos atenção ao que é basicamente semelhante, e esquecemos as diferenças devidas ao fato de que os historiadores procuram e interpretam os dados de forma substancialmente diferente. Assim, se tomarem dois relatos de historiadores, de diferentes tradições intelectuais e com alinhamentos políticos diversos, de acontecimentos como a Revolução Americana, a guerra Franco-inglesa no Canadá ou a Revolução Francesa, não ficamos de facto espantados ao constatar que eles não nos contam exactamente a mesma coisa. (Lévi-Strauss, 1981, p.63)

Lévi-Strauss não nega a Revolução Americana, a guerra Franco-inglesa no Canadá ou a Revolução Francesa, como fatos históricos. Mas no limite, o que se disse sobre estes fatos a posteriori é uma profusão de discursos a respeito deles. A Revolução Francesa é um fato, mas depois do fato ocorrido o que temos são as várias versões sobre o mesmo.

A história dos avós e dos pais contadas por Dona Lia, envoltas pelo maravilhoso, provavelmente terão novas versões. Qualquer que seja a versão, assim como Lévi-Strauss (1981, p.64)

Não ando longe de pensar que, nas nossas sociedades, a História substitui a Mitologia e desempenha a mesma função, já que para as sociedades sem escrita e sem arquivos a Mitologia tem por finalidade assegurar, com um alto grau de certeza- a certeza completa é obviamente impossível, que o futuro permanecerá fiel ao presente e ao passado. Contudo, para nós, o futuro deveria ser sempre diferente, e cada vez mais diferente do presente, dependendo algumas diferenças, é claro, das nossas preferências de caráter político. Mas, apesar de tudo, o muro que em certa medida existe na nossa mente entre mitologia e História pode provavelmente abrir fendas pelo estudo de histórias concebidas não já como separadas da mitologia, mas como uma continuidade da mitologia.

5.5.1 Os silêncios da memória

Os atos de lembrar e esquecer já são por si mesmos significativos. Isto pode ser observado confrontando histórias de vida de várias gerações de uma mesma família.

Lembrar e esquecer foram elementos essenciais na entrevista de D. Catarina com 76 anos.

Entrei em contato com Dona Catarina por intermédio de sua filha Clara. No dia e hora marcados, dirigi-me à casa da irmã de Clara onde atualmente mora sua mãe.

Dona Catarina nasceu em 1922, em Pindorama, pequena cidade no interior de São Paulo. Morava numa casa muito simples, sem muro, no meio do mato, com um poço no quintal. Ficou lá aproximadamente até os oito anos de idade. Muito pobres, era penoso para ela e seus irmãos verem brinquedos, roupas e sapatos que não podiam comprar.

Quando perguntei sobre seus pais, chorou muito. Desliguei o gravador e disse-lhe que deveria se sentir a vontade para cancelar a entrevista, marcá-la em outro dia, ou continuar a conversa desde que ela me alertasse sobre os assuntos dos quais não gostaria de falar. Ela decidiu continuar. Com a voz ainda embargada pelo choro disse - Olha, eu não tenho vergonha de falar, o meu pai era muito ruim, ele era ruim, ele não tinha carinho pelos filhos, não tinha nada.

Logo após o episódio, falou enfaticamente que não gostava de lembrar da infância. Contudo, perguntei-lhe sobre a mãe e ela respondeu

- Minha mãe era diferente, conversava com a gente, fazia tudo. Coitada, era uma pessoa boa, dialogava, dava conselho, ensinava muita coisa .

A situação delicada oriunda da lembrança dos pais, fez a conversa rumar para outro assunto. Começamos a falar sobre o núcleo familiar criado por ela e seu marido. Dona Catarina chora novamente ao relembrar seu cônjuge que morreu há alguns anos e diz ter muito orgulho da família e dar graças a Deus por ela ser muito unida.

Ao falar do núcleo familiar formado por ela, Dona Catarina não se estende muito ao responder sobre os assuntos perguntados. Dos relatos que colhi, o seu foi o mais breve e entremeado pelas palavras "não me lembro".

Os silêncios que envolvem este breve depoimento são bastantes significativos e dão margem para muitas interpretações. É possível que Dona Catarina não quisesse que sua história fosse comentada com uma estranha. Portanto, a situação em que a história é narrada assim como os ouvintes que participam dela sempre devem ser considerados para efeito de interpretação. Dependendo da vida do narrador talvez ele prefira omitir conteúdos considerados negativos.

Dos vários depoimentos percebe-se que os narradores têm uma tendência a valorizar aspectos positivos de sua história. Mas o oposto também é verdadeiro embora menos habitual. Isto é, histórias e personagens que são

considerados negativos podem vir a tona como exemplo de comportamentos, atitudes e valores inadequados que não devem ser seguidos.

Neste depoimento, o que mais chama a atenção não são os conteúdos positivos ou negativos, e sim as palavras “não lembro”.

Pollak (1989, p.8) ao tratar da relação entre memória, esquecimento e silêncio em um determinado momento discorre sobre a função do “ não dito”

...existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos.

Neste mesmo estudo (p.4-5) quando trata de personagens da revolução russa, dos sobreviventes dos campos de concentração que depois de serem libertados retornaram à Áustria ou Alemanha e dos alsacianos que foram recrutados a força pelo exército alemão no início da Segunda Guerra, acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional [...]” e busca “os objetos de pesquisa [...] de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes ”

Apesar da ênfase no conflito, Pollak não nega o caráter aglutinador da memória coletiva. O conflito ou a coesão vão emergir com mais força dependendo da história do grupo e das circunstâncias em que ele se encontra no presente.

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua

complementariedade, mas, mas também as oposições irreduzíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui [no caso de Estados], eis as duas funções essenciais da memória comum. Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência. (Pollak, 1989, p.9)

Reconstituir esse quadro de referências quando ele não é dito pode ser feito pelo pesquisador em casos onde é possível unir memória oral e documentos escritos. Mas em situações de pesquisa nas quais dependemos basicamente da tradição oral a tarefa é mais difícil.

Se pensarmos nos pressupostos metodológicos de Durkheim e Weber, apesar das diferenças entre ambos, tanto para explicar o conceito de fato social do primeiro quanto para compreender o conceito de ação social do segundo, precisamos de alguma evidência empírica para chegar a algum resultado, ainda que este venha a ser repensado. A perspectiva Weberiana que oferece ao pesquisador a possibilidade de trabalhar com os componentes “subjetivos” que levam o agente social à ação, também não pode desconsiderar “o sentido empírico visado por aqueles que participam da ação num caso concreto.” (Weber, 1991, p.16). Isto significa que ao utilizar um método que permite trabalhar com a “subjetividade” contida no agente da ação, precisamos de elementos exteriores a ele para compreender melhor os motivos pelos quais o levaram a uma determinada ação.

O recurso utilizado para descobrir o que não foi dito por Dona Catarina foi direcionar, em um determinado momento, o depoimento da sua filha Clara para a história dos avós maternos.

Do depoimento de Dona Catarina, ficou a impressão de que ela fala pouco do seu passado com os familiares. Esta impressão foi desfeita quando perguntei à Clara se na casa dos seus pais se contava histórias da família e ela respondeu-me enfaticamente que contavam e recontavam as histórias da família e de seus parentes.

É bastante provável que Dona Catarina quisesse manter a história dos pais distante dos ouvidos de uma estranha. Talvez para Clara e sua família extensa, a história dos avós maternos não deva cair no esquecimento, pois, ela pode servir como um modelo do qual se deve permanecer afastado, pelos problemas psicológicos que pode trazer e por não ser o ideal de família da sociedade e do grupo em que foram socializados.

6 CONCLUSÕES

Atualmente há um equívoco das ciências humanas quando se discute a “crise” da família, pois há mais de cem anos a família vem se desintegrando lentamente. O termo desintegração não significa o desaparecimento da família mas sim a sua transformação. Isto acontece principalmente quando as políticas do Estado começam a interferir e controlar as tarefas que antes eram realizadas pelos indivíduos ou suas famílias.

A relação entre Estado e família é um debate contemporâneo para um fato antigo, pois já na fase inicial da revolução industrial e do surgimento do capitalismo, encontramos o processo de controle e intervenção do Estado na vida privada dos indivíduos. Os capitalistas, que começam a controlar o poder econômico e político, além de retirar o processo de produção da esfera doméstica, tomam para si o controle da educação das crianças por meio do Estado.

Podemos dizer que a Sociedade e o Estado penetram a intimidade do indivíduo em lugares inimagináveis e que por esta razão, isto é quase imperceptível. Antes, os costumes da sociedade coagiam e interditavam as relações sexuais, entre determinados indivíduos; hoje, a sociedade por meio do Estado faz este papel. Antes, a educação das crianças cabia primordialmente a família; hoje, ela cabe ao Estado pela interveniência dos serviços de bem-estar social e dos profissionais especializados que atuam nesses serviços, como psicólogos, assistentes sociais, médicos, professores, entre outros.

Considerando este quadro, convém indagar: qual o papel e a influência que determinados tipos de família ainda tem sobre a educação de seus membros?

Excluindo a família, o Estado, é apenas um dos elementos que fazem parte do processo de socialização do indivíduo no mundo moderno. Há a escola, os meios de comunicação e uma rede de relações sociais constituída por

instituições ou grupos pelas quais o indivíduo transita na sociedade. Estes elementos variam de acordo com a inserção do indivíduo na pirâmide social.

Quando saímos do macrocosmo social e enveredamos pelas trilhas deste microcosmo que é o grupo familiar, percebemos como ele pode influir na educação de seus membros, apesar da interferência de todos aqueles elementos. Não foi por acaso que as famílias entrevistadas configuram um universo homogêneo no que diz respeito a certos valores, como por exemplo, a arte da conversação e de contar histórias.

Também não foi por acaso que escolhi enfatizar os aspectos de coesão social dentro da família, e não os conflitos.

São várias as razões da escolha por este caminho. Nunca acreditei na morte da família embora não creia na sua imutabilidade, pois historicamente a família mudou e muito. Dentre os estudiosos do assunto há os que enfatizam a interferência do Estado na vida familiar; os que ressaltam os conflitos familiares; os que falam insistentemente de uma “nova família” e há aqueles que pregam a morte da família.

A escolha em enfatizar os elementos da coesão familiar tem consequências. Corro o risco de alguém me fazer a mesma pergunta que um entrevistado dirigiu a Bott (1976, p.40-41): “que fazem vocês quando não estão nos observando em nossa felicidade?”

Nas famílias entrevistadas, os membros da primeira geração exerceram grande influência sobre a segunda geração, e a terceira geração foi influenciada pelas duas primeiras, o que nos leva a concluir que a família é um refúgio para seus membros, independente da geração as quais pertençam.

Estes episódios mostram a casa e a família dos pais e dos avós como um refúgio. Lugar para onde sempre se pode voltar ou resolver alguma situação considerada dramática.

Os casos sempre apontam para a “*união da família*” como um valor que deve ser preservado. É curioso observar como a palavra “sagrada” é repetida nestas famílias e principalmente em determinadas ocasiões. “O Natal é sagrado”, “as reuniões de domingo são sagradas”, as “refeições são sagradas”. Estas expressões são indicadoras de que sempre se pode contar com a família mesmo que se tenha quebrado as suas regras e expectativas.

Em alguns trabalhos acadêmicos de orientação marxista e de outras tendências teóricas que dialogam com o marxismo, sempre que se usa a expressão “sagrada família”, ela vem impregnada de ironia, quer se trate da família como instituição, quer se trate da família como metáfora para se referir a algum grupo de intelectuais que compartilham de determinadas idéias. Mas, nesta pesquisa, os entrevistados tem a família como instituição sagrada sem nenhum rasgo de ironia.

As famílias estudadas funcionam como a casa do pai do “filho pródigo” história bem difundida pela moral cristã. Este tipo de filho sabe que tem na família um refúgio contra as vicissitudes da vida, ainda que sua parentela o critique pelas suas atitudes que entram em choque com os valores e princípios familiares.

Percebe-se que, em qualquer situação, os membros da família aterrorizados com ela sempre têm seu suporte e as crianças jamais ficam desamparadas.

HÁ os apologistas da família e aqueles que propagam sua morte. Existem também aqueles que afirmam que no mundo contemporâneo, inundado por sofisticados sistemas de comunicação, não há mais lugar para a tradição oral.

A família mudou mas permanece como uma referência importante na vida do indivíduo. Preservar a memória familiar por meio de sua tradição oral, por mais que seja inventada, ainda é uma forma de fazer o elo entre

o passado e o presente e preservar o indivíduo da “ ditadura do novo ” que o deixa a mercê do completo desenraizamento.

É um equívoco julgar que qualquer tipo de família é melhor que a família tradicional. Mas também é um erro acreditar que esta é um santuário perdido que deve ser preservado tal qual se apresentava no passado.

7 OBRAS CITADAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1981.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARIÉS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: CHARTIER, R. (org.) **História da Vida Privada** Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. P.7-19

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. IN: **História das Mulheres no Brasil**. DEL PRIORE, Mary (organizadora). São Paulo: Contexto, 2000. p. 607-639

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nicolau Lescov. In: **Walter Benjamin: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 197-221

BERGER, Peter & BERGER, Brigitte. Socialização: como ser membro da sociedade. In: MARTINS, J. S. & FORACCHI, M. (orgs.). **Sociologia e Sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980. p.200- 214

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. São Paulo: Vozes, 1974.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976

BETTELHEIM, Bruno. Introdução: a luta pelo significado. IN: **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980. p. 11-28

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BOUDON, Raymond & BOURRICAUD, François. Grupos. IN: **Dicionário Crítico de Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BORDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 693- 713

CAHNMAN, Werner J. Tönnies e a teoria das Mudanças Sociais. In: MIRANDA, Orlando (org.) **Para Ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: EDUSP,1995.p. 87-101

CAMARGO, Aspásia et al. Histórias de vida na América Latina. In: **BIB**. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais. São Paulo, n. 15-19, 1990.

CAMARGO, Aspásia. Relatos orais: o método qualitativo: usos e perspectivas. In: **Sociologia , Sociologias**. Brasília , FINEP / CNPQ, 1987 . (Sociedade Brasileira de Sociologia - III Congresso Nacional de Sociologia - Brasília , julho de 1987. p.19-33

COOPER, David. **A Morte da Família**. São Paulo: Martins Fontes, 1986

CORÇÃO, Gustavo. **As Fronteiras da Técnica**. São Paulo: Agir, 1963.

CORÇÃO, Gustavo. Onde um gato é gato. In: CORÇÃO, Gustavo. **A descoberta do outro**. Rio de Janeiro: Agir, 1967.

CORRÊA, Mariza. Apresentação In: **Colcha De Retalhos**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CORRÊA, Mariza. Mulher e Família: um debate sobre a literatura recente. **BIB** Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, São Paulo, n.15-19, 1990.

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira : notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil. In: **Colcha de retalhos**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.) **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. .p. 23- 35

DA MATTA, Roberto. Carnavais, paradas e procissões: reflexões sobre o mundo dos ritos. IN: **Religião e Sociedade**, São Paulo, N. 1, p.3-30, maio, 1977

D' INCAO, Maria ângela. Mulher e Família Burguesa. IN: **História das Mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.). São Paulo: Contexto, 2000. p. 223-240

DURHAM, Eunice. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth (org.) **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 17-34

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1978.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos: Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

DUVIGNAUD, Maurice. Prefácio. In: HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice e Revista dos Tribunais, 1990.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993-94. Volume 1

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro, Record, 2000.

GOMES, Jerusa Vieira. **Socialização primária: tarefa familiar?** Cadernos de pesquisa, São Paulo, n.91, nov. 1994. A Família em destaque.

GUIMARÃES, ^{Alba Zaluar} (org.) **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HEYE, Ana. A Questão da moradia numa favela do Rio de Janeiro ou como ter anthropological blues sem sair de casa. In: VELHO, Gilberto (coord.) **O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira**. Rio de Janeiro ; Campus, 1980. p. 117-141

HOBBSBAWM, Eric. A Invenção das Tradições. In: HOBBSBAWM, E. & RANGER, T. (orgs.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-23

KEMEL, Cecília. **Sírios e Libaneses**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

- LASCH, Christopher. **Refúgio Num Mundo Sem Coração**. A família: santuário ou instituição sitiada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- LEACH, E. Nascimento Virgem. In: **Edmund Leach** (Roberto Da Matta org.) São Paulo: Ática, 1983. p. 116-138
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A Família. In: **O Olhar Distanciado**. Lisboa: Edições 70, 1986. p. 69-98
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Quando o mito se torna história. In: **Mito e Significado**. Lisboa: Edições 70, 1981. p. 53-64
- LÉVI-STRAUSS, Claude. O Feiticeiro e sua Magia In: **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 193-213
- MALINOWSKI, Bronislaw. Objeto, método e alcance desta pesquisa. In: **Desvendando Máscaras Sociais**. GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.) Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. .p. 39-61
- MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, EDUSP, 1974. Volume II, p. 209- 233
- MILLS, Wright C. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- MIRANDA, Orlando. A Armadilha do objeto - O ponto de partida de Ferdinand Tönnies In: _____ (org.) **Para Ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: EDUSP, 1995.p. 53-72
- MIRANDA, Orlando. **Vida e obra de Ferdinand Tönnies**. São Paulo: Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, 1995.
- NISBET, Robert. A Comunidade. In: FORACCHI, Marialice & MARTINS, José de Souza (org.). **Sociologia e sociedade: leituras de introdução a sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1977. p. 255-262
- NISBET, Robert. **La Formación del Pensamiento Sociológico**. Buenos Aires: Amorrortu , 1977. Volume 1
- NOGUEIRA, Oracy. Os estudos de comunidade no Brasil. In: NOGUEIRA, Oracy. **Pesquisa social: introdução às suas técnicas**. 3.ed. São Paulo: Ca. Ed. Nacional, 1975. .p. 171-195

NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NUNES, Edson de Oliveira . Pequena introdução à aventura sociológica. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 9-18

PARSONS, Talcott et al. Papel e sistema social. In: CARDOSO, F.H. & IANNI, Octávio (orgs.). **Homem e Sociedade: leituras básicas de Sociologia**. São Paulo: Ed. Nacional, 1980. p. 63-68

PERROT, Michelle. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. In: **História da Vida Privada**. São Paulo: Cia das Letras, 1991. v. 4

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, APDOC, 1989, vol.2, n.3.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Histórias de vida e depoimentos sociais. **Sociologia**, São Paulo, 1953, v. 15, n.1, marc.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: **Sociologia , Sociologias**. Brasília , FINEP / CNPQ, 1987 . (Sociedade Brasileira de Sociologia - III Congresso Nacional de Sociologia - Brasília , julho de 1987. p. 34-51

SALEM, Tania. **O Velho e o Novo: um estudo de papéis e conflitos familiares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

SIMMEL, Georg. Simmel. In: MORAES FILHO, E. (org.) **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e Sociedade. In: MIRANDA O. (ORG.) **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: EDUSP, 1995.

VINCENT, Gérard. Uma História do Segredo. In: **História da Vida Privada 5**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991. p. 13-35

- DEL PRIORE, Mary. **Ao Sul do Corpo**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1995.
- D' INCAO, Maria Angela.(org.).**Amor e Família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.
- DONZELOT, Jacques. **A Polícia das Famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FENTRESS, James & WICKHAM, Chris. **Memória Social**. Lisboa: Teorema, 1994.
- FERNANDES, Florestan (org.) **Comunidade e Sociedade**. São Paulo: Cia.Ed. Nacional e EDUSP, 1973.
- FERNANDES, Florestan **Elementos de Sociologia Teórica**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1974.
- FERNANDES, Heloísa R. **Sintoma Social Dominante e Moralização Infantil**. São Paulo: EDUSP e Escuta, 1994.
- FIGUEIRA, Sérvulo A. (org.).**Uma Nova Família?** O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.
- FUKUI, Lia F.G. Estudos e pesquisas sobre família no Brasil. In: BIB-Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais. Nº 1 a Nº 10. São Paulo: Cortez: ANPOCS, 1986.
- GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1991.
- GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**. São Paulo: UNESP: 1997
- GIDDENS, Anthony et alli. **Modernização Reflexiva**.São Paulo: EDUSP, 1993.
- GURVITCH, Georges. **A vocação atual da Sociologia**. Lisboa: Edições Cosmos, 1979. (volume 2)
- HALBWACHS, Maurice **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Presses Universitaires de France, 1952
- HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. **Temas Básicos de Sociologia**. São Paulo: Cultrix e EDUSP, 1973.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e Plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.